

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA

RAIMUNDO ISÍDIO DE SOUSA

**A prática da interação no Facebook e a construção de simulacros sobre  
o idoso: questões semióticas**

Versão Corrigida

SÃO PAULO

2023

RAIMUNDO ISÍDIO DE SOUSA

**A prática da interação no Facebook e a construção de simulacros sobre o idoso: questões semióticas**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, com vistas à obtenção do título de Doutor em Linguística.

**Área de concentração:** Semiótica e Linguística Geral

**Orientadora:** Profa. Dra. Norma Discini de Campos

**Coorientadora:** Profa. Dra. Renata Cristina Duarte

Versão Corrigida

SÃO PAULO

2023



Termo de Anuência da orientadora

Nome do (a) aluno (a): RAIMUNDO ISÍDIO DE SOUSA

Data da defesa: 23.10.2023

Nome do Prof. (a) orientador (a): NORMA DISCINI DE CAMPOS

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da Comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo-SP, 6/11/2023.

Norma Discini

Professora Sênior do Programa de Pós-Graduação de Linguística  
Universidade de São Paulo

---

***Assinatura da orientadora***

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

IS725p Isídio de Sousa, Raimundo  
A prática da interação no Facebook e a construção de simulacros sobre o idoso: questões semióticas / Raimundo Isídio de Sousa; orientadora Norma Discini; coorientadora Renata Cristina Duarte - São Paulo, 2023.  
301 f.

Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.  
Departamento de Linguística. Área de concentração: Semiótica e Lingüística Geral.

1. Semiótica. 2. Mídias Sociais. 3. Preconceito. 4. Jovens. 5. Idosos. I. Discini, Norma, orient. II. Título.

SOUSA, Raimundo Isídio de. **A prática da interação no Facebook e a construção de simulacros sobre o idoso**: questões semióticas. Tese (Doutorado em Linguística; área: Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Aprovado em:

**Banca examinadora:**

Prof. Dr.	<b>Domingos de Sousa Machado</b>
Instituição:	Universidade Estadual do Piauí
Julgamento:	APROVADO

Prof. Dr.	<b>Alexandre Marcelo Bueno</b>
Instituição:	Universidade Presbiteriana Mackenzie
Julgamento:	APROVADO

Profa. Dra.	<b>Diana Luz Pessoa de Barros</b>
Instituição:	Universidade de São Paulo
Julgamento	APROVADO

A minha mãe, Inez Gabriel; a meu pai, Hermínio Isídio (*in memoriam*); à minha esposa, Aurora; à minha filha, Maria Clarisse e a meus filhos Márius Vinícius e Magno Alexandre, que, cada um com sua forte parcela de contribuição e de doação, suportaram minha ausência em prol da realização de um sonho sentido e vivenciado por todos.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por me ter dado o direito de viver e o gosto incessante pela busca do conhecimento;

À Dra. Norma Discini, que, no primeiro encontro de orientação, escancarou as portas de sua residência para me receber, e esse gesto estético-afetivo foi base para toda a caminhada. Agradeço a firme, atenta e instigante orientação, fazendo-me avançar o olhar para teoria e a análise;

À Dra. Renata Duarte, minha coorientadora, pelo incentivo e pelas trocas de ideias que muito me fortaleceram no percurso da caminhada;

À Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e à Universidade de São Paulo (USP), por firmarem o DINTER em vista à promoção de uma qualificação sólida e eficaz aos docentes;

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí (FAPEPI), pela concessão da bolsa de doutorado, sem a qual a estada em São Paulo teria sido mais difícil;

A Nize Paraguassu e a Ana Muller, pela iniciativa do DINTER e pela atenção especial durante a jornada, possibilitando encontros e todas as formas para tão bem cumprir as diretrizes do Convênio e do Programa;

Aos professores do Programa, pelo compromisso, competência e espírito cooperativo na dialogização do conhecimento bem como pelo incentivo e reconhecimento do esforço que investi na jornada;

Aos grupos de estudo em Semiótica LabOrES, LabOrino, LabS e ao fórum FAPS, por me fizeram conhecer os rumos da Semiótica e por alimentarem em mim o gosto e a beleza da teoria;

A Erica e ao Robson, servidores da Pós-Graduação, pela habitual presteza das informações e encaminhamentos de respostas às inúmeras indagações regimentais;

Aos colegas e amigos docentes do DINTER, pela convivência e o estreitamento de laços em busca de um objeto-valor, amigos de “fé”, irmãos “camaradas”, “de tantos caminhos e tantas jornadas”. Destaco atenção especial dada a mim por Lisiane, Bruna, Teresinha, Carla, que tanto me ouviram compartilhando experiências e com as quais discuti textos, nem sempre de interesse direto delas;

A Bárbara, a Silvana Calixto (*in memoriam*), a Zeneide, a Shirlei, a Rosângela, a Wanderson, a Diógenes, a Nougá, a Evandro Alberto, a Maurício e a todos os amigos docentes da UESPI, aqui só citando alguns, que acreditaram e acreditam no meu desempenho tendo por referência tanto os momentos de convivência na academia quanto os de fora dela;

A Domingos Machado, colega e amigo docente da UESPI, que tem compartilhado comigo momentos de aprendizagem e de conhecimento que vão além dos caminhos

da Semiótica. Obrigado por me ouvir, por fazer indicações de leituras nos momentos iniciais da jornada, por ler meus textos e por corrigir alguns problemas;

A Gustavo Táriba, Joyce, Vanessa Pastorini, Eduardo Pachardes, Sued, Leonardo, Clarissa, Gisele, Thaís, Renato, Túlio e demais colegas da Pós-Graduação, pela convivência, carinho e aprendizagem nos encontros acadêmicos, nos dos Rei das Batidas e nos da Cavali Cavali;

A Ceíça, Maria do Carmo, Ivone, Rita, Socorro, Raimunda, minhas irmãs, e a Luiz, Antonio e Francisco, meus irmãos, que tanto me incentivam a buscar o conhecimento;

Aos demais familiares, por todo apoio, confiança, carinho e reconhecimento.



“O que a gente tem que aprender é, a cada instante, afirmar-se com uma linhazinha para saber passar no fio da agulha que cada momento exige.”  
(ROSA, s/d, p. 48).

## RESUMO

SOUSA, Raimundo Isídio de. **A prática da interação no Facebook e a construção de simulacros sobre o idoso**: questões semióticas. Tese (Doutorado em Linguística, área: Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

As formas de enunciar objetos semióticos na internet provocam reflexões sobre as relações discursivas entre os sujeitos e as práticas languageiras e, nesse contexto, a interação digital on-line ganha destaque, oferecendo condições para que se potencialize um efeito de liberdade que ampara o gesto do fingimento na constituição do corpo do internauta. Sob essa perspectiva, esta tese investiga a prática da interação digital on-line no Facebook, especificamente no “Grupo onde fingimos ser idosos e confuso com as tecnologias modernas” e no “Grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia”, perscrutando a identidade discursiva do enunciador e os simulacros que ele constrói sobre o idoso internauta. Tal estudo fundamenta-se teórica e metodologicamente na semiótica greimasiana e em seus desdobramentos prático-tensivos em diálogo com Bertrand (2003 e 2016), Barros (2002, 2003 e 2005), Discini (2013), 2018 e 2019), Discini e Fiorin (2013), Fiorin (1980, 1992, 1995, 1999, 2000, 2004a, 2004b, 2006, 2007, 2008, 2016, 2017 e 2020), Greimas (1966, 1976, 1978, 1984, 2014 e 2017), Greimas e Courtés (1986 e 2016), Floch (1986), Fontanille (2005a, 2005b, 2006, 2008a, 2008b, 2015, 2017a, 2017b, 2019a, 2019b e 2021), Fontanille e Zilberberg (2001), Greimas e Fontanille (1993), Tatit (2001, 2019b e 2020) e Zilberberg (2004 e 2011). As análises apontam, no nível da prática, para uma conjuntura significativa da experiência corpórea, advinda da interação com o objeto semiótico, levando em conta que tal objeto se constitui segundo a função do suporte e segundo as funções do ator discursivo, que também é o sujeito operador da prática. Tal experiência resulta de uma complexidade que está relacionada a dois fatores: à natureza do objeto-suporte e à do ator discursivo. O primeiro contempla as hiperligações que potencializam a profundidade do objeto-suporte, possibilitando a realização da prática interativa por meio das cenas predicativas: *postar*, *curtir*, *comentar/responder* e *compartilhar*. O segundo singulariza-se pelo estatuto do ator coletivo, figurativizado pelo jovem/não idoso que se competencializa por um querer, um saber e um poder fazer. Constata-se ainda que, no curso da interação, o idoso internauta é composto pelo princípio modal concernente ao não saber fazer e a ele são atribuídos simulacros que remetem ao preconceito e a estereótipos, enquanto lhe é projetada uma sanção negativa, por não saber operar com as tecnologias, estar apegado à religião, estar relacionado a doenças e à debilidade locomotora, estar apoiado nas experiências do passado, entre outros. O modo como o enunciador-fingidor percebe, sente e axiologiza o idoso sinaliza uma identidade discursiva que está apoiada na justa medida das coisas do mundo, misturando às vezes estereótipos da velhice com os da pobreza como forma de discursivizar o idoso internauta mediante uma lógica que exacerba e tonifica as estratégias de naturalização do preconceito contra o idoso. Assim o enunciador constrói de si a imagem de um sujeito fingidor sarcástico e debochado, que não privilegia os valores eufóricos do idoso, ao contrário, figurativiza e tematiza o idoso com requinte de disforização exacerbada.

Palavras-chave: Prática semiótica. Simulacros. Jovem/Não idoso. Idoso internauta.

## ABSTRACT

SOUSA, Raimundo Isídio de. **The practice of interaction on Facebook and the construction of simulacra about the elderly**: semiotic issues. Dissertation (Ph. D. in Linguistics; area: Semiotics and General Linguistics) - Faculty of Philosophy, Letters and Human Sciences. University of São Paulo, São Paulo, 2023.

The ways of enunciating semiotic objects on the internet raise reflections on the discursive relationships between subjects and language practices. In this context, online digital interaction gains prominence, offering conditions to amplify an effect of freedom that supports the gesture of pretense in the constitution of the internet user's body. From this perspective, this thesis investigates the practice of online digital interaction on Facebook, specifically in the "Group where we pretend to be old and confused by modern technologies", and in the "Group where we pretend to be elderly people confused by technology". The thesis delves into the discursive identity of the enunciator and the simulacra constructed about the elderly internet user. This research is theoretically and methodologically based on French semiotics and on its praxis and tensive developments in dialogue with Bertrand (2003 and 2016), Barros (2002, 2003 and 2005), Discini (2013, 2018 and 2019), Discini and Fiorin (2013), Fiorin (1980, 1992, 1995, 1999, 2000, 2004a, 2004b, 2006, 2007, 2008, 2016, 2017 and 2020), Greimas (1966, 1976, 1978, 1984, 2014 and 2017), Greimas and Courtés (1986 and 2016), Floch (1986), Fontanille (2005a, 2005b, 2006, 2008a, 2008b, 2015, 2017a, 2017b, 2019a, 2019b and 2021), Fontanille and Zilberberg (2001), Greimas and Fontanille (1993), Tatit (2001, 2019b and 2020) and Zilberberg (2004 and 2011). The analyses point, at the practice level, to a significant conjunction of bodily experience arising from interaction with the semiotic object. This considers that such an object is formed according to the function of support and the functions of the discursive actor, who is also the practice operator subject. Such experience results from a complexity related to two factors: the nature of the support-object and that of the discursive actor. The former includes hyperlinks that enhance the depth of the support-object, enabling the realization of interactive practice through predicative scenes: posting, liking, commenting/responding, and sharing. The latter is characterized by the status of the collective actor, figuratively represented by the young/non-elderly individual who becomes competent by a "wanting-to-do", a "knowing-how-to-do", and a "being-able-to-do". It is also observed that, throughout the interaction, the elderly internet user is composed of the modal principle concerning a not knowing-how-to-do, and simulacra are attributed to them that refer to prejudice and stereotypes. They are projected with a negative sanction for not knowing how to operate technologies, being attached to religion, being related to illnesses and locomotor weakness, relying on past experiences, among others. The way the pretender-enunciator perceives, feels, and axiologizes the elderly signals a discursive identity that is supported by the due measure of worldly matters, sometimes mixing stereotypes of old age with those of poverty as a way to discursivize the elderly internet user through a logic that exacerbates and tonifies strategies of naturalizing prejudice against the elderly. Thus, the enunciator constructs on oneself an image of him/herself as a sarcastic and mocking pretending subject, who does not privilege the euphoric values of the elderly. On the contrary, he/she figuratively represents and thematizes the elderly with a refined sense of exacerbated dysphorization.

Keywords: Semiotic practice. Simulacra. Young/Non-elderly. Elderly internet user.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Notícias sobre grupos do Facebook que fingem ser idosos.....	26
Quadro 2 - Grupos do Facebook em cujos títulos consta o lexema <i>idoso</i> .....	27
Quadro 3 - Identificação dos grupos .....	32
Quadro 4 - Configuração das categorias do plano de expressão.....	44
Quadro 5 - Organização sintagmática das modalidades.....	47
Quadro 6 - Conversão semântica do nível fundamental ao nível narrativo.....	48
Quadro 7 - Variação da triagem e da mistura conforme a tonicidade.....	67
Quadro 8 – Percurso gerativo da enunciação.....	77
Quadro 9 - Níveis de pertinência do percurso gerativo da imanência .....	88
Quadro 10 - Cena prática <i>curtir</i> e os modos de existência.....	156
Quadro 11 - Signos-figuras da cena prática <i>curtir</i> e os respectivos efeitos afetivos.....	156
Quadro 12 - Recursos de textualização da cena prática <i>comentar</i> .....	162
Quadro 13 - Características da cena prática <i>compartilhar</i> .....	181
Quadro 14 - Interações nos grupos.....	188
Quadro 15 - Sobredeterminação dos níveis enunciativos da pessoa .....	202
Quadro 16 - Relação semissimbólica da debreagem enunciativa de segundo grau.....	206
Quadro 17 - Categoria eidética da relação entre a verticalidade, a diagonalidade e o nível de interlocução.....	207
Quadro 18 - Marcas da debreagem e embreagem no texto-enunciado da figura 44.....	227
Quadro 19 - Recursos da debreagem e embreagem na apresentação da página do grupo mediante as potencialidades do objeto-suporte.....	233
Quadro 20 – Configuração discursiva dos temas e figuras vinculados à imagem do idoso na figura 49.....	251
Quadro 21 – Percursos temáticos e figurativos sobre o idoso construídos nos grupos.....	265

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Relação entre actante e ator.....	52
Figura 2 - Quadrado semiótico das modalidades veridictórias.....	62
Figura 3 - Áreas tensivas .....	68
Figura 4 - Gráfico da correlação conversa e inversa.....	69
Figura 5 - Direções tensivas.....	69
Figura 6 - Modos de existência da práxis enunciativa.....	78
Figura 7 - Relações entre as instâncias da cena predicativa da prática.....	87
Figura 8 - Relações entre as instâncias da prática.....	93
Figura 9 - Foto da capa do <i>Grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia</i> .....	105
Figura 10 - Foto reduzida da capa do grupo e foto dos perfis dos administradores e moderadores do <i>Grupo onde fingimos idosos e confuso com as tecnologias modernas</i> .....	106
Figura 11 – Avaliação do desempenho de administrador por seguidor da página do <i>Grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia</i> .....	106
Figura 12 - Logotipo do Facebook.....	111
Figura 13 - Dimensão da foto-capa de grupo do Facebook.....	120
Figura 14 - Configuração do perfil de usuário pessoa física no Facebook....	122
Figura 15 - Página-tela do TSE com o <i>pop-up</i> sobre o uso de <i>cookies</i> .....	127
Figura 16 - <i>Pop-up</i> sobre o uso de <i>cookies</i> pelo <i>site</i> .....	128
Figura 17 - Barra de endereço de navegador.....	133
Figura 18 - Cena predicativa da identificação do <i>Grupo onde fingimos ser idosos e confuso com as tecnologias modernas</i> .....	144
Figura 19 - Tópicos da página-tela do <i>Grupo onde fingimos ser idosos e confuso com as tecnologias modernas</i> .....	146
Figura 20 - Modo de existência atualizado da cena prática <i>curtir</i> .....	151
Figura 21 - Modo de existência realizado da cena prática <i>curtir</i> .....	151
Figura 22 - Condensação da cena prática <i>curtir</i> .....	153
Figura 23 - Vinculação do actante operador à cena prática <i>curtir</i> .....	157
Figura 24 - Disposição topológica das práticas de interação no <i>Grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia</i> .....	160

Figura 25 – Signos-figuras dos recursos visuais de textualização para a cena prática <i>comentar</i> .....	162
Figura 26 - Funções de avaliação do comentário.....	164
Figura 27 - Instruções para a realização da cena prática <i>comentar</i> .....	166
Figura 28 - Instruções para editar e excluir comentário.....	167
Figura 29 - Instruções sobre a privacidade dos comentários.....	168
Figura 30 – Disposição da cena prática <i>responder</i> .....	168
Figura 31 - Quantidade de realização das cenas práticas <i>curtir</i> e <i>comentar</i> e classificação dos comentários.....	170
Figura 32 - Modo atualizado dos atos decorrentes da cena <i>compartilhar</i> uma postagem de grupo público.....	176
Figura 33 - Recursos da cena prática <i>compartilhar</i> para quem não é membro do grupo ou para quem não está logado no grupo.....	178
Figura 34 - Modo atualizado dos atos decorrentes da cena <i>compartilhar um comentário de grupo público</i> .....	179
Figura 35 - Modo atualizado dos atos decorrentes da cena <i>compartilhar uma resposta de um comentário de grupo público</i> .....	180
Figura 36 - Componentes da cena <i>compartilhar</i> quando o grupo recebe o objeto compartilhado.....	182
Figura 37 - Componentes da cena <i>compartilhar post</i> com outro grupo ou ambientes digitais <i>on-line</i> .....	183
Figura 38 – Desdobramento da debragem de segundo grau.....	204
Figura 39 - Como mandar áudio no WhatsApp.....	209
Figura 40 – Identificação dos interlocutores e o papel temático dos atores...	212
Figura 41 - Disposição espacial dos interlocutores conforme a cena prática <i>comentar/responder</i> .....	214
Figura 42 - Visão geral e identificação do <i>Grupo onde fingimos ser idosos e confuso com as tecnologias modernas</i> , na primeira rolagem da aba <i>início</i> ”...	218
Figura 43 - Visão geral e identificação da página do <i>Grupo onde fingimos ser confusos com a tecnologia</i> , na primeira rolagem da aba <i>início</i> .....	218
Figura 44 - Reação às publicações.....	223
Figura 45 - Colunas de informações da página do <i>Grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia</i> .....	230

Figura 46 - Microtela criada a partir da caixa de texto “Enviar mensagem”....	235
Figura 47 – “COMPROU 1 QUILO DE ARROZ. ESQUECEU DENTRO DO ÔNIBUS” .....	238
Figura 48 - “A senhora tem Netflix?” .....	244
Figura 49 - “não consigo Baixa o whatsapp” .....	246
Figura 50 – O idoso e a religião .....	253
Figura 51 - A deambulação do idoso e as contingências dos caminhos.....	256
Figura 52 - A arte de “crochetar” .....	260
Figura 53 - “Dentadura nova, troco por uma cafeteira!” .....	262

## LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1 - Modos de existência do objeto-suporte .....	134
Esquema 2 - Identificação do predicado e dos actantes da cena prática <i>postar</i> .....	148
Esquema 3 - Identificação do predicado e dos actantes da cena prática <i>curtir</i>	159
Esquema 4 - Identificação do predicado e dos actantes da cena prática <i>comentar</i> .....	172
Esquema 5 - Identificação do predicado e dos actantes da cena prática <i>compartilhar</i> .....	185



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>19</b>
<b>2 A SEMIÓTICA DISCURSIVA E SEUS DESDOBRAMENTOS PRÁXICO-TENSIVOS .....</b>	<b>39</b>
2.1 FUNDAMENTOS DE BASE GREIMASIANA: BREVE PERCURSO .....	39
2.2 A TENSIVIDADE.....	64
2.3 OS MODOS DE PRESENÇA .....	70
2.4 A PRÁXIS ENUNCIATIVA .....	75
2.5 A IMANÊNCIA E A PERTINÊNCIA DA ANÁLISE SEMIÓTICA .....	82
<b>3 A INTERAÇÃO EM GRUPOS DO FACEBOOK: ADENSAMENTO E ARTICULAÇÃO DE GESTOS DISCURSIVOS .....</b>	<b>100</b>
3.1 A PERSPECTIVA ENGLOBANTE DA INTERAÇÃO E OS NÍVEIS DE PERTINÊNCIA.....	101
<b>3.1.1 Os signos-figuras .....</b>	<b>102</b>
<b>3.1.2 Os textos-enunciados .....</b>	<b>115</b>
<b>3.1.3 O objeto-suporte .....</b>	<b>116</b>
<b>3.1.4 As cenas práticas .....</b>	<b>136</b>
3.1.4.1 <i>Postar</i> .....	139
3.1.4.2 <i>Curtir</i> .....	150
3.1.4.3 <i>Comentar/Responder</i> .....	161
3.1.4.4 <i>Compartilhar</i> .....	173
3.2 AS CENAS PRÁTICAS E OS INVESTIMENTOS TENSIVOS .....	186
<b>4 DA INTERNET PARA O MUNDO: PEGADAS ESTEREOTÍPICAS SOBRE O IDOSO E A IDENTIDADE DISCURSIVA DO ENUNCIADOR .....</b>	<b>193</b>
4.1 OS REGIMES DE ENUNCIABILIDADE .....	195
<b>4.1.1 O internauta e o Facebook .....</b>	<b>196</b>
<b>4.1.2 As instâncias enunciativas de pessoa, de tempo e de espaço .....</b>	<b>200</b>
4.2 AS RELAÇÕES CONTRATUAIS .....	216
<b>4.2.1 Os recursos persuasivos na/da foto-capa dos grupos .....</b>	<b>217</b>

<b>4.2.2 As regras dos administradores .....</b>	<b>223</b>
<b>4.3 A IMAGEM DO IDOSO CONSTRUÍDA NA INTERAÇÃO DOS GRUPOS E O MODO DE DIZER DO ENUNCIADOR .....</b>	<b>237</b>
<b>4.4 O FINGIR E A MODULAÇÃO TENSIVA .....</b>	<b>268</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>278</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>291</b>

## 1 INTRODUÇÃO

“Nós reaprendemos a sentir nosso corpo, reencontramos, sob o saber objetivo e distante do corpo, este outro saber que temos dele porque ele está sempre conosco e porque nós somos corpo. Da mesma maneira, será preciso despertar a experiência do mundo tal como ele nos aparece enquanto estamos no mundo por nosso corpo, enquanto percebemos o mundo com nosso corpo. Mas, retomando assim o contato com o corpo e com o mundo, é também a nós mesmos que iremos reencontrar, já que, se percebemos com nosso corpo, o corpo é um eu natural e como que o sujeito da percepção” (Merleau-Ponty, 1999, p. 278).

O sujeito é um actante que se percebe bem como percebe o outro na ordem da experiência de um sujeito-no-mundo. O corpo se confunde com o próprio sujeito, porque o corpo é o elemento que faz o sujeito reaprender a experiência de estar no mundo. Essa perspectiva ajuda na compreensão a respeito da percepção que o jovem/não idoso desenvolve, ao sentir as coisas do mundo, enquanto axiologiza e constrói simulacros sobre o idoso internauta nas relações interativas intercambiadas pela internet.

É inegável a importância da tecnologia para o homem na contemporaneidade, e a internet é um dos recursos que tem possibilitado a interação e a sociabilidade entre os sujeitos, em razão de diferentes fatores: a flexibilização da acessibilidade (*on-line*, *off-line*), a comunicação (síncrona e assíncrona), os efeitos de presencialidade e de espacialidade, entre outros.

O pertencimento às redes sociais surge como tônica da inclusão social (especialmente por conta do aparato digital *on-line*) que remete a uma cultura imediatista, à “cultura da participação”<sup>1</sup>, como sendo uma marca da atualidade: “aqui, tudo ao mesmo tempo e agora”. O presente presentificado e o espaço categorizado

---

<sup>1</sup> A noção de *cultura de participação* foi captada do e-book intitulado “Termos e ações didáticas sobre cultura escrita digital – NEPCED na escola”. No e-book, Douglas Calixto a define como o “conjunto de atividades que mobiliza os sujeitos sociais, ativando signos e formas de interação na internet. A cultura de participação oferece as condições para a construção de processos coletivos na sociedade. Sejam memes, sejam livros digitais, a internet convida os usuários a colaborarem em sistemas participativos, nos quais todas e todos podem assumir o protagonismo das ações. [...] As tecnologias são formatadas para favorecer a participação. Os botões de curtir, compartilhar, comentar ou “reagir” servem para criar os estímulos necessários para que os usuários sintam-se parte do processo comunicativo” (Calixto, 2022, p. 72).

como um *continuum* aqui parecem estar alargados, prolongados, estendidos numa profusão que aparenta ser ilimitada.

Na sociedade contemporânea, o sujeito no ambiente digital *on-line* está diante de uma multiplicidade de estímulos e recursos que o fazem interagir: fazendo amizades, trabalhando, comprando, divertindo-se, jogando, investindo, criando, lamentando-se, ... (com)vivendo em mundos que se interceptam e se imbricam: o “real” e o “virtual” interconectam-se e criam um *continuum* discursivo.

De acordo com a legislação brasileira, especificamente a Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003 (Estatuto do Idoso), a referência cronológica para que a pessoa possa ser considerada idosa é a partir dos 60 anos. Essa lei regula o direito do idoso e sistematiza iniciativas governamentais para a proteção ao idoso, prevendo ações em diversos campos, como saúde, educação, cultura, esporte, lazer, entre outros.

Dentro de uma conjuntura de rede discursiva que envolve o idoso, podemos salientar que determinados segmentos da sociedade organizam redes discursivas para o “acolhimento” do idoso ao considerar que o mundo está envelhecendo. Essa organização passa por uma ordem discursiva que, ao mesmo tempo que propõe espaço para o idoso, também modela formas de ser, de crer e de estar no mundo. Nesse sentido, a Assembleia Geral das Nações Unidas estabeleceu, em dezembro de 2020, a Década do Envelhecimento Saudável: 2021 – 2030.

Na internet, a imagem construída para o idoso em certos grupos de relacionamento ajuda a perceber como os discursos movem determinada práxis enunciativa e como esta confirma uma apreensão extensiva dos domínios e esquemas preconcebidos no sistema de inovações decorrentes do uso.

A sociedade se movimenta semiotizando o mundo, e o tema da velhice é um desses objetos do universo discursivo que circula na internet, nos grupos, nas

---

<sup>2</sup> A definição da Década do Envelhecimento Saudável teve como base “a Estratégia Global e o Plano de Ação da Organização Mundial da Saúde sobre Envelhecimento e Saúde 2016-2020, a Declaração Política e o Plano de Ação das Nações Unidas de Madri sobre o Envelhecimento e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável”. Para a Década, foram estabelecidas quatro áreas de ações: “1. Mudar a forma como pensamos, sentimos e agimos com relação à idade e ao envelhecimento”; 2. Garantir que as comunidades promovam as capacidades das pessoas idosas; 3. Entregar serviços de cuidados integrados e atenção primária à saúde centrados na pessoa e adequados à pessoa idosa; 4. Propiciar o acesso a cuidados de longo prazo às pessoas idosas que necessitem”. (Escritório Regional para as Américas da Organização Mundial da Saúde e da Organização Pan-Americana da Saúde. **Década do Envelhecimento Saudável nas Américas (2021-2030)**. s/d. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/decada-do-envelhecimento-saudavel-nas-americas-2021-2030>. Acesso em: 23 ago. 2023).

páginas<sup>3</sup> do Facebook e em outras plataformas de redes sociais. Esse processo se dá pela interação, que, cravada na função semiótica do significado das coisas, traz à lume a imanência da significação. Via signo, texto e práticas, criam-se condições para a elaboração de um simulacro de interações reais, por meio de figuras, temas e modos de enunciar.

Não trataremos, nesta tese, de uma realidade ontológica do existir humano, mas de uma realidade construída discursivamente a partir das relações da comunicação digital *on-line*. O sujeito, ao participar das interações coletivas das redes sociais, enuncia de um lugar e de um corpo específico, torna-se um ator internauta, usuário da rede, para quem é requerida uma etiqueta digital *on-line*. Ele é tanto um sujeito único (o enunciador identificado) como plural (o enunciador atravessado fortemente pela performance do outro, com quem ele interage). Para isso ele é dotado da competência para sentir e perceber as coisas do mundo bem como investi-las de novos significados.

Podemos perguntar: e o idoso como sujeito de quem se fala, sob que efeito de identidade é construído? A construção feita desse ator social designado pela faixa etária remete a que valores ideológicos que permeiam no funcionamento da sociedade? Como ele é percebido, visto, semiotizado numa sociedade que tonifica as trocas discursivas da comunicação digital *on-line*? Que lugar lhe é atribuído enquanto ele é forjado como o actante que tem performance própria, ao usar as tecnologias contemporâneas? Antes de nos atermos a essas questões, pedimos anuência ao leitor para fazermos uma pequena digressão, visando a esclarecer como emergiu o interesse em desenvolver uma pesquisa que contemplasse o idoso e a internet.

---

<sup>3</sup> No Facebook, há diferença entre os formatos de página e de grupo. O primeiro visa mais ao contato do público com as marcas de produtos, artistas, empresas etc., enquanto o segundo se destina mais às discussões privadas (quando se trata de grupos privados) ou públicos (quando se trata de grupos públicos). Ambos os formatos precisam de administradores. Na página, o nome dos administradores é ocultado, por estes representarem outras entidades. Por exemplo, a página de um artista pode ser gerenciada por diferentes pessoas. Tudo o que é publicado no mural da página do artista se refere a ele próprio. Em relação ao grupo, os administradores são identificados e as publicações são realizadas por eles. Se o objetivo for alcançar um número grande de pessoas, é recomendada a criação de página e, se a finalidade for estabelecer contato com pessoas para tratar de determinados assuntos, é sugerida a criação de um grupo (KURTZ, João. entenda a diferença entre Páginas e Grupos do Facebook, 11 de jun. de 2013. **TechTudo**. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2013/06/entenda-diferenca-entre-paginas-e-grupos-do-facebook.html>. Acesso em: 26 ago. 2021).

O *insight* partiu de uma experiência que tive com minha<sup>4</sup> mãe: uma senhora de 90 anos que se recusava a usar um celular de pequeno porte, então denominado “tijolo”<sup>5</sup> após ter sido presenteada com um smartphone e depois de conhecer o aplicativo de WhatsApp. Segundo D. Inez, “por que usar um celular que não dá para ouvir e ver ao mesmo tempo?”. Mesmo sem saber operar o aparelho, ficou encantada pelas opções das funcionalidades do aplicativo. O importante para ela era poder ver e falar com os filhos, acompanhar as missas, orações da igreja, ver vídeos religiosos, entre muitas outras experiências.

Como ela não enxergava bem as letras e não conseguia acompanhar as mensagens, sempre pedia a alguém para lê-las. Chegando à casa dela, investia-me em mais um grato papel de ator, além de filho, de leitor de mensagens, de telefonista etc. Faço um parêntese para dizer que utilizo os verbos no imperfectivo porque atualmente ela não tem tanto interesse por celular.

A minha mãe, nesse contexto, consiste apenas numa figura metonímica que tangencia um modo de perceber a tecnologia no universo de carências e possibilidades que se costumam atribuir ao idoso.

Por outro lado, essa experiência fez-me refletir sobre como a tecnologia e as mídias sociais podem adentrar o universo do idoso, possibilitando-lhe conhecer e desenvolver habilidades que outrora não tinha. Para facilitar o acesso, é comum vermos, na internet, oferta de cursos de digitalidade ao idoso para ensiná-lo a usar aplicativos e a operar com dispositivos da rede web, como por exemplo: criar grupos e páginas no Facebook, perfil no Instagram, jogar etc.

Essas práticas se enquadram numa ordem de discurso que concebe um simulacro generalizado de um novo idoso na sociedade, potencializando quereres para ele apropriar-se da tecnologia como forma de ter mais interação social. Há idosos e idosos. Por sua vez, essa perspectiva torna-se ingênua se pensarmos somente na integração à rede.

Nesses princípios de interação, ancora-se o interesse mercadológico, uma vez que o idoso tem ganhado *status* de idoso-consumidor e, por isso, não são raros

---

<sup>4</sup> Peço licença para usar a primeira pessoa do singular neste e nos três parágrafos subsequentes por força da afetividade que impera no vínculo familiar. O emprego da primeira pessoa, utilizado expressamente para justificar um dos motivos da pesquisa na Introdução, não instaura um tom egocêntrico ou arrogante à escrita, mesmo porque ainda não estamos tratando dos resultados do estudo.

<sup>5</sup> Modelo de celular da primeira geração, cuja foto se encontra na figura 49 da seção 4.3.

os anúncios publicitários voltados para o sujeito dessa faixa etária. Por exemplo, em julho/2021, a Heineken apresentou um anúncio em que idosos assumem o papel de protagonista das cenas, pois “curtem” uma “balada” e depois se dirigem ao mar para um mergulho ao amanhecer<sup>6</sup>.

As condições que envolvem o idoso vinculado ao mercado publicitário como figura actorial atuante em peças publicitárias apontam para o que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) tem avaliado: o acréscimo da força de trabalho desse sujeito dito “velho” no mercado foi maior, se considerada a proporção da ampliação da população idosa (IBGE, 2018, p. 35)<sup>7</sup>.

No âmbito das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), o idoso tem de fato aumentado a frequência de acesso à internet. De acordo com a Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e o Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil), nos últimos anos, ocorreu um aumento no número de pessoas nessa faixa etária que desenvolvem o acesso à internet: “o percentual de pessoas com mais de 60 anos no Brasil navegando na rede mundial de computadores cresceu de 68%, em 2018, para 97%, em 2021”.

Esses órgãos constataram ainda que 64% dos idosos conectados buscam informações sobre economia, política e outros assuntos; 61% dos idosos procuram estabelecer contato com as pessoas e 54% desejam informações sobre produtos e serviços. Os aplicativos mais utilizados são: “as redes sociais (72%); de transporte urbano (47%) e bancários (45%). O WhatsApp é a rede social mais utilizada (92%), seguida do Facebook (85%) e Youtube (77%)”<sup>8</sup>. Corroborando essa informação, o Facebook informa que 5,2 milhões de pessoas com faixa acima de 60 anos acessam

---

<sup>6</sup> A Heineken, no anúncio, focaliza o consumo da cerveja e o incentivo à vacinação por parte do público jovem. Com a mensagem “The night belongs to the fully vaccinated. Time to join them (A noite pertence aos totalmente vacinados. Hora de se juntar a eles), a campanha incentiva a população mais jovem a se imunizar contra a Covid-19 para que possa se juntar aos seus pais e avós para festejar de forma responsável” (HEINEKEN leva idosos à balada em sua nova campanha. **Acontecendo aqui**. 7 de jul. de 2021. Disponível em: <https://acontecendoaqui.com.br/propaganda/heineken-leva-idosos-balada-em-sua-nova-campanha>. Acesso em: 6 ago. 2021).

<sup>7</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101629>. Acesso em: 6 ago. 2021.

<sup>8</sup> CNDL Brasil. Número de idosos que acessam a internet cresce de 68% para 97%, aponta pesquisa CNDL/SPC Brasil. Brasília, 17 de mar. de 2021. **CNDL**. Disponível em: <https://cndl.org.br/varejosa/numero-de-idosos-que-acessam-a-internet-cresce-de-68-para-97-aponta-pesquisa-cndl-spc-brasil/>. Acesso em: 6 ago. 2021. A matéria jornalística foi disponibilizada na internet em 17 de março de 2021.

a internet e, entre elas, 83% utilizam o Facebook e 25% possuem uma conta no Instagram<sup>9</sup>.

Podemos interrogar o que motiva os idosos a pertencerem às redes sociais. Para a pesquisadora Tássia Monique Chiarelli<sup>10</sup>, a participação deles em tal prática emerge juntamente com um efeito de empoderamento social. Segundo a autora, o idoso “acaba tendo acesso a informações, desenvolvendo novas habilidades, estimulando cognitivamente, até mesmo despertando para novas projeções de vida envolvendo tecnologias e os seus planos”. Conforme a mesma estudiosa, outro fator importante na configuração de tal situação diz respeito ao fato de o sujeito dessa faixa etária “[...] se sentir incluído na sociedade [...]”<sup>11</sup>.

Cabe destacar que o uso das tecnologias digitais, no período 2020-2021, foi um fator de essencial importância para que muitas pessoas tivessem uma relativa superação dos efeitos da pandemia da Covid-19 (Se é que podemos falar em superação). A maior parte dos trabalhos, em tal circunstância, foi realizada de forma remota, como ministrar aulas, assistir a elas, participar do e-commerce, da oferta de serviços etc. Paralelamente se intensificou o aumento das interações sociais *on-line* por meio de aplicativos de mensagens e de vídeos. Esses gestos de atuação social não ficaram descolados, em princípio, do cotidiano dos cidadãos, que, nas condições de uso da internet, incluíam aqueles de mais idade.

Por sua vez, um dos efeitos que as redes sociais potencializam, juntamente com a ilusão de pertencimento, é o esboço de uma presença “ampliada”. Não é à toa, as redes sociais são consideradas uma “tecnologia da liberdade”, segundo Castels (2003). O idoso internauta assim pode constituir-se não só como um sujeito que fala, mas também um sujeito falado nas práticas discursivas que legitimam um conjunto de verdades, mentiras, falsidades e segredos sobre ele, se pensarmos tais noções como da ordem da veridicção, como postula a semiótica discursiva. No Facebook, há muitos

---

<sup>9</sup> FACEBOOK revela que 2 em cada 3 pessoas acima dos 60 acessam a plataforma via celular. 3 de mar. de 2017. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/business/news/senior-fb-insights>. Acesso em: 6 ago. 2021.

<sup>10</sup> Gerontóloga e mestra em Gerontologia pela Universidade de São Paulo (USP) e doutoranda em Gerontologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Fonte: **FAPESP**. Biblioteca virtual. Tássia Monique Chiarelli. Disponível em: <https://bv.fapesp.br/pt/pesquisador/697681/tassia-monique-chiarelli/>. Acesso em: 6 de ago. de 2021.

<sup>11</sup> PAIVA, Rafael. Idosos lidam de maneira peculiar com as redes sociais. **Jornal da USP**, São Paulo, 14 de ago. de 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/idosos-lidam-de-maneira-peculiar-com-as-redes-sociais/>. Acesso em: 6 ago. 2021.



grupos que fingem ser idosos e outros específicos que dizem ser idosos e parecem de fato sê-lo. Tanto há grupos privados quanto públicos.

Mediante tais perspectivas de observação do processo da comunicação *on-line*, esta tese volta-se principalmente para ambientes do Facebook. Vamos analisar a práxis enunciativa inscrita num grupo e numa página<sup>12</sup> de um grupo do Facebook, cujos membros e seguidores simulam ser idosos. Para tal propósito, criam uma identidade para o idoso internauta.

Entendemos que os valores axiológicos, adensados no discurso como ideológicos, são uma das bases para a formação de simulacros sobre o idoso. Tais valores são imanentes aos discursos e simultaneamente são convocados pela práxis enunciativa da interação digital *on-line*.

Esta pesquisa pretende não alijar-se da contemplação dos valores que fundam os gestos de fingimento enunciativo, uma vez que os internautas dos grupos simulam ser idosos. Por isso, temos a internet como *locus* das práticas de encenação, o que certamente remete ao efeito de liberdade do dizer do internauta para promover o fingimento. Essa liberdade é extensiva aos grupos, já que falamos de um ator coletivo, pensado no interior desses ambientes.

Daí emerge um dos fios condutores de interesse da nossa pesquisa: investigar a prática semiótica da interação digital *on-line*, especificamente em dois grupos do Facebook, e averiguar como os signos, os textos-enunciados, o objeto-suporte e as cenas predicativas integram-se para formar um conjunto significativo que contribui para a construção de simulacros sobre o idoso internauta. Paralelamente também depreenderemos a identidade discursiva do enunciador.

Falamos então de dois ambientes virtuais, ou seja, o *Grupo onde fingimos ser idosos e confuso com as tecnologias modernas* e o *Grupo onde fingimos ser idosos confusos com as tecnologias*. Por que optamos por eles? Como chegamos a eles?

A prática de fingir, especialmente nos grupos do Facebook, intensificou-se, no Brasil, em 2019, e boa parte dos grupos dessa natureza ainda continua em pleno funcionamento tanto nessa plataforma quanto em outras. Um dos primeiros grupos privados criados no Brasil foi o *Grupo onde fingimos ser idosos confusos com a*

---

<sup>12</sup> Como uma página no Facebook constitui um ambiente público por natureza e como o *Grupo onde fingimos ser idosos confusos com as tecnologias* foi privado no momento de sua criação (em 2019), optamos por analisar publicações não privativas desse grupo. Por essa razão, ao tratarmos da prática interativa, consideramos o grupo como um actante coletivo, que, no nível discursivo da geração de sentido, se converte em ator coletivo.

*Tecnologia*, cujo autor se espelhou num grupo americano criado em 2017, que tinha a mesma finalidade.

Em entrevista à revista *Veja*, em agosto/2019, a administradora desse grupo, Nathalia Oliveira, afirma: “Esse tipo de grupo não existia no Brasil e é uma febre gigante nos EUA”. Nesse mesmo ano e em anos subsequentes, portais de notícias brasileiros deram ampla cobertura à divulgação da prática de fingir no Facebook, conforme podemos verificar no quadro de notícias a seguir.

Quadro 1 - Notícias sobre grupos do Facebook que fingem ser idosos

Notícias	Portal de notícias	Data da publicação
Comportamento de idoso na web vira febre em grupo do Facebook	r7.com	20.07.2019
Jovens fingem ser idosos e ‘tios do zap’ em grupos do Facebook	<a href="https://emails.estadao.com.br">https://emails.estadao.com.br</a>	26.07.2019
Jovens criam grupo para imitar comportamento de idosos na internet	olhardigital.com.br	26.07.2019
Grupo de Facebook onde jovens imitam senhores na internet viraliza	veja.abril.com.br	09.08.2019
'Vocês.viram Esse.Absurdo!?' - febre no WhatsApp, grupos de imitação crescem também no Facebook	<a href="https://epocanegocios.globo.com/">https://epocanegocios.globo.com/</a>	20.11.2019
Grupos de “você pode fingir ser...” agitam o Facebook com Paola Carosella, empreendedores emocionados do LinkedIn, idosos na tecnologia...	glamurama.uol.com.br	31.01.2021

Fonte: Elaborado pelo autor com base no levantamento de notícias sobre grupos que fingem do Facebook.

A administradora do grupo justifica a criação do grupo, salientando: “A gente acha fofo o esforço que eles (idosos internautas) fazem. Para nós o *role play* é uma forma de nos aproximarmos, de tentar entender o lado deles”<sup>13</sup>.

No discurso mobilizado na fala da administradora, já percebemos uma concentração imprimida ao sentido da diferença (“o lado deles”/não o nosso), no pressuposto de que o idoso não sabe operar com as ferramentas da tecnologia. Além disso, a administradora mobiliza uma linguagem estereotipada e infantilizada para

<sup>13</sup> Com a manchete “Grupo de facebook onde jovens imitam senhores na internet viraliza” e com o subtítulo “O 'Grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia' tem 394 mil membros em dois meses de existência”, a revista *Veja* destaca o grupo e apresenta a entrevista que fez com a administradora desse grupo Nathalia Oliveira. Segundo a administradora, “[...] Quem não gosta de vestir um personagem para fazer graça?”. Na entrevista, a moderadora do grupo, Maria Clara Fonseca, salienta: “Eu vejo a forma que ela [a avó] conversa com as amigas, o cuidado que tem com a casa fazendo crochê para decorar tudo” (VALDIVIEZO, Clara. Grupo de facebook onde jovens imitam senhores na internet viraliza. *VEJA*, 9 de ago. 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/virou-viral/grupo-de-facebook-onde-jovens-imitam-senhores-na-internet-viraliza>. Acesso em: 30 ago. 2019).

designar um atributo que caracteriza a performance do sujeito nessa faixa etária (“fofo o esforço”).

No Facebook, em 2020, vários grupos contemplavam, na própria identificação, o lexema *idoso*: alguns preservando a estratégia do fingimento, outros tratando de cuidados para idosos, entre outras temáticas, como podemos observar no quadro a seguir.

Quadro 2 - Grupos do Facebook em cujos títulos consta o lexema *idoso*

Descrição dos grupos	Quant.
Grupo que finge ser idosos confusos com a tecnologia; [...] com as tecnologias modernas, [...] indianos confuso com a tecnologia, [...] com a modernidade; [...] descolados com a tecnologia	7
Idosos; Somos idosos respeitados; Terceira Idade; IDOSOS: + AMOR + RESPEITO; Grupo de idosos solitários; Direitos da pessoa idosa, Idoso protagonista, Idosos: Eu Respeito & Amo.	10
Cuidadores de idosos ou afins (Grupo Nacional - todas as regiões/estados), Precisa de um cuidador de idoso?, Curso de cuidador de idoso, Contrate Aqui Cuidadores de Idosos RJ, Cuidadores de idosos por amor	55
Outros (Prescrição do Exercício para Idoso baseado em Evidências Científicas etc.)	13
<b>TOTAL.....</b>	<b>85</b>

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos grupos do Facebook.

O idoso é tema de discussão recorrente em diferentes espaços do Facebook, seja como sujeito falante, seja como sujeito falado. O humor é, nos grupos que fingem, um dos principais recursos de persuasão. Trata-se de uma estratégia empregada pelo enunciador para chamar a atenção do enunciatário, com vistas à adesão deste a um peculiar contrato veridictório.

Lembramos que o Facebook é uma tecnologia que se corporifica como um espaço privilegiado para viabilizar ao internauta condições para inserir-se e integrar-se a uma rede social, entre outras finalidades. Ele oferece ferramentas ao internauta para criar uma página e alimentá-la como se fosse um perfil de diário pessoal. A diferença é que uma página no Facebook e um blog, por exemplo, são criados para serem expostos, divulgados, vistos, “curtidos”, comentados etc. em interação intersubjetiva, enquanto o diário pessoal funciona mais como uma agenda de caráter íntimo, contendo narrativas diárias, experiências etc. O diário possui natureza intrassubjetiva.

Tanto os grupos quanto as páginas do Facebook bem como os *blogs* e o diário pessoal são espaços que necessariamente requerem um tipo de constituição e discursivização de sujeito, já que enunciação nenhuma é criada no abstrato, mas no

interior de um discurso. Acontece que, no caso da interação digital *on-line*, o sujeito constrói seu corpo discursivo e praxeológico na relação com o universo virtual, em rede, o que traz consequências para a definição de seu "perfil".

Nessa conjuntura e mediante o fundamento teórico oferecido pela semiótica discursiva, que procura compreender o homem na sociedade, descrevendo procedimentos de formação do corpo do ator da enunciação, propomos as seguintes questões que norteiam esta pesquisa: Como a *práxis* enunciativa da interação digital *on-line* é construída nos grupos e como ela favorece a criação de simulacros sobre o idoso? Que valores tensionam o campo de presença subjacente à formação e à circulação de imagens sobre o idoso? Como o enunciador se projeta no campo de percepção mediante a prática de interação?

Para responder a tais questões, projetamos como objetivo geral da pesquisa investigar a prática de interagir em grupos do Facebook, perscrutando a identidade discursiva do enunciador e os simulacros discursivos que ele constrói sobre o idoso internauta. E os objetivos específicos são:

a) caracterizar a prática de interagir e seu funcionamento mediante as cenas predicativas *postar, curtir, comentar/responder e compartilhar* em dois grupos do Facebook;

b) analisar os níveis de pertinência semiótica que abrangem o objeto de estudo: os signos-figuras, os textos-enunciados, o objeto-suporte e as cenas práticas;

c) identificar as operações enunciativas e os posicionamentos discursivos do enunciador na construção dos simulacros sobre o idoso;

d) depreender o funcionamento do campo de presença, observando o tensionamento do discurso que rege a *práxis* enunciativa da interação digital *on-line*;

e) identificar a identidade discursiva do enunciador ao construir simulacros acerca do idoso, conforme o modo de presença instalado no discurso.

Pretendemos problematizar a relação entre a *práxis* enunciativa da interação digital *on-line* e a difusão de discursos preconceituosos contra os idosos – esses discursos, que podem estar disseminados nos atos e gestos decorrentes da prática. Como a interação se dá em ambiente aberto, público e como o efeito de liberdade toma conta do espaço em virtude de sua própria natureza virtual, os discursos tendem a parecer e ser espontâneos e os textos-enunciados são produzidos continuamente com vistas à circulação no ambiente virtual.

A partir do *corpus* eleito para a pesquisa, levantamos a hipótese de que atores sociais, no desempenho do papel de internauta, firmam-se como aqueles que querem, podem e sabem construir práticas calcadas em preconceito contra determinado segmento da sociedade. O ator social referido forja querer e poderes na ordem do fingimento, num reflexo e refração de crenças sociais e de ideais de presença altamente discriminatórios.

Defendemos a hipótese de que, nessas práticas, estão tonificados mecanismos de construção do ator coletivo que atua ora no nível do texto-enunciado tratado como objeto semiótico, ora como operador da prática da interação *on-line*. Ademais, a interação mútua entre os participantes dos grupos mobiliza e reforça discursos que sinalizam a práxis enunciativa tendente a excluir o idoso do funcionamento “normal” da sociedade. Defendemos que os valores de triagem respaldam a formação desses corpos enunciativos que fingem ser idosos.

Nosso objeto de análise é heterogêneo e dinâmico. Isso, porque ele se dá em processo e, ao mesmo tempo, é resultado da interação que envolve vários actantes, muitos textos-enunciados, adensados de gestos de uma performance em ato no âmbito das práticas. Daí decorre a emergência de cenas predicativas realizadas num e por meio de um objeto-suporte. Em nossa tese, procuramos analisar como essa heterogeneidade recai principalmente nos textos-enunciados, no objeto-suporte e nas cenas predicativas. Esses três níveis singularizam a situação semiótica por meio da qual podemos depreender os simulacros de atores sociais (internautas) que concomitantemente ocupam a função de usuário da rede como leitor de textos, de publicações dos grupos, de páginas etc., além da função de produtor de textos, de publicações diversas, de compartilhamentos etc.

Essas funções indicam o *status* desse peculiar contrato veridictório em seus polos de constituição. Ao longo do exercício da prática, o actante e ator internauta perpassa vários estágios da existência semiótica. Ele se encontra virtualizado quando, como usuário da internet, ainda não está inscrito nos grupos. Encontra-se realizado quando, como usuário da internet, já pertence aos grupos como membro. Podemos dizer que esse *status* sinaliza um certo nível de pertencimento e, ao mesmo tempo, remete à manutenção ou à fidelização das interações assim instituídas. Mediante esse processo de uma semiose em andamento, é construído um contrato de confiança

entre os grupos e os internautas que estão em busca de um fazer, uma vez que a prática interativa firma um contrato fiduciário peculiar.

Como fundamento para estudar a prática interativa e como ela desperta interesse no analista, citamos Fontanille (2010) ao destacar que as práticas se põem à análise quando produzem sentido e

mais particularmente, à maneira como elas produzem sua própria significação; a especificidade da abordagem semiótica, dentro das ciências humanas e sociais, implica que qualquer tentativa de compreensão e de interpretação de algum objeto de estudo responda implícita, ou explicitamente, a estas duas questões preliminares: como a compreensão do objeto de estudo implica uma dimensão específica de 'significação', que o torna um 'objeto semiótico'? Qual é o *modus operandi* da produção ou da geração dessa significação? (Fontanille, 2010, p. 9-10, grifo do autor)<sup>14</sup>.

Reiteramos que nosso intuito é compreender a interação nos grupos do Facebook na conjuntura da dimensão da prática semiótica e na confluência de arranjos sintagmáticos que permitem singularizá-la na produção de significado. Para tanto, observaremos os movimentos decorrentes do desdobramento da interação e atentaremos para os mecanismos semióticos segundo os quais ela se compõe como um todo de sentido. Trata-se certamente de uma prática, que implica gestos discursivos vinculados à construção da semiose em ato. Para isso procuramos atentar para os níveis de pertinência de análise semiótica.

Ora priorizamos os textos enunciados, ora priorizamos o nível das cenas práticas e a relação integradora que elas estabelecem com os outros níveis. Amparados a perspectiva ou o ponto de vista do discurso. Tal ponto de vista se ancora, segundo Fontanille, no princípio de “admitir, de entrada, que todos os elementos que concorrem para o processo de significação pertencem de direito ao *conjunto significante*, isto é, ao discurso, não importa quais sejam esses elementos” (Fontanille,

---

<sup>14</sup> No original: “[...] et plus particulièrement à la manière dont elles produisent chacune leur propre signification; la spécificité de l'approche sémiotique, au sein des sciences humaines et sociales, implique que toute tentative de compréhension et d'interprétation de quelque objet d'étude que ce soit réponde implicitement, ou explicitement, à ces deux questions préliminaires: en quoi la compréhension de l'objet d'étude implique-t-elle une dimension spécifique de 'signification', qui en fait un 'objet sémiotique'? Quel est le *modus operandi* de la production ou de la génération de cette signification?” (Fontanille, 2010, p. 9-10). Todas as traduções para o português, em texto original em língua estrangeira apresentadas ao longo da tese, são de nossa autoria.

2015, p. 92, grifo do autor). Esse mecanismo constitui o *modus operandi* da produção da significação.

A interação na internet, especificamente nos grupos do Facebook, pode ser tomada como um bom quadro para análise, em virtude de a internet se configurar como um recurso comunicacional que possibilita uma experiência *on-line* ao internauta. Para isso levamos em conta que o internauta é actante operador da prática e o centro em torno do qual esta se organiza e se realiza como um conjunto significativo. A internet, como espaço desencadeador da prática, firma-se como um ponto para confluência das práticas interativas *on-line*, as quais perpetuam desigualdades sociais e configuram tratamentos discriminatórios de forte teor preconceituoso.

Não pretendemos analisar o que é ou não verdade nas enunciações das postagens e comentários, mas discutir acerca do *modus operandi* utilizado pelos atores coletivos (os grupos) para construir sua identidade discursiva e axiologizarem o ator idoso internauta.

O Facebook é um ambiente em que os internautas podem ou não fingir ser o que são fora dessas mesmas circunstâncias. Entretanto, o que importa para este estudo são os simulacros discursivos criados na práxis enunciativa de interação *on-line*, a partir dos rastros, marcas ou ausências delas, deixados pelo enunciador que se desdobra em ator discursivo e, ao mesmo tempo, operador da prática.

Para obtermos uma totalidade que demonstra um engajamento<sup>15</sup> maior entre os internautas na forma de construir os simulacros sobre o idoso, atentaremos para a construção dos textos-enunciados e para os procedimentos concernentes às cenas predicativas, estas que indicam o funcionamento da interação. Assim poderemos perscrutar os posicionamentos discursivos instaurados na práxis enunciativa que, por sua natureza constitutiva, estabelece uma dinâmica vinculada necessariamente ao discurso.

Para delimitarmos o *escopo* da pesquisa, pesquisamos, no dispositivo de busca do Facebook, a unidade lexical “idoso”. Diante das sugestões obtidas em tal dispositivo de busca, consideramos, previamente, os possíveis endereços que pudessem construir formas convergentes de semiotizar o idoso. Para isso levamos

---

<sup>15</sup> O engajamento, neste trabalho, é considerado resultado de um fazer persuasivo do enunciador que busca a adesão do enunciatário, para que este colabore com o projeto enunciativo e se integre à prática da interação digital *on-line*. Ele faz parte da prática de interação.

em conta as estratégias de textualização acionadas pelo enunciador, ator da enunciação no discurso e simultaneamente o actante operador da prática. Levamos em conta também o nível de engajamento que os internautas mantinham conforme o fluxo das postagens, das curtidas, dos comentários e dos compartilhamentos. Procuramos de fato observar como se desenvolvem as cenas predicativas que constituem o conjunto englobante da prática interativa.

Vejamos a seguir a descrição do *locus* da pesquisa.

Quadro 3 - Identificação dos grupos

Actante operador coletivo da prática	Endereço eletrônico	Descrição
Grupo onde fingimos ser idosos e confuso com as tecnologias modernas	<a href="https://www.facebook.com/groups/2356246961301923/">https://www.facebook.com/groups/2356246961301923/</a>	Grupo público criado em 3 de agosto de 2019, possui 4.017 membros na data de 29 de agosto de 2021 e tem dois administradores.
Grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia	<a href="https://www.facebook.com/idososconfusos">https://www.facebook.com/idososconfusos</a>	Intitulada “Site de entretenimento”, a Página do grupo foi criada em 24 de julho de 2019, tem 114.523 seguidores em 29 de agosto de 2021 e possui a seguinte conta no Instagram “ <a href="http://www.instagram.com/idosos.confusos">http://www.instagram.com/idosos.confusos</a> ”.

Fonte: Elaborado pelo autor mediante as informações constantes nos endereços eletrônicos.

O *corpus* foi obtido sob a forma de *prints* de telas e está constituído por algumas amostras de publicações. Tais amostras foram capazes de subsidiar as análises do funcionamento do objeto-suporte, da produção dos textos-enunciados e da realização das cenas predicativas, conforme Fontanille (2005a e 2008a).

Os textos-enunciados e as cenas predicativas funcionam como bases de onde emergem táticas enunciativas dos actantes operadores, que simulam ser idosos, enquanto criam simulacros sobre o idoso internauta numa generalização própria a práticas preconceituosas.

Consideramos a amostra do *corpus* adequada e suficiente para explicar o funcionamento da prática conforme destacam Greimas e Courtés (2016, p. 105): “Nada impede que ‘um pequeno número de fatos’ que permite a construção do modelo seja nem mais nem menos que um *corpus* representativo limitado, constituído de



maneira mais ou menos intuitiva [...]” Acrescentam ainda os semioticistas que os *corpora* “nunca são fechados nem exaustivos, mas representativos apenas e de que os modelos com cuja ajuda se procurará explicá-los serão hipotéticos, projetivos e preditivos” (*Ibidem*, p. 105). Essa postulação corrobora o tipo de *corpus* que iremos analisar, porque uma das características da prática da interação digital *on-line* em ambiente público é o caráter altamente aberto e dinâmico. Entretanto, essas características não impedem que o objeto semiótico seja capturado.

Optamos por selecionar espaços *on-line* considerados públicos no Facebook, porque eles são mais acessíveis e, também, porque oferecem condições ao internauta de exercer certa liberdade de dizer o que pensa. Esse modo favorece a inserção de postagens<sup>16</sup>, curtidas, comentários/respostas e compartilhamentos pelos internautas dos grupos. Daí procuramos descrever procedimentos que compõem o efeito de liberdade do internauta, aproximando-o de um modo de verificação, em que o parecer é mais acentuado do que o próprio ser do sujeito, no contrato de comunicação.

Enfatizamos que escolhemos o Facebook como suporte porque ele tem uma participação mais ativa de pessoas idosas. De acordo com Barreto (2018), “O Facebook deixou de ser jovem. Ou pelo menos tão jovem quanto já foi. Os mais jovens estão a seguir para redes sociais como o Snapchat e o Instagram, anuncia a eMarketer”.<sup>17</sup> Também McCarthy (2019), da revista *on-line* Forbes, destaca que os jovens estão deixando o Facebook, que é a rede que mais tem crescido em acesso por pessoas com mais de 55 anos: “de 49% para 53% entre 2017 e 2019”<sup>18</sup>. O propósito desta pesquisa, repetimos, é compreender como essa rede social, que se diz ambiente de idoso, percebe esse idoso e perpetua valores sobre/para ele.

Em relação aos estudos sobre o idoso, constatamos que tal pesquisa não é tão comum na perspectiva da Semiótica francesa. Em outros campos do conhecimento, notamos que grande parte dos estudos que envolvem o idoso

---

<sup>16</sup> Postagem é o lexema aportuguesado de *post*, de origem inglesa. Neste trabalho, utilizamos o termo postagem como o conteúdo publicado tanto pelo administrador dos grupos quanto pelos membros destes. A partir da postagem, os internautas apresentam curtidas e comentários sobre ela bem como podem realizar compartilhamentos. Essa observação é necessária porque as análises apresentadas na seção 2.3 separam os textos-enunciados advindos das postagens dos textos-enunciados oriundos dos comentários/respostas, como forma de identificar a estrutura actorial de cada nível da textualidade.

<sup>17</sup> BARRETO, Diogo. O Facebook vai ser a rede social dos mais velhos?. **Sábado**, 12 de fev. de 2018. Disponível em: <https://www.sabado.pt/ciencia---saude/detalhe/o-facebook-vai-ser-a-rede-social-dos-mais-velhos>. Acesso em: 11 jan. 2019.

<sup>18</sup> MCCARTHY, Niall. O Facebook está se tornando uma rede para o público mais velho?. **Forbes**, 2019. Disponível em: <https://forbes.com.br/colunas/2019/03/o-facebook-esta-se-tornando-uma-rede-para-o-publico-mais-velho/>. Acesso em: 10 jan. 2021.

contempla, com preferência, representações sociais no âmbito da Psicologia, Gerontologia e outras áreas da saúde. Entre os estudos no âmbito do discurso, destacamos a pesquisa de Monteiro (2014), que discute acerca da produção da mídia (especialmente as revistas *Época*, *Istoé* e *Veja*) sobre a velhice, o “corpo velho”, abordando o saber-poder na construção identitária da posição-sujeito “superidoso”/“gerontoloscete”.

A pesquisa de Monteiro (2014) fundamenta-se em Foucault, especialmente nas noções de biopolítica, biopoder e governamentalidade e, em Courtine, na semiologia histórica da imagem. Segundo a pesquisadora,

Os cultos à juventude, à longevidade, à saúde através do esporte, e à beleza como produto entrelaçam-se aos discursos de disciplinamento e de controle de corpos velhos na atualidade. O auge desse entrelaçamento é a rejeição aos ‘corpos velhos’ que não se enquadram na imagem de idoso normatizado pela mídia (Monteiro, 2014, p. 233).

[...] em todas as capas analisadas são reforçados alguns regimes de visualidade. [...] A diferenciação identitária, baseada nas comunidades, afeta a ordem social, valorizando os sujeitos idosos de maior capacidade financeira (*Ibidem*, p. 233).

De nossa parte, apresentamos uma proposta de estudo que vislumbra, por meio de procedimentos da Semiótica Discursiva e por meio dos recursos oferecidos pelos desdobramentos prático-tensivos da mesma semiótica, investigar a produção de simulacros construídos para o idoso nas múltiplas materialidades textuais *on-line* do Facebook. Para isso entendemos que o espaço-suporte onde os enunciadores constroem seu discurso, como sujeito uno e plural, na instância de produção textual, e coletivamente, em se tratando de participação nos grupos, faz circular os simulacros observados na ordem do fingimento, acerca do idoso.

Destacamos também a pesquisa realizada por Bazza (2016), à luz de estudos foucaultianos. A pesquisadora investigou discursos de idosos que frequentavam a Universidade da Terceira Idade-UNATI da Universidade Estadual de Maringá, no Paraná-PR, e explorou os conceitos de *enunciado*, *enunciado reitor* e *árvore enunciativa*.

A partir do enunciado reitor “o novo idoso é ativo”, segundo a pesquisa, a autora depreendeu enunciados-chave que atravessam diversos campos do saber, como o trabalho: “todo idoso trabalha”; o espaço físico e social: “todo idoso é ativo

socialmente”; o espaço intelectual: “o novo idoso é atualizado”, constituindo assim uma “árvore enunciativa”. Entretanto, a natureza do *corpus* e evidentemente o recorte teórico-metodológico de nossa pesquisa diferem do estudo realizado por Bazza (2016).

No campo da Semiótica Discursiva, trazemos o estudo de Bastos Neto (2018) que, fundamentado em Fontanille e Zilberberg (2001), Fontanille (2016, 2017a, 2017b), Zilberberg (2006a, 2011), Greimas e Courtés (1983), Discini (2004), Barros (1990, 2016), Fiorin (1999a, 1999b), entre outros, pesquisou o modo de presença, a interação e a visibilidade do idoso no Facebook.

O pesquisador afirma que a rede social possui “um funcionamento paradoxal”, pois é simultaneamente “um espaço da divulgação de fatos e da divulgação de boatos, um espaço do particular e do coletivo, um espaço, por excelência, democrático, da livre troca e existência de ideias” e “também por excelência, um espaço de discursos radicais e intolerantes” (Bastos Neto, 2018, p. 109). Destaca ainda que, do modo como o Facebook funciona, emanam cinco dispositivos de interatividade: a publicação, as reações<sup>19</sup>, os comentários, os comentários de comentários e o compartilhamento.

Bastos Neto pontua que

o enunciador veicula apenas uma visão de mundo, a qual é assentada em bolhas epistemológicas, e as asserções são validadas constantemente pelos sujeitos que constituem a mesma bolha. Cada uma dessas bolhas epistemológicas são verdadeiros universos complexos, carregando (cada) uma suas formações discursivas, suas próprias formas de vida, seus compartilhamentos, esquematizados, suas regras de interação, seus estereótipos, suas recorrências coerentes do nível da expressão e do conteúdo, seus valores, seus papéis, etc. (*Ibidem*, 2018, p. 109).

Ele divide as “bolhas epistemológicas” de acordo com o funcionamento da interação: aquelas “onde não há efetivamente uma interação entre os diferentes” e “aquelas onde há máxima interação e máxima visibilidade”. Esta última é designada

---

<sup>19</sup> As reações são signos-ícones que se referem a sentimento, à afetividade em relação a algo. Entre as reações utilizadas nas redes sociais, estão *Curtir*, *Amei*, *Haha*, *Uau*, *Triste*, mais exploradas na seção 3.1.4.2. De acordo com o Facebook, para reagir a uma postagem ou a um comentário, devemos fazer os seguintes procedimentos: “1. Acesse a publicação ou o comentário ao qual deseja reagir; Passe o ponteiro do mouse sobre **Curtir** e escolha uma reação”. As reações mais populares aparecem abaixo da publicação ou do comentário como ícones (por exemplo, 🙌❤️😂). (META. **Curta e Reaja a publicações**. 2022. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/help/1624177224568554>. Acesso em: 27 dez. 2022).

de “região da polêmica”, na qual os discursos funcionam como “trincheiras” e estão classificados como:

a) profascismo, que cria “uma bipolaridade” e que produz ‘o desejo de aniquilamento do outro”;

b) massa, que cria “um efeito de manada” e que assevera o “ideal de vigilância”;

c) público e privado, que desestabiliza o discurso de massa e que traz como práticas “compartilhar, curtir e comentar”, uma vez que a tônica se assenta na visibilidade do sujeito;

d) pós-verdade, que traz o efeito do “enfraquecimento da busca pela exatidão” (*Ibidem*, 2018, p. 109).

No campo da Semiótica Discursiva, a noção de formação discursiva é entendida como um “conjunto de temas e de figuras que materializa uma dada visão do mundo” e a formação ideológica, por sua vez, aparece como “a visão de mundo de uma dada classe social” (Fiorin, 2006, p. 32). Nossa pesquisa tangencia essas instâncias de construção do discurso.

Nossa pesquisa se diferencia do estudo desenvolvido por Bastos Neto (2018), porque investigamos não o dizer propriamente dito dos idosos em seus perfis no Facebook, mas de internautas que fingem ser idosos. Também a perspectiva da pesquisa e os matizes teórico-metodológicos se distinguem tanto na forma de tratar o *corpus* quanto na escolha das categorias de análise.

Esta tese justifica-se pela possibilidade de analisar a prática da interação *on-line* em grupos do Facebook, podendo consistir numa iniciativa inovadora em virtude da escassa existência de estudo no âmbito da semiótica das práticas ou das outras abordagens da semiótica francesa. Para isso pesquisamos tanto o funcionamento da interação quanto os simulacros sobre o idoso internauta e a identidade enunciativa do enunciador que vem à luz por meio da interação.

Este estudo está dividido em cinco partes. A primeira consiste nesta Introdução, que compreende o contexto da pesquisa, as questões norteadoras, o objeto, a justificativa, os objetivos, a hipótese e as indicações teórico-metodológicas. A segunda trata especificamente dos postulados teórico-metodológicos. Aí contemplamos conceitos-chave das vertentes da semiótica greimasiana,

zilberberguiana e fontanilleana bem como a fronteira da semiótica com outras áreas das ciências humanas. Entre as frentes contempladas, destacamos:

a) o percurso gerativo da significação, fundamentando-nos em Greimas (1966, 1976, 1978 e 2014), em Greimas e Courtés (1986 e 2016), em Barros (2002, 2003), em Floch (1986), em Bertrand (2003), em Discini (2013, 2018 e 2019), em Discini e Fiorin (2013), em Fiorin (2000, 2004a, 2004b, 2007, 2008 e 2016) e em Zilberberg (1985);

b) a tensividade, apoiando-nos em Greimas (1984 e 2017), em Greimas e Courtés (2016), em Fontanille e Zilberberg (2001), em Tatit (2019a e 2020) e em Zilberberg (2011);

c) os modos de presença, baseando-nos em Merleau-Ponty (1996), em Fontanille (2015), em Fontanille e Zilberberg (2001), em Greimas e Courtés (2016), em Greimas e Fontanille (1993), em Tatit (2019a) e em Zilberberg (2011);

d) a práxis enunciativa, embasando-nos em Bertrand (2003 e 2016), Fiorin (1992 e 2017), Fontanille (2008a, 2015, 2017a e 2017b), Fontanille e Greimas (1993), Fontanille e Zilberberg (2001) e em Nascimento (2004);

e) os níveis de pertinência de análise semiótica, fundamentando-nos em Benveniste (1995), em Greimas e Courtés (2016), em Fontanille (2005a, 2005b, 2006, 2008a, 2008b, 2019a, 2019b e 2021) e em Hjelmslev (2006).

A terceira e quarta partes consistem na análise do *corpus*. Na terceira, contemplamos os níveis de pertinência da semiótica das práticas com base em Fontanille (2005a, 2005b, 2008a, 2008b, 2015, 2017a, 2017b, 2019a e 2021), em Discini (2021) e em Portela (2008a e 2008b).

Elegemos a prática de interagir numa perspectiva englobante. Para isso, contemplamo-la segundo seus desdobramentos nas cenas predicativas *postar*, *curtir*, *comentar/responder* e *compartilhar*. Os níveis de pertinência analisados são os signos-figuras, os textos-enunciados, o objeto-suporte e as cenas predicativas. Nessa fase da análise, enfatizamos menos os textos-enunciados, porque para eles foi reservado um segmento específico da tese – o item 4.

Na quarta parte, analisamos os textos-enunciados, capturados especialmente das postagens e dos comentários/respostas aos comentários, todos integrados ao conjunto significativo da prática semiótica. Os autores que fundamentaram a análise foram: Barros (2002 e 2005), Bertrand (2003), Discini (2013 e 2018), Fiorin (1992,

1995, 1980, 1999, 2006, 2014 e 2020), Gomes (2020), Greimas e Courtés (2016), Fontanille (1999, 2005a, 2005b, 2007, 2008a, 2008b, 2010, 2015, 2017a e 2017b), Fontanille e Greimas (1993), Fontanille e Zilberberg (2001), Greimas (1975, 1976 e 2014), Greimas e Courtés (2016), Mancini (2019), Nascimento (2001 e 2004), Tatit (2001, 2019b e 2020) e Zilberberg (2004 e 2011).

A quinta parte consiste nas considerações finais, que retomam as relações entre as questões apresentadas, os objetivos, a hipótese bem como destacam os pontos-chave de análise da pesquisa. Nessa parte, também nos referimos tanto ao funcionamento da prática semiótica quanto à construção dos simulacros sobre os idosos e da identidade discursiva do enunciador.

As considerações finais salientam ainda as possíveis contribuições concernentes à elaboração desta tese e apontam para margens que se abrem para o pensamento teórico a respeito do tema. Tais margens podem ensejar novas pesquisas na área. Destacamos que assim acontece, não apesar dos limites com os quais o estudo se deparou, mas justamente por meio deles. Exercitamos a prática de superação de obstáculos no campo da pesquisa.

Passaremos, a seguir, a tratar dos pontos teórico-metodológicos da Semiótica Discursiva e de seus desdobramentos prático-tensivos. Apresentaremos um breve histórico da semiótica francesa, tendo por base o percurso gerativo de sentido, a tensividade, os modos de presença, a práxis enunciativa e os níveis de pertinência de análise semiótica.

## 2 A SEMIÓTICA DISCURSIVA E SEUS DESDOBRAMENTOS PRÁXICO-TENSIVOS

“O sujeito do discurso é uma instância em construção, sempre parcial, incompleta e transformável, surgindo na encruzilhada de múltiplas instâncias, uma instância que só pode ser apreendida na hora, a partir dos fragmentos do discurso realizado”<sup>20</sup> (Bertrand, 2016, p. 429).

Mesmo que a Semiótica Discursiva, por uma opção epistemológica, tenha se voltado, nos empreendimentos iniciais, especificamente à narratividade como princípio maior que rege todos os textos, o sujeito nunca deixou de integrar seu aparato teórico-analítico.

Como o excerto acima preceitua, o sujeito é uma instância constitutiva do discurso que não se encontra totalmente apreendido, mas, por suas marcas espalhadas no texto-enunciado, podemos capturá-lo. A questão inicial era, conforme os postulados apresentados por Greimas no livro *Semântica Estrutural*, introduzir uma semiótica que desse conta de compreender as estruturas subjacentes aos textos.

É com esse olhar que este capítulo apresenta o aparato teórico-metodológico da Semiótica Discursiva e de alguns de seus desenvolvimentos, tratando do percurso gerativo da significação, da tensividade, dos modos de presença, da práxis enunciativa e dos níveis de pertinência da análise semiótica. Essa base permite-nos refletir sobre o objeto de estudo bem como compreender a produção, a interpretação e a circulação de sentido dos textos-enunciados construídos na prática da interação digital *on-line*.

### 2.1 FUNDAMENTOS DE BASE GREIMASIANA: BREVE PERCURSO

A Semiótica é uma teoria que nasce com um arcabouço teórico-analítico fértil e muito amplo, pois propõe dar conta da apreensão, da produção e da interpretação dos textos-enunciados em suas múltiplas formas e materialidades. Desde a sua fundação, especialmente com a obra *Semântica Estrutural*, publicada em 1966,

---

<sup>20</sup> No original: “Le sujet du discours est une instance en construction, toujours partielle, incomplète et transformable, surgissant à la croisée d’instances multiples, une instance qu’on ne peut saisir au vol qu’à partir des fragments du discours réalisé” (Bertrand, 2016, p. 429).

Algirdas Julien Greimas lança as bases epistemológicas dessa ciência, momento em que a semântica, entre as disciplinas linguísticas, era considerada como a menos desenvolvida, em virtude da “complexidade do objeto”.

Entretanto, a Semiótica já se prenunciava em Saussure. Mesmo sem ter uma preocupação maior com a semântica, Saussure (2006, p. 24) preconiza que “a Linguística não é senão uma parte dessa ciência geral; as leis que a Semiologia descobrir serão aplicáveis à Linguística [...]”, pois

o problema linguístico é, antes de tudo, semiológico, e todos os nossos desenvolvimentos emprestam significação a este fato importante. Se se quiser descobrir a verdadeira natureza da língua, será mister considerá-la inicialmente no que ela tem em comum com todos os outros sistemas da mesma ordem [...]. Com isso, não apenas se esclarecerá o problema linguístico, mas acreditamos que, considerando os ritos, os costumes etc. como signos, esses fatos aparecerão sob outra luz, e sentir-se-á a necessidade de agrupá-los na Semiologia e de explicá-los pelas leis da ciência (Saussure, 2006, p. 25).

O fundador da Linguística destaca que a “verdadeira natureza da língua” é apreendida na relação com outros sistemas semióticos, sendo a Semiologia a ciência que abarcaria todos os sistemas. No próprio *Curso de Linguística Geral*<sup>21</sup>, Saussure apresenta alguns princípios da Semiologia<sup>22</sup>, como a arbitrariedade do signo, a continuidade e a mutabilidade do signo no tempo, a momentaneidade do sistema e a sua variação de posição bem como faz alusão a leis que regem os signos.

Greimas propõe uma semiótica que herda alguns princípios linguísticos, por incorporar noções, como estrutura, forma, substância, valor, imanência etc. Entre esses princípios, destaca-se o valor, que, para Saussure (2006, p. 139), determina “o que haja de ideia ou de matéria fônica num signo importa menos que o que existe ao redor dele nos outros signos”. Em Semiótica, o discurso de um texto significa não pela matéria ou substância em si, mas pelo seu plano de conteúdo, que envolve uma

---

<sup>21</sup> O *Cours de linguistique générale* é obra póstuma e teve sua primeira publicação em 1916.

<sup>22</sup> Segundo o Dicionário de Semiótica, o termo semiologia concorre com semiótica. Em 1970, a metodologia de ambas as correntes teóricas torna-se significativamente diferente. Um dos litígios que circundam a arena é a recusa do primado da Linguística pela Semiologia, “ao insistir na especificidade dos signos e das organizações que se podem reconhecer no interior das semióticas não linguísticas, ao passo que a semiótica é considerada estreitamente ligada aos métodos da linguística. Na realidade – e isso é particularmente nítido no domínio das semióticas visuais (v. semiótica planar\*) -, a semiologia postula, de maneira mais ou menos explícita, a mediação das línguas naturais no processo de leitura dos significados pertencentes às semióticas não linguísticas (imagem, pintura, arquitetura etc.), ao passo que a semiótica a recusa” (Greimas; Courtés, 2016, p. 446).



estrutura formada, de acordo com Greimas, por três níveis: o fundamental, o narrativo e o discursivo, conforme veremos mais adiante.

A Semiótica francesa, no contexto do desenvolvimento das ciências humanas em que ela se assenta, veio preencher lacuna para suprir o problema da significação que estava, conforme Greimas (1976, p. 11), “bem no centro das preocupações”. O cenário era propício para estabelecer as bases científicas da significação para explicar a relação do homem com o mundo, pois “parece-nos que o mundo humano se define essencialmente como o mundo da significação. Só pode ser chamado ‘humano’ na medida em que significa alguma coisa” (*Ibidem*, p. 11). Assim, a semântica, considerada pelo mestre lituano como a “parente pobre”, ganha relevo com os princípios da Semiótica e passa a ser reconhecida “abertamente como uma tentativa de descrição do mundo das qualidades sensíveis” (*Ibidem*, p. 16).

Como a Linguística estrutural explorou, mais nesse contexto, a Fonologia, especialmente na Escola de Praga, e os estudos gramaticais, na Escola de Copenhague, terminou deixando a semântica no “vácuo”. Greimas (1976, p. 13) aponta três motivos para isso: “o retardamento histórico dos estudos semânticos, as dificuldades próprias à definição de seu objeto e a onda do formalismo”. Entretanto, o mestre lituano propõe à Semântica um corpo teórico-epistemológico com roupagem científica e com filiação semiótica.

Outra base que favoreceu o surgimento da Semiótica foram os estudos de Hjelmslev, para quem

A linguagem é inseparável do homem e segue-o em todos os seus atos. É o instrumento graças ao qual o homem modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade humana (Hjelmslev, 2006, p. 1).

A estreita relação entre homem e linguagem tem imbricação constitutiva, pois o homem não existe sem ela, sem significar. O homem está fadado a projetar sentidos, a significar e ser significado. Dos pressupostos teóricos da Glossemática de Hjelmslev, Greimas incorpora alguns princípios que asseguram o firme propósito do

projeto semiótico: o plano de expressão e o plano de conteúdo, considerados “grandezas”<sup>23</sup> por Greimas e Courtés (1979).

A Glossemática é uma teoria que concebe o sistema como uma combinatória de elementos e como uma unidade delimitada em si mesma. De acordo com esses dois dicionaristas semioticistas, a Glossemática “desempenhou um papel estimulador, ainda que não se tenha generalizado; em contrapartida, [...] pode ser considerada como a primeira teoria semiótica coerente e acabada: ela foi um fator decisivo na formação da semiótica na França” (Greimas; Courtés, 2016, p. 238).

Como implacável seguidor de Saussure, Hjelmslev mantém princípios do Curso de Linguística Geral para desenvolver a Glossemática, como: a) o de que a “língua é uma forma e não uma substância” (Saussure, [1916] 2006, p. 141) e b) o de que “toda língua é ao mesmo tempo expressão e conteúdo” (Ducrot; Todorov, 1988, p. 31).

Conforme dispõe o autor dos *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*, a conjunção entre a expressão e o conteúdo ocorre por meio da função semiótica. Uma expressão assim como um conteúdo são grandezas e fúntivos da função e “não passam de pontos extremos dessa função e, por conseguinte, inconcebíveis sem ela” (Hjelmslev, 2006, p. 53). De acordo com Hjelmslev, “uma expressão só é expressão porque é a expressão de um conteúdo, e um conteúdo só é conteúdo porque é conteúdo de uma expressão” (*Ibidem*, p. 54). A expressão (ou plano de expressão por assim dizer) constitui a manifestação do conteúdo (ou plano de conteúdo). Em outros termos, o plano de expressão remete ao significante e o plano de conteúdo, ao significado do signo linguístico do mestre genebrino.

A relação entre o plano de expressão e o plano de conteúdo fundamenta o processo da semiose. Conforme Greimas e Courtés, a semiose é

a operação que, ao instaurar uma relação de pressuposição recíproca entre a forma da expressão e a do conteúdo (na terminologia de L. Hjelmslev) - ou entre o significante e o significado (F. de Saussure) -, produz signos: nesse sentido, qualquer ato de linguagem, por exemplo, implica uma semiose. Esse termo é sinônimo de função semiótica (Greimas; Courtés, 2016, p. 447).

---

<sup>23</sup> No Dicionário de Semiótica, grandeza é “esse ‘há algo’ do qual se presume a existência semiótica, anteriormente à análise\* que reconhecerá aí uma unidade discreta, e do qual não se postula senão a comparabilidade com outras grandezas de mesma ordem” (Greimas; Courtés, 2016, p. 241).

Para os dicionaristas semioticistas, a forma da expressão e a forma do conteúdo em Hjelmslev remontam à estrutura do signo linguístico de Saussure que, na sua imanência, já surge a partir de uma função semiótica, e esta é *conditio sine qua non* da função de significar.

Tanto a expressão quanto o conteúdo possuem forma e substância. No plano da expressão, a forma corresponde a unidades abstratas e significativas, por exemplo, na fonologia, aos fonemas. Já a substância da expressão é caracterizada por elementos concretos, por exemplo, na fonética ela corresponde aos fones. No plano de conteúdo, a forma corresponde ao significado, por exemplo, na semântica, aos sememas, que são um conjunto de semas, unidades mínimas de significação. No semema *homem*, temos os semas /+ humano/, /+ adulto/, /+ masculino/. Já a substância do conteúdo são os efeitos de sentido decorrentes das unidades interpretadas da forma do conteúdo.

Mesmo que a semiótica preconizasse a relação necessária entre o plano de expressão e o plano de conteúdo, recaíra maior ênfase, nos momentos iniciais da teoria, no plano de conteúdo.

Em *Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage* (1986 [1979]), Greimas e Courtés trazem o verbete *semi-symbolique*. Para os semioticistas dicionaristas,

contrariamente aos puros sistemas de símbolos (as linguagens formais, por exemplo), os sistemas semissimbólicos são sistemas significantes e são caracterizados não pela conformidade entre unidades do plano de expressão e do plano de conteúdo, mas pela correlação entre categorias relevantes dos dois planos<sup>24</sup> (Greimas; Courtés, 1986, p. 203).

No dicionário, consta o exemplo dado por Greimas sobre as linguagens gestuais contemplando os pares opositivos: verticalidade e horizontalidade (plano de expressão), que homologam respectivamente os atos de afirmação e negação (plano de conteúdo).

O plano de expressão ganha estatuto relevante de objeto de estudo principalmente com os estudos de Floch, que enfatizou a correlação entre a forma da

---

<sup>24</sup> No original: “Contrairement aux purs systèmes de symboles (les langages formels, par exemple), les systèmes semi-symboliques sont des systèmes signifiants et sont caractérisés non pas par la conformité entre des unités du plan de l’expression et du plan du contenu, mais par la corrélation entre des *catégories* relevant des deux plans” (Greimas; Courtés, 1986, p. 203).

expressão e a forma do conteúdo. Por meio da expressão, outras relações de sentido são projetadas. Para o autor, o semissimbolismo é “o reconhecimento e a definição de uma relação entre o visível e o inteligível” (Floch, 1985, p. 11). Essa relação é estabelecida por meio de formantes, categoria advinda de Greimas e Courtés e retomada por Floch. Um formante constitui “uma parte da cadeia da expressão correspondente a uma unidade do plano de conteúdo” (*Ibidem*, p. 46)<sup>25</sup>. Floch (1990, p. 98) afirma que “a codificação semissimbólica sobredetermina a codificação simbólica”<sup>26</sup>.

Teixeira (2008), fundamentada em Floch (1985), em Thurlemann (1986) e em Greimas e Courtés (1986), apresenta as categorias do plano de expressão e descreve-as conforme o quadro a seguir:

Quadro 4 - Configuração das categorias do plano de expressão

CROMÁTICAS	Combinação de cores puro vs mesclado brilhante vs opaco saturado vs não saturado claro vs escuro etc.
EIDÉTICAS	Relações entre formas côncavo vs convexo curvilíneo vs retilíneo verticalidade vs diagonalidade arredondado vs pontiagudo etc.
TOPOLÓGICAS	Posição e orientação das formas e do movimento no espaço englobante vs englobado alto vs baixo central vs periférico esquerdo vs direito etc.
MATÉRICAS	Efeitos obtidos com a materialidade Pinceladas contidas vs soltas rarefeitas vs saturadas Tinta Diluída vs pastosa Encorpada vs lisa Suporte rugoso vs liso Suporte com relevo vs sem relevo etc.

Fonte: Teixeira (2008, p. 306).

<sup>25</sup> No original: “une partie de la chaîne de l’expression correspondant à une unité du plan du contenu” (Floch, 1985, p. 46).

<sup>26</sup> No original: “Le codage semi-symbolique surdétermine le codage symbolique” (*Id*, 1990, p. 98).

O plano de expressão contribui para que os sentidos sejam suscitados nos textos-enunciados e sempre está articulado com o plano de conteúdo.

Na Semiótica Discursiva, o plano de conteúdo corresponde a um procedimento metodológico do percurso gerativo da significação, base que dá rendimento teórico e analítico à Semiótica greimasiana. Conforme Discini e Fiorin (2013, p. 185), esse percurso “é um modelo de análise e de previsibilidade que apreende de maneira fina generalizações sócio-históricas”, configurando-se como um simulacro metodológico a partir do qual o sujeito pode recuperar as etapas de produção e de interpretação do texto. Segundo Fiorin,

esse modelo mostra aquilo que sabemos de forma intuitiva: que o sentido do texto não é redutível à soma dos sentidos das palavras que o compõem nem dos enunciados em que os vocábulos se encadeiam, mas que decorrem de uma articulação dos elementos que o formam: que existem uma sintaxe e uma semântica do discurso (Fiorin, 2008, p. 44).

A metodologia do plano de conteúdo compreende três níveis – o fundamental, o narrativo e o discursivo - e cada um deles possui uma sintaxe e uma semântica. Essa organização estabelece uma configuração que vai do nível mais simples, profundo, abstrato e intangível (o fundamental) ao mais complexo, concreto, superficial e tangível (o discursivo). Os três níveis encontram-se inter-relacionados e formam uma estrutura metodológica de análise.

Na primeira etapa do percurso, as estruturas fundamentais, identificamos as “categorias semânticas que estão na base da construção de um texto” (*Ibidem*, p. 21). Elas se encontram numa relação de contrariedade, constituindo assim as oposições semânticas mínimas que estruturam o quadrado semiótico. Essas estruturas “são determinadas como positivas ou eufóricas e negativas ou disfóricas” (Barros, 2003, p. 10) e já remetem à construção de uma axiologia do texto, cuja materialização ocorrerá na etapa de discursivização do objeto semiótico.

A mudança de um nível para outro é feita por meio da “conversão”. Por exemplo, ocorre a conversão dos sujeitos narrativos em atores no plano do discurso, para que estes possam cumprir papéis temáticos (Barros, 2003). A semântica fundamental está representada pelos valores ou categorias semânticas apreendidos

a partir do texto e a sintaxe, pela relação de contrariedade, contraditoriedade e complementaridade.

O nível narrativo contempla as etapas de desenvolvimento das ações e transformações de estado do sujeito em relação ao objeto-valor. Dois tipos de enunciado são definidos e diferenciados: o enunciado de estado e o enunciado de fazer. O primeiro pressupõe a junção (conjunção e disjunção) entre os actantes da estrutura narrativa elementar: sujeito e objeto; o segundo, a transformação de um estado em outro.

Uma narrativa é construída a partir da perspectiva do sujeito, por meio de programas narrativos. A sintaxe narrativa é, de acordo com Barros (2002, p. 28), “o simulacro do fazer do homem que transforma o mundo”. Nesse nível, há duas concepções de narratividade: a) como “transformação de estados” e b) como “sucessão de estabelecimentos e de rupturas de contratos entre um destinador e um destinatário”.

Fiorin (2008, p. 28) considera a narratividade como uma transformação de conteúdo e como um componente da teoria do discurso. Para o autor, há dois tipos de narrativas mínimas nos enunciados de estado: “a de privação” e a “de liquidação de uma privação”. No primeiro, o sujeito inicia a narrativa estando em conjunção com o objeto-valor e, no final, encontra-se em disjunção; já, no segundo tipo, o sujeito, no início da narrativa, está em disjunção com o objeto-valor e, no final, em conjunção com este.

O nível narrativo remete ao simulacro da ação de um sujeito como actante do fazer. O fazer do sujeito é programado, pois ele só pode realizar determinado programa, se tiver os requisitos para tal. O sujeito deve estar investido de um querer, de um dever, de um saber e de um poder, que constitui sua competência modal. Greimas (2014, p. 79) define provisoriamente modalização como “uma modificação do predicado pelo sujeito”, sendo o ato de linguagem o “lugar de surgimento das modalidades, desde que a instância do sujeito modalizador esteja suficientemente determinada”.

A modalização sob a abordagem semiótica compreende “a competência modal do sujeito que realiza a transformação” (Fiorin, 2000, p. 171). Assim, o fazer do sujeito passa a exigir “condições prévias”, pois o sujeito, para agir, deve ter competência modal. Um predicado modal é um predicado regente. Greimas propõe,

como “inventário provisório”, quatro modalidades: querer, dever, poder e saber. Elas podem sobredeterminar ou reger o predicado da modalidade do fazer, gerando um querer fazer, um dever fazer, um saber fazer e um poder fazer. De acordo com o Fiorin (2000, p. 174), “com a modalização do sujeito, a Semiótica passa a analisar também seu modo de existência: sujeitos virtuais, os que querem e/ou devem fazer, sujeitos atualizados, os que sabem e podem fazer; sujeitos realizados, os que fazem”.

Greimas propõe a competência pragmática das modalidades sob três tipos, conforme o quadro a seguir:

Quadro 5 - Organização sintagmática das modalidades

COMPETÊNCIA		PERFORMANCE
modalidades virtualizantes	modalidades atualizantes	modalidades realizantes
dever-fazer querer-fazer	poder-fazer saber-fazer	fazer-ser

Fonte: Greimas (2014, p. 93).

Essa organização tem caráter operatório e se fundamenta “nos esquemas canônicos da narração”, de modo a distinguir duas instâncias: “a da instauração do sujeito (marcada pelo surgimento das modalidades eficientes de /dever-fazer/ e/ou de /querer-fazer/) e a da qualificação do sujeito (modalidades de /poder-fazer e/ou /saber-fazer/ que determinam os modos da ação ulterior)” (Greimas, 2014, p. 93).

Em outro momento de desenvolvimento da Semiótica Narrativa, ganha destaque a ação do sujeito sobre outro sujeito, emergindo daí os procedimentos da manipulação, que é um dos componentes da narrativa complexa. Este tipo de narrativa possui quatro fases: a manipulação, a competência, a performance e a sanção. A manipulação implica que “um sujeito age sobre outro para levá-lo a querer e/ou dever fazer alguma coisa” (Fiorin, 2008, p. 29), por meio da sedução, da tentação, da provocação e da intimidação.

A manipulação é uma operação cognitiva segundo a qual o destinador manipulador oferece ao destinatário manipulado determinados valores depreendidos no texto. Conforme Discini, a manipulação

será por sedução, se a imagem dada do destinatário manipulado for positiva: *Você vai tomar a sopa, porque é o filhinho lindo da mamãe.* Será por tentação, se a recompensa oferecida ao destinatário for positiva: *Se você tomar a sopa, mamãe lhe dará um bombom.* Será por provocação, se a imagem dada do destinatário for negativa: *Você*

*não toma esta sopa, porque é mesmo uma pedra no meu sapato. Será por intimidação, se a ameaça de um castigo for acionada para o destinatário: Se não tomar esta sopa, vai levar uma surra* (Discini, 2018, p. 188, grifos da autora).

A manipulação, para Greimas e Courtés (2016, p. 300), situa-se “sintagmaticamente entre o querer do destinador e a realização efetiva, pelo destinatário-sujeito, do programa (proposto pelo manipulador)”.

A etapa da competência constitui o investimento do sujeito, responsável pela transformação do estado, devido a um querer, dever, poder e saber (os objetos modais), ou seja, o sujeito deve estar competencializado para agir. Já a performance é a própria ação que desencadeia uma transformação de estado do sujeito, e a sanção é a etapa em que o destinador-julgador verifica se a performance ocorreu ou não conforme o contrato fiduciário. A sanção é a fase em que ocorre o julgamento do fazer realizado pelo sujeito manipulado. De acordo com Fiorin (2008, p. 31), “Eventualmente, nessa fase, distribuem-se prêmios e castigos. Nas narrativas conservadoras, o bem é sempre premiado e o mal, punido”.

A semântica narrativa preocupa-se com a atualização dos valores inscritos nos objetos. A partir das oposições fundamentais e de base do quadrado semiótico, emergem os valores virtuais no sistema semiótico, e as oposições fundamentais convertem-se “em valores atuais (ou valores, simplesmente), mediante inscrição em um ou mais objetos em junção com sujeitos” (Barros, 2002, p. 45).

Comparando a semântica do nível fundamental com a do narrativo, Barros apresenta a conversão entre esses dois níveis.

Quadro 6 - Conversão semântica do nível fundamental ao nível narrativo

<i>Semântica fundamental</i>	Categoria semântica (taxionomia)	+ categoria tímico/fórica	= valor axiológico virtual (axiologia)
<i>Semântica narrativa</i>	↓ traços semânticos inscritos nos objetos, no interior dos enunciados de estado	↓ traços modais, que ‘modificam’ as relações entre sujeito e objeto	↓ valor ideológico (ideologia) ou valor assumido por um sujeito

Fonte: Barros (2002, p. 46).

De acordo com Barros (2002, p. 46), “Se a relação do sujeito com o objeto lhe dá existência semiótica, o investimento de traços semânticos no objeto em junção com



o sujeito, atribui-lhe existência semântica”. Nesse sentido, a conversão permite que os elementos virtualizados sejam atualizados e assim a relação de junção entre sujeito e objeto seja estabelecida.

O último nível do percurso gerativo da significação, o discursivo, constitui a etapa na qual ocorre a projeção do texto na instância da enunciação. A partir da relação entre enunciado e enunciação, estabelecem-se, na sintaxe discursiva, simulacros da projeção das categorias dêiticas de tempo, de espaço e de pessoa bem com o aspecto de cada uma delas. Paralelamente, no discurso, são levadas em conta, no âmbito da semântica discursiva, a tematização, a figurativização e a isotopia. O tempo, a pessoa e o espaço, categorias da sintaxe discursiva, instalam-se a partir das operações de debragem e de embreagem (Fiorin, 2016). Antes de desenvolvermos a sintaxe e a semântica discursivas, vamos tratar da enunciação, pois ela é a instância que possibilita a conversão das estruturas semionarrativas em estruturas discursivas.

A enunciação possibilita a concretização do sistema por meio do uso da linguagem. Segundo Benveniste, a enunciação é a instância por meio da qual o sujeito, por um ato individual de realização, coloca em funcionamento a língua. A subjetividade é, para esse autor, “a capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’” (Benveniste, 2005, p. 286). Para tanto, o suporte para a conversão de locutor em sujeito é a linguagem, pois “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito do ‘ego’” (*Ibidem*, p. 286, grifos do autor).

A enunciação se caracteriza pela “*relação discursiva com o parceiro*, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo” (*Idem*, 1989, p. 87, grifos do autor). Benveniste concebe a enunciação como um “aparelho formal” estruturado pelas categorias:

- a) pessoa – por meio da relação entre *eu – tu* (O *ele* é considerado a categoria da não-pessoa);
- b) tempo – por meio do *presente*;
- c) espaço – por meio do *aqui*.

O *ego* e o *tu* em Benveniste fundamentam a subjetividade no exercício da língua e correspondem, na semiótica francesa, conforme Greimas e Courtés (2016), aos actantes da enunciação. Estes se desdobram, no nível discursivo, no papel de enunciador e enunciatário e são sujeitos implícitos ao enunciado. Os sujeitos não são

reais em carne e em osso, mas projeções discursivas, simulacros semióticos pertencentes à ordem do discurso.

Sobre a noção de simulacro na semiótica discursiva, no *Dictionnaire Raisonné de la Théorie du Langage* (Dicionário II de Semiótica, 1986), Landowski define a referida unidade lexemática como:

De forma um tanto metafórica, utiliza-se o termo simulacro, na semiótica narrativa e discursiva, para designar o tipo de figuras, com componente modal e temático, com as quais os actantes da enunciação se deixam mutuamente apreender, uma vez projetados no quadro do discurso enunciado. Do ponto de vista do seu conteúdo, estas figuras podem ser consideradas representativas das competências respectivas que se atribuem reciprocamente os actantes da comunicação. Desse modo, a construção de tais simulacros intervém, na dimensão cognitiva, como um pré-requisito necessário a qualquer programa de manipulação intersubjetiva (Greimas; Courtés, 1986, p. 206).<sup>27</sup>

O simulacro da enunciação estrutura-se na relação entre *ego, hic et nunc*, componentes do quadro geral da enunciação. Consoante Greimas e Courtés,

[...] **enunciação** se definirá de duas maneiras diferentes: seja como estrutura não-linguística (referencial) que subtende à comunicação linguística, seja como uma instância linguística, logicamente pressuposta pela própria existência do enunciado (que dela contém traços e marcas\*) (*Idem*, 2016, p. 166, grifo dos autores).

A enunciação é pressuposta pelo fato de que ela tem como produto o enunciado. Neste, o sujeito deixa marcas da enunciação em menor ou maior grau. É na enunciação e por meio dela que são criadas as condições para a manifestação do discurso. Fiorin define a enunciação como “o lugar de instauração do sujeito e este é o ponto de referência das relações espaço-temporais, ela é o lugar do ‘*ego, hic et nunc*’” (Fiorin, 2016, p. 36).

Sobre a enunciação em ato, Calame acentua que

---

<sup>27</sup> No original: “De façon quelque peu métaphorique, ont employé le terme de **simulacre**, en sémiotique narrative et discursive, pour désigner le type de figures, à composante modale et thématique, à l’aide desquelles les actants de l’énonciation se laissent mutuellement appréhender, une fois projetés dans le cadre du discours énoncé. Du point de vue de leur contenu, ces figures peuvent être considérées comme représentatives de compétences respectives que s’attribuent réciproquement les actants de la communication. De ce fait, la construction de tels simulacres intervient, sur la dimension cognitive, comme un préalable nécessaire à tout programme de manipulation intersubjective” (Greimas; Courtés, 1986, p. 206).

[...] a enunciação, portanto, (é) não somente enquanto construção discursiva, mas também como acção; a enunciação sempre perceptível nas marcas de ordem material e nos efeitos que provoca; a enunciação enunciada que não existe senão na materialidade do signo, qualquer que seja a sua substância, que reforça as posições fundamentalmente materialistas e realistas da semiótica, a despeito das acusações de idealismo que se formularam a seu respeito (Calame, 1986, p. 13).

Para Landowski (1989, p. 222), a enunciação é “ato pelo qual o sujeito faz ser o sentido”<sup>28</sup> e o enunciado, “o objeto cujo sentido faz ser o sujeito”<sup>29</sup>. Em Coquet (1983, p. 14), “a enunciação é sempre, por definição, enunciação enunciada”<sup>30</sup>.

Calame (1986), referindo-se à subjetividade, cita Benveniste (2005, p. 286) e Coquet (1984, p. 14). Em relação ao primeiro, destaca que “É ‘ego’ quem diz ‘ego’” e, em relação ao segundo, enfatiza que “é ‘ego’ quem diz ‘ego’ e quem se diz ‘ego’”. Os autores supracitados, em tese, concebem a enunciação como lugar, ação, ato, uma construção discursiva, instância linguística pressuposta e um processo de construção do discurso.

As noções de actante e ator são fundamentais para a Semiótica Discursiva. Em tese, o actante pertence ao nível narrativo e o ator, ao discursivo. O actante “realiza ou que sofre o ato, independentemente de qualquer outra determinação” (Greimas; Courtés, 2016, p. 20), pertence à sintaxe narrativa e recobre, no enunciado, “as funções (tais como sujeito, objeto, predicado), independentemente de sua realização nas unidades sintagmáticas (exemplos: sintagmas nominal e verbal)”, sendo o predicado o núcleo do enunciado (*Ibidem*, p. 21).

Greimas e Courtés distinguem, no interior do enunciado, dois tipos de actantes:

a) **actantes da comunicação** (ou da enunciação), que são o narrador e o narratário, mas também o interlocutor e interlocutário (que participam da estrutura da interlocução de segundo grau que é o diálogo); b) **actantes da narração** (ou do enunciado): sujeito/objeto, destinador/destinatário (*Ibidem*, 2016, p. 21, grifo dos autores).

Esses tipos de actantes remetem ao simulacro do percurso gerativo de sentido: enquanto os actantes da comunicação correspondem à estrutura da

---

<sup>28</sup> No original: “[...] l'acte par lequel le sujet fait être le sens” (Landowski, 1983, p. 75).

<sup>29</sup> No original: “[...] l'objet dont le sens fait être le sujet” (*Ibid*, p. 75).

<sup>30</sup> No original: “l'énonciation est toujours, par définition, énonciation énoncée [...]” (Coquet, 1983, p. 14).

debreagem de primeiro e segundo graus, implícitos à enunciação pressuposta; os actantes da narração, à estrutura sintática do nível narrativo.

Em relação ao ator, Greimas e Courtés (*Ibidem*, p. 44) destacam que ele se trata de “uma unidade lexical, de tipo nominal, que, inscrita no discurso, pode receber, no momento de sua manifestação, investimentos de sintaxe narrativa de superfície e de semântica discursiva”. Assim, o ator é sincretizado em figura que o individualiza lexicalmente no mundo, possuindo uma função sintática e um papel semântico. Ele passa, por conversão, da estrutura narrativa para a estrutura discursiva. No nível narrativo, temos o actante sujeito que se converte, no nível discursivo, em ator.

Os actantes pertencem ao domínio da sintaxe narrativa e os atores, aos discursos manifestados. Para Greimas (2014, p. 61), “a relação entre ator e actante, longe de ser uma simples relação de inclusão de uma ocorrência em uma classe, é dupla”. Vejamos a disposição do actante e do ator na obra *Sobre o sentido II*.

Figura 1 - Relação entre actante e ator



Fonte: Greimas (2014, p. 61).

Os níveis narrativo e discursivo, mesmo didaticamente separados, mantêm inter-relação; entretanto, esta não equivale a uma correspondência termo a termo, biunívoca, pois um actante ( $A_1$ ) pode manifestar-se no discurso como vários atores ( $a_1, a_2, a_3$ ), e um só ator ( $a_1$ ) pode sincretizar a função de vários actantes ( $A_1, A_2, A_3$ ).

Conforme Greimas e Courtés (2016, p. 44), o ator substitui na Semiótica o termo personagem, usado mais na literatura. O ator “pode ser individual (Pedro) ou coletivo (a multidão), figurativo (antropomorfo ou zoomorfo) ou não figurativo (o destino)”. Acrescentam os semioticistas que

A individualidade de um ator marca-se frequentemente pela atribuição de um nome próprio, sem que tal coisa constitua, em si mesma, a condição *sine qua non* da sua existência (um papel temático qualquer, ‘o pai’, por exemplo, muitas vezes serve de denominação do ator) (*Ibidem*, p. 45, grifo dos autores).

O nome próprio não é a condição necessária para especificar a individualidade do ator, mas sim o papel temático que este exerce no discurso. O princípio da individualidade garante que a existência de um ator é a condição de ele “ser portador de pelo menos um papel actancial e de no mínimo um papel temático” (*Ibidem*, p. 45).

Ampliando nossa discussão sobre ator e actante, trazemos Fiorin. De acordo com o autor,

Quando falamos em ‘eu’ e ‘tu’, falamos em actantes da enunciação, ou seja, em posições dentro da cena enunciativa, aquele que fala e aquele com quem se fala. No entanto, nos diferentes textos, essas posições são concretizadas e esses actantes tornam-se atores da enunciação. O ator é uma concretização temático-figurativa do actante. Por exemplo, o enunciador é sempre um ‘eu’, mas, no texto *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, esse ‘eu’ é concretizado no ator ‘Machado de Assis’. Nunca é demais insistir que não se trata do Machado real, em carne e osso, mas de uma imagem do Machado produzida pelo texto (Fiorin, 2004b, p. 18, grifo do autor).

O actante e o ator do enunciado são posições semióticas diferentes e estão inter-relacionadas com as categorias da enunciação. No nível narrativo, falamos em actante como lugar que corresponde ao sujeito e ao objeto, identificados de acordo com a posição sintática que desempenham na narrativa bem como ao destinador e ao destinatário nas etapas da manipulação e sanção. No nível discursivo, tratamos de ator do enunciado, por ele possuir um componente sintático e um papel temático<sup>31</sup>. Destacamos que há narratividade na enunciação, conforme Greimas e Courtés (2016).

As postagens e os comentários dos grupos que compõem os textos-enunciados desta pesquisa são considerados atos de enunciação em que o sujeito da enunciação (enunciador e enunciatário) constrói o discurso em suas práticas enunciativo-discursivas como um sujeito que finge ser idoso internauta, conforme analisaremos no item 4.

---

<sup>31</sup> O papel temático é definido por traços sêmico-isotópicos ou, conforme Greimas e Courtés (2016, p. 496), “constitui a representação, sob forma actancial, de um tema ou de um percurso temático (o percurso ‘pescar’, por exemplo, pode ser condensado ou resumido pelo papel ‘pescador’. O papel temático é obtido simultaneamente por: a) redução de uma configuração discursiva a um único percurso figurativo (realizado ou realizável no discurso) e, além disso, a um agente competente que virtualmente subsume; e b) determinação de sua posição no percurso do ator, posição que permite fixar para o papel temático uma isotopia precisa (entre todas aquelas em que ele pode virtualmente se inscrever). A conjunção de papéis actanciais com papéis temáticos define o ator”.

Entendemos que Facebook é um objeto-suporte do discurso na internet (ver esquema 1 - modos de existência do objeto-suporte do item 2). Os grupos funcionam como actantes coletivos que se beneficiam (e que são actantes decorrentes da própria configuração do objeto-suporte) dos recursos disponibilizados pelo Facebook para a prática da interação.

O actante coletivo é, para Coquet (1984, p. 96), “oposto ao actante individual, este novo actante, dizíamos nós, se caracteriza pelo fato de que se refere a um conjunto constituído por um número indefinido de atores”<sup>32</sup>. O actante coletivo, em oposição ao actante individual, pertence ao plano sintagmático de um fazer conjunto de vários sujeitos. Greimas (1976, p. 171) destaca que “o sujeito sintagmático não é a coleção de homens concretos, em carne e osso, mas um coletivo de homens considerados apenas como agentes de um fazer programado”<sup>33</sup>.

A noção de actante coletivo em Coquet e em Greimas nos leva a pensar no modo de constituição de grupos que compõem a enunciação enunciada no Facebook. Os grupos, como actantes coletivos, não constituem uma junção de determinada quantidade de internautas, mas sujeitos reunidos sob as mesmas condições de enunciabilidade (isso não quer dizer que não haja hierarquia entre eles), desempenhando papéis e práticas, mobilizados por um querer-fazer, dever-fazer, poder-fazer e saber-fazer (com)partilhado.

Zilberberg (1985, p. 28) define que o “actante coletivo refere-se a uma competência modal comum”<sup>34</sup>. Para o autor, “formamos a hipótese de que um actante coletivo está relacionado, de certa forma, preferencialmente, à modalidade do querer”<sup>35</sup>. Nessa organização sintática, o actante (no caso, o sujeito) se configura como uma categoria semiótica diante da dependência em relação ao objeto valor, ou seja, a natureza do objeto direciona o ser e o fazer do sujeito, conforme as modalidades do *querer*, *dever*, *poder* e *saber*.

---

<sup>32</sup> No original: “Opposé à l’actant individuel, ce nouvel actant, disions-nous, se caractérise par le fait qu’il renvoie à un ensemble composé d’un nombre indéfini d’acteurs” (Coquet, 1984, p. 96).

<sup>33</sup> No original: “le sujet syntagmatique n’est pas la collection d’hommes concrets, en chair et en os, mais un collectif d’hommes considérés seulement en tant qu’agents d’un faire programmé” (Greimas, 1976, p. 171).

<sup>34</sup> No original: “l’actant collectif renvoie justement à une compétence modale commune” (Zilberberg, 1985, p. 28).

<sup>35</sup> No original: “Nous formons l’hypothèse que l’actant collectif a partie liée de façon préférentielle avec la modalité du vouloir” (*Ibid*, 1985, p. 29).

A modalização pressupõe uma relação intersubjetiva em que o destinador propõe um *crer* e um *fazer* ao seu destinatário, para que este adira ao contrato fiduciário. O enunciatário, compreendendo o contrato de comunicação/interação, adere ou não ao contrato. O fazer do destinatário não é movido não só pelo seu *querer*, mas também pelo *sentir*, pela configuração passional diante do objeto do *fazer*, tudo em conformidade com a natureza, com as relações e com as condições estabelecidas no contrato fiduciário.

Fiorin (2007, p. 25), em *O sujeito na Semiótica Narrativa e Discursiva*, destaca que “a semiótica francesa considera o sujeito um efeito do enunciado e, ao mesmo tempo, afirma que ele não domina o dizer”. O sujeito é apreendido no enunciado, que é resultado do processo de enunciação ou enunciações, e o dizer do sujeito não se instaura como um objeto resultante de um saber “verdadeiro”, de uma fonte de sentido, mas é construído na relação com o outro, o enunciatário, diante das coerções que se circunscrevem à práxis enunciativa.

Tratando do princípio da imanência que rege a construção do sentido, Fiorin faz referência a Greimas, a Courtés e a Beividas (2000) e ressalta:

Dizem Greimas e Courtés (1979, p. 6): ‘O ato de fala não é uma criação *ex nihilo*, a situar no início de toda a reflexão semiótica, é um acontecimento particular inscrito num sistema de múltiplas coerções’. Essas coerções são as da história (GREIMAS, 1976) e do inconsciente (BEIVIDAS, 2000). (Fiorin, 2007, p. 25, grifo do autor).

O ato de fala resulta não só de coerções, mas também da visada do sujeito em perceber o objeto, inscrito na história e na cultura. Ao enunciar, o enunciador projeta um controle relativo ao *dictum*, pois ele não tem a capacidade de prever todos os sentidos suscitados por um ato de fala. A referência ao inconsciente como um dos fenômenos que engendram o ato de fala remete à possibilidade de o enunciador ser afetado por memórias, esquecimentos, que são acionados no ato da enunciação<sup>36</sup> e essa instância confirma o controle relativo do ato de dizer.

---

<sup>36</sup> Calame (1986) destaca, no texto *O sujeito da enunciação: breve introdução*, que, “desde os anos 70, levantaram-se regularmente vozes para afirmar e reafirmar em toda a produção de sentido o lugar central ocupado pelo sujeito. A de J. C. Coquet, por exemplo, confrontado com a provocação da psicanálise lacaniana: ‘O *moi* do sujeito (individual) não é o mesmo que o *je* do seu discurso [...]’ (Calame, 1986, p. 1). O *moi* corresponde ao sujeito do enunciado, à imagem que o *eu* representa tanto para si quanto para os outros, é da ordem do consciente, e o *je* corresponde *eu*, o sujeito da enunciação (no âmbito do inconsciente).

As coerções que fundamentam os regimes de enunciação propostos por Benveniste são a história e o discurso. O primeiro constitui a “apresentação dos fatos sobrevindos a um certo momento do tempo, sem nenhuma intervenção do locutor na narrativa” (Benveniste, 1991, p. 262), ou seja, o enunciado é construído em “terceira pessoa” (enunciado enunciado), pois “o historiador não dirá jamais eu nem tu nem aqui nem agora, porque não tomará jamais o aparelho formal do discurso que consiste em primeiro lugar na relação de pessoa eu: tu”. Já o discurso, conforme o autor, é “toda enunciação que suponha um locutor e um ouvinte e, no primeiro, a intenção de influenciar, de algum modo, o outro” (*Ibidem*, p. 267). Discurso, então, necessariamente implica relação contratual entre sujeitos.

No regime do discurso, de acordo com os postulados da Semiótica Discursiva, o enunciador se constitui na relação com o enunciatário, por este ser “tão produtor do discurso quanto o enunciador” (Fiorin, 2004a, p. 69). A participação do enunciatário no ato da produção é determinada pela projeção da imagem que o enunciador faz de seu copartícipe da interação. Esta se dá mediante o modo como o primeiro escolhe e usa determinados recursos enunciativo-discursivos e patêmicos para enunciar e persuadir o segundo.

Barros (2002) apresenta o quadro das instâncias enunciativas da categoria de pessoa. O enunciador e o enunciatário pertencem ao plano da enunciação, pressuposta pelo enunciado, estando, portanto, implícitos no enunciado. Em relação aos sujeitos da enunciação enunciada, Barros situa, no nível da debragem de 1º grau, o narrador e o narratário e, no nível da debragem de 2º grau, o interlocutor e o interlocutário.

O segundo nível da breagem representa internamente a instância da delegação de voz, ou seja, o narrador permite que o interlocutor fale. Barros (2002, p. 75) também assinala que “os discursos em primeira pessoa servem de exemplo de enunciação-enunciada e são, em geral, considerados ‘subjativos’. Já o enunciado propriamente dito caracteriza os discursos em terceira pessoa, julgados ‘objetivos’”.

Consoante Discini (2019, p. 89), o nível discursivo “mobiliza a formação do ator da enunciação como um sujeito que toma corpo no desempenho de papéis temáticos”. Mediante tais papéis, o sujeito avalia “ideologicamente os valores” e “os componentes semânticos do enunciado, entre os quais estão, lado a lado com a tematização e a figurativização evocadas”. A autora, amparada em princípios



zilberberguianos, destaca que o ator da enunciação não deve estar circunscrito somente para exercer os papéis actanciais e temáticos, mas também para sustentar as “oscilações tensivas” que o afetam e que o articulam: “o sujeito aparece instalado entre a intensidade, correspondente aos ‘estados de alma’, e a extensidade aos ‘estados das coisas’, reunidas ambas as dimensões, sob o princípio da tensividade” (*Ibidem*, p. 89).

Sobre o sujeito da enunciação, Barros (2015, p. 23) enfatiza que ele “[...] é construído, sintaticamente, como actante da enunciação e, semanticamente, como ator da enunciação”. Greimas e Courtés preceituam que

Do ponto de vista da produção do discurso, pode-se distinguir o sujeito da enunciação, que é um actante implícito logicamente pressuposto pelo enunciado, do ator da enunciação: neste último caso, o ator será, digamos, ‘Baudelaire’, enquanto se define pela totalidade de seus discursos (Greimas; Courtés, 2016, p. 45, grifo dos autores).

O sujeito da enunciação, pressuposto pelo enunciado, pode ser depreendido sem a necessidade de uma totalidade numérica de discursos, pois o todo está em cada parte, em cada unidade que o analista tem à mão. Discini (2013, p. 31) afirma que “unidade e totalidade são universais quantitativos” e que “o *unus* pressupõe o *totus*, o ‘bloco inteiro’, a totalidade integral, [...]” (*Ibidem*, p. 34). Por meio da recorrência de dizer, depreendemos o ator da enunciação, podendo ser a partir de um excerto de um texto, de um único texto, de um exemplar de uma obra ou de várias. O analista não precisa explorar o conjunto total de textos de um ator da enunciação para recuperar o sujeito, como corpo semiótico.

Abordaremos a seguir duas categorias da semântica discursiva que contribuem para a construção do sujeito da enunciação: a figurativização e a tematização. Elas são procedimentos semióticos que pertencem ao nível discursivo, por meio dos quais o sujeito da enunciação projeta uma relação entre o discurso e o mundo, criando um efeito de realidade e de concretude ao texto.

Segundo Barros (2003, p. 68), “tematizar um discurso é formular os valores de modo abstrato e organizá-los em percursos. Em outras palavras, os percursos são construídos pela recorrência de traços semânticos ou semas, concebidos abstratamente”.

A coerência semântica é tecida mediante os percursos temático e figurativo traçados pelo enunciador. Greimas e Courtés propõem que

A tematização pode concentrar-se quer nos sujeitos, quer nos objetos, quer nas funções, ou, pelo contrário, repartir-se igualmente pelos diferentes elementos da estrutura narrativa em questão. Procedimento de conversão semântica, a tematização permite também formular diferentemente, mas de maneira ainda abstrata, um mesmo valor. Assim, por exemplo, o valor 'liberdade' pode ser tematizado – levando-se em conta os procedimentos de espacialização e de temporalização da sintaxe discursiva – seja como 'evasão espacial' (e figurativizada, numa etapa posterior, como embarque para mares distantes), seja 'evasão temporal' com as figuras do passado, da infância etc. (Greimas; Courtés, 2016, p. 496, grifo dos autores).

Entendemos a tematização como um conjunto de operações que possibilitam a construção do ponto de vista do sujeito enunciador, uma vez que

[...] não há enunciado, qualquer que seja sua dimensão, que não esteja submetido à orientação de um ponto de vista. [...] Além do mais, em cada caso, o ponto de vista engloba, ao mesmo tempo, o modo de presença do enunciador em seu discurso e a maneira pela qual ele dispõe, organiza e orienta seus conteúdos (Bertrand, 2003, p. 113).

É nesse sentido que relacionamos o ponto de vista do enunciador à tematização e à figurativização. Os temas se configuram como investimento axiológico que funda a ideologia no discurso. As figuras recobrem os temas, e os valores se firmam no discurso; este sempre em diálogo com outros discursos. A reiteração dos temas constitui a isotopia temática e a redundância de figuras, a isotopia figurativa. Greimas e Courtés (2016) apresentam três classes de semas: a) figurativos (ou exteroceptivos); b) abstratos (ou interoceptivos) e c) tímicos (ou proprioceptivos).

Os semas figurativos “são grandezas do plano de conteúdo das línguas naturais que correspondem aos elementos do plano da expressão da semiótica do mundo natural, isto é, às articulações das ordens sensoriais, às qualidades sensíveis do mundo”. Os semas abstratos “são grandezas do conteúdo que não se referem a nenhuma exterioridade, mas que, pelo contrário, servem para categorizar o mundo e para instaurá-lo como significação: tais são, por exemplo, as categorias de *relação/termo, objeto/processo*”. Os semas tímicos “conotam os microssistemas de acordo com a categoria *euforia/disforia*, erigindo-as, assim, em sistemas axiológicos” (*Ibidem*, p. 430).

Essa classificação de semas ajuda na compreensão de como os valores se encontram organizados conforme os percursos temático-figurativos do texto. Consoante Barros (2002, p. 115), “o exercício da análise textual tem mostrado, porém, que não há discurso não-figurativos e sim discursos de figuração esparsa, em que assumem relevância as leituras temáticas”. A tematização ancora a figurativização. Para Bertrand (2003, p. 213), “o figurativo precisa ser assumido por um tema”. Consoante esse semiótico, “a figurativização do discurso é, mais exatamente, um processo gradual sustentado de um lado pela iconização, que garante a semelhança com as figuras do mundo sensível e, de outro, pela abstração, que delas se afasta” (*Ibidem*, p. 231).

Em termos de concretização do discurso, a figurativização é um processo que permite a conversão do tema em figura. Segundo Barros (2002, p. 117), “a figurativização constitui um novo investimento semântico, pela instalação de figuras do conteúdo que se acrescentam ‘recobrando-o’, ao nível abstrato dos temas”. É uma operação de discursivização dos temas, em que as figuras do conteúdo são determinadas por “traços ‘sensoriais’”. Não se trata, segundo a autora, de “uma instauração de laços análogos entre realidade e discurso ou de confusão entre imagens do mundo e figuras discursivas”, uma vez que “o discurso não é a reprodução do real, mas a criação de efeitos de realidade” (*Ibidem*, p. 117). A figurativização, então, permite, no discurso, a identificação de relações sociais, recriadas no interior dos textos e cristalizadas em simulacros. Greimas e Courtés distinguem dois patamares da figurativização:

O primeiro é o da **figuração**, ou seja, instalação das figuras semióticas (uma espécie de nível fonológico); o segundo seria o da **iconização**, que visa revestir exhaustivamente as figuras, de forma a produzir a ilusão referencial que as transformaria em imagens do mundo (Greimas; Courtés, 2016, p. 212, grifo dos autores).

Como procedimento de figurativização, os autores apresentam “o subcomponente onomástico”, que compreende, na organização interna do discurso, os “antropônimos”, os “topônimos” e os “cronônimos”. De acordo com esses dois autores, “presumindo capaz de conferir ao texto o grau desejável de reprodução do real, o componente onomástico permite uma ancoragem histórica que visa a constituir o simulacro de um referente externo e a produzir o efeito de sentido ‘realidade’” (*Ibidem*, p. 350).

Os antropônimos, os topônimos e os cronônimos, na sintaxe discursiva, equivalem respectivamente aos procedimentos de actorialização, espacialização e temporalização,

indo dos mais genéricos (o 'rei', a 'floresta', o 'inverno') aos específicos (nomes próprios, índices espaçotemporais, datações etc.), tal introdução, repetimos, confere ao texto, segundo se supõe, o grau desejável de reprodução do real (*Ibidem*, p. 212).

A figurativização permite ao leitor construir, na ordem de concretude, o mundo projetado na relação entre a enunciação e o enunciado. As figuras aludem a elementos que remetem ao mundo natural como forma de firmar a concretude aos sentidos. Quando falamos em mundo natural, estamos concebendo-o como “uma linguagem figurativa, cujas figuras – que encontramos no plano de conteúdo das línguas naturais – são feitas das ‘qualidades sensíveis’ do mundo e agem diretamente – sem mediação linguística – sobre o homem” (*Ibidem*, p. 235) e, também, como resultado dos procedimentos da enunciação manifestados linguisticamente pelo sujeito da enunciação.

A figurativização e a tematização são procedimentos que se complementam na discursivização dos objetos semióticos, e elas contribuem para a construção do ponto de vista do sujeito enunciator bem como para a concretização dos universais semânticos fundantes do texto-enunciado. O ponto de vista é apreendido pelo modo de dizer do enunciator, que tece com o enunciatário um contrato de veridicção.

Diferentemente da verossimilhança, que é uma característica dos discursos considerados mais ou menos verdadeiros, pautados na credibilidade ficcional, na probabilidade da verdade fincada no campo das artes, a veridicção não se refere a uma verdade propriamente dita, mas ao “dizer-verdadeiro” (*Ibidem*, p. 530), ou melhor, a um parecer verdadeiro. Para os autores supracitados, há marcas da veridicção que levam os discursos a ser considerados verdadeiros ou falsos, mentirosos ou secretos. Mesmo havendo uma coerência discursiva, “esse dispositivo veridictório não garante de modo algum a transmissão da verdade [...]” (*Ibidem*, p. 530).

A veridicção é construída na relação entre enunciator e enunciatário, subjacente a um “crer-verdadeiro” instalado nas “extremidades do canal da comunicação”, e o “entendimento tácito entre dois cúmplices mais ou menos conscientes” chama-se contrato de veridicção (*Ibidem*, p. 530). O contrato pressupõe

necessariamente um acordo entre enunciador e enunciatário e emerge do ato comunicativo/interativo.

Greimas (1978, p. 216) destaca que “o discurso da verdade não funciona mais à maneira antiga”, momento em que “a palavra dada” e “o juramento” eram suficientes para garanti-lo. Ele apresenta dois tipos de manipulação: a) *camuflagem subjetivante*, construída em discursos que, para ser aceitos como verdadeiros, devem parecer secretos, como por exemplo, as parábolas bíblicas; b) *camuflagem objetivante*, construída em discursos nos quais são apagadas “as marcas da enunciação e da estrutura da comunicação”.

Essas camuflagens remetem às formas da enunciação enunciada e ao enunciado enunciado: a primeira apresenta marcas de pessoa, tempo e espaço da enunciação no enunciado, enquanto a segunda é desprovida dessas marcas no enunciado, o que confere uma enunciação com efeito de objetividade.

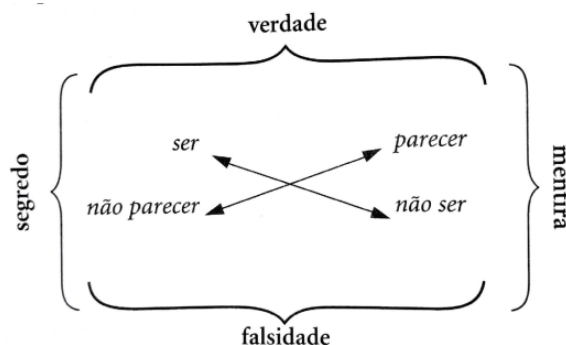
Segundo Greimas (1978, p. 220), o discurso que apresenta uma perspectiva moralizadora procura “estabelecer nitidamente a distinção entre os dois componentes autônomos e os dois níveis superpostos do contrato de veridicção: o saber e o crer, a verdade e a certeza, o saber-verdadeiro e o crer-certeza”. Ele preceitua que “a certeza, sanção suprema à qual deve submeter-se o discurso verídico, é um conceito inteiramente relativo e, ao mesmo tempo, coisa frágil” (*Ibidem*, p. 220).

De acordo com Bertrand (2003, p. 240), “a veridicção instala um hiato relacional na produção e interpretação dos valores de verdade, hiato entre o que parece e o que se supõe ser, na cena intersubjetiva do discurso”. O contrato de veridicção, para o autor, funda “as condições da confiança que determinam o compartilhamento das crenças, em perpétuo ajuste entre os sujeitos no interior do discurso. A fidúcia, ou crença partilhada, está conseqüentemente no fundamento da concepção intersubjetiva da enunciação e da interação em semiótica” (*Ibidem*, p. 243).

A verdade é efeito da produção e da interpretação do discurso: “é um termo complexo que subsume os termos *ser* e *parecer* situados no eixo dos contrários no interior do quadrado semiótico das modalidades veridictórias” (Greimas; Courtés, 2016, p. 529, grifo dos autores). A veridicção está subjacente às relações contratuais entre o destinador, que executa um fazer persuasivo, um fazer crer, e o destinatário, que realiza um fazer interpretativo, crer ou não crer na proposta bem como entre enunciador e enunciatário.

Para Greimas e Courtés, o contrato é o “fato de estabelecer, de ‘contrair’ uma relação intersubjetiva que tem por efeito modificar o estatuto (o ser e/ou o parecer) de cada um dos sujeitos em presença” (*Ibidem*, p. 99). Mediante tal perspectiva, trazemos o quadrado semiótico do predicado modal – o *ser do ser* ou a forma debreada do *saber-ser* -, que se relaciona às modalidades veridictórias.

Figura 2 - Quadrado semiótico das modalidades veridictórias



Fonte: Greimas e Courtés (2016, p. 532).

As modalidades veridictórias, no quadrado semiótico, dispõem os esquemas: a) o da manifestação: *parecer/não parecer* e b) o da imanência: *ser/não-ser*. É nessa relação - entre o *parecer* e o *ser* - que a veridicção emerge. *Ser* e *parecer* são termos correlatos que designam um vínculo sintático-semântico entre enunciador e enunciatário. Este é convocado pelo discurso a interpretar o *ser/não ser* do contrato, a partir das marcas ou estratégias enunciativas expressas ou tacitamente inscritas no enunciado. Conforme afirmam os semioticistas dicionaristas, “é entre essas dimensões da existência que atua o ‘jogo da verdade’: estabelecer, a partir da manifestação, a existência da imanência, é decidir sobre o ser do ser” (*Ibidem*, p. 533).

Greimas concebe o contrato como uma projeção de imagem que o destinador faz do destinatário, pois

a construção do simulacro da verdade é fortemente condicionada não diretamente pelo universo axiológico do destinatário, mas pela representação que dele fizer o destinador, artífice de toda manipulação e responsável pelo sucesso ou fracasso de seu discurso (Greimas, 2014, p. 122).

A veridicção tem por alvo o destinatário, a quem cabe interpretar e homologar ou não o contrato, embora o destinador se instale como orientador do discurso, com base na imagem que faz daquele. Fiorin (2004a, p. 71) enfatiza que é “preciso

considerar que o enunciatário não é um ser passivo, que apenas recebe as informações produzidas pelo enunciador, mas é um produtor do discurso, que constrói, interpreta, avalia, compartilha ou rejeita significações”.

A veridicção invoca a adesão do enunciatário ao discurso, mediante o contrato de comunicação/interação subjacente às práticas languageiras e discursivas, ou melhor, o contrato de veridicção pressupõe uma “negociação” entre enunciador e enunciatário. De acordo com Greimas,

O discurso é esse lugar frágil em que se inscrevem e se leem a verdade e a falsidade, a mentira e o segredo; modos de veridicção resultantes da dupla contribuição do enunciador e do enunciatário; suas diferentes posições não se estabelecem senão na forma de um equilíbrio mais ou menos estável que provém de um acordo implícito entre os dois actantes da estrutura da comunicação. É esse acordo tácito que é designado pelo nome de *contrato de veridicção* (Greimas, 2014, p. 117, grifo do autor).

O discurso institui disputa de sentidos, e todo sentido indica uma direção, que remete à percepção do enunciador em relação ao objeto ou em relação a outro sujeito. Com efeito, é de natureza discursiva o contrato de veridicção, ato enunciativo por meio do qual a comunicação e a interação entre os sujeitos se estabelecem.

Como destacamos, a veridicção se estabelece no discurso. É a partir dela que o enunciatário empreende uma interpretação veridictória, cravada na relação entre o *parecer* e o *ser*. Ela subjaz ao fazer persuasivo que rege a relação do sujeito com o objeto-valor ou o fazer do destinador em relação ao destinatário, para que este busque os valores “prometidos no contrato”. Consoante Greimas e Courtés,

O bom funcionamento desse contrato depende, em definitivo da instância do enunciatário, para quem toda mensagem recebida, seja qual for seu modo veridictório, apresenta-se como uma manifestação a partir da qual ele é chamado a atribuir este ou aquele estatuto ao nível da imanência (a decidir sobre o ser ou o não ser) (*Idem*, 2016, p. 530).

O enunciatário, com base em suas crenças, valores e desejos, interpreta o contrato veridictório. Este não vislumbra a representação de um objeto, de relacioná-lo biunivocamente com o mundo natural, mas o objeto tendo existência na e pela linguagem. O cotejo veridictório entre o *parecer* e o *ser* e entre o par de contraditórios *não parecer* e *não ser* pressupõe um estatuto persuasivo para a linguagem, para o texto e para o discurso.

Assim, a Semiótica francesa traz à baila um efeito de estabilidade do discurso, mantidas as circunstâncias de instabilidade, pois o discurso é estrutura e acontecimento. No entanto, o contrato ganha uma dimensão mais sensível com a “virada fenomenológica” da Semiótica Discursiva. A manipulação pelo destinador passa a considerar o contrato veridictório fulcrado na crença, no possível querer do destinatário.

Sob a perspectiva tensiva da Semiótica, as formulações e as análises primam pela dimensão do *continuum*, da medida, do valor dos intervalos, da gradualidade, dos aumentos e diminuições do acento, entre outras. O contrato passa a ser modulado pelo campo de presença, estando em jogo tanto a dimensão da intensidade, que remete aos estados de alma, ao sensível, quanto a dimensão da extensidade, que se refere aos estados de coisa, ao inteligível. Não se trata do *ser* e do *parecer* como categorias opostas, mas como termos que se gradualizam com o uso dos incrementos *mais e menos*.

## 2.2 A TENSIVIDADE

A tensividade ganha impulso inicial principalmente com a obra *De l'Imperfection*, de Greimas, publicada na França em 1987. Nesse livro, o autor não explora contundentemente categorias do aparato teórico-metodológico que vinha desenvolvendo, como tratou em *Semântica Estrutural*, obra fundante da Semiótica francesa.

Em *De l'Imperfection*, Greimas aponta um novo rumo para a Semiótica, dando ênfase ao campo sensível. Para o autor, os objetos estéticos tensionam a estabilidade do sujeito que se deixa afetar por um objeto estético. No livro, o autor explora temas, como literatura, estesia, vida, entre outros. Para Oliveira, que prefaciou a segunda edição da obra de 2017, “[...] Greimas facilita o encontro de caminhos para intencionalmente os semioticistas se porem a tratar dessa nova direção de uso e emprego da teoria, tornando-a mais sensível” (Oliveira *in* Greimas, 2017, p. 12).

Landowski, em resenha da obra em 1999, diz:

[...] o que esse livro nos propõe e, antes de mais nada, (é) o desenvolvimento de uma inteligência do sensível. Seria até mesmo possível dizer que assistimos a um trabalho de edificação ou, inclusive, de educação semiótica do sujeito: a uma espécie de auto-



aprendizagem que visaria um melhor domínio da competência latente que cada um possui para sentir, ao seu redor, a presença do sentido, e para entender o que é significado deste modo (Landowski *in* Greimas, 2017, p. 154).

Essa perspectiva proporciona a entrada do corpo no campo analítico da Semiótica, dando assim novas possibilidades de compreender as diversas materialidades significantes. O corpo adentra o universo dos textos e a produção de sentido numa articulação constitutiva entre o sensível e o inteligível.

A “força que leva adiante”, a foria, incide no sujeito, que não possui o pleno controle da produção do sentido, pois este tem o ímpeto provocado pelo estado sensível do ser. Essa força seria um elemento que indicaria a tensividade ao relacionar a percepção a aspectos cognitivos do estado de coisas. Com efeito, ampliam-se as formulações do fazer semiótico.

No Dicionário de Semiótica, Greimas e Courtés definem a tensividade como

a relação que o sema durativo de um processo contrai com o sema terminativo: isso produz o efeito de ‘tensão’, ‘progressão’ (por exemplo: o advérbio ‘quase’ ou a expressão aspectual ‘a ponto de’). Essa relação aspectual sobredetermina a configuração aspectual e a dinamiza de algum modo. Paradigmaticamente, tensividade opõe-se a distensividade (Greimas; Courtés, 2016, p. 500).

No lexema *tensividade*, sobressaem-se as noções de duração e término de um processo que corresponde à aspectualização. Na semiótica, a aspectualidade não se limita à categoria de tempo, mas estende-se às categorias de pessoa e de espaço, “acolhendo o acento e a graduação, os afetos e a percepção, abrangendo o discurso como um todo, como propõe a semiótica tensiva” (Gomes, 2018, p. 109).

A tensividade configura-se como uma baliza que orienta o fazer semiótico, sob oscilações entre o sistema e o discurso. Ela, no livro *Tensão e significação*, está estruturada sob as valências intensidade e extensidade, que são

os funtivos de uma função que se poderia identificar como a *tonicidade* (tônico/átono), a intensidade à maneira da ‘energia’, que a torna a percepção mais viva ou menos viva, e a extensidade à maneira das ‘morfologias quantitativas’ do mundo sensível, que guiam ou condicionam o fluxo de atenção do sujeito da percepção (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 19, grifo dos autores).

Para Fontanille e Zilberberg, o gradiente designa “o modo contínuo das grandezas consideradas”, profundidade, “a orientação na perspectiva de um

observador (que focaliza ou apreende)” e a valência, “uma profundidade correlata a uma outra profundidade” (*Ibidem*, p. 20).

Mesmo sumária a apresentação de algumas questões que envolvem a tensividade, os autores avaliam: “o primeiro esboço mostra bem que aquém do quadrado semiótico, ou seja, aquém da categoria estabilizada e discretizada, as valências e suas correlações desenham o espaço teórico [...]” (*Ibidem*, p. 22). A tensividade subjaz à estrutura do quadrado semiótico como elemento imanente à percepção do sujeito observador e às condições de produção e de interpretação do sentido dos textos.

Em relação à forma como os valores se corporificam e circulam nos discursos, esses dois semioticistas preceituam que “os universos axiológicos devem obedecer previamente a certas condições de composição e homogeneidade, e os valores, por mais desejáveis que sejam, só podem ser procurados e só podem circular sob certas condições de extensidade e intensidade” (*Ibidem*, p. 23). Assim, as valências coocorrem na apreensão do valor e são consideradas liames tensivos e categorias que unem um núcleo e seus periféricos. O núcleo exerce “potência de atração” sobre os periféricos, a partir da qual se estrutura o valor, que “depende tanto da intensidade, do aspecto ou do tempo de circulação desses objetos como dos conteúdos semânticos e axiológicos que fazem deles ‘objetos de valor’” (*Ibidem*, p. 16).

A valência, no latim *valentia*, significa vigor, boa saúde; em Semiótica consiste nos gradientes de intensidade e de extensidade, cada um tendo uma zona forte ou tônica e uma zona fraca ou átona. Fontanille e Zilberberg enfatizam que “na medida em que as valências são graduais e da ordem da tonicidade, sua correlação é, por definição, tensiva” (*Ibidem*, p. 22). Os autores propõem dois regimes para a tensividade:

a) o de **exclusão**, que tem o operador da *triagem* e “leva à confrontação contensiva do *exclusivo* e do *excluído* e, para as culturas e as semióticas que são dirigidas por esse regime, à confrontação do ‘puro’ e do ‘impuro’” (*Ibidem*, p. 29);

b) o de **participação**, que tem como operador a mistura, produzindo “a confrontação distensiva do *igual* e do *desigual*: no caso da igualdade, as grandezas são intercambiáveis, enquanto no da desigualdade, as grandezas se opõem como ‘superior’ e ‘inferior’” (*Ibidem*, p. 29).

A triagem e a mistura são operadores da extensidade. A primeira homologa-se pela disjunção (relação ou... ou) e a segunda, pela conjunção (relação e... e). Os operadores variam conforme a tonicidade: “a triagem fica menos ou mais drástica e a mistura, menos ou mais homogênea” (*Ibidem*, p. 33). Vejamos a seguir o desdobramento da quantidade nesses operadores, de acordo com Fontanille e Zilberberg.

Quadro 7 - Variação da triagem e da mistura conforme a tonicidade

	Triagem	Mistura
Tônica	<i>Unidade/nulidade</i>	<i>Universalidade</i>
Átona	<i>Totalidade</i>	<i>Diversidade</i>

Fonte: Fontanille e Zilberberg (2001, p. 33).

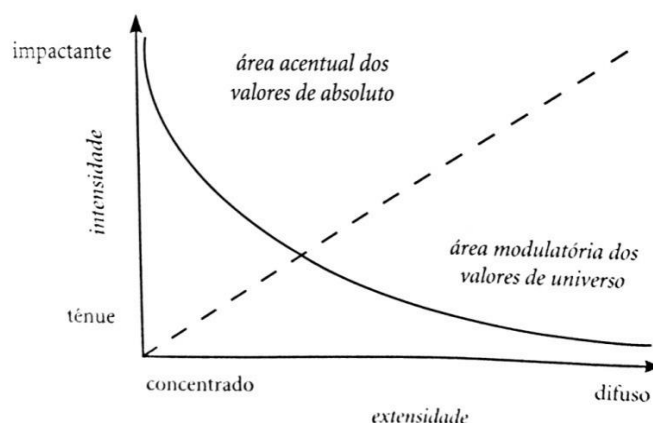
Para os dois semioticistas, o regime tensivo pode passar de um para o outro, de uma valência para outra: na triagem, “o excesso permite ir de ‘tudo’ a ‘qualquer coisa’, ‘até mesmo a ‘nada’”; na mistura,

o excesso permite [...] passar da ‘diversidade’ à ‘universalidade’; o acento se desloca da diferença [...] para a semelhança (a igualdade); a falta, que restabelece a ‘diversidade’ em detrimento da universalidade, entra em ação assim que decai o fervor das confraternizações entusiastas (*Ibidem*, p. 33, grifo dos autores).

Os autores acrescentam que “o ‘ápice’ não suporta a duração” (*Ibidem*, p. 34). Assim, os objetos e os sujeitos não podem ser concebidos como entidades totalmente acabadas, mas em processo. A triagem e a mistura, assim como a intensidade e a extensidade, estão em contínua relação como grandezas semióticas intercambiantes das formas de presença, dos sistemas de valores, colocando em jogo não somente o aspecto inteligível (a extensidade), mas o sensível (a intensidade) como base que orienta a significação nos textos.

Tatit (2019a, p. 100) destaca que há incidência de aumentos e diminuições na triagem e na mistura “em direções opostas: [mais triagem / menos mistura] ou [mais mistura / menos triagem]” e enfatiza que “toda triagem está sujeita às ações da mistura e que toda mistura, em algum momento, será submetida à triagem”. O autor apresenta o quadro tensivo das duas últimas décadas de estudo da Semiótica e afirma que o valor tensivo de uma grandeza é formado no cruzamento da alta velocidade com a extensidade concentrada. Vejamos o gráfico das áreas tensivas.

Figura 3 - Áreas tensivas



Fonte: Tatit (2019a, p. 100).

A linha pontilhada divide o campo de presença em duas áreas: na superior, situam-se os valores de absoluto e na inferior, os do universo. Aqueles pertencem à intensidade e estes, à extensidade. A relação entre os pares /impactante/ vs /tênue/ na dimensão da intensidade e /concentrado/ vs /difuso/ na extensidade controla a entrada das grandezas no campo de presença.

Quando uma força afetiva impactante adentra o campo de presença, ela provoca uma irrupção no campo, no espaço de tensividade, e tensiona um grau elevado na dimensão da intensidade. Em correlação, essa força aciona, na dimensão da extensidade, os funtivos dos operadores de triagem ou de mistura, pois ambas as dimensões (intensidade e extensidade) são interdefiníveis e complementares, sendo que a primeira rege a segunda.

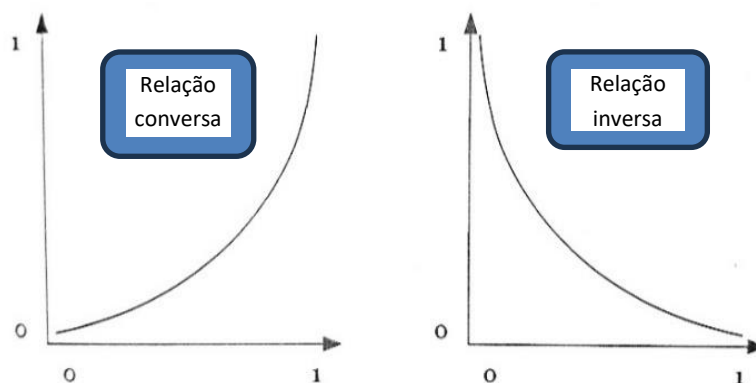
Aplicando a lógica tensiva da área dos acentos de acordo com o gráfico acima, obtemos as seguintes relações de proporcionalidade:

a) quanto mais tônica e impactante for a força afetiva (no eixo da intensidade), mais concentrado será o espaço da percepção (no eixo da extensidade);

b) quanto mais átona e tênue for a força afetiva (no eixo da intensidade), mais difuso será o espaço da percepção (no eixo da extensidade).

Quando a intensidade cresce proporcionalmente à extensidade, ocorre a correlação conversiva e, quando a intensidade aumenta e a extensidade diminui ou vice-versa, há a correlação inversa. Vejamos a demonstração gráfica seguinte.

Figura 4 - Gráfico da correlação conversas e inversa

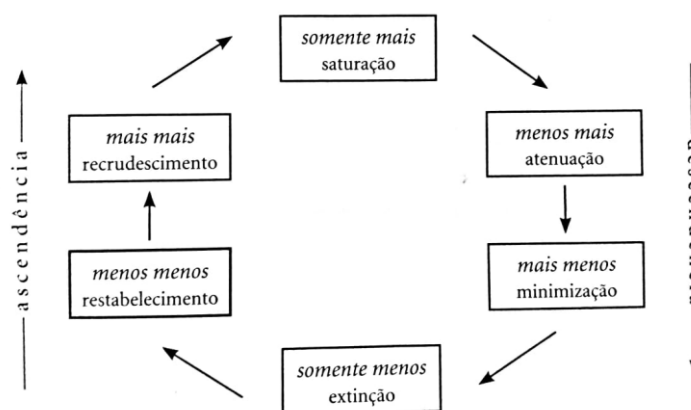


Fonte: Zilberberg (2011, p. 93).

Os gráficos acima mostram a compatibilidade ou a proporcionalidade entre as dimensões e as subdimensões tensivas, o que confirma as oscilações tensivas das grandezas. Na correlação conversas, as forças tensivas tendem a variar numa mesma direção: “*menos pede sempre menos, mais pede sempre mais*” e, na correlação inversa, “*mais pede menos, menos pede mais*” (Fontanille; Zilberberg, 2011(2001), p. 26). O sentido é produzido em tensão, sob a dimensão de um *continuum* de discursividade. O objeto de análise “passa então a ser avaliado pelo seu modo de presença no espaço tensivo, isto é, pelos valores adquiridos no cruzamento das dimensões e subdimensões definidas como intensidade e extensidade” (Tatit, 2020, p. 8).

Fundamentado em Zilberberg, Tatit (2019a, p. 109) organiza o quadro das direções tensivas, que avaliam “as orientações de conteúdo e suas resultantes progressivas ou degressivas”.

Figura 5 - Direções tensivas



Fonte: Tatit (2019a, p. 109).

Citando Zilberberg, Tatit (2020, p. 10) destaca que as “sílabas tensivas” ou os “incrementos” *mais* e *menos* mostram como as direções de ascendência e descendência entram no espaço tensivo, “indicando o seu grau relativo de tonicidade e andamento, bem como o seu grau de abrangência num dado universo de sentido”.

A intensidade está graduada conforme as combinações desses incrementos. Consoante Zilberberg (2011, p. 75), o ponto de vista do discurso dirigido para o *mais mais* projeta-se em superioridade e para o *mais menos*, em inferioridade. No quadro, as direções das cifras correspondem respectivamente ao recrudescimento e à minimização. Assim,

a realização da descendência surge como *condição* que comanda a realização da ascendência, sob um duplo aspecto: o restabelecimento se exerce *contanto que* a atenuação aconteça, do mesmo modo como o recrudescimento ocorre se a minimização se cumprir (*Ibidem*, p. 62, grifos do autor).

As direções estão articuladas de forma que, para haver alteração na ascendente, também deverá ocorrer na descendente, o que comprova que as oscilações tensivas mantêm um equilíbrio conforme o nível de correspondência entre elas. O restabelecimento “pede” a atenuação; o recrudescimento, a minimização e vice-versa. Um texto cifrado por “somente menos” constitui-se de uma atonia absoluta, uma vez que as grandezas se encontram no nível de extinção. Entretanto, um texto cifrado por “somente mais” constitui-se de uma intensidade em nível de plenitude, uma saturação.

O *mais* e o *menos* são, no plano de conteúdo, cifras que subjazem à existência de acento e de direção da tensividade. No nível tensivo, o texto-enunciado passa a ser visto como um evento cujo sentido é construído, entre outras formas, na relação que as cifras tensivas remetem à estratégia de textualização utilizada pelo enunciador. Essa estratégia pode apontar um efeito de presença no *continuum* da produção e da interpretação dos textos-enunciados. Vejamos a seguir como a presença se incorpora aos estudos da Semiótica e como o sujeito adentra o campo de presença, que é o “terreno” da tensividade.

### 2.3 OS MODOS DE PRESENÇA

A presença, em semiótica, abrange o domínio do “campo de presença”, tributado a Merleau-Ponty. Para este filósofo, a relação presença-ausência é uma

grandeza que torna sensível o sentido. A fenomenologia, na perspectiva de Merleau-Ponty, percebe o homem na relação com mundo, atribuindo àquele a capacidade de significar um objeto a partir de sua percepção, pois esta é considerada como uma forma de sentir o objeto, não o concebendo como uma entidade significada sob a dimensão exclusiva da consciência ou da inteligibilidade, mas pela relação entre o sensível e o inteligível.

Merleau-Ponty faz parte de um grupo de filósofos que tem por fundamento a concepção existencialista e, entre outras postulações, tenta romper a dicotomia entre sujeito e objeto que reina nos estudos da Filosofia nos anos 1950. Conforme Merleau-Ponty (1999, p. 18), “a aquisição mais importante da fenomenologia foi sem dúvida ter unido o extremo subjetivismo ao extremo objetivismo em sua noção do mundo ou da racionalidade”.

Comentando a impossibilidade de o empirismo extremo explicar toda a experiência humana, Merleau-Ponty assegura que

O sujeito que percebe deixa de ser um sujeito pensante ‘acósmico’, e a ação, o sentimento e a vontade devem ser explorados como maneiras originais de pôr um objeto, já que ‘um objeto parece atraente ou repulsivo antes de parecer negro ou azul, circular ou quadrado’ (*Ibidem*, p. 50, grifos do autor).

Assim, no sentido, já se inscreve uma percepção do sujeito como um olhar primeiro do sentido a partir de uma certa intencionalidade<sup>37</sup> afetiva, pois a percepção já é uma forma de linguagem. Então, objeto percebido é objeto significado, sendo apreendido a partir da experiência do sujeito, não movido exclusivamente pelo pensamento, mas pela dimensão da percepção afetiva, sensível do sujeito.

De acordo com Fontanille e Zilberberg (2001, p. 123), a Semiótica se interessa pelo viés de uma presença operada em “termos dêiticos”, o que corresponde não somente a um presente linguístico, mas, sobretudo, ao fato de que, “para a própria

---

<sup>37</sup> A semiótica concebe que a intencionalidade não necessariamente tem relação com a intenção. Esta, introduzida pelo conceito de comunicação, pressupõe uma motivação para a prática de determinado ato. Greimas e Courtés criticam essa noção, porque a “comunicação é então encarada, ao mesmo tempo, como um ato voluntário – o que certamente ela nem sempre é – e como um ato consciente – o que depende de uma concepção psicológica, demasiadamente simplista, do homem” (Greimas; Courtés, 2016, p. 267). Aquela é “uma ‘visada do mundo’, como uma relação orientada, transitiva, graças à qual o sujeito constrói o mundo enquanto objeto ao mesmo tempo em que constrói a si próprio” (*Ibidem*, p. 168). A intencionalidade, “mesmo não se identificando nem com o (conceito) de motivação nem com o de finalidade, os subsume [...]” (*Ibidem*, p. 267). Estes dicionaristas semioticistas aproximam o conceito de intencionalidade ao de competência modal.

fenomenologia, a presença é o primeiro modo de existência da significação, cuja plenitude estaria sempre por ser conquistada”.

No Dicionário de Semiótica, Greimas e Courtés (2016, p. 195) definem a presença como “o estar aí”, “uma determinação atribuída a uma grandeza, que a transforma em objeto de saber do sujeito cognitivo”. Por conseguinte, a presença está atrelada à “noção de existência semiótica”, que coexiste na oposição entre presença e ausência. Essa oposição, assinalam os autores, se inscreve numa relação de pressuposição mútua: a) na cadeia sintagmática, encontra-se o “termo presente” (*in praesentia*), que remete “a uma existência ausente dos outros termos constitutivos do paradigma”; b) no plano paradigmático, assenta-se “a existência virtual” (*in absentia*). Enquanto a presença é da ordem sintagmática e “corresponde a uma ‘existência atual’”, a ausência é da ordem paradigmática e “corresponde a uma existência virtual” (*Ibidem*, p. 195).

Além da existência virtual e atual, os autores apresentam o modo de existência realizado, que equivale ao processo da “manifestação discursiva”. A imanência é pressuponente da manifestação, e esta corresponde à “presentificação da forma na substância”, pressupondo, “como condição, a semiose (ou o ato semiótico) que conjunge a forma da expressão e a do conteúdo [...]” (*Ibidem*, p. 299).

A presença, como vimos, remete à percepção do sujeito. Consoante Greimas e Courtés (*Ibidem*, p. 195), “um sujeito semiótico não existe enquanto sujeito senão na medida em que se lhe pode reconhecer pelo menos uma determinação, ou seja, que ele está em relação com um objeto-valor qualquer”, assim como “um objeto [...] só o é enquanto esteja em relação com um sujeito, enquanto é ‘visado’ por um sujeito. É a junção que é a condição necessária tanto à existência do sujeito quanto à dos objetos”. A percepção é, portanto, um vetor que aciona a existência do sujeito e do objeto semióticos, e daquela decorre uma orientação discursiva para o campo de presença.

Em Semiótica das Paixões, Fontanille e Greimas destacam que

Na sequência das tentativas que precedem para instalar e conceitualizar um nível anterior ao das estruturas elementares da significação, é tentador reservar o papel de ‘sujeito potencializado’ ao sujeito tensivo que aparece no espaço da foria. Esse ‘quase-sujeito’ é bem da ordem do potencial, suscetível ao mesmo tempo de ser convertido em sujeito virtualizado/atualizado por dupla-somação e de ser convocado diretamente por ocasião da colocação em discurso



para a realização do sujeito discursivo apaixonado (Fontanille; Greimas, 1993, p. 53, grifo dos autores).

Além da presença virtualizada, atualizada e realizada, Greimas e Fontanille apresentam a potencializada, que corresponde a um “quase sujeito”, um sujeito ainda no espaço da memória, porque “o sujeito da busca, antes de receber o querer e o dever, é instaurado quando descobre a existência de um sistema de valores e que essa instauração prévia faria dele um sujeito potencializado” (*Ibidem*, p. 53). Em outros termos, a existência de um sujeito plenificado pressupõe que compreende o sistema de valores. O sujeito potencializado “resulta de uma negação do sujeito atualizado e é pressuposto pelo sujeito realizado” (*Ibidem*, p. 53).

Fontanille e Zilberberg (2001, p. 125) propõem a presença sob um esquema tensivo, segundo os quais ela é “o domínio espaço-temporal em que se exerce a percepção, e, por outro, as entradas, as estadas, as saídas e os retornos que, ao mesmo tempo, a ele devem seu valor e lhe dão corpo”. O campo de presença resulta das relações entre o sujeito e o objeto, e estes formam o centro dêitico.

A entrada no campo de presença pode ser acentuada e assim conjungir a existência em presença, ou seja, todo conteúdo acentuado (tônico ou átono) denuncia uma entrada em determinado campo de significação, o que faz mudar o estatuto da existência para a presença.

Zilberberg preceitua que, no campo de presença, se movimentam e circulam as grandezas que

vão e vêm, retornando por vezes; em outras palavras, por uma operação de triagem, elas são extraídas de uma dada classe, em parte razoável, em parte sensata, para então serem introduzidas numa outra classe mediante uma operação de mistura, ora bem-sucedida, ora incongruente – tanto é verdade, aparentemente, que para o discurso a questão não é conhecer a essência imutável das coisas, e sim estabelecer, para uma determinada grandeza, projetada pelas circunstâncias no centro do campo de presença, a lista daquelas que não o são (Zilberberg, 2011, p. 122).

As grandezas que adentram o campo de presença se constituem em contraste com as que por lá não circulam ou com as que ainda não se fazem presentes. Esse movimento se trata de uma forma de perceber as grandezas no domínio das operações. A presença relaciona-se a grandezas e entre estas se destacam os valores visados nos objetos.

Concomitante à existência axiológica, conforme assinalam Greimas e Courtés (2016) (valores virtuais, atualizados, descritivos, modais, de uso, de base), também são, conforme Fontanille e Zilberberg, homologados valores tensivos, que são:

a) “valores de universo”, que “supõem a predominância da valência da abertura sobre a do fechamento e a predominância da valência da mistura sobre a da triagem” (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 53);

b) “valores de absoluto”, que “supõem a predominância da valência do fechamento sobre a da abertura e a predominância da valência da triagem sobre a da mistura” (*Ibidem*, p. 53).

Os valores de universo referem-se à dimensão estésica da abertura e da mistura, e os valores de absoluto, ao fechamento e à triagem. Nessa relação, conjugam-se as dimensões da intensidade e da extensidade; naquelas, estruturam-se as representações do sensível, do afetivo e nesta, as representações do cognitivo, do inteligível.

Aos modos de presença, de acordo com Zilberberg (2011, p. 123), está relacionada a temporalidade como elemento da sintaxe tensiva. Para este semioticista, é comum considerar o tempo e o espaço “acoplados”; entretanto, “a relação que se tem de estabelecer entre o tempo e o aspecto é problemática”.

Considerando as peculiaridades das práticas e dos usos do tempo, a temporalidade, no espaço tensivo, pode ser caracterizada assim:

i) é uma dimensão da extensidade; ii) o andamento dirige a temporalidade segundo uma correlação inversa, isto é, a rapidez abrevia e concentra, ao passo que a lentidão alonga e distribui; iii) em andamento constante, uniforme, a temporalidade e a espacialidade estão em correlação conversa entre si, donde a frequência das transposições que levam, conforme o caso, quer à temporalização do espaço, quer à espacialização do tempo (*Ibidem*, p. 124).

A temporalidade tensiva, em *Tensão e Significação* (2001), é uma categoria da extensidade e compreende a duração, que pode ser breve ou longa. O andamento contínuo, que é subdimensão da intensidade, faz com que a temporalidade e a espacialidade estejam diretamente proporcionais. Nesse jogo tensivo entre a intensidade e a extensidade, a temporalidade e a espacialidade ocorrem, no espaço tensivo, em co-constituição, como estruturas da subdimensão da extensidade, assim como o andamento e a tonicidade, que são subdimensões da intensidade. Consoante Tatit,

Para a semiótica, o interesse do andamento está, em primeiro lugar, na sua capacidade de conduzir a temporalidade como um todo fazendo dela uma duração mais concentrada, a partir da aceleração, ou mais difusa, a partir da desaceleração. Trata-se de uma relação complexa entre duas dimensões do próprio tempo: a rapidez ou a lentidão do andamento produzem respectivamente as durações breve ou longa como resultantes temporais (Tatit, 2019a, p. 14).

O andamento, de certo modo, rege a temporalidade das relações entre as grandezas. Por exemplo, se a intensidade de determinada grandeza for tônica, o tempo será breve e, se a intensidade da grandeza for átona, o tempo será longo.

A presença, em Semiótica, “não pode ser senão relacional e tensiva, e deve compreender-se como ‘uma presença de  $x$  a  $y$ ’” (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 129). O eu semiótico é “um ‘eu’ sensível, afetado, muitas vezes atônito, quer dizer, comovido pelos êxtases que o assaltam, um ‘eu’ mais oscilatório do que identitário”. Ele “habita um espaço tensivo”, em que “a intensidade e a profundidade estão associadas” (*Ibidem*, p. 129).

A presença em discurso, segundo Fontanille (2015, p. 271), é administrada pela práxis enunciativa. Para esse semioticista, “significar é um ato; discorrer; um conjunto de atos, um feixe e um emaranhado de operações dos quais a enunciação só assume aquilo que concerne à presença, seja à presença do enunciado, seja à presença da instância de discurso”.

Em *Síntese da gramática tensiva*, Zilberberg chamou de dimensão os eixos da intensidade e da extensidade, e a valência foi definida como a interseção entre uma subdimensão (andamento, tonicidade, espacialidade e temporalidade) e um forema (elã, posição e direção). Segundo o autor, “A direção e a posição são pressupostas e o elã, pressuposto [...], os pressupostos mantêm a dependência em relação a seu pressuposto” (Zilberberg, 2011, p. 73).

Na seção seguinte, trataremos da relação entre os modos de presença e a práxis enunciativa, conforme destacam Greimas, Bertrand, Fontanille e Zilberberg.

## 2.4 A PRÁXIS ENUNCIATIVA

Bertrand (2003, p. 85) concebe a práxis enunciativa como “uma força regente de uso”, comandada pelo “exercício do discurso”. Ela está imbricada com o ato de enunciação. Para o autor,

Compreende-se que a enunciação individual não pode ser vista como independente do imenso corpo das enunciações coletivas que a precederam e que a tornam possível. A sedimentação das estruturas significantes, resultante da história, determina todo ato de linguagem. Há sentido 'já-dado', depositado na memória cultural, arquivado na língua e significações lexicais, fixado nos esquemas discursivos, controlado pelas codificações dos gêneros e das formas de expressão que o enunciador, no momento do exercício individual da fala, convoca, atualiza, reitera, repete ou, ao contrário, revoga, recusa, renova e transforma (*Ibidem*, p. 87).

O texto-enunciado reúne sentidos que acionam fórmulas estereotípicas inscritas na língua, no léxico, na história, e o enunciador atualiza-as no ato de enunciação. Este ato remete-se a outras enunciações, individuais e/ou coletivas, que compõem, sob a forma de contexto sócio-histórico, o próprio texto-enunciado.

A enunciação, conforme Bertrand, insere-se numa relação em que estão em jogo a língua, inscrita na história, e os esquemas discursivos. O sentido já-dito e inscrito na cultura, na história, na língua e a enunciação individual, pertencente a um conjunto de outras enunciações, dão um efeito de *continuum* ao discurso. Já Fontanille destaca a *práxis* enunciativa como um além-texto e reconhece a enunciação particular no jogo das enunciações realizadas, concomitantes ou prospectivas, incluindo tanto as estereotípias como as inovações.

Uma questão diferencial entre a imanência na Semiótica Discursiva e a imanência na ótica da *práxis* enunciativa se assenta na distensão da temporalidade própria do texto-enunciado, ou melhor, o texto-enunciado possuindo uma organização temporal que está diretamente ligada à efetivação das práticas. Nesse sentido, Fontanille destaca que

A *práxis* enunciativa rejeitou então os limites da textualidade: cada enunciação particular encontra-se em perspectiva na profundidade temporal de enunciações concomitantes, anteriores e até mesmo posteriores. Tanto as estereotípias como as inovações, tanto as menções retrospectivas como as menções prospectivas, todos esses movimentos da *práxis* enunciativa distendem a temporalidade própria ao texto e fazem-na participar de um regime temporal que pertence a outro plano de imanência: aquele, precisamente, das práticas (Fontanille, 2017a, p. 987).

A *práxis* enunciativa possui estatuto dinâmico, pois convoca tanto valores estabilizados, estereotípias, formulações cristalizadas na língua, quanto inovações, ressemantizações de formas e de estruturas, e esse movimento implica uma tensão

entre a construção de uma estabilização e uma desestabilização de formas, estruturas e discursos. Conforme Fiorin (2017, p. 998), “[...] a práxis enunciativa se caracteriza também, e sobretudo, por sua contribuição às inflexões e reconfigurações dos primitivos culturais”.

Bertrand (2016), no artigo, *Énonciation: cheville ouvrière ou point aveugle d’une théorie du sens?*, destaca a enunciação como mola sob a qual emerge o “dizer do sensível”, configurando uma “relação indissociável entre corpo e linguagem”. A enunciação, segundo o autor, ao mesmo tempo que é mola também é ponto cego, porque dá margem tanto a uma tentativa de objetivação quanto de subjetivação discursiva. Ele desdobra a enunciação nos níveis do percurso gerativo da significação, situando determinadas instâncias enunciativas nesses patamares, conforme veremos no quadro que segue.

Quadro 8 – Percurso gerativo da enunciação

GERATIVIDADE DA ENUNCIÇÃO			
E N U N C I A Ç Ã O	TEXTUALIZAÇÃO	Ponto de vista Perspectiva  ↑ Foco  ↑	Nível discursivo
	OPERAÇÕES ENUNCIATIVAS Debreagem / Embreagem INSTÂNCIAS Atualizadas / Virtualizadas		Nível semionarrativo
	PRÁXIS ENUNCIATIVA Uso: convocação / revogação		Nível profundo

Fonte: Bertrand (2016, p. 431).

Bertrand homologa o percurso gerativo da significação, matriz teórica da semiótica greimasiana, a um modelo gerativo da enunciação. Neste, a enunciação advém de um nível profundo, que consiste na práxis enunciativa, passa pelas operações enunciativas e pelas instâncias de virtualização e atualização, que

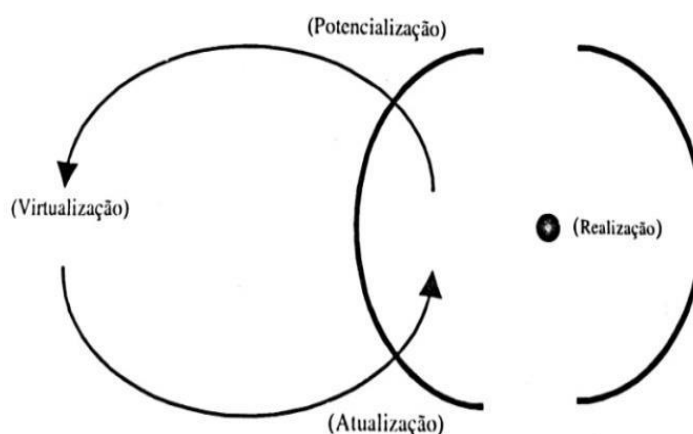
correspondem ao nível semionarrativo, e chega à textualização, que equivale ao nível discursivo. A enunciação, para o autor, é uma instância na qual se presentificam não somente o nível discursivo, mas também os níveis fundamental e semionarrativo. Todos os níveis encontram-se interrelacionados.

A práxis enunciativa, de acordo com Fontanille (2017a, p. 987), “[...] implica assim cadeias de operações, organizadas no tempo coletivo, e uma capacidade de criação e de renovação na produção das figuras do sentido, sob a coerção de condições culturais”. Para o autor, “a práxis enunciativa faz explodir os limites da imanência temporal do texto propriamente dito”<sup>38</sup> (*Idem*, 2008a, p. 80). Ela tem origem na cultura, e duas operações se interrelacionam na práxis, conforme Fontanille e Zilberberg:

a) “operações intensivas”, que se referem à sintaxe intensiva da práxis, sobre as quais incidem as tensões entre as modalizações existenciais. Os modos de existência se articulam e se desenvolvem entre a presença e a ausência, bem como entre a mudança de um modo de existência para outro.

Para demonstrar a natureza da práxis enunciativa como movimento de articulação entre os modos de existência, os dois semiotistas apresentam o seguinte esquema:

Figura 6 - Modos de existência da práxis enunciativa



Fonte: Fontanille e Zilberberg (2001, p. 185).

Os modos de existência remetem aos modos de presença, operados numa relação contínua. O modo atualizado pressupõe o virtualizado; o realizado, o

<sup>38</sup> No original: “[...] la praxis énonciative fait exploser les limites de l'imanence temporelle du texte proprement dit.” (Fontanille, 2008a, p. 80).

atualizado; o virtualizado, o potencializado. Esse movimento constitui a dinâmica da práxis enunciativa e é por meio desta que o discurso atualiza o sistema.

b) “operações extensivas”, que funcionam sobre a extensão e a quantidade e “referem-se tanto à percepção dos estados de coisas (unitários, parciais, holísticos) quanto à enunciação, pois que a debreagem é, em si própria, pluralizante, e a embreagem, homogeneizante” (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 187).

Consoante os dois autores, a práxis enunciativa possui duas operações típicas: a) a amplificação e a atenuação - na relação conversa; b) a somação e a resolução (ou o desdobramento) – na relação inversa (*Ibidem*, p. 179).

A amplificação e a somação relacionam-se a um crescimento da intensidade, e a atenuação e a resolução, a uma contensão da intensidade. Essas operações potencializam a práxis enunciativa em esquemas tensivos, ou melhor, a práxis enunciativa, no esquema dos modos de existência, atualiza o sistema, restabelece formas já sedimentadas e realizadas (estereótipos, praxemas) e pontencializa o sistema por meio do uso, podendo também modificar ou instituir outras práticas, diante das tensões que engendram a dinâmica constitutiva desses modos e mediante as relações estabelecidas entre o sistema e o discurso.

Fontanille (2015, p. 272) destaca que a práxis enunciativa:

- a) “não é a origem primeira do discurso”;
- b) “o sistema não pode ser considerado como a origem do discurso” e
- c) ela “é interativa”.

A práxis enunciativa é decorrente de uma experiência semiótica que não se encontra num estado de coisa descontínuo, mas se fundamenta na ordem do *continuum*, tanto do evento quanto do acontecimento. Isso não quer dizer que a práxis enunciativa não se submeta a coerções da própria instância do ato enunciativo, considerando o sistema, a cultura, as relações sociais, a história e outros elementos que a integram.

Como a práxis organiza o discurso numa dimensão cíclica ao reintegrar ao uso formas significantes esquematizadas, abordaremos a seguir como os estereótipos fazem parte do processo da práxis enunciativa e como são convocados para atualizar o discurso.

Os estereótipos pertencem ao universo da cultura, fixam-se na língua, no imaginário social e se estruturam como valores que são alimentados e

retroalimentados na comunicação. Eles circulam nos enunciados a partir das figuras e temas no nível do conteúdo e se inscrevem em formações discursivas que remetem ao universo ideológico e cultural do sujeito enunciador.

Bertrand e Fontanille concebem a práxis enunciativa num *continuum* de enunciações que não podem estar desvinculadas das enunciações coletivas, “enunciações concomitantes, anteriores e até mesmo posteriores”. Assim “o já está aí”, que faz parte da memória cultural e que já está inscrito e arquivado na língua, pode inscrever a estereotipia nos discursos.

O enunciador pode, por meio dos temas e figuras, compor e organizar, como estratégia enunciativa, uma identidade do objeto, apoiada em dizeres e em imagens construídas socialmente, uma vez que a enunciação individual não escapa da relação com a cultura e com outras enunciações que atualizam os usos discursivos, retomando-os ou ressignificando-os na práxis enunciativa.

Os estereótipos fazem parte do corpo que sedimenta as estruturas significantes, resultantes “da história” e do uso da linguagem.

Para Bertrand,

A fala, ‘idealizada como livre, [...] se fixa e se cristaliza no uso, dando origem, por redundâncias e amálgamas sucessivos, a configurações discursivas e estereótipos lexicais que podem ser interpretados como tantas outras formas de socialização’ da linguagem. (Bertrand, 2003, p. 88, grifo do autor).

Em outros termos, o uso de estereótipos marca uma relação do enunciador com a formação discursiva<sup>39</sup> a que este se filia, diante da recorrência dos atos de discurso para semiotizar determinado objeto e projetá-lo em determinada práxis enunciativa. Esses usos não são exclusivamente da esfera individual, mas tomam corpo nas enunciações coletivas, fixando-se e circulando no imaginário cultural como um *continuum* de significações. Consoante Nascimento (2004, p. 196), o imaginário cultural “é um arquivo de linguagens de determinada cultura, figuras e percursos recorrentes”.

Os estereótipos também são considerados elementos que se atualizam na instância da enunciação. Fontanille e Greimas relacionam a enunciação à práxis enunciativa. Para os autores, a enunciação é

---

<sup>39</sup> Usamos a noção de formações discursivas conforme apresenta Fiorin (2006, p. 32).



uma verdadeira práxis, lugar de vai e vem entre as estruturas convocáveis e estruturas integráveis, instância que concilia dialeticamente a geração – pela convocação dos universos semióticos – e a gênese – pela integração dos produtos da História (Fontanille; Greimas, 1993, p. 13).

Eles se inscrevem na história como produto significativo generalizável e pertencem aos universais semióticos. Esse vai e vem da práxis refere-se ao próprio movimento da práxis, situado entre o que é estabilizado e o que é emergente no discurso. Os estereótipos, como grandeza generalizável, pertencem ao imaginário cultural conforme Nascimento (2004) e são atualizados na/pela práxis enunciativa.

Fontanille e Greimas assinalam que a práxis opera a mudança de acordo com o uso, pois

[...] os particularismos culturais integram-se ao nível semionarrativo graças ao uso: o discurso social constitui-se não apenas por convocação dos universais, mas também por uma espécie de retorno do discurso sobre si mesmo, que produz configurações prontas, estereotipadas, e os estereótipos assim obtidos são remetidos ao nível semionarrativo para aí figurar como *primitivos*, tão organizados e sistemáticos como os universais (Fontanille; Greimas, 1993, p. 80, grifo dos autores).

Assim os estereótipos, no plano do conteúdo, convertem-se em *primitivos* para circular no nível semionarrativo e, também, constituir objeto da própria operação discursiva – que vai e vem – no processo de semiotização da cultura. Com efeito,

os ‘primitivos’ assim obtidos apresentam-se como taxinomias que, subjacentes às configurações convocadas nos discursos, aí funcionam de algum modo como conotações, distintas das denotações que resultam da convocação dos universais. Nesse sentido, a práxis enunciativa concilia um processo gerativo e um processo genético e associa no discurso os produtos de uma articulação atemporal da significação e os da história (*Ibidem*, p. 80, grifo dos autores).

Os estereótipos funcionam na práxis enunciativa como figuras lexemáticas (signo) que se atualizam no uso. Eles são convocados pela práxis e figurativizam um objeto. No discurso, os temas recobertos por figuras, de certa forma, remetem à posição e à voz do enunciador. Os estereótipos, como formas fixas construídas sócio-historicamente, incorporam-se à língua como elemento generalizável e que podem ser convocados pelo discurso por uma operação da práxis. Eles compõem o imaginário de uma cultura (Nascimento, 2004).

Em Semiótica Discursiva, as formas cristalizadas, como os estereótipos e as fraseologias, figuram como “universais” ou “primitivos” e compõem a dimensão axiológica do discurso. Quando convocados pela práxis enunciativa, os estereótipos mudam da condição de primitivo para objeto do nível semionarrativo e depois se convertem ao nível discursivo. Para Fiorin (1992, p. 62), os estereótipos são “figuras e temas tornados lugares-comuns numa dada cultura”, e eles circulam no imaginário social.

Como salienta Fontanille, a práxis enunciativa contempla as estereotípias e as inovações, bem como as enunciações individuais e as concomitantes. Em virtude dessa configuração, Fontanille propõe a extensão do princípio da imanência, que era circunscrito às relações internas do próprio texto-enunciado, e projeta a imanência em outros níveis pertinência de análise semiótica, conforme veremos a seguir.

## 2.5 A IMANÊNCIA E A PERTINÊNCIA DA ANÁLISE SEMIÓTICA

Greimas e Courtés (2016) concebem a imanência como princípio constitutivo de toda semiose, logo da própria função semiótica, que traz à luz o sentido do mundo, emergente da relação entre o plano da expressão do signo, logo dos textos. A semiótica discursiva tem suas raízes fincadas no pensamento de Saussure e, conseqüentemente, no pensamento de Hjelmslev. Este último fez esta formulação: “sendo forma (ou a língua no sentido saussuriano), o objeto da linguística, qualquer recurso aos fatos extralinguísticos deve ser excluído por ser prejudicial à homogeneidade da descrição” (Hjelmslev *apud* Greimas; Cortés, 2016, p. 255).

A noção de imanência também constitui um dos termos do par dicotômico imanência *versus* manifestação, se atribuirmos àquele o conceito de ser, e a este, o conceito de parecer. Assim foi sugerido no quadrado semiótico das modalidades veridictórias.

A imanência, nos postulados greimasianos, é o princípio que garante a organização interna dos textos-enunciados. Assim acontece, mas não desconsiderando as relações intertextuais e interdiscursivas imbricadas na produção e na interpretação do texto-enunciado. Sobre o princípio da imanência, Fontanille acentua que

complementando o princípio de imanência, traça-se, então, uma hipótese forte e produtiva, segundo a qual a própria práxis semiótica (a enunciação 'em ato') desenvolve uma atividade de esquematização, uma 'metasemiótica interna' sempre em construção, por meio da qual podemos 'compreender' o sentido. A análise deve ajustar-se ao *modus operandi* da produção do objeto significante, encontrar e 'unir' suas direções e articulações, para poder reconstituir a estrutura e explicitá-la numa metalinguagem<sup>40</sup> (Fontanille, 2008a, p. 13, grifos do autor).

A análise semiótica, de acordo com o autor, deve abarcar o modo de produção e de apreensão do objeto sem ultrapassar o princípio da imanência. O autor assim reafirma o que preconizava o estatuto inicial da semiótica greimasiana. Ele realça que tal princípio não prevê que a imanência não possa alargar-se. Ela pode efetivamente alargar-se justamente para contemplar todos os elementos significantes que podem incorporar-se ao objeto, tido como um dos componentes da prática.

Sob a perspectiva de a imanência poder ampliar-se, Hjelmslev (2006, p. 132) já afirma, no final dos *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*, que "não há objeto algum que não possa ser esclarecido a partir da posição-chave que a teoria da linguagem ocupa. A estrutura semiótica se revela como um ponto de vista a partir do qual todos os objetos científicos podem ser examinados". Assim, mesmo tendo como ponto de partida a imanência, "atribuindo-se por um único objetivo a constância, o sistema e a função interna" (*Ibidem*, p. 132), o autor destaca que, "em vez de impedir a transcendência, a imanência, pelo contrário, deu-lhe uma base nova e mais sólida. A imanência e a transcendência juntam-se numa unidade superior baseada na imanência" (*Ibidem*, p. 133).

Para contemplar objetos postos sob análise, Hjelmslev reconhece que a linguística deve considerar "não apenas o sistema linguístico em seu esquema e seu uso, em sua totalidade assim como em seus detalhes, mas também o homem e a sociedade humana presentes na linguagem" (*Ibidem*, p. 133). Assim a linguagem é concebida a partir de uma perspectiva mais ampla e integradora.

Não contrariando a lógica estrutural, Fontanille (2005b) apresenta a imanência mediante uma visada mais abrangente. Para isso integra-a ao conjunto de elementos

---

<sup>40</sup> No original: "En complément du principe d'immanence, se profile donc une hypothèse forte et productive, selon laquelle la praxis sémiotique (l'énonciation 'en acte') développe elle-même une activité de schématisation<sup>1</sup>, une 'méta-sémiotique interne'<sup>2</sup> toujours en construction, à travers laquelle nous pouvons 'saisir' le sens. L'analyse est supposée s'ajuster au le *modus operandi* de la production de l'objet signifiant, en retrouver et 'épouser' les directions et les articulations, de manière à pouvoir en reconstituer la structure et l'explicitier dans un métalangage" (Fontanille, 2008a, p. 13, grifos do autor).

que concorrem para o processo de significação. Essa perspectiva constitui um novo olhar para o fenômeno semiótico, uma vez que o autor propõe investigar para além da relação sígnica formada pela função que reúne expressão e conteúdo no texto enunciado, as condições de produção e de criação da materialidade do texto-enunciado, entendida a materialidade como a relação com o suporte, que é material, mas é antes de tudo formal. A materialidade é salientada sobretudo pela natureza da semiose em ato. Desse modo, sem ser avessa à imanência semiótica, deparamos com os seis níveis de pertinência da prática, sendo o texto-enunciado somente uma parte do processo da produção.

A dimensão alargada da imanência e a instituição dos níveis de pertinência, conforme propôs Fontanille, fundamenta-se na noção vinculada à função integrativa do signo, tal como formulada por Émile Benveniste. Segundo o linguista,

um signo é materialmente função dos seus elementos constitutivos, mas o único meio de definir esses elementos como constitutivos consiste em identificá-los no interior de uma unidade determinada onde preenchem uma função integrativa. Uma unidade será reconhecida como distintiva num determinado nível se puder identificar-se como 'parte integrante' da unidade de nível superior, da qual se torna o integrante (Benveniste, 1995, p. 133, grifo do autor).

A preocupação em construir um modelo teórico que pudesse integrar a situação semiótica<sup>41</sup> ao conjunto dos elementos da cadeia significativa consiste em conceber o objeto semiótico numa perspectiva mais alargada, sem comprometer, contudo, a epistemologia imanente da Semiótica Discursiva. Com essa concepção, novos objetos e novas situações passam a ser incorporados à prática do analista.

A partir da incorporação do pensamento de Benveniste, fica compreensível uma prática semiótica, cuja significação ultrapassa os limites do texto-enunciado. Passamos a entender que a significação advém da organização e da integração de um conjunto englobante, formado por elementos condizentes à determinada situação semiótica. Conforme Fontanille (2008a, p. 21), “uma situação semiótica é uma configuração heterogênea que reúne todos os elementos necessários à produção e à

---

<sup>41</sup> A situação semiótica incorporada ao modelo de Fontanille tem relação com a proposta de Erik Landowski (1989, p. 189-99; 2004, p. 15-37), que apresenta uma semiotização do contexto. O contexto é tomado não como um elemento exterior ao texto ou ao universo extralinguístico, mas ele está integrado à prática semiótica. Assim a situação semiótica apresenta um ponto de vista mais amplo e abarca todos os elementos pertinentes ao objeto analisado.

interpretação da significação de uma interação comunicativa”<sup>42</sup>. Já Landowski ([1989] 1992, p. 147) admite que “de fato, trata-se, desde o início, de uma concepção de ‘contexto’: nem antes, nem depois, mas no próprio âmago da linguagem”. Em outros termos, ele propõe “a ‘semiotização’ do contexto, ou, melhor, da elaboração de uma semiótica das situações” (*Ibidem*, p. 150).

Mesmo antes da proposta de Fontanille - a significação sendo apreendida na geração conjunta de diferentes níveis da produção do sentido -, a semiótica já contava com um modelo teórico-metodológico, organizado em níveis de análise. tal modelo era representado pelo percurso gerativo da significação, desenvolvido por Greimas. Nesse modelo, a análise se volta principalmente para a apreensão do plano do conteúdo dos textos-enunciados.

Fontanille estrutura, num primeiro momento, um modelo em que constam planos de imanência e níveis de pertinência. Assim ele o faz para descrever e explicar práticas semióticas das culturas. Ele chama tal modelo de percurso gerativo da expressão. O autor ressalta que

[...] no que concerne aos níveis de pertinência do plano de expressão, nada ainda hoje está suficientemente claro. Supõe-se que seja necessário buscar apoio, inicialmente, nos modos do sensível, no aparecimento do fenômeno e em sua esquematização em formas semióticas, mas isso ainda não é o bastante para definir os níveis de análise e, mais precisamente, a hierarquia das semióticas-objeto constitutivas de uma cultura (Fontanille, 2005b, p. 16).

Mesmo sendo um esquema preliminar, Fontanille aí já se preocupa em propor níveis que se articulam e se integram uns aos outros, de forma sequenciada e hierarquizada. Para o autor, o percurso de integração fundamenta-se num “princípio constante: a esquematização”, pois,

em cada nível, o princípio da pertinência distingue uma instância formal-estrutural de uma instância material-sensível; assim, cada nível [N+1] integra a instância material-sensível do nível [N] ao seu próprio princípio de pertinência<sup>43</sup> (*Idem*, 2008a, p. 35).

---

<sup>42</sup> No original: “Une situation sémiotique est une configuration hétérogène qui rassemble tous les éléments nécessaires à la production et à l’interprétation de la signification d’une interaction communicative” (Fontanille, 2008b, p. 25).

<sup>43</sup> No original: “[...] à chaque niveau, le principe de pertinence distingue une instance formelle-structurelle et une instance matérielle-sensible; ainsi, chaque niveau [N + 1] intègre l’instance matérielle-sensible du niveau [N] à son propre principe de pertinence” (Fontanille, 2008a, p. 35).

O autor reconhece a contribuição dos estudos semióticos concernentes à dimensão plástica dos textos, tal como ocorreu na década de 1970, com Jean-Marie Floch. Segundo Fontanille, Floch analisa o plano de expressão dos objetos “em seus aspectos sensíveis e nas formas e valores que ali se desenhavam, independentemente de qualquer preocupação icônica e, principalmente, do valor representativo dessas formas”<sup>44</sup> (*Idem*, 2005a, p. 2). Ainda segundo Fontanille, esse olhar para o objeto semiótico possibilitou ao analista

interessar-se pelo formato, pelos espaços de inscrição e pelos espaços simulados, pelo material e pela textura da impressão e seu suporte, pela gestualidade da inscrição e, mais geralmente, pelo *modus operandi* da impressão, incluindo as condições de fixação, de apresentação, de distribuição e de leitura das imagens, na medida em que essas condições também carregam valores e influenciam a construção visual da imagem em si<sup>45</sup> (*Ibidem*, p. 2, grifos do autor).

Fontanille traz para a análise a situação semiótica e atribui a ela o estatuto de pertinência que integra o todo de sentido, do qual o texto-enunciado remete aos fundamentos da teoria semiótica. A situação sempre foi considerada como constitutiva do nível discursivo dos textos. Mas, com Fontanille, a situação adquire refinamentos, pois ela entra como um dos actantes, o meio-ambiente, que compõe a prática semiótica. Os níveis de pertinência<sup>46</sup> da prática semiótica estão esquematizados conforme a figura a seguir.

---

<sup>44</sup> No original: “[...] à ses aspects sensibles, et aux formes et valeurs qui s’y dessinaient, indépendamment de toute préoccupation iconique, et surtout de la valeur représentative de ces formes” (*Id*, 2005a, p. 2).

<sup>45</sup> No original: “[...] s’intéresser au format, aux espaces d’inscription et aux espaces simulés, à la matière et à la texture de l’empreinte et de son support, à la gestualité de l’inscription, et plus généralement au *modus operandi* de l’empreinte, voire aux conditions d’accrochage, de présentation, de diffusion et de lecture des images, dans la mesure où elles portent elles aussi des valeurs, et influent sur la construction visuelle de l’image elle-même” (*Ibid*, p. 2).

<sup>46</sup> Como faremos um breve percurso histórico dos modelos dos níveis de pertinência propostos por Fontanille, convém destacar que, inicialmente, o semioticista chamou esse modelo de Percurso Gerativo da Expressão por alusão ao Percurso Gerativo da Significação, já que este estabelece patamares de análise. O termo “expressão” gerou certa confusão, pois suscitava para alguns autores uma relação só com o significante ou somente a um dos vértices da função semiótica. Sobre tal denominação, Portela (2008, p. 98) salienta que não se trata da “expressão em sentido restrito, identificada geralmente à manifestação material de um fenômeno, mas a expressão da manifestação semiótica, baseada na experiência de um sujeito senciante”. Em “Formes de Vie” (2015), Fontanille reafirma a mudança realizada no modelo em 2008, passando a designá-lo “percurso gerativo da imanência”, para evitar relacionar a expressão a um dos fustivos da função semiótica conforme Hjelmslev. A imanência assim abrangeria por completo a função semiótica, que é composta necessariamente tanto pelo plano de expressão quanto pelo plano de conteúdo.

Figura 7 - Relações entre as instâncias da cena predicativa da prática

Tipo de experiência	Instâncias formais	Instâncias materiais
Figuratividade	Signos ↓	Propriedades sensíveis e materiais das figuras
Interpretação	Textos enunciados ↓	Propriedades sensíveis e materiais dos textos
Corporeidade	Objetos ↓	Propriedades sensíveis e materiais dos objetos
Prática	Cenas predicativas ↓	Propriedades sensíveis e materiais das práticas
Conjuntura	Estratégia ↓	Propriedades sensíveis e materiais das estratégias
<i>Ethos</i> e comportamento	Forma de vida ↓	Propriedades sensíveis e materiais das formas de vida

Fonte: Fontanille (2005b, p. 36).

Essa estrutura, chamada por Fontanille inicialmente de percurso gerativo do plano de expressão, demonstra a dimensão mais alargada da imanência. Assim acontece, pois a semiose passa a abranger domínios da análise semiótica não considerados na semiótica de raiz. Importa que os níveis se integram entre si de modo organizado, e que cada um corresponde a um tipo de experiência.

A integração do percurso é feita em movimento ascendente, que vai do signo (unidade inferior) em direção às formas de vida (unidade superior máxima das instâncias formais), ou descendente, que vai das formas de vida em direção ao signo. O primeiro movimento (integração progressiva) dá-se da seguinte forma: a) os textos-enunciados integram os signos; b) os objetos, os textos-enunciados; c) as cenas predicativas, os objetos; d) as estratégias, as cenas predicativas; e) a forma de vida, a estratégia. A forma de vida acaba por englobar todos os níveis.

Já o segundo movimento (integração regressiva) pode ter a seguinte manifestação: “uma prática pode manifestar uma estratégia ou uma forma de vida, um texto pode manifestar uma prática bem como os outros níveis mais superiores, e um signo pode, no limite, manifestar toda uma forma de vida”<sup>47</sup> (Fontanille, 2008a, p. 59). Outro movimento também são as síncopes, que “consistem em integrações não

<sup>47</sup> No original: “une pratique peut manifester une stratégie ou une forme de vie, un texte peut manifester une pratique, ainsi que les autres niveaux supérieurs, et un signe peut, à la limite, manifester toute une forme de vie” (Fontanille, 2008a, p. 59).

progressivas, que ‘saltam’ um ou mais níveis, em uma direção ou em outra”<sup>48</sup> (*Ibidem*, p. 59).

Em 2008, Fontanille faz algumas alterações no quadro apresentado em 2005: subdivide a interface dos textos-enunciados, dos objetos, das cenas práticas e das estratégias e especifica a dimensão formal e material de cada uma dessas instâncias.

Quadro 9 - Níveis de pertinência do percurso gerativo da imanência

Tipo de experiência	Instâncias formais	Interfaces
Figuratividade	Signos ↓	Formantes recorrentes
		Isotopias figurativas da expressão Dispositivo de enunciação/inscrição
Coerência e coesão interpretativas	Textos-enunciados ↓	Suporte formal de inscrição Morfologia práxica
		Cena predicativa Processos de acomodação
Corporeidade	Objetos ↓	Gestão estratégica das práticas Iconização dos comportamentos estratégicos
		Estilos estratégicos
Prática	Cenas práticas ↓	
Conjuntura	Estratégias ↓	
Ethos e comportamento	Formas de vida	

Fonte: Fontanille (2008a, p. 34).

Os níveis de análise semiótica, desde o primeiro modelo, são tomados sob três instâncias semióticas: a experiência, a instância formal e a instância material. No modelo de 2008, os **signos** constituem as “unidades mínimas” da significação e estão correlacionados à experiência figurativa. A partir deles, o analista deve “selecionar, identificar, reconhecer figuras pertinentes, os formantes que as compõem e os traços que as distinguem” (*Ibidem*, p. 19).<sup>49</sup>

O segundo nível, o **texto-enunciado**, compreende uma dimensão “tabular” (impressa) e uma dimensão de superfície (ou volume) da inscrição e/ou a dimensão temporal da inscrição: “essa superfície, esse volume, ou essa substância temporal de inscrição são dotadas de regras sintáticas para a disposição das figuras (uma espécie de ‘rede’ virtual)”<sup>50</sup>. Essas dimensões são acrescentadas na passagem do nível

<sup>48</sup> No original: “elles consistent en intégrations non progressives, qui ‘sautent’ un ou plusieurs niveaux, dans un sens ou dans l’autre” (Fontanille, 2008a, p. 59).

<sup>49</sup> No original: “[...] de sélectionner, identifier, reconnaître des figures pertinentes, des formants qui les composent, et des traits qui les distinguent” (*Ibid*, p. 19).

<sup>50</sup> No original: “[...] cette surface, ce volume, ou cette substance temporelle d’inscription sont dotés de règles syntaxiques pour la disposition des figures (une sorte de ‘grille’ virtuelle)” (Fontanille, 2008a, p. 56, grifo do autor).



inferior (signo) ao nível superior (texto-enunciado), uma vez os signos se organizam em texto-enunciado, e este corresponde à experiência interpretativa.

No nível do texto-enunciado, o sujeito não só percebe a existência dos signos, mas também dá sentido ao que é percebido, e essa operação pressupõe uma capacidade sensível do enunciatário em relação ao objeto, ou melhor, implica uma presença afetada pelo sensível e pela dimensão inteligível do enunciatário para com o objeto apreendido.

Fontanille conceitua texto-enunciado como

um conjunto de figuras semióticas organizadas em um todo homogêneo graças à sua disposição no mesmo suporte ou veículo (uni, bi ou tridimensional): o discurso oral é unidimensional; os textos escritos e as imagens, bidimensionais; e a linguagem de sinais, tridimensional. Globalmente, o texto-enunciado se dá a conhecer, do ponto de vista da expressão, tanto como rede de isotopia e, em razão da organização geral tabular dessa rede, como um dispositivo de inscrição, se se aceitar conceder à 'inscrição' uma vasta extensão<sup>51</sup> (Fontanille, 2008a, p. 20, grifo do autor).

Para o autor, a experiência interpretativa dos textos-enunciados conduz a um plano de imanência que “possui duas faces, uma dupla morfologia” (*Ibidem*, p. 21): uma face formal, que acolhe as signos-figuras do nível inferior e que consiste na face “isotopante”; e uma face substancial, que concerne ao aporte no “suporte-objeto” e que é o “dispositivo de enunciação” ou a inscrição em determinado objeto (*Ibidem*, p. 21).

O texto-enunciado inscreve-se em determinado objeto-suporte, ou seja, este dá corporeidade àquele. Por conseguinte, o objeto-suporte acolhe e registra as realizações da linguagem. De acordo com Fontanille (2005b, p. 19), os objetos são “estruturas materiais, dotadas de uma morfologia, de uma funcionalidade e de uma forma exterior identificável cujo conjunto é destinado a um uso ou a uma prática mais ou menos especializada”.

---

<sup>51</sup> No original: “[...] est un ensemble de figures sémiotiques organisées en un ensemble homogène grâce à leur disposition sur un même support ou véhicule (uni-, bi- ou tridimensionnel): le discours oral est unidimensionnel, les textes écrits et les images, bidimensionnels et la langue des signes, tridimensionnelle. Globalement, le texte-énoncé se donne à saisir, du côté de l'expression, à la fois comme un réseau d'isotopies, et, en raison de l'organisation en général tabulaire de ce réseau, comme un *dispositif d'inscription*, si on accepte d'accorder à 'inscription' une vaste extension” (*Ibid*, p. 20, grifos do autor).

O autor, analisando a afixagem de cartaz, destaca que é necessário levarmos em consideração os suportes, o que suscita uma mudança do ponto de vista semiótico que era centrado somente no texto-enunciado na tradição da semiótica discursiva. O cartaz assim passa a inscrever-se no conjunto significante dos objetos, da mesma forma que cada um dos objetos-suportes “é inseparável do entorno no qual está inserido e que lhe confere eficácia enunciativa e pragmática: a rua, o muro, os corredores, as plataformas de metrô etc.” (Fontanille, 2005b, p. 19). Com efeito, a passagem do texto-enunciado ao objeto-suporte envolve um conjunto da “*situação semiótica* que permite ao cartaz funcionar segundo as regras de seu próprio gênero e regular principalmente sua interação com os percursos e os usos dos espectadores” (*Ibidem*, p. 19).

A morfologia dos objetos possui, de acordo com Fontanille, duas faces:

- de um lado (lado 1), uma *forma sintagmática local* (a superfície do volume da inscrição), suscetível a receber inscrições significativas (como suporte dos “textos-enunciados”), e
- de outro (lado 2) uma *substância material*, que lhes permite desempenhar um papel actancial ou modal nas práticas, no nível de pertinência superior<sup>52</sup> (*Idem*, 2008a, p. 23).

Mesmo que o objeto possua certa autonomia material e sensível, ele funciona de forma integrada tanto com o nível de pertinência inferior quanto com o nível superior (*Idem*, 2008a).

No texto *Du support matériel au support formel*, publicado em 2005, Fontanille analisa o estatuto semiótico do suporte. Para esse semioticista, o suporte se apresenta ao enunciador-destinador como uma superfície, uma face para a inscrição do texto-enunciado e ao enunciatário-destinatário, como uma superfície para leitura, deciframento ou ação. Em relação a determinados objetos de escrita, Fontanille reconhece haver uma “heterogeneidade irreduzível” e cita os textos eletrônicos, cujo

suporte material é do tipo elétrico, físico, digital e imperceptível enquanto o suporte formal de escrita é visual, eidético e analógico; por consequência, o suporte material de inscrição (o arquivo eletrônico) não apresenta alguma propriedade sensível comum com o texto tal

---

<sup>52</sup> No original: “• d'un côté (face 1), une *forme syntagmatique locale* (la surface du le volume d'inscription), susceptible de recevoir des inscriptions signifiantes (en tant que support des «textes-énoncés»), et • de l'autre (face 2) une *substance matérielle*, qui leur permet de jouer un rôle actantiel ou modal dans les pratiques, au niveau de pertinence supérieur” (*Id*, 2008a, p. 23, grifos do autor).

como pode aparecer no suporte formal da página-tela<sup>53</sup> (Fontanille, 2005a, p. 6).

No mesmo texto, o autor reexamina a distinção entre o suporte material e o suporte formal quando se refere a arquivos digitais. Não justifica, segundo o autor, dizermos que o primeiro corresponde ao arquivo digital e o segundo, à página-tela. A diferença não é muito perceptível, segundo esse estudo. Para Fontanille,

não há, de um lado, um suporte material eletrônico e, de outro, um suporte formal visual, mas sim dois objetos de escrita diferentes e completos. De um lado, temos o modo de existência 'interno' e imperceptível, que inclui tanto um suporte material (físico e eletrônico) quanto um suporte formal (a codificação informática) que gerencia as regras de inscrição e de interpretação dos sinais da pela máquina; de outro lado, o modo de existência 'externo' e perceptível, na interface gráfica, que compreende tanto um suporte material (uma tela e uma tecnologia de inscrição luminosa), quanto um suporte formal (a da 'página-tela'). Entre os dois, não tratamos, portanto, da extração de propriedades pertinentes a um suporte material para formar um suporte imaterial, mas sim de uma tradução semiótica entre dois objetos de escrita de estatuto e de propriedades diferentes<sup>54</sup> (*Ibidem*, p. 8, grifos do autor).

Os objetos semióticos, tal como têm sido contemplados nesse estudo, voltam sua face formal aos textos-enunciados e sua face material, à prática.

O quarto nível de pertinência são as **cenias práticas**. Tais cenias remetem à situação semiótica e possuem duas faces. Uma é a face formal, que se volta para os níveis inferiores, acolhendo o objeto, os textos-enunciados e os signos bem como se refere às temáticas da prática. Outra é a face material, que se destina à acomodação

---

<sup>53</sup> No original: "[...] le support matériel est de type électrique, physique, digital et imperceptible, alors que le support formel de l'écriture est visuel, eidétique et analogique; par conséquent, le support matériel de l'inscription (le fichier électronique) ne présente aucune propriété sensible commune avec le texte tel qu'il peut apparaître sur le support formel de la page-écran" (Fontanille, 2005a, p. 6).

<sup>54</sup> No original: "[...] il n'y a pas d'un côté un support matériel électronique, et de l'autre un support formel visuel, mais bien deux objets d'écriture différents et complets. D'un côté, le mode d'existence 'interne' et imperceptible, qui comporte à la fois un support matériel (physique et électronique) et un support formel (le codage informatique) qui gère les règles d'inscription et d'interprétation des signaux par la machine; de l'autre côté, le mode d'existence 'externe' et perceptible, sur l'interface graphique, qui comporte à la fois un support matériel (un écran, et une technologie d'inscription lumineuse), et un support formel (celui de la 'page-écran'). Entre les deux, nous n'avons donc pas affaire à l'extraction de propriétés pertinentes à partir d'un support matériel, pour former un support immatériel, mais bien à une traduction sémiotique entre deux objets d'écriture de statut et de propriétés différentes" (*Ibid*, p. 8, grifo do autor).

com os “objetivos, as consequências, os outros atores e as outras práticas, ou seja, a forma na qual as estratégias se apoiam”<sup>55</sup> (Fontanille, 2008a, p. 28).

Mas a situação semiótica perpassa todos os níveis referidos. Fontanille, com apoio no pensamento de Landowski, considera duas dimensões da vivência de uma situação semiótica:

(i) a experiência de uma interação com um texto, por meio de seus suportes materiais (a chamada situação dita, em geral e, na falta de algo melhor, de ‘comunicação’), ou com um ou diversos objetos, e que se organiza em torno de uma prática;

(ii) a experiência do ajustamento entre várias interações paralelas, entre várias práticas, complementares ou concorrentes (a situação-conjuntura, reunindo o conjunto das práticas e das circunstâncias pertinentes)<sup>56</sup> (*Ibidem*, p. 25, grifo do autor).

A concepção relativa às dimensões da situação semiótica deu lugar a dois níveis de pertinência: (i) as cenas predicativas e (ii) as estratégias. A prática mantém-se alinhada ao conceito de uma “enunciação em ato”, uma “semiose em ato”, um “significado em ação”. Ela se apresenta vinculada “mais com os processos de construção e de emergência de sentido do que com seus resultados [...]”<sup>57</sup> (*Ibidem* p. 26).

Fontanille (2008a, p. 26) reconhece que as práticas se particularizam por seu caráter externo e estão vinculadas a determinada cena predicativa. Ele explicita que

as práticas se caracterizam pela existência de um núcleo predicativo, uma ‘cena’ que se organiza em torno de um ‘ato’, como na linguística dos anos 1960, falávamos da predicação verbal como ‘pequena cena’<sup>58</sup> (*Ibidem*, p. 26, grifos do autor).

Ainda conforme o mesmo estudo, as cenas predicativas são o centro organizador das práticas. Por meio delas, os atos enunciativos se realizam e são

---

<sup>55</sup> No original: “[...] accommodation avec les objectifs, les conséquences, les autres acteurs et les autres pratiques, c’est-à-dire la forme sur laquelle s’appuieront les stratégies” (Fontanille, 2008a, p. 28).

<sup>56</sup> No original: “(i) soit comme l’expérience d’une interaction avec un texte, via ses supports matériels (c’est la situation dite, en général, et faute de mieux, de ‘communication’), ou avec un ou plusieurs objets, et qui s’organise autour d’une *pratique*; (ii) soit comme l’expérience de l’ajustement entre plusieurs interactions parallèles, entre plusieurs pratiques, complémentaires ou concurrentes (c’est la situation-conjuncture, rassemblant l’ensemble des pratiques et des circonstances pertinentes)” (*Ibid*, p. 25, grifo do autor).

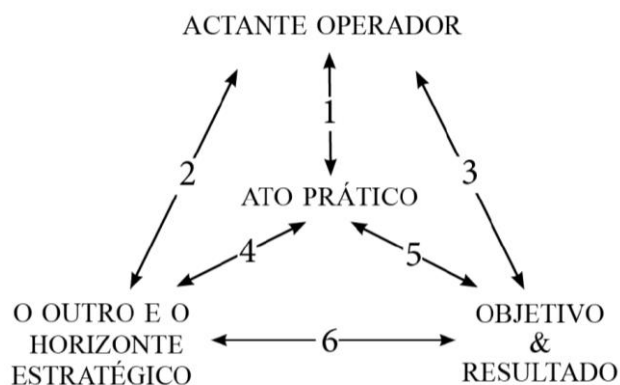
<sup>57</sup> No original: “[...] plus aux processus de construction et d’émergence de la signification qu’à leurs résultats” (*Ibid*, p. 26).

<sup>58</sup> No original: “les pratiques se caractérisent par l’existence d’un noyau *prédicatif*, une ‘scène’ étant alors organisée autour d’un ‘acte’, au sens ou, dans la linguistique des années 1960, on parlait de la prédication verbale comme d’une ‘petite scène’” (*Ibid*, p. 26, grifos do autor).

definidos. Mediante as cenas também se compõe a delimitação daquilo que será de fato analisado. Por sua natureza, as cenas predicativas implicam o desenvolvimento de papéis actanciais, os quais se vinculam aos textos, às imagens, aos objetos-suportes, aos elementos do ambiente etc. Enfim, podemos homologar a cena predicativa à narrativização dos textos práxicos.

Em entrevista intitulada *Semiótica discursiva e ensino: educação como desafio político e social*, publicada em 2021 pela Revista *Acta Semiótica et Lingvistica*, Fontanille, referindo-se ao livro *Pratiques Sémiotiques*, esquematiza a cena prática em quatro instâncias: “no centro, [...] está o predicado organizador, o ‘ato’; e em torno dele, os actantes: (i) operador, o praticante, (ii) o objetivo visado (iii) o Outro no horizonte, sobretudo os outros praticantes, as outras práticas e seus agenciamentos estratégicos” (Fontanille, 2021, p. 151). O autor também apresenta as seis relações possíveis entre essas instâncias, conforme o esquema a seguir.

Figura 8 - Relações entre as instâncias da prática



Fonte: Fontanille (2021, p. 151).

Mediante o esquema, Fontanille propõe, para uma semiótica didática, seis relações assim definidas:

1) entre o operador e a prática, a relação caracteriza-se pelas “competências, os engajamentos axiológicos, as paixões que o didaticista investe em seu ato”. Também a prática didaticista está relacionada “com as ‘artimanhas do ofício’ (...de pedagogo), com a ‘arte de educar’ (...dos pais) e com as aprendizagens prévias para o exercício da didática se situa sobre essa relação (*Ibidem*, p. 152);

2) entre o operador e o horizonte/outro, a relação centra-se na “interação entre o projeto do didaticista e todos os aspectos de seus alunos que não se relacionam,

diretamente, com o ato didático [...], estratégia por meio da qual o didaticista ajusta sua prática a uma ‘formação para a vida’ mais global [...]” (*Ibidem*, p. 152);

3) entre o operador e o objetivo (e os resultados), é almejada “uma relação de eficiência (no sentido do engajamento do operador no sucesso da transformação do aluno), mas também, e sobretudo, uma relação de identidade ou de identificação: o didaticista-educador se reconhece nos conteúdos que transmite [...]” (*Ibidem*, p. 152); essa dimensão contempla o discurso, a prática didática, a análise dos valores, das paixões e dos actantes;

4) entre o ato didático e o horizonte educativo, a relação “é fundamentalmente erística e estratégica”, priorizando o campo das “táticas, truques, incitação, e dos modos de acomodações práticas” (*Ibidem*, p. 152);

5) entre o ato didático e o objetivo/resultado, a relação perfila a eficácia, “que Greimas chamava de *otimização* do discurso didático” e “o grau de normatividade do objetivo: essa norma é forte? fraca? [...]”, observando-se como o ato é “modalizado, aspectualizado, ritmado, acentuado” (*Ibidem*, p. 153);

6) entre o horizonte educativo e o objetivo/resultado, a relação centra-se na natureza política da prática, ensejando a transformação do aluno em cidadão e para determinado tipo de sociedade, entre outras ações perseguidas pelo didaticista.

Essas seis relações podem ser aplicadas a qualquer prática e não somente à didática. Assevera Fontanille que a propriedade relevante de uma prática é ela não ser fechada:

Aberto em ambas as extremidades da cadeia, o curso de ação deve encontrar sua significação no detalhe de suas peripécias, em sua acomodação sintagmática. Uma prática, naturalmente, pode ter um início e um fim, mas esse início e esse fim não participam da significação prática do todo. Um jornal diário não é projetado nem para ser lido na íntegra, nem para ser lido de maneira linear, menos ainda para ser lido com a mesma ‘granularidade’ prática em todas as suas partes (Fontanille, 2019a, p. 251, grifo do autor).

A abertura das práticas potencializa a sintagmática delas para o curso da ação, para acolher outras práticas ou concorrer com estas.

O quinto nível, as **estratégias**, é “aquele em que as práticas são agenciadas entre si para formar conjuntos e encadeamentos mais ou menos controlados ou controláveis” (Fontanille, 2021, p. 156). Nesse nível somos remetidos ao “saber-fazer” e ao “saber-ser” dos actantes envolvidos. Esse é o nível que aciona uma experiência

vinculada à conjuntura, que traz à luz a situação semiótica por inteiro. Nesse nível, ainda, o objetivo perseguido pela é concretizado.

A estratégia remete a “um princípio de composição sintagmática das práticas entre elas”<sup>59</sup> (*Idem*, 2008a, p. 28). Trata-se do gerenciamento sistemático das práticas de modo a conduzir a cena predicativa à sua eficiência e de modo a alcançar algum resultado. Para o autor, a eficiência “implica a dimensão interpretativa e a integração parcial de um nível estratégico em toda prática” (*Idem*, 2008b, p. 48). O autor completa que a eficiência do ritual está “ligada essencialmente à organização sintagmática, aspectual e rítmica da sequência práxica” (*Idem*, 2008b, p. 48).

As propriedades materiais e sensíveis das estratégias conduzem aos valores do enunciador do discurso que projeta seu fazer levando em conta a imagem que faz de seu enunciatário. É com este que o enunciador estabelece um possível querer fazer parte do jogo estratégico sintagmatizado nas práticas que concorrem para construir os comportamentos estratégicos. Segundo o autor, “a estratégia reúne práticas para fazer delas novos conjuntos significantes, mais ou menos previsíveis (de usos sociais, ritos, comportamentos complexos), seja por programação de percursos e seus cruzamentos, seja por ajuste em tempo real”<sup>60</sup> (Fontanille, 2008a, p. 29).

As estratégias delineiam um “horizonte” de valores dominantes na prática e promovem um “estilo” estratégico, conforme a iconização de determinados comportamentos (*Idem*, 2019a). Trata-se da face substancial que está dirigida ao nível superior: as formas de vida. Para ilustrar a relação de uma estratégia com determinadas práticas, o autor apresenta o seguinte exemplo:

Se assumirmos, por exemplo, que o desenvolvimento de uma noite em família segue uma estratégia implícita, então, devemos observar como e em nome de que as diferentes práticas nas quais os membros da família se engajam são hierarquizadas, ordenadas e ajustadas umas às outras. Por exemplo, a identificação de uma prática dominante (a refeição, a conversa, a televisão, a leitura de revistas etc.), ou seja, aquela que imprime ritmo e coordena todas as outras, é frequentemente a chave que permite compreender o estilo estratégico da família e, por consequência, como o uso de meios de comunicação se enquadra nele (Fontanille, 2019a, p. 252).

---

<sup>59</sup> No original: “La stratégie est en somme un principe de composition syntagmatique des pratiques entre elles” (Fontanille, 2008a, p. 28).

<sup>60</sup> No original: “La *stratégie* rassemble des pratiques pour en faire de nouveaux ensembles signifiants, plus ou moins prévisibles (des usages sociaux, des rites, des comportements complexes), que ce soit par programmation des parcours et de leurs intersections, ou par ajustement en temps réel” (*Ibid*, p. 28, grifo do autor).

No exemplo, observamos que há várias práticas e que uma rege e contrai as outras - a prática central -, por meio da qual as demais se articulam e, com a principal, formam uma conjuntura.

O sexto nível, as **formas de vidas**, compõe “os estilos estratégicos coerentes, recorrentes, relativamente independentes das situações temáticas, e suficientemente potentes para influenciar todas as práticas e todas as manifestações semióticas de um grupo ou de um tipo social e cultural” (*Ibidem*, p. 252).

Tomando o exemplo de Jean Marie-Floch, que analisou as diferentes atitudes adotadas por usuários de metrô de Paris quando estabeleciam seus itinerários, Fontanille conclui que

[...] os estilos estratégicos participam das formas de vida, que subsumem as próprias estratégias, liberam as constantes de uma identidade e algumas ‘valências’ a partir das quais os usuários qualificam e valorizam os lugares, os itinerários e suas zonas críticas<sup>61</sup> (Fontanille, 2008a, p. 32).

Os estilos se constituem pela recorrência de determinadas formas de fazer e de dizer, o que orienta a construção da identidade dos usuários. Os estilos práticos conduzem ao *ethos* e ao comportamento tanto dos produtores quanto dos intérpretes conforme a experiência que constitui a dinâmica da cultura.

Considerando as análises que Floch fez dos usuários de metrô, Fontanille define as formas de vida como

[...] a ‘deformação coerente’ obtida pela repetição e pela regularidade do conjunto de soluções estratégicas adotadas para articular as cenas práticas entre elas. Mas, como por integrações sucessivas, o último nível herda todas as formas pertinentes anteriormente esquematizadas, uma forma de vida também incluirá figuras, textos-enunciados, objetos e práticas específicas<sup>62</sup> (*Ibidem*, p. 32, grifo do autor).

---

<sup>61</sup> No original: “[...] ces ‘styles stratégiques’ participent des *formes de vie*, qui subsument les stratégies elles-mêmes, et qui dégagent les constantes d’une identité et de quelques ‘valences’ à partir desquelles les usagers qualifient et valorisent les lieux, les itinéraires et leurs zones critiques” (Fontanille, 2008a, p. 32).

<sup>62</sup> No original: “[...] la ‘déformation cohérente’ obtenue par la répétition et par la régularité de l’ensemble des solutions stratégiques adoptées pour articular les scènes pratiques entre elles. Mais, comme par intégrations successives, le dernier niveau hérite de toutes les formes pertinentes antérieurement schématisées, une *forme de vie* comprendra aussi des figures, des textes-énoncés, des objets et des pratiques spécifiques” (Fontanille, 2008a, p. 32).



Em relação ao princípio de integração, as formas de vida subsumem os níveis inferiores. Portanto, elas produzem “globalmente uma configuração pertinente para a análise das culturas”<sup>63</sup> (Fontanille, 2008a, p. 33). As formas de vida semiotizam a experiência e a vivência dos estilos, dos comportamentos e do *ethos*.

Fontanille (2019a, p. 252) destaca duas propriedades fundamentais das formas de vida: a coerência e a congruência: “uma coerência ‘horizontal’, que sustenta a *persistência do curso de vida*, e uma congruência ‘vertical’ entre os valores, os estilos, as funções, as qualidades sensíveis, os regimes temporais e as paixões”. O autor acentua que as mídias têm o poder de propor novas formas de vida, por meio de certa aceleração do sentido; entretanto, elas podem “degradá-las na mesma velocidade”.

As formas de vida se configuram por meio de movimentos que compreendem a repetição, a continuidade, a parada, os avanços, os recuos, os programas, os contraprogramas etc. Desse modo, elas demonstram o funcionamento da vida em sociedade, com os valores e práticas que tal funcionamento suscita.

As formas de vida condensam um curso de vida e surgem “[...] de uma confrontação com outras formas de vida, anteriores, posteriores ou concomitantes, próximas ou distantes”. Elas se afirmam “na congruência entre sistemas de valores, regimes de sentido, estilos de comportamento etc.” (*Ibidem*, p. 80, 2019b). Assim não podemos dissociar as formas de vida da práxis enunciativa.

O fato de que as formas de vida adquirem sua identidade necessariamente da relação com outras consolida a base estrutural do projeto semiótico greimasiano. Elas “só estruturam nossa relação no mundo por sua capacidade de se opor e de se transformar, e, graças a seus contrastes distintivos, a solicitar nossa escolha” (*Ibidem*, p. 260). Consoante o autor, a contradição e a possibilidade de escolha são essenciais para traçar o sentido da vida, pois este é construído por oposição. Esse postulado remete, de certa forma, às bases epistemológicas da linguística de base saussuriana.

Na entrevista a que nos referimos em páginas anteriores, Fontanille informa que ele e Nicolas Couégnas revisam os níveis de pertinência de análise semiótica em 2018, no ensaio *Terres de sens*. Nessa nova configuração dos níveis, os autores propõem:

---

<sup>63</sup> No original: “[...] globalement une configuration pertinente pour l'analyse des cultures” (*Ibid*, p. 33).

(1) reagrupar os textos e os objetos em uma única categoria mais geral, as das obras (semioses de 'totalização'), (2) fundir as práticas, as estratégias e as formas de vida em uma categoria mais geral, a dos processos (semioses de 'fluxo') e, enfim, (3) acrescentar um terceiro tipo, as existências (semioses existenciais coletivas) (Fontanille, 2021, p. 155).

Aplicando esse reagrupamento dos níveis e o acréscimo do terceiro tipo à semiótica didática, nesse estudo sobre a semiótica didática, Fontanille vincula o chamado terceiro nível, tal qual aparece no estudo feito em coautoria com Couégnas, à própria prática semiótica. Fontanille (2021) destaca então que, de um lado, as obras contemplam os textos-enunciados e os objetos e, de outro, os processos abrangem as práticas, as estratégias e as formas de vida. Os modos de existência coletivos constituem o

universo didático: são as implicações culturais e sociopolíticas das escolhas educativas. Nos perguntamos, por exemplo, se podemos hoje educar e formar a juventude independentemente das mudanças climáticas, das modificações de nossa relação com o meio ambiente e com o planeta inteiro: essa interrogação participa de uma escolha de *modo de existência coletivo* (*Ibidem*, p. 155, grifo do autor).

A partir dessas premissas, os níveis de pertinência são concebidos em contínua redefinição. Eles são organizados e complementados, considerando a própria dinâmica do fazer científico e as conjunções epistemológicas que o modelo suscita e põe-se a colocar em prova. As experiências como semioses existenciais coletivas, de certa forma, pertencem ao próprio funcionamento do discurso e da vida em sociedade.

A relação entre enunciador e enunciatário é instaurada especialmente no jogo dos regimes de crença, “na confrontação entre o que propõe o novo objeto a interpretar e as experiências acumuladas na memória”. Um regime se compõe de uma “[...] promessa (trazida pela forma semiótica) e de uma *aceitação da promessa* (que resulta da confrontação com as impressões da experiência)” (*Idem*, 2019a, p. 255, grifo do autor). Essas experiências têm base coletiva e não um caráter solipsista, uma vez que elas possuem uma perspectiva englobante da prática semiótica.

Após apresentarmos os níveis de pertinência de análise semiótica trazidos por Jacques Fontanille em diferentes desenvolvimentos teóricos, compreendemos que o autor traz uma grande contribuição para a semiótica discursiva, pois apresenta um

olhar mais alargado concernente aos elementos significantes que se imbricam na constituição do sentido de uma prática.

A seguir desenvolveremos a análise do *corpus* da pesquisa nas partes 3 e 4 da tese, e ela tomará como base o modelo de pertinência proposto no livro *Pratiques Sémiotiques* (2008a). Também estará fundamentada nas proposições apresentadas por esse autor no texto *Du support matériel au support formel* (2005). Assim agimos, por considerar que essas obras dão a base necessária à análise da prática interativa.

Na parte 4 da tese, a análise trata do funcionamento da prática da interação digital *on-line*. Ali daremos especial atenção aos discursos subjacentes aos textos-enunciados produzidos pelos grupos do Facebook.

### 3 A INTERAÇÃO EM GRUPOS DO FACEBOOK: ADENSAMENTO E ARTICULAÇÃO DE GESTOS DISCURSIVOS

“A eficiência do discurso não vem então de sua construção linear, mas da maneira como ele gere a competição entre as camadas de profundidade, de competição que só se pode compreender se a instância do discurso for um corpo-actante engajado em curso de ação” (Fontanille, [2011] 2016, p. 72).

O excerto acima, extraído do livro *Corpo e Sentido*, aponta forças concorrentes no discurso e, levando em consideração o objeto de nossa pesquisa, o jogo enunciativo das trocas digitais (de enunciações em ato), temos o pressuposto de que a internet é um corpo-actante (ou objeto-suporte como um dos níveis de pertinência da análise de práticas semióticas), desdobrado em várias camadas, suportes, *sites*, páginas, grupos etc. Como todo discurso em ato, os desvios, as fragmentações, as competições e as combinações são bases constitutivas do corpo em devir, principalmente quando tratamos de discurso na e da internet.

As instabilidades não constituem, *a priori*, grande grau de concessividade desse devir, pois elas, de certa forma, já estão previstas no desdobramento da práxis enunciativa da interação digital *on-line*. O corpo que buscamos se instaura na tensão entre a implicação e a concessão, um corpo como instância da semiotização da interação. Em outros termos, perseguimos o corpo enunciativo dos interactantes da prática interacional no Facebook.

É com esse olhar que este capítulo propõe discutir acerca da prática de interação em grupos do Facebook, contemplando os signos-figuras, as diversas manifestações de textualidade, os objetos-suportes e as cenas práticas. Para tanto, basear-nos-emos nos níveis de pertinência da análise das práticas semióticas propostos por Jacques Fontanille para compreendermos como a situação semiótica abarca o universo de sentido que abrange os signos-figuras, os textos-enunciados, os objetos, as cenas práticas, as estratégias e as formas de vida, níveis estes tomados em patamares independentes, mas integrados.

Daremos mais ênfase neste capítulo ao modo como a prática de interagir compõe-se por meio das experiências da figuratividade, da interpretação, da corporeidade e das cenas práticas, não nos restringindo apenas aos textos-enunciados. Os níveis concernentes às estratégias e às formas de vida serão tratados conforme os entrecruzamentos que eles tiveram com os outros níveis.

Antes de nos atermos às cenas práticas que materializam o interagir nos grupos, vamos identificar como se desenvolvem as relações de integração entre os níveis de pertinência a partir das segmentações e dos encaixamentos sucessivos que projetam um todo coesivo e coerente, sob a perspectiva englobante da prática de interagir no Facebook, especialmente nos grupos. Este capítulo propõe a descrição e o funcionamento dos níveis de pertinência: signos-figuras, textos-enunciados, objeto-suporte e cenas práticas.

### 3.1 A PERSPECTIVA ENGLOBANTE DA INTERAÇÃO E OS NÍVEIS DE PERTINÊNCIA

A interação é considerada prática englobante da interlocução na internet, materializada por meio de signos-figuras, textos-enunciados, objetos, cenas práticas, estratégias e formas de vida, entretanto, nossa análise irá concentrar-se mais nos quatro primeiros níveis como forma de delimitação da prática de interagir, por entendermos que eles, como estão integrados no *corpus*, dão conta de atender aos objetivos da pesquisa.

Interagir é um modo concreto de o homem fazer-se presente no mundo e, considerando nosso objeto de estudo, trata-se de uma prática que sempre busca peculiarmente afetar o outro, visando a uma resposta. Daí o caráter fortemente dialógico da função semiótica. Interagir, no universo digital *on-line*, é gesto realizado como uma prática de produção, de consumo e de circulação de objetos semióticos, num processo contínuo (e fragmentado) cujo sistema organiza os formatos e os modos de interagir conforme as permissões e as coerções da prática.

Por meio da interação, somos capazes de capturar um devir que perfila o fazer dos grupos do Facebook. Por exemplo: o próprio ato de criação de uma conta e de um perfil de um internauta bem como a criação de um grupo ou de uma página nessa plataforma já remetem a fazeres a que o internauta está submetido, e essas coerções são emanadas do objeto-suporte, conforme discutiremos mais adiante.

A prática tem como propriedade principal não ser uma estrutura fechada, seu curso é “aberto em ambas as extremidades da cadeia”, e a significação é construída “no detalhe de suas peripécias, em sua acomodação sintagmática” (Fontanille, 2019a, p. 251). Assim a prática dominante nos grupos é traduzida como fazeres interacionais que congregam as cenas práticas: *postar, curtir, comentar/responder e compartilhar*.

Essas cenas consistem em atos enunciativos e pressupõem uma competência modal do internauta: um saber usar o suporte com acesso à internet, digitar, navegar na internet, entre outras. Mesmo a prática sendo um processo aberto, o objeto-suporte apresenta tanto coerções quanto “liberdades” que orientam a concretização da prática.

Na semiótica, a interação é discutida por vários autores, como Landowski. Para ele, a semiótica deve interrogar o próprio “sentido da vida” e, nesse processo, a interação é um problema a ser enfrentado. Sensível aos modos de “estar no mundo” – o *fazer ser* e o *fazer fazer* -, o autor propõe quatro regimes de sentido e estilos de vida (Landowski, 2009) que se imbricam nas práticas sociais: a programação, a manipulação, o acidente e o ajustamento, sustentados sintaticamente por um *fazer ser* e um *fazer-fazer*. Esses regimes, também chamados de regimes de interação, advêm dos estudos propostos pela sociosemiótica, que tem Landowski como seu maior expoente, e consistem em desdobramentos teórico-metodológicos da semiótica greimasiana.

A interação que analisaremos se enquadra na perspectiva das práticas semióticas e não está diretamente relacionada à teoria da interação de Landowski. Embora elas possam interrelacionar-se, nossa intenção não é desdobrar a teoria narrativa no *corpus* a partir dos regimes de interação, mas, como dissemos, analisar a interação como prática semiótica à luz dos níveis de pertinência.

A complexidade da comunicação humana é traduzida nos textos como também nas práticas semióticas, mesmo sendo um “risco de perder no plano da produção de sentido [...] a segurança no plano programático da interação” (*Ibidem*, p. 17). Mesmo sabendo que a prática de interagir apreendida no *corpus* perfaz um regime de programação, também salientamos que a produção ocorre combinada com a circulação e com a participação do sujeito internauta como uma enunciação em ato, pois o enunciatário se faz presente no curso do processo da prática. A seguir, trataremos da aplicação do modelo de imanência e dos níveis de pertinência semiótica no *corpus*.

### **3.1.1 Os signos-figuras**

O nível elementar na situação semiótica se configura no estatuto figurativo da percepção, formando um conjunto de signos-figuras que sinaliza a relação do homem

com o mundo. Os signos-figuras integram-se aos textos-enunciados e aqueles são a base da experiência figurativa.

No *corpus*, encontramos uma diversidade de signos-figuras em materialidades textuais diferentes, como: verbais, não verbais, visuais, sonoras, sincréticas<sup>64</sup>. Os grupos utilizam imagens fixas e/ou em movimentos, palavras, vídeos, *emojis*<sup>65</sup>, fotos, ícones, links, logomarca. Esses signos-figuras encontram-se organizados, “[...] emergem e se realizam somente na interação” (Fontanille, 2017a, p. 991).

Os signos-figuras verbais e não verbais fazem parte da dinâmica das cenas práticas em virtude da própria práxis enunciativa da interação *on-line*, que convoca o actante sujeito para o preenchimento da página-tela, com signos-figuras para serem utilizados na inscrição dos comentários/respostas e das postagens bem como para a realização das outras cenas práticas. Há signos-figuras que são fixados na página-tela e outros que se movem ou se fazem mover na realização de determinadas cenas.

Embora as postagens sejam em menor quantidade<sup>66</sup>, elas ocupam maior espaço na configuração da página-tela. A partir delas, inicia-se a profusão das curtidas, dos comentários/respostas e dos compartilhamentos. Tudo isso projeta, no sujeito internauta, uma certa sensibilidade para com os arranjos materiais e formais dirigidos à prática interativa.

O fazer sensível da prática pressupõe a intencionalidade do enunciador para atrair o enunciatário para um fazer coletivo. Os grupos são constituídos por actantes individuais (perfil e nome de cada membro dos grupos), entretanto, o que sobressai é o fazer coletivo, movido por ideais e crenças sociais. Esses actantes são os operadores das cenas práticas<sup>67</sup>. Os grupos subsumem um espaço social tendente a ser desejável e atraente, com vistas a tornar-se um ambiente adequado e apropriado à interação.

---

<sup>64</sup> Segundo Teixeira (2004, p. 235), os objetos sincréticos “são aqueles em que o plano da expressão se caracteriza por uma pluralidade de substâncias mobilizadas por uma única enunciação cuja competência de textualizar supõe o domínio de várias linguagens para a formalização de uma outra que as organize num todo de significação”.

<sup>65</sup> O dicionário Cambridge traz o significado de *emojis* como “uma imagem digital que é adicionada a uma mensagem na comunicação eletrônica para expressar uma determinada ideia ou sentimento” (tradução nossa). No original: “a digital image that message in electronic communication in order to express a particular idea or feeling”. (EMOJI. In: Dicionário Cambridge. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/emoji>. Acesso em: 3 mar. 2023).

<sup>66</sup> Na seção 3.2, apresentamos um quadro que mostra a quantidade de realização das cenas práticas.

<sup>67</sup> Cabe ressaltar que o grupo é um actante coletivo, mas cada membro do grupo age em nome desse corpo coletivo quando exerce o papel de actante operador da cena prática.

A organização sógnico-figurativa, conjugada com as outras instâncias formais e materiais dos níveis de pertinência, contribui, assim como os textos-enunciados, para firmar uma identidade do enunciador em interação com o enunciatário mediante as convocações da práxis enunciativa. De acordo com Fontanille,

A identidade do signo não é outra coisa senão a aglomeração social das suas execuções: uma identidade diferencial, sócio-praxeológica, plural e interativa. O signo não é uma entidade naturalmente dada, nem criada para ser retomada e propagada (ou mesmo degradada), é uma 'unidade' que perdura somente em razão da diversidade dos atos que a constituem, produzindo assim séries de variantes que são o único modo de existência em que é possível observá-lo e apreendê-lo, através de suas múltiplas execuções (Fontanille, 2017a, p. 990).

O signo possui um componente social e um componente prático, além de seu caráter diferencial e interativo. Ele é apreendido nos textos-enunciados, nas cenas práticas e em seu movimento de propagação. Na relação entre a convenção e a circulação, o signo ganha sua identidade. Conforme Fontanille, “[...] é também na sua transmissão que o signo se realiza enquanto unidade em curso de variação constante, e como um fator de redistribuição dos valores dos outros signos” (*Ibidem*, p. 991).

No *corpus*, os signos verbais mais representativos são figuras lexicais que aparecem como: grupo, fingem, confuso, tecnologia, idoso, filho, neto, dentadura, Deus, ensaboe (abençoe), vó (avó), Creide (Cleide), Neide, Jesus (Jesus), entre outros, e os não verbais são imagens, cores etc. sob diversos modos de manifestação, como:

a) imagem de idosos usando celulares, com roupas em tons claros e em tons róseos:



Figura 9 - Foto da capa do Grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia



Fonte: Página do Grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia. Disponível em: <https://www.facebook.com/idososconfusos>. Acesso em: 28 out. 2022.

Além dos gestos das idosas, temos a cor, que é um formante plástico do signo visual. A cor, no conjunto do texto-enunciado, traduz um estado de sujeito idoso envolvido com a digitação no celular. Ela constitui um signo que integra a figuratividade do conjunto das isotopias figurativas da expressão dos textos-enunciados cujo funcionamento será descrito na seção 4.2.

Na análise da experiência prática, os signos integram o conjunto expressivo da construção dos valores, sem os quais não podemos reconhecer a pertinência da experiência figurativa.

b) foto em tamanho reduzido da capa do grupo e da página do grupo, foto dos perfis dos administradores, dos moderadores e de alguns membros dos grupos<sup>68</sup>;

<sup>68</sup> Estamos apresentando somente uma amostra dos perfis dos gestores como forma de trazer o modo como funciona a dinâmica de interação nos ambientes ora pesquisados. Os membros do grupo não são livres para *postar* tudo o que desejam, porque gestores “controlam” a qualidade das postagens. Essa coerção advém do próprio formato do objeto-suporte que estabelece diretrizes para os organizadores dos ambientes. Os gestores têm o poder fazer e o dever fazer, mediante as diretrizes emanadas pelo próprio Facebook. Como exemplo desse filtro, apresentamos comentários acerca da avaliação que dois membros do *Grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia* fizeram sobre a performance de um administrador e de um moderador. Vejamos:

Figura 10 - Foto reduzida da capa do grupo e foto dos perfis dos administradores e moderadores do *Grupo onde fingimos idosos e confuso com as tecnologias modernas*




Fonte: *Grupo onde fingimos idosos e confuso com as tecnologias modernas*. Disponível em: <https://web.facebook.com/groups/2356246961301923/members>. Acesso em: 28 out. 2022.


Os gestores dos grupos exercem um certo controle nas postagens e nas permissões de inserção nos grupos, além de gerenciar a participação dos membros.

c) signos-figuras (ícones) disponibilizados na página-tela dos grupos do Facebook:

c<sub>1</sub> - polegar levantado: curtir ;

c<sub>2</sub> - polegar para baixo: descurtir ;

Os signos-figuras c<sub>1</sub> e c<sub>2</sub>, quando selecionados, mudam para a cor azul;

c<sub>3</sub> - seta para a direita indicando movimento circular para cima: compartilhar ;


c<sub>4</sub> - balão em forma de caixa de texto com uma seta para baixo à esquerda: comentar ;

Figura 11 – Avaliação do desempenho de administrador por seguidor da página do *Grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia*



Fonte: Página do *Grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia*. Disponível em: [https://web.facebook.com/idososconfusos/reviews/?ref=page\\_internal](https://web.facebook.com/idososconfusos/reviews/?ref=page_internal). Acesso em: 30 nov. 2022.

c<sub>5</sub> – casa pequena indicando “Página inicial” (🏠); retângulo com um seta à direita no centro e com um traço abaixo do retângulo indicando “Watch” (📺), casinha em bordas brancas e preenchida de azul, que indica o acesso ao Facebook Marketplace (local de comercialização de produtos e serviços) (🛒), círculo com pontos brancos no centro em círculos em torno de círculo menor na parte inferior aos pontos, que indica Grupos (local onde o internauta pode pesquisar grupos no Facebook) (👥); quadrado em forma de G que aciona o link de jogos (Games) (🎮);

c<sub>6</sub> – *emojis* e gifs<sup>69</sup>

c.6.1 Sorridente (*Grinning face*) 😄;

c.6.2 Chorando de rir (*Face with tears of joy*) 😂;

c.6.3 Suando frio ou trabalho pesado (*Downcast face with sweat*) 😓;

c.6.4 Mandando um beijo carinhoso (*Face blowing a kiss*) 😘;

c.6.5 Silêncio | Rosto sem boca (*Face without mouth*) 😬;

c.6.6 Revirando os olhos (*Face with rolling eyes*) 🙄;

c.6.7 Chorando ou lacrimando (*Crying face*) 😭;

c.6.8 Careta (*Grimacing face*) 😬;

c.6.9 Rosto neutro (*Neutral face*) 😐;

c.6.10 Pensativo (*Thinking face*) 🤔;

c.6.11 Abraçando (*Hugging face*) 🤗;

c.6.12 Irritado e frustrado (*Face with steam from nose*) 🤨;

c.6.13 Dormindo (*Sleeping face*) 😴;

c.6.14 Sonolento (*Sleepy face*) 😪;

c.6.15 Olhos de coração (*Smiling face with heart-eyes*) 😍;

c.6.16 Gritando (*Face screaming in fear*) 😱;

---

<sup>69</sup> Os *emojis* têm origem na cultura japonesa e foram criados durante a década de 1990. Eles consistem em figuras que tentam ilustrar emoções humanas. Não são só caracteres especiais, mas passam a representar desenhos mais sofisticados. “O primeiro *emoji* foi criado em 1995 e consistia na imagem de um coração” (PADILHA, 2022, p. 1. Disponível em <https://www.significados.com.br/emojis-emoticons/>. Acesso em: 27 nov. 2022). O GIF, em inglês *Graphics Interchange Format*, é um formato de imagem que “possibilita a compactação de várias cenas, exibindo movimento”. É muito usado em imagens na internet, nas redes sociais, possibilita criar uma resposta ou uma postagem com animação, o que pode deixar o ambiente descontraído e animado. Muitas vezes é utilizado sem qualquer recurso de texto verbal. Os gifs têm como característica ser animado, rápido, universal, eficiente e engraçado, conforme Leocádio (2020, p. 1). (LEOCÁDIO, Rodrigo. O que é gif?. In: **Futura express**, 2020. Disponível em: <https://www.futura-express.com.br/blog/o-que-e-gif/>. Acesso em: 30 nov. 2022).

c.6.17 Sorriso maroto ou malicioso (*Smirking face*) 😏;

c.6.18 Rosto sorridente com olhos sorridentes (*Smiling face with smiling eyes*)



c.6.19 Rosto suplicante (*Pleading face*) 🙏;

c.6.20 Lua cheia com rosto (*Full moon with face*) 🌕 = significado indefinido;

c.6.21 Lua nova com rosto (*New moon with face*) 🌑 = significado indefinido;

c.6.22 Olhos (*Eyes*) 👁️ indica que o internauta está prestando atenção em alguma coisa;

c.6.23 Soco para frente (*Oncoming fist*) 👊 - indica soco na direção de uma pessoa e pode representar cumprimento, gesto popularmente chamado de "soquinho";

c.6.24 Braço musculoso (*Flexed biceps*) 💪 - sinal de força, determinação e resistência;

c.6.25 Dedos cruzados (*Crossed fingers*) 🤞 - desejo de concretização de algo concretize ou desejo de boa sorte para alguém;

c.6.26 Mão tremendo (*Waving hand*) 🙌 - gesto de cumprimento, seja para dizer "olá" ou "tchau";

c.6.27 Indicador levantado (*Index pointing Up*) 📌 - usado para indicar que alguém deseja fazer uma pergunta ou um comentário pontual sobre um assunto. Serve também para destacar a importância de alguma coisa dita anteriormente;

c.6.28 Levantando as mãos (*Raising hands*) 🙌 - representa a celebração de algo, como uma boa notícia muito esperada. Também pode ser usado para expressar a devoção a Deus, como um sinônimo de "aleluia";

c.6.29 Mãos juntas (*Folded hands*) 🙏 - gesto de agradecimento no Japão; no Ocidente simboliza o ato de rezar, orar ou torcer para algo, agradecer ou comemorar.

c.6.30 Pessoa tapando o rosto (*Person facepalming*) 🤦 - expressa o sentimento de descrença, vergonha ou frustração em relação a determinado assunto ou ao comportamento de alguém;

c.6.31 Pessoa se curvando (*Person bowing*) 🙇 - no Japão, representa uma etiqueta conhecido como dogeza, grande respeito e é usado também para indicar um

pedido de desculpas; no Ocidente, pode indicar flexões, uma pessoa deitada recebendo massagens entre outros significados;

c.6.32 Gesticulando um Não (*Person gesturing no*) 🙅 - braços em forma de X: resposta negativa;

c.6.33 Gesticulando um OK (*Person gesturing OK*) 🙆 - indica aprovação de algo;

c.6.33 Erguendo a mão (*Person raising hand*) 🙋 - indica fazer pergunta;

c.6.34 Pessoa com a mão dobrada (*Person tipping hand*) 🙇 - carregar bandeja invisível, indica sarcasmo ou atrevimento;

c.6.35 Encolhendo os ombros (*Shrugging*) 🙄 - indica a indiferença sobre algo ou a falta de conhecimento sobre determinado tema.

Os *emojis* e os *gifs*<sup>70</sup>, por suas características (compactação de cenas, movimentos dinâmicos, animação etc.), expressam forte apelo simbólico. Os *emojis* são signos visuais (na forma de ícone) e constituem uma forma de linguagem pictográfica. Os *gifs* são imagens estáticas ou em movimento que podem conter tanto linguagem verbal quanto não verbal. Os *emojis* assim como os *gifs* são recursos da linguagem digital que favorecem a intensificação da interação *on-line*, pois eles simulam reações e emoções atinentes à presença do sujeito no discurso. Como afirma Lévy (1998, p.15), “vivemos em uma civilização da imagem” e, complementaríamos, também do movimento, das palavras, dos dígitos, dos algoritmos.

A linguagem digital insere-se com grande vigor nas relações de comunicação, de interação. Até pouco tempo, não tínhamos uma rotina de enviar mensagens em aplicativos (bancários ou de E-commerce, por exemplo), em plataformas de redes sociais, de comentar, curtir, compartilhar fotos, vídeos, fazer chamadas por vídeo, ministrar aula em sala no Classroom, realizar serviços cartorários *on-line*, o uso do metaverso, o WhatsApp Marketing etc. Atualmente, todas essas práticas integram nosso cotidiano, o nosso mundo digital, e a linguagem mediada pela tecnologia (computadores, dispositivos móveis etc.) e sustentada pela internet tem impactado mudanças substanciais na sociedade, especialmente na forma de comunicação e de interação entre os sujeitos.

---

<sup>70</sup> Nesta tese, denominaremos os *emojis* e os *gifs* como signos-figuras, tendo por base a experiência da figuratividade dos níveis de *pertinência* da análise semiótica, conforme Fontanille (2008a). Consideramos que eles pertencem à instância formal desse tipo de experiência.

A linguagem digital traz um componente essencial à relação homem-máquina: “as interfaces gráficas e multicoloridas que servem para mediatizar a comunicação com o computador” (Silva, 2006, p. 103)<sup>71</sup>, o que, em termos semióticos, constituem interfaces de linguagem. Essas interfaces são resultado de “instruções necessárias para fazer com que o computador realize tarefas em termos de objetos gráficos, isto é, em termos de janelas, ícones, menus, caixas de diálogo, imagens, entre outros recursos” (*Ibidem*, p. 103).

Todos esses dispositivos gráficos pertencem ao conjunto significativo que integra a corporeidade do objeto-suporte e que estão dispostos para a realização das cenas práticas, conforme podemos verificar nas subseções 3.1.3 e 3.1.4.

Cabe destacarmos que o que aparece visível na página-tela é fruto de uma combinação de linguagens que abrangem várias áreas, como a computação, a informática<sup>72</sup>, as ciências da informação, entre outras. Elas permitem, em menor ou maior grau, por meio de um protocolo (lógico) comum de leitura, fazer com que os usuários tenham acesso à internet e aos recursos dela decorrentes. Mesmo não sendo nosso objetivo primeiro explorar as interrelações entre esses campos do conhecimento, não podemos deixar de reconhecer a importância deles para possibilitar, por exemplo, os avanços dos processos da comunicação/interação.

#### d) Logotipo

O logotipo do Facebook está fixado na parte superior esquerda da foto da capa dos grupos. Ela é a marca da empresa por meio da qual o público conhece os produtos e os serviços que o Facebook “comercializa”. O Facebook é uma plataforma com endereço na web “<https://web.facebook.com/>” e tem seu aplicativo baixado por meio do Play Store<sup>73</sup>.

---

<sup>71</sup> Bento Carlos Dias da Silva é um pesquisador que discute a relação entre o estudo linguístico-computacional e o estudo linguístico-computacional. Para o autor, “Dentre os grandes desafios que essas máquinas lançaram aos seus arquitetos, destaca-se o desafio de se criar meios para tornar a comunicação homem-máquina mais natural e intuitiva [...]” bem como “o desenvolvimento de programas capazes de “compreender”, pelo menos de modo rudimentar, fragmentos da linguagem humana, alternativa cujos reflexos são sentidos até hoje, diante das inúmeras tentativas de se investigar como fazer o computador emular o conhecimento e o desempenho linguísticos humanos [...]” (Silva, 2006, p. 103).

<sup>72</sup> A codificação informática constitui uma das dimensões do modo de existência interno do objeto-suporte (o suporte formal), conforme Fontanille, 2005a. Trataremos do objeto-suporte na subseção 3.1.3.

<sup>73</sup> O Play Store é um aplicativo do Google Play Store, que é a loja oficial dos aplicativos para os smartphones e tablets com sistema operacional Android. Por meio dessa loja, os usuários podem fazer o download e instalar mais de 1,9 milhão de aplicativos, a maioria gratuitos, bem como adquirir músicas,

Figura 12 - Logotipo do Facebook



Fonte: Facebook. Disponível em: <https://web.facebook.com/groups/824328387990988>. Acesso em: 30 out. 2022.

Embora a empresa Facebook pertença ao grupo Meta desde 2021, ainda nos grupos do Facebook não consta a identificação desse novo grupo empresarial dos Estados Unidos (Meta). Mesmo que algumas ferramentas do Facebook tenham sido incrementadas conforme a política do novo grupo, praticamente os serviços continuam os mesmos.

A presença e a incorporação do logotipo pelos grupos contribuem para a formação de uma identidade visual da empresa. Trata-se de um signo visual que representa, além do nome da empresa, também os produtos e os serviços comercializados por ela etc. O logotipo permite não só identificar a empresa, mas também construir uma imagem que a singulariza pelo seu funcionamento, credibilidade e responsabilidade em relação ao conjunto de outras empresas que ofertam os mesmos ou outros produtos e/ou serviços equivalentes. De acordo com Strunck,

A identidade visual é o conjunto de elementos gráficos que irão formalizar a personalidade visual de um nome, ideia, produto ou serviço. Esses elementos agem mais ou menos como as roupas e as formas de as pessoas se comportarem. Devem informar, substancialmente, à primeira vista. Estabelecer com quem os vê um nível ideal de comunicação (Strunck, 2003, p. 57).

O logotipo dispõe de certa propriedade comunicativa e tem cor e estilo que se articulam com a identidade da marca Facebook. O logotipo é um signo gráfico, tem cor azul assim como muitos signos-figuras da plataforma, porque Mark Zuckerberg, cofundador do Facebook e da empresa-mãe Meta Platforms, “é daltônico e não percebe a distinção entre vermelho e verde. Isso significa que o azul é a cor que ele enxerga melhor” (Widrich, 2013, p. 1).

---

revistas, livros, filmes e programas de televisão (MOREIRA, Eduardo. O que é play store e para que serve?. **TargetHD**, 2008. Disponível em: <https://www.targethd.net/>. Acesso em: 8 nov. 2022).

Widrich cita Zuckerberg na notícia e este diz: “azul é a cor mais rica para mim. Eu posso ver tudo em azul”<sup>74</sup>. Assim afirmamos, incorporando, a título de curiosidade, a informação obtida de estudo feito no campo da informática. Não vamos adentrar na questão científica dessa relação, porque não é nosso objetivo na tese, mas sabemos como as cores influenciam os gostos, as decisões, além de a visão ser um dos campos sensíveis mais desenvolvidos no sujeito. Para a semiótica, tal informação entra como apêndice da organização da prática.

Conforme Fontanille,

o logotipo de uma marca obedece formalmente aos mesmos princípios da síncope descendente e de condensação. No entanto, como se trata de um ‘texto’, ou até mesmo de uma simples ‘figura’, essa condensação é produzida por uma síncope de maior amplitude, que produz dessa vez um efeito de *simbolização*: o logotipo manifesta então, sem mediação, tanto uma cena figurativa típica (um texto), uma prática (a missão da marca), quanto uma forma de vida (valores, um estilo estratégico etc.). Da mesma maneira, a eficácia estratégica dessa condensação depende de sua capacidade de produzir uma tensão problemática, que leva a reorganização interpretativa ascendente. A *simbolização* é, portanto, a versão mais radical da condensação, com síncope descendente (Fontanille, 2008b, p. 33, grifos do autor).

O logotipo que identifica o Facebook pode ser tomado como um signo-figura e como um texto-enunciado manifestado visualmente. Ele produz uma síncope descendente, pois, além de condensar uma cena figurativa própria de um texto, esta remete a uma prática responsável pela finalidade da marca (porque qualquer internauta, ao se deparar com o logotipo do Facebook, logo identificará essa empresa pela especificidade e singularidade que tem). Também representa uma forma de vida diante dos valores e estilos que o Facebook<sup>75</sup> condensa.

e) *link*

O *link* é tomado como signo, porque é uma unidade de sentido, dotada da correlação entre os planos da linguagem, expressão e conteúdo. O *link*, como signo na internet, é responsável por conduzir o internauta a algum lugar, a algum endereço.

---

<sup>74</sup> WIDRICH, Leo. Por que o Facebook é azul? **Administradores.com**. 3 de junho de 2013. Disponível em: <https://administradores.com.br/noticias/por-que-o-facebook-e-azul>. Acesso em: 31 out. 2022.

<sup>75</sup> Em tradução literal, Facebook constitui um livro (book) de caras (face). Ele possui muitas ferramentas, entre as quais o mural, que é o espaço da página do perfil do internauta (usuário) onde os amigos podem postar mensagens. Elas são visíveis para quem o proprietário do perfil permitir.



O *link* é um dos recursos da enunciação digital *on-line* que auxilia a comunicação por meio da internet, “em rede e entre redes” (Miranda, 2014, p. 1)<sup>76</sup>. Conforme Miranda, o *link* possui grafias cuja representação mais elementar é, por exemplo, o endereço “<http://www.otimizacao-sites-busca.com>”. Ele também pertence a várias linguagens utilizadas no gerenciamento de dados, nos sistemas de comunicação, nos sistemas operacionais, nos sistemas computacionais etc.<sup>77</sup>.

Ao *link*, em semiótica discursiva, atribui-se uma função dêitica, porque sempre conduz o internauta a um outro espaço dentro ou fora da página-tela ou a outra rede. Essa ideia apoia-se em Fontanille (2005a, p. 14) ao definir o *site* como um corpo operador primeiro de uma referência dêitica. Para esse autor,

um corpo serve de ponto de referência ao mesmo tempo que carrega uma inscrição; essa inscrição e seu suporte portam juntos uma predicação, da qual pelo menos um dos circunstantes, senão um dos actantes, pertence à situação semiótica, e este ou esses actantes são indicados e posicionados, em relação ao corpo-referência, segundo o princípio da referência dêitica: aqui, por último, à direita, em frente, no interior etc. (Fontanille, 2005a, p. 14).<sup>78</sup>

Ora, se o *site* é um corpo-actante que, em sua materialidade, tanto constitui uma referência dêitica quanto transporta e incorpora inscrições, então, o *link*, por conseguinte, que é um signo indicador do endereço do *site*, também possui uma

---

<sup>76</sup> MIRANDA, Ruy. Links: instrumento de comunicação na internet. Otimização de sites.com. Disponível em: Disponível em <http://www.otimizacao-sites-busca.com/links/>. Acesso em: 31 out. 2022.

<sup>77</sup> O *link* pertence a outras linguagens: “nos sistemas de gerenciamento de dados, é [...] ponteiro para outro registro. Você pode Link (conectar) um ou mais registros inserindo links. Em comunicações, link é uma linha ou um canal através do qual os dados são transmitidos. Em alguns sistemas operacionais (Windows, por exemplo), um link é um ponteiro para um arquivo. Links tornam possível fazer referência a um arquivo por várias denominações diferentes e acessar um arquivo sem especificar um caminho completo. Na programação, o link refere-se à execução de um vinculador. Link serve para cola ou cópia de um objeto em um documento de forma que ele retenha sua conexão com o objeto original. Atualizações para o objeto original podem traduzir-se com duplicado por meio da atualização do link. Em programas de planilha, vinculado se refere à capacidade de uma planilha para levar seus dados para células particulares de outra planilha. Dois ou mais ficheiros são vinculados por células comuns, para vincular. Em computação, um hiperlink (ou link) é uma referência a um documento que o leitor pode seguir diretamente, ou que é seguido automaticamente. Os pontos de referência para um documento inteiro ou para um elemento específico dentro de um documento. Hipertexto é um texto com hiperlinks. Tal texto normalmente é exibido com um computador. Um sistema de software para exibição e criação de hipertexto é um sistema de hipertexto. Hiperlink (ou simplesmente vincular) é criar um hiperlink” (INTERNET. **O que é um link**. s.d. Disponível em: <https://sites.google.com/site/sitesrecord/o-que-e-um-link>. Acesso em: 30 jan. 2023).

<sup>78</sup> No original: “[...] un corps sert de point de repère, en même temps qu’il porte une inscription; cette inscription et son support portent ensemble une prédication, dont au moins un des circonstants, sinon un des actants, appartient à la situation sémiotique, et ce ou ces actants sont indiqués et positionnés, par rapport au corps-repère, selon le principe de la référence déictique: ici, derrière, à droite, devant, à l’intérieur, etc.” (Fontanille, 2005a, p. 14).

função dêitica, uma vez que o link identifica o corpo-actante (*site*) no espaço digital *on-line*. Ele é o endereço que conduz o internauta à página-tela do *site*, por meio de um navegador<sup>79</sup> da internet.

O navegador também assume o corpo de actante que possibilita o internauta navegar na internet. Na linguagem computacional, é um software, um programa por meio do qual acessamos textos-enunciados, imagens, vídeos etc. no computador, celular, tablet etc. Um dos navegadores mais utilizados é Chrome<sup>80</sup>.

Miranda (2014) afirma que o *link* é uma ligação entre trechos dentro de uma mesma página, sendo “úteis na didática e na otimização”, e entre páginas. O localizador da página é chamado de URL (*Uniform Resource Locator*)<sup>81</sup>.

---

<sup>79</sup> Em semiótica, podemos homologar o fazer do navegador à função de um actante sujeito que possibilita o internauta conectar página web. Um navegador web (navegador da internet ou simplesmente navegador) é “um aplicativo de software que permite o acesso à World Wide Web. [...] Com um navegador web, você pode *acessar* um site e ir facilmente para outro, da mesma forma que passeia pelas lojas de um shopping, parando naquelas de que gosta antes de seguir para outras (AVAST. **O que é um navegador web**. 2023. Disponível em: <https://www.avast.com/pt-br/c-what-is-a-web-browser>. Acesso em: 5 nov. 2022). Temos como navegadores da web o Mozilla Firefox, Google Chrome, Microsoft Edge, Opera, Apple Safari etc. Eles conduzem o internauta a navegar na internet ao mesmo tempo em que capta informações do “passeio” e de outros ambientes da web, usando o Protocolo de Transferência de Hipertexto. Esse protocolo instrui “como textos, imagens e vídeos são transmitidos na web. Essas informações precisam ser compartilhadas e exibidas num formato consistente, para que as pessoas que usam qualquer navegador, em qualquer lugar do mundo, possam ver as informações. Quando o navegador web pega dados de um servidor conectado à internet, ele usa um tipo de software chamado mecanismo de renderização para traduzir tais dados em texto e imagens. Esses dados estão escritos em Hypertext Markup Language (HTML). Os navegadores web leem esse código para criar o que vemos, ouvimos e experienciamos na internet” (MOZILLA. **O que é um navegador**. Disponível em: <https://www.mozilla.org/pt-BR/firefox/browsers/what-is-a-browser/>. Acesso em: 5 nov. 2022).

<sup>80</sup> O blog Tecblog cita levantamento do StartCounter realizado no período de maio/2021 a maio/2022 sobre os navegadores (browsers) mais utilizados, estando o Chrome em primeiro lugar na lista. O estudo ainda informa que esse navegador tem alto consumo de memória RAM e de bateria do aparelho (TECBLOG. **O que é um browser?** 2021. Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/o-que-e-um-browser/#:~:text=Browser%20%C3%A9%20um%20programa%20que%20nos%20permite%20navegar%20pela%20internet,com%20o%20passar%20dos%20anos>. Acesso em: 2 abr. 2023).

<sup>81</sup> Em português, **Localizador Uniforme de Recursos**. É o endereço eletrônico digitado na “barra de endereço”, para fazer entrar um site na internet ou em uma intranet. Por ex.: A URL do Google é [www.google.com.br](http://www.google.com.br). Uma URL é composta por cinco elementos: 1) *scheme* – protocolo que o servidor web deverá usar para acessar a página: para site o protocolo é *http://*; para blogs, *https://*. O primeiro significa “Hipertransfer Protocol”, e o segundo “Hipertransfer Protocol Secure”; 2) *Subdomain* (subdomínio): Se o site é uma casa e a URL é o endereço, o subdomain é uma casa dos fundos, fica no mesmo terreno, mas tem entrada separada. O Google encara o subdomínio como um site separado, e o subdiretório como uma página do mesmo site. O subdomínio está ligado ao domínio principal. Exemplo de um subdomínio de um blog – “[blog.meusite.com](http://blog.meusite.com) e um subdiretório – [meusite.com/blog](http://meusite.com/blog); 3) *Top-level domain* ou TLD (Domínio de nível superior) – é o nome do site. Ex. Na URL: [www.fiqueirico.com.br](http://www.fiqueirico.com.br), o TLD é “fiqueirico”. Ele é comunica uma mensagem com poucas palavras; 4) *Second-level domain* – Domínio de segundo nível. Mais conhecido como extensão. Ex. “.com.”, “.com.br”, “.edu.”, “.gov” etc.; 5) *Subdirectory* (subdiretório) – representa as páginas internas do site. O domínio “[meusite.com.br/contato](http://meusite.com.br/contato)” representa a página de *contato* dentro de meu site (MORAES, Daniel. **O que é URL e como ela é decisiva para o sucesso de sua estratégia digital**. 20 de dez. de 2018. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/url>. Acesso em: 8 nov. 2022).

O *link*, por convenção, aparece em azul e sublinhado. “Entretanto nós podemos dar ao link cores diferentes, podemos determinar que ele mude de cor quando for clicado, podemos retirar o sublinhado, colocá-lo em itálico, letras cheias etc.” (*Idem*, 2006, p. 1). Ao *link*, atribuímos uma função e um significado que é alcançado no domínio atingido por ele.

Na semiótica das práticas, o signo, como nível de pertinência, não constitui somente uma “coisa”. Ele não só incorpora certas propriedades para a ação, como também, além de ter identidade diferencial, tem uma dimensão praxica e interativa. O signo ganha estatuto assim de figura e é considerado como formante de uma experiência, que é a figuratividade.

### **3.1.2 Os textos-enunciados**

Os textos-enunciados, de acordo com Fontanille (2005b, p. 18), constituem-se de figuras semióticas que organizam “um todo homogêneo” disposto em “um mesmo suporte ou veículo”. Nos textos-enunciados, depreendemos as dimensões sensível e material dos signos bem como exploramos as formas de conteúdo mediante os dispositivos da enunciação, como as axiologias, as condições de enunciabilidades, os papéis actanciais, as isotopias, os percursos temáticos e figurativos, as tensões que mobilizam o dizer do enunciador etc.

A experiência textual no *corpus* que analisaremos se dá de várias formas, entretanto, elegemos os *posts* e os comentários/respostas que estão inscritos na página-tela e que se integram às cenas práticas, o que faz com que a situação semiótica permita funcionar na relação entre textos-enunciados, entre práticas e entre usos próprios previstos na página-tela dos grupos. A página-tela é o suporte formal que possibilita a instauração de vários papéis enunciativos.

As postagens e os respectivos comentários, as curtidas e os registros dos compartilhamentos estão inscritos sobre o objeto-suporte formal, que integra a prática da interação *on-line* nos grupos. Essas cenas práticas podem ser realizadas em objetos-suportes materiais diversos, como computadores, notebook, celulares etc., necessariamente com acesso à internet.

Os textos-enunciados indicam não só a produtividade que os sujeitos têm no processo de construção dos simulacros, mas também, principalmente, em termos dos

níveis de pertinência, sinalizam a inter-relação e a integração entre as experiências práticas figurativa, interpretativa e corpórea. Todo esse conjunto significativo concorre para a construção dos simulacros.

Como enuncia Fontanille (2008b), a análise de uma prática semiótica busca alcançar sua “eficiência ótima” e, para tanto, vamos reconstituir, nos textos-enunciados, como a interação é realizada, com o intuito de verificar o modo de dizer do internauta jovem/não-idoso e como ele axiologiza a figura actorial do idoso. O nível dos textos-enunciados, em consonância com os outros níveis, traz elementos das condições de enunciabilidade que permitem atingir esse nível ótimo da análise.

As isotopias do discurso, aqui pensadas como constituintes do nível prático do texto-enunciado, constroem um percurso de figurativização e de semantização conforme o devir da prática dos grupos, e elas estão materializadas no plano de expressão textual sob a forma de imagens, de palavras, de arranjos do plano de expressão das postagens e dos comentários. Essas isotopias estão inscritas em dispositivos da enunciação percebidos na própria prática da interação, e a inscrição delas nos textos-enunciados remete à corporeidade do objeto, pois este possibilita a interação digital *on-line* e serve de suporte aos textos-enunciados que podem ser vistos na página-tela.

O nível dos textos-enunciados será analisado no próximo capítulo, para que possamos averiguar, com maior robustez de elementos, como o jovem/não-idoso se investe no papel temático de idoso para enunciar e enunciar-se, levando em consideração tanto o nível da experiência da figuratividade e da coerência e coesão interpretativas, quanto o da corporeidade e o da prática.

### **3.1.3 O objeto-suporte**

Trataremos do objeto-suporte no *corpus* conforme dispõe Fontanille (2005a, 2005b, 2008a e 2008b) ao abordar, especialmente, no artigo *Du support matériel au support formel*, o arquivo digital como suporte material, distinguindo-o do suporte formal. Esse semioticista propõe, como já destacamos na seção 2.5, dois modos de existência para os “arquivos informáticos”: interno e externo e subdivide-os em material e formal.

Nesta tese, não trataremos do modo de existência “interno” na sua dimensão como suporte material, porque não pretendemos discutir acerca dos componentes

físico (hardwares, unidades de saída e entrada de dados etc.) e eletrônico (capacitores, leds, transistores, bateria, relé etc.) dos suportes materiais (computadores, notebook etc.) utilizados pelos internautas para a prática da interação *on-line*. Entretanto, contemplaremos a dimensão do suporte formal (a codificação informática, segundo Fontanille, 2005a) desse modo de existência, na medida em que tentaremos semiotizar determinados recursos de linguagem que envolvem as áreas informática e computação, para compreendermos como o componente informático-computacional<sup>82</sup> pode ajudar na interpretação do conjunto significativo que constitui a prática interativa no *corpus*.

Como a semiótica discursiva, em suas diferentes abordagens, pretende dar conta da produção e da interpretação do sentido, faz mister recorrermos a essas áreas do conhecimento, porque a natureza do *corpus* da pesquisa as atravessa, além de constituir uma estratégia para entendermos o funcionamento de alguns recursos disponibilizados na superfície da página-tela que são utilizados pelos internautas no curso da navegação ou na prática da interação nos grupos.

Nessa perspectiva, os mecanismos que sedimentam as conexões da enunciação digital *on-line* demonstram, subjacente ao que a página-tela oferece, muitas relações semióticas acontecem, por meio de uma combinação de linguagens. Embora não seja nosso principal objetivo detalhar essas relações, convém tratar, mesmo que brevemente, de alguns entrecruzamentos de linguagem que engendram o curso da navegabilidade, conforme mais adiante exploraremos.

---

<sup>82</sup> Estamos chamando o componente informático-computacional a combinação de linguagens que subjazem às inscrições digitais *on-line* e que fazem aparecer, na página-tela, os recursos necessários para a realização da interação, incluindo os dispositivos digitais da interface gráfica. Como utilizaremos, nesta seção, alguns recursos que pertencem a essas áreas, consideramos oportuno relacionar o que trata de internet à informática e o que trata de computação, a hardwares e a softwares. No campo da informática, englobamos recursos, como a internet, a web, o site, a barra de endereço do navegador, a página-tela, os *pop-ups*, os *cookies*, o *marketing* digital, o WhatsApp, o Facebook, o URL, o *link*, o *hiperlink*, o Facebook e as redes sociais, o Play Store etc. e, no campo da computação, os recursos, como o algoritmo, o HTML, o HTTP/HPPs, o USB de entrada, os softwares, os hardwares, o notebook, o monitor, o provedor de internet etc. Embora esses dois campos, às vezes, sejam tomados como sinônimos ou quase equivalentes, cientificamente são distintos. Para o Prof. Roni Márcio Fais, “Se o foco da computação é a funcionalidade do computador e o foco da informática é a informação, por analogia fica fácil concluir que, na prática, a computação destina-se ao estudo do computador como tecnologia fim, e informática destina-se ao estudo do computador como tecnologia meio; ou seja, computação estuda o funcionamento do computador e a forma como os dados são processados e informática estuda as formas de se utilizar o computador como sendo um meio para automatizar informações” (FAIS, Roni Márcio. Diferença entre computação e informática. In: RMFAIS: soluções e tecnologias. 2010. Disponível em: [https://www.rmfaiss.com/rmfaiss/artigos/table.php?\\_código=25](https://www.rmfaiss.com/rmfaiss/artigos/table.php?_código=25). Acesso em: 27 jan. 2023).

Ater-nos-emos, com mais especificidade, ao modo de existência “externo”, o que está mais “perceptível na interface gráfica, que compreende tanto um suporte material (uma tela e uma tecnologia de inscrição luminosa) quanto um suporte formal (o da “página-tela”)<sup>83</sup> (Fontanille, 2005a, p. 8). O nosso olhar privilegia especialmente a página-tela, pois ela constitui um corpo sensível onde se inscreve todo o conjunto significativo da prática de interação. Ela é o invólucro mediador da semiose em ato e é parte integrante do todo que constitui a situação semiótica.

Os textos-enunciados “estão inscritos sobre objetos, painéis, murais, portas, paredes, painéis eletrônicos” (*Idem*, 2005b, p. 31), e estes objetos remetem a determinadas práticas. Esse semioticista dá, como exemplo da integração do texto-enunciado com o objeto, as placas de argila com conteúdo comercial, jurídico e político que circulavam no antigo Oriente Médio, salientando que algumas dessas placas não tinham o intuito de comunicar fatos, notícias, mas de arquivar conteúdo institucional.

O objeto-suporte é da “ordem do sensível e substancial”, sendo que a face substancial se destina ou se agrega às práticas (morfologia práxica), e a face sensível se refere ao lado do objeto voltado para a recepção das inscrições, dos textos-enunciados.

A “página-tela” é um espaço preenchido e a ser preenchido<sup>84</sup> por signos-figuras, por inscrições textuais, por marcas da realização das cenas práticas; tudo em conformidade com as regras de disposição e dos arranjos de objeto-suporte formal, uma vez que a categoria do espaço na enunciação digital tem uma relevância singular tanto pelo acolhimento das inscrições quanto pelo desdobramento interno e externo desse espaço, mediante a realização das cenas práticas. Para Fontanille (2005a, p. 14), “A enunciação própria dos objetos e das situações de escrita tem, portanto, propriedades de uma linguagem e participa de formas complexas de vida”<sup>85</sup>.

A disposição espacial e os arranjos da formatação da página-tela dizem respeito aos locais e às orientações próprias do objeto-suporte formal destinados à inserção da imagem de perfil do internauta, da foto-capa dos grupos, da identificação

---

<sup>83</sup> No original: “[...] perceptible, sur l’interface graphique, qui comporte à la fois un support matériel (un écran, et une technologie d’inscription lumineuse), et un support formel (celui de la ‘page-écran’) (Fontanille, 2005a, p. 8, grifos do autor).

<sup>84</sup> A página-tela abre espaço também para os textos-enunciados ainda não inscritos, porque a realização das cenas práticas é síncrona e a acomodação destes na página-tela se dá em fluxo contínuo.

<sup>85</sup> No original: “L’énonciation propre aux objets et aux situations d’écriture a donc les propriétés d’un langage et participe de formes de vie complexes” (Fontanille, 2005a, p. 14).

de eventos, da inscrição de *links*, das postagens, dos comentários, das respostas aos comentários, dos signos-figuras que nomeiam as cenas práticas, entre outras.

Uma recomendação que o Facebook faz é de que a foto-capa dos grupos sejam de “1.640 por 856 pixels (ou uma proporção 1,91:1)”<sup>86</sup>, de forma que elas tenham uma resolução adequada, evitando que as imagens fiquem “pixeladas” ou “esticadas”. Isso quer dizer que o Facebook tem uma organização própria para as inscrições nas páginas-telas e ela, de uma forma ou de outra, está na base reguladora da cena prática digital *on-line*<sup>87</sup>.

Os objetos-suportes proporcionam a experiência corpórea do internauta (que sincretiza tanto o papel de usuário do universo digital *on-line* – no caso específico desta pesquisa, os grupos do Facebook - quanto o de produtor de discurso, de textos-enunciados etc.) com o ambiente, com as regras e as possibilidades enunciativas que os objetos-suportes podem materializar. O internauta explora as possibilidades da

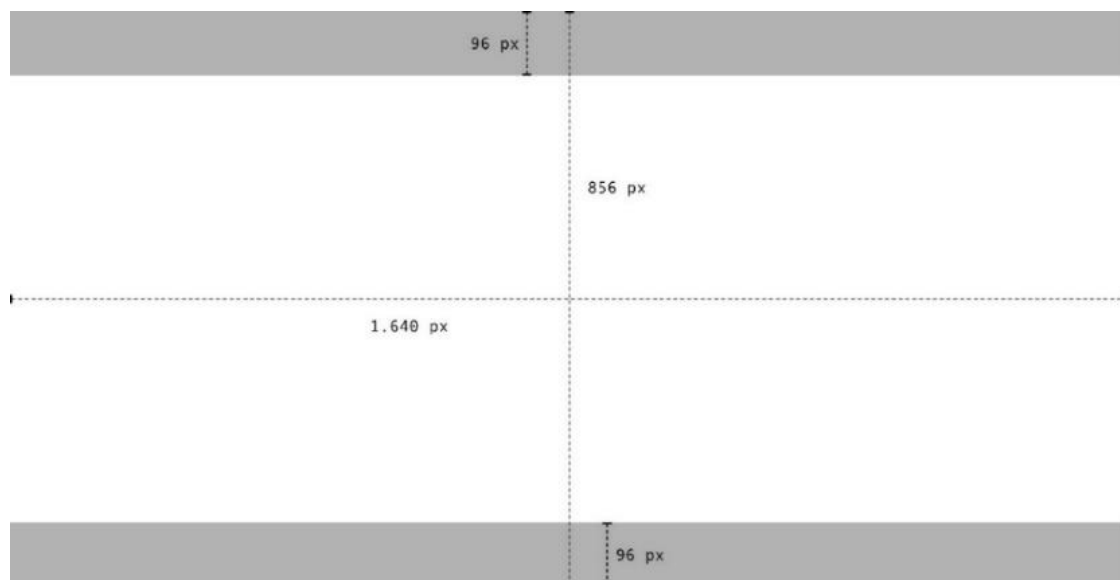
---

<sup>86</sup> Pixel é uma palavra formada de dois termos do Inglês: *Picture* e *element* (respectivamente, imagem e elemento). Os pixels são então “os elementos com os quais são construídas as imagens digitais. Um pixel é a menor unidade que consegue conter uma informação individual de cor. Portanto, quanto mais pixels tiver uma imagem, melhor definição ela terá. Quando alguém fala a respeito de uma máquina fotográfica de 5.0 megapixels, está querendo dizer que aquele aparelho tem a capacidade de gerar imagens com 5 milhões (mega) de pixels. Cada pixel é composto de um pontinho azul, um amarelo e um vermelho. Normalmente, cada um desses pontos consegue apresentar 256 tonalidades diferentes, variando desde o mais claro até o mais escuro. A combinação de tonalidades permite configurar 16 milhões de cores distintas” (WOLFFENBÜTTEL, Andréa. O que é? Pixel. IPEA: Desafios do desenvolvimento. 2016, ano 13, nº 88. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?>. Acesso em: 6 nov. 2022).

<sup>87</sup> A palavra digital origina-se do latim “digitalis, e (digitus), adj. Da grossura de um dedo” e “digitus, i, m. 1. Dedo da mão ou do pé (dos homens ou dos animais) [...]; 2. Dedo, medida equivalente a 1/16 do pé romano, cerca de 2cm. 3. Pequeno ramo” (Ferreira, 1988, p. 379). Outrora o sistema de representação numérico era feito com o auxílio dos dedos, base para gerar o sistema decimal. Um dígito era a representação de um caractere numérico (algarismo). Diferentemente do sistema decimal (que depois do 1, passa-se ao 2; depois do 2 ao 3 e assim sucessivamente), “as representações dos fatos naturais, como o som, as imagens, texturas, cores etc., são contínuas, ou seja, exigem alta exatidão pois apresentam os fatos com uma ampla faixa de informações (como números fracionados, exemplo 0,00001, 0,00002 etc.)”. Com o surgimento do computador eletrônico, o sistema de representação de informação passou a se configurar com a utilização de apenas dois dígitos: o 0 (zero) e o 1 (um) ou os 0s (zeros) e os 1s (uns), gerando o sistema binário, ou seja, os bits. Então, para ser “computadorizada” determinada informação, ela deveria necessariamente converter-se em uma linguagem contínua, analógica de grandeza, ou seja, no sistema binário. Por exemplo, na década de 80, as gravações de ondas de som foram digitalizadas e armazenadas em formato de bits, em CDs; da mesma forma ocorreu com a gravação fílmica, que passou de fitas cassetes VHS (Video Home System) para a mídia em disco conhecida como DVD – Digital Vídeo Disc, que pode ser usada em DVD Players ou Computadores (GUIMARÃES, Luiz. O que é ser digital. Reengenharia Digital. 2018. Disponível em: <https://reengenhariadigital.com.br/>. Acesso em: 20 dez. 2022). Podemos pensar ainda no fluxo da informação percorrida no objeto-suporte informático, conforme aponta Pierre Levy. Para o autor, a qualidade técnica da informática “reúne técnicas que permitem digitalizar a informação (entrada), armazená-la (memória), tratá-la automaticamente, transportá-la e colocá-la à disposição de um usuário final, humano ou mecânico (saída)” (Levy, 1999, p. 33).

prática da cenografia digital<sup>88</sup>, em conformidade com as regras estabelecidas pelos objetos-suportes. Vejamos a seguir o esboço de dimensões que o Facebook estabelece para a foto-capa dos grupos.

Figura 13 - Dimensão da foto-capa de grupo do Facebook



Fonte: Facebook. Disponível em: [https://web.facebook.com/help/212144952271305?\\_rdc=1&\\_rdr](https://web.facebook.com/help/212144952271305?_rdc=1&_rdr). Acesso em: 6 nov. 2022.

A recomendação se estende também para que o internauta postador<sup>89</sup> da foto não aponha informações nas áreas em cinza, para evitar que os membros do grupo não consigam ver a imagem quando estiverem utilizando dispositivo móvel. Vemos

<sup>88</sup> Este termo é tributado a Maingueneau, analista do discurso que muito tem contribuído para as discussões que envolvem a enunciação, o discurso etc. Para o autor, as cenas da enunciação são comparáveis às de teatro, porque a fala é encenada. Ele propõe três cenas de enunciação: a *cena englobante*, que se refere ao tipo de discurso (literário, publicitário, político etc.) numa configuração e função sociais; a *cena genérica*, que corresponde ao gênero do discurso, instância em que “os sujeitos estão mais conscientes de que participam de uma peça de teatro, de que desempenham um papel previamente imposto. Um gênero de discurso mobiliza seus participantes por meio de um papel determinado, mas não em todas suas determinações possíveis” (Maingueneau, 2015, p. 118) e a *cenografia*, que equivale ao ato de enunciar, em que o enunciador projeta e organiza uma situação para dizer: “Enunciar não é apenas ativar as normas de uma instituição de fala prévia; é construir sobre essa base uma encenação: uma *cenografia*” (idem, p. 122). Sobre a cenografia, o autor chega à conclusão de que, na web, há um enfraquecimento das cenas genérica e englobante, porque há uma “hipertrofia da cenografia digital, que tem pouco em comum com a cenografia estritamente verbal. Pode-se, na verdade, distinguir dois tipos de cenografia nos sites: uma cenografia *verbal* e uma cenografia *digital*” (Ibid, p. 162, grifos do autor).

<sup>89</sup> Usaremos *postador* para remeter-nos ao actante que produz e que realiza a cena prática *postar* no grupo/página do Facebook. No dicionário *on-line* Wikcionário, *postador* é a “pessoa que realiza postagem” (POSTADOR, in: Dicionário Wik. Disponível em: <https://pt.wiktionary.org/wiki/postador>. Acesso em: 24 jan. 2023). No grupo/página do Facebook, o *postador* é o sujeito actante submetido aos regimes sintagmáticos (Fontanille, 2008b) da prática de interação digital *on-line*.



que essa orientação consiste, de certa forma, numa coerção do suporte para com o fazer do internauta.

O objeto-suporte (formal) tem sua formatação mediante regramentos emanados pelo Facebook, determinando certo protocolo para o internauta tornar-se usuário<sup>90</sup> da rede social, inserir-se como membro de um grupo bem como normas para compor a foto-capa dos grupos, para *postar, curtir, comentar/responder* e *compartilhar*. Essa programação é base para um fazer do Facebook com vistas a levantar métricas<sup>91</sup> de cálculo para o engajamento de publicações e para as reações a estas.

As regras dão estabilidade a um fazer do internauta, mediante a formatação da página-tela, uma vez que o objeto-suporte impõe uma envergadura, um *script* para o internauta.

A inserção da foto-capa dos grupos é um gesto que identifica um corpo semiótico. A foto-capa pode ser comparada, semioticamente, à capa de um jornal ou de uma revista, na qual consta uma roupagem geral de apresentação do suporte. Ela se apresenta como um dos elementos principais que constroem a identidade dos grupos.

Outra coerção do objeto-suporte é que apenas os administradores podem carregar ou alterar as fotos-capa de seus grupos. A foto pode ser inserida na página-tela logo após a criação dos grupos. Já as capas de jornais e de revistas mostram-se como uma vitrine para o leitor de modo que este se volte para o conteúdo brevemente apresentado na capa e assim possa fazer-se cumprir a função comercial do jornalismo. Enquanto a capa de jornal e de revista é sistematicamente atualizada, conforme a periodicidade de produção e consumo, a dos grupos tende a ficar mais tempo exposta.

---

<sup>90</sup> Chamamos de usuário o navegante da internet bem como o internauta/produtor de discurso.

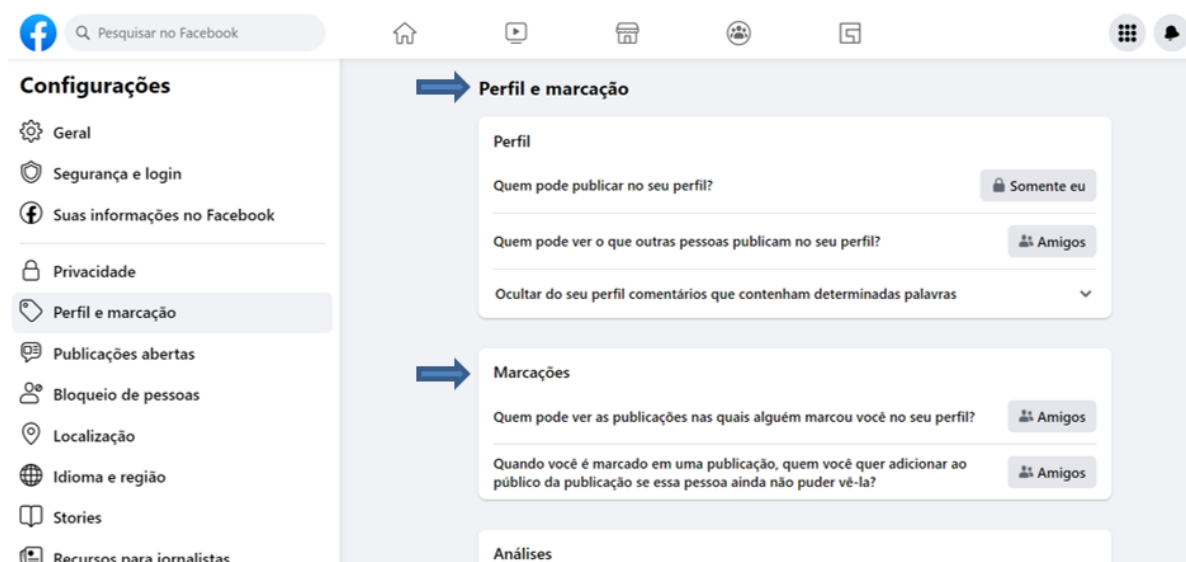
<sup>91</sup> As métricas são ferramentas que mensuram e avaliam o desempenho de uma página, colecionando a quantidade de seguidores, o alcance e o engajamento, ou seja mensura o nível da interação. O Facebook elege como métricas importantes: dados demográficos (os grupos de pessoas que mais interagem: mulheres, jovens, pessoas que residem em determinada região etc.); engajamento positivo (publicações com mais interação – mais curtidas, compartilhadas, comentadas); engajamento negativo (publicações que são ocultadas ou que são denunciadas como *spam*); horário das publicações. O Facebook também orienta: atualizar o público-alvo; usar o que os internautas curtem; editar o conteúdo que não apresenta interação; tornar as publicações acionáveis; programar a publicação; otimizar o direcionamento da publicação (META. **Melhores práticas para usar informações na Página do Facebook**. 2022. Disponível em: [https://pt-br.facebook.com/business/help/1090341941153646?id=939256796236247&locale=pt\\_BR](https://pt-br.facebook.com/business/help/1090341941153646?id=939256796236247&locale=pt_BR). Acesso em: 16 nov. 2022).

Mas esse efeito de estabilidade suscitado pela formatação da página-tela para a foto-capa dos grupos, para os textos-enunciados e para as cenas práticas não é garantido para o percurso de leitura e de interação nos grupos, pois, entre os textos-enunciados inscritos na página-tela, outros textos-enunciados concorrem com eles. Trata-se de “janelinhas”<sup>92</sup> que saltam na página-tela. Elas advêm de uma combinação de linguagens, conforme comentaremos mais adiante.

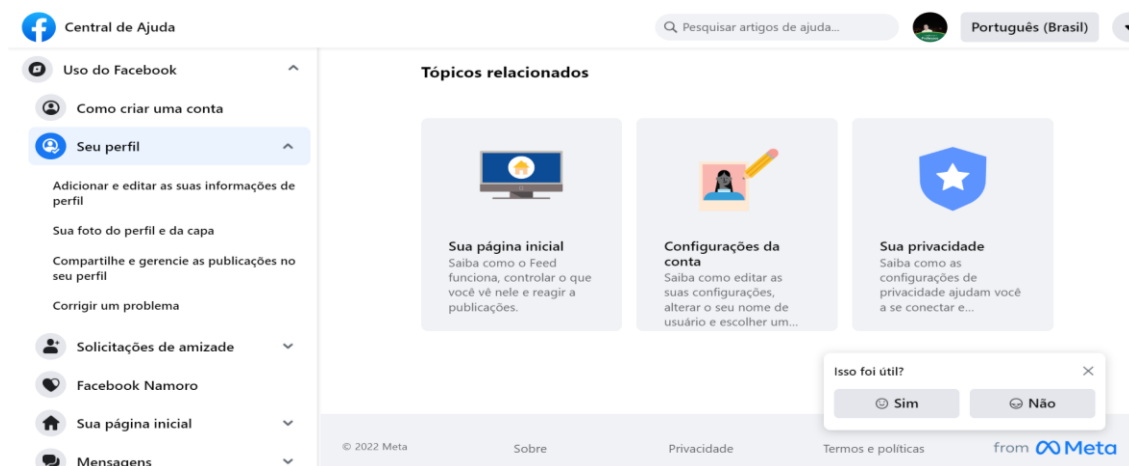
A criação de uma conta no Facebook é um ato de pertencimento a uma determinada plataforma virtual, a uma rede, ou melhor, a uma comunidade de relacionamentos e interações. Na criação, registramos o nome, o e-mail ou o número de celular, a senha, a data de nascimento e o gênero. Para acessar a conta, são necessários e-mail e senha, mas o browser pode “guardar na memória” as senhas quando o internauta lhe autoriza.

Com a criação da conta no Facebook, é identificado o perfil do usuário, sendo permitido a este indicar o que pode compartilhar e com quem compartilhar, como fotos, informações pessoais etc., ou melhor, a configuração do perfil e da marcação. Esse é o primeiro ato que desponta para um efeito de gerenciamento da conta pelo usuário.

Figura 14 - Configuração do perfil de usuário pessoa física no Facebook



<sup>92</sup> As “janelas” de anúncios que saltam no percurso da navegação são chamadas de *pop-up*. Elas surgem por meio do navegador quando o internauta acessa uma página web ou um *hiperlink* específico. Elas são resultado de “análises de algoritmos de navegação para obter informações sobre cliques, interesses e buscas, e conhecer melhor o perfil do usuário” (SCHIAVINI, Rodrigo. O que são pop-up de retenção e qual a importância para o e-commerce? **FCDL** (Federação das Câmaras de Dirigentes Lojistas), Santa Catarina, [s.d.]. Disponível em: <https://www.fcdl-sc.org.br/fcdl-noticias>. Acesso em: 9 nov. 2022).



Fonte: Facebook. Disponível em: [https://web.facebook.com/help/396528481579093/?helpref=hc\\_fnav](https://web.facebook.com/help/396528481579093/?helpref=hc_fnav). Acesso em: 5 nov. 2022.

Feito o registro do perfil, o usuário está apto a realizar os acessos, as publicações, a solicitar e a aceitar amizade, enfim, para navegar no Facebook. Entretanto, conforme os acessos e os passeios tanto no Facebook quanto em outros ambientes da internet, os *sites* podem, por meio do navegador, registrar *cookies*<sup>93</sup> que captam do percurso da navegação do usuário informações diversas, registrando-as na “memória” do site.

Em outros acessos à internet, essas informações, por exemplo de anúncios, podem ser convertidas em textos-enunciados na tela do notebook, netbook, computador etc., por meio de *pop-up*. Esse gerenciamento é traduzido, em termos semióticos, como lembranças de (re)enunciações realizadas pelo usuário e registradas na “memória” dos *sites*, das páginas, dos blogs etc. por meio do navegador da internet.

<sup>93</sup> Os *cookies* são informações em forma de pequenos arquivos de texto que registram dados da navegação do usuário: sites, palavras ou buscas realizadas (CENTRAL DE AJUDA DO GOOGLE CHROME. Limpar, ativar e gerenciar cookies no Chrome. 2022. Disponível em: <https://www.techtodo.com.br/noticias/2018/10/>. Acesso em: 5 nov. 2022). “São eles os responsáveis por armazenar suas preferências, o que evita que você precise preencher tudo de novo cada vez que acessa um site. Portanto, os cookies são arquivos de texto simples, enviados pelo site ao navegador, na primeira vez que você o visita. Em seu próximo acesso, o navegador reenvia os dados ao site para que suas informações sejam configuradas de forma automática. É por isso que você não precisa digitar seu e-mail e senha toda vez que entra no Facebook. O site também determina quanto tempo o arquivo vai ficar armazenado, o que pode variar entre dias e anos. Além disso, os cookies podem gravar quais sites você visitou, o que é mais conhecido como histórico de navegação. Sem dúvida, os cookies oferecem mais praticidade na navegação, mas é preciso tomar alguns cuidados, principalmente se você compartilha o uso do computador, seja em casa, no trabalho ou na lan house. Tenha em mente que a pessoa que usar o computador depois de você poderá ter acesso ao seu e-mail, redes sociais e outras contas nas quais você fez login. Por isso, lembre-se de sair de todas as contas ou navegar no modo anônimo, que não armazena cookies nem o histórico de sites visitados” (POSITIVO. Aprenda o que são cookies e qual a função deles no seu computador. Disponível em: <https://www.meupositivo.com.br/doseujeito/dicas/o-que-sao-cookies/>. Acesso em: 27 jan. 2023).

Os *pop-ups* acionam enunciações *on-line* pretéritas que são atualizadas à medida que o internauta acessa esses ambientes. Assim a navegação do usuário ocorre entre o presente e o passado imbricando-se, e o que é uma marca de uma navegação passada se torna presentificada, atualizada, ou seja, a enunciação ocorre em ato. Desse modo, trata-se de uma característica da enunciação digital *on-line* que fortemente está relacionada à característica do objeto-suporte como actante da prática da navegação e da circulação dos objetos.

A interrelação tempo-espço e pessoa no ambiente *on-line*, como demonstrado acima, pode implicar uma ampliação da concepção de texto-enunciado, porque a prática da navegação *on-line* dá margem a “textos possíveis”, como no caso dos *pop-ups*. A categoria de pessoa encontra-se desdobrada em relação a) àquele que navega (o internauta) e b) àquele que, imperceptivelmente aos olhos deste, constrói também textos-enunciados tendo como referência o percurso da navegação do internauta (a máquina por meio das linguagens e mecanismos que a fazem funcionar).

Para a discussão sobre os “textos possíveis”, apoiamo-nos em Discini (2021)<sup>94</sup>, que trata do alargamento da noção de textos-enunciados na perspectiva da semiótica das práticas. Segundo a autora, a base que sustenta a mudança está numa “oposição implícita entre textos-enunciados, que são textos encerrados pelas próprias margens, são os textos acabados, prontos, publicados [...]” e “os textos possíveis, que implicam um adensamento de estesia [...]”. Os textos-enunciados são “um dos níveis constituintes de uma prática, que é o conjunto de ações e movimentos [...]”.

Dessa forma, a noção de textos-enunciados é complexificada, porque eles não se encerram nas margens; pelo contrário, estas favorecem movimentos que concorrem para a construção de novos textos. A função integrativa que rege os fundamentos da prática semiótica, segundo Fontanille (2008a), pode ser convocada para justificar a noção de textos-possíveis.

Ora, conforme os níveis de pertinência, o texto-enunciado integra, engloba os signos-figuras. Num movimento ascendente, ele é integrado às cenas práticas. A interface dos formantes recorrentes dos signos-figuras integra-se às isotopias figurativas do discurso, que faz parte do plano do conteúdo das práticas, e incorpora-

---

<sup>94</sup> Palestra ministrada em 3 de julho de 2021, no curso de extensão “Entre práticas e formas de vida: a semiótica em pauta”, promovido pela Universidade de São Paulo – USP.

se à expressão dos textos-enunciados, tidos como um dos níveis de pertinência das práticas. Esse movimento ascendente e descendente já sinaliza a movência da circunscrição do texto-enunciado no modelo dos níveis de pertinência da análise semiótica.

Ainda em se tratando da prática semiótica, observamos que os dispositivos da enunciação dos textos-enunciados se incorporam ao suporte formal de inscrição das cenas práticas. Daí já percebemos uma extensão sintagmática do texto-enunciado, porque ele transita entre as experiências figurativa, interpretativa e corpórea. Para Fontanille, “cada nível [N+1] integra a instância sensível ao material do nível [N] em seu próprio princípio de pertinência”<sup>95</sup> (FONTANILLE, 2008a, p. 35). Ademais, os textos-enunciados, os objetos-suportes e as cenas práticas são os níveis que mais apresentam traços de heterogeneidade. Segundo Dondero e Reyes-Garcia (2019, p. 170), “O problema da heterogeneidade é abordado no esquema de Fontanille (2008) [...], especialmente nos níveis do texto, do objeto e da cena predicativa”.

Os “textos possíveis” perfazem o percurso da navegabilidade do internauta. Além dos textos-enunciados inscritos nos *pop-ups* que saltam na página-tela como exemplos de textos-enunciados possíveis, podemos também citar os comentários das postagens do grupo, os comentários das matérias jornalísticas etc., assim como, em tese, os textos-enunciados na forma de hipertexto, os textos potencializados pelos *hiperlinks*, *links*, uma vez que uma hiperligação advém de conexões. Trata-se de uma abertura das margens (dos textos “acabados”) favorecida pelo objeto-suporte, por este se constituir como um componente habilitado a receber e a interpretar comandos de recursos tanto digitais<sup>96</sup> quanto virtuais<sup>97</sup>.

---

<sup>95</sup> No original: “[...] à chaque niveau, le principe de pertinence distingue une instance formelle-structurelle et une instance matérielle-sensible; ainsi, chaque niveau [N + 1] intègre l’instance matérielle-sensible du niveau [N] à son propre principe de pertinence” (Fontanille, 2008a, p. 35).

<sup>96</sup> Os recursos digitais referem-se “a coisas que têm uma existência concreta e tangível, mas que foram convertidas em um formato numérico para poder ser armazenada e transmitida eletronicamente. Isso significa que, embora as coisas digitais sejam criadas a partir de coisas reais, elas só existem de forma eletrônica e não têm uma existência física independente. [...] Por exemplo, uma imagem digital é uma representação numérica de uma imagem que foi tirada com uma câmera. Ela é criada a partir de uma imagem real, mas só existe de forma eletrônica e pode ser armazenada e transmitida através de um computador ou outro dispositivo eletrônico. De maneira similar, uma música digital é uma representação numérica de uma gravação de áudio, e um livro digital é uma representação numérica de um livro impresso” (ABREU, Leandro. **Digital ou virtual?** Do que, realmente, estamos falando? 31 de agosto de 2021. Disponível em: <https://leandroabreu.com.br/digital-virtual/#como-separar-o-virtual-daquilo-que-%C3%A9-concreto>. Acesso em: 2 fev. 2023).

<sup>97</sup> Os recursos virtuais referem-se “a coisas que existem principalmente em um ambiente eletrônico ou computacional, e que podem ser acessadas através de dispositivos eletrônicos. Isso significa que as

Um texto-enunciado pode ser marcado por vários *links*, *hiperlinks*, o que permite formar uma cadeia sintagmática de textos que se encontram marcados (pela hiperligação) na superfície textual. Entretanto, como os *hiperlinks* e os links são endereços, então eles, em si, já se encontram em modo de existência atualizado. Como o modo atualizado pressupõe o modo virtualizado, temos necessariamente informações que se encontram no modo virtualizado, em nível do sistema que compõe a linguagem informática e computacional.

O *link* e/ou *hiperlink*, que se encontram no modo atualizado, quando são selecionados (clicados), passam para o modo de existência realizado, momento em que são disponibilizados na página-tela os textos-enunciados. Toda essa organização da codificação informática e computacional proporciona o alargamento da noção de texto-enunciado, este não tendo um *status* mais de acabamento, mas compreendido no curso de uma ação (textos possíveis) realizada pelo internauta, diante das condições de enunciabilidade promovidas pelo objeto-suporte.

Os *pop-ups* são uma forma de materialização de textos possíveis. Muitas vezes eles saltam abruptamente na página-tela; em outras, surgem conjuntamente com a abertura dos *sites*, situando-se em diversos espaços: nos cantos, no meio, na parte inferior ou superior da página-tela, o que pode obstruir um plano de leitura planejado pelo internauta mas, por outro lado, podem ter relação direta com o conteúdo do *site* e com o percurso da navegação. Eles podem ajudar o internauta a escolher determinado rumo de navegabilidade e não somente concorrer com aquele previsto pelo internauta.

Os *pop-ups* informam conteúdos de *cookies*. Por exemplo, vejamos o título e o subtítulo da notícia do *site* do Tribunal Superior Eleitoral – TSE sobre o uso de *cookies* desde 6 de abril de 2021.

---

coisas virtuais não têm uma existência concreta ou tangível, e só existem de forma eletrônica”. Exemplo de objetos virtuais: “Jogos online: os jogos online são jogos que só existem em um ambiente eletrônico e podem ser jogados através de um computador ou outro dispositivo eletrônico; Reuniões virtuais: uma reunião virtual é uma reunião que acontece através de videoconferência, em vez de pessoas se reunirem fisicamente em um mesmo local; Mundos virtuais: os mundos virtuais são ambientes eletrônicos que permitem que as pessoas interajam uns com os outros (sic) e com o ambiente de maneira virtual; Produtos virtuais: os produtos virtuais são produtos que só existem em um ambiente eletrônico e podem ser adquiridos e baixados através de um computador ou outro dispositivo eletrônico” (ABREU, Leandro. **Digital ou virtual?** Do que, realmente, estamos falando? 31 de agosto de 2021. Disponível em: [https://leandroabreu.com.br/digital-virtual/#como-separar-o-virtual-daquilo-que-%C3%A9-concret o](https://leandroabreu.com.br/digital-virtual/#como-separar-o-virtual-daquilo-que-%C3%A9-concret-o). Acesso em: 2 fev. 2023).

Figura 15 - Página-tela do TSE com o *pop-up* sobre o uso de *cookies*



Fonte: Portal do Tribunal Superior Eleitoral. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2021/Abril/pop-up-informara-sobre-a-aceitacao-de-cookies-no-portal-do-tse-a-partir-desta-terca-6>. Acesso em: 3 mar. 2023.

Cabe ressaltar que os *cookies* existem desde o início da internet, nos anos 1990, mas, com a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) - nº 13.709/2018, em vigor desde 2020<sup>98</sup>, o internauta pode autorizar ou não o uso de *cookies*, o que implica, em termos semióticos, caso haja a anuência do internauta, uma delegação de competência para:

- a) o *site* colher informações sobre a experiência do internauta;
- b) registrá-las no *site* e no navegador e
- c) permitir que o navegador acione os *pop-ups*.

O gesto de autorização de *cookies* pelo internauta é um ato formal da criação de um actante sujeito coparticipante (o *site*) da prática de navegar, porque o *site*, por intermédio do navegador, vai colhendo informações sobre o percurso do internauta e acumulando-as no navegador.

Esse novo actante (o *site*) opera por triagens e misturas e tem um percurso que se imbrica com o do internauta. Entretanto, os textos-enunciados constantes nos *pop-ups* advêm de seleção que o actante *site* realiza. Para o *site* apresentar esses

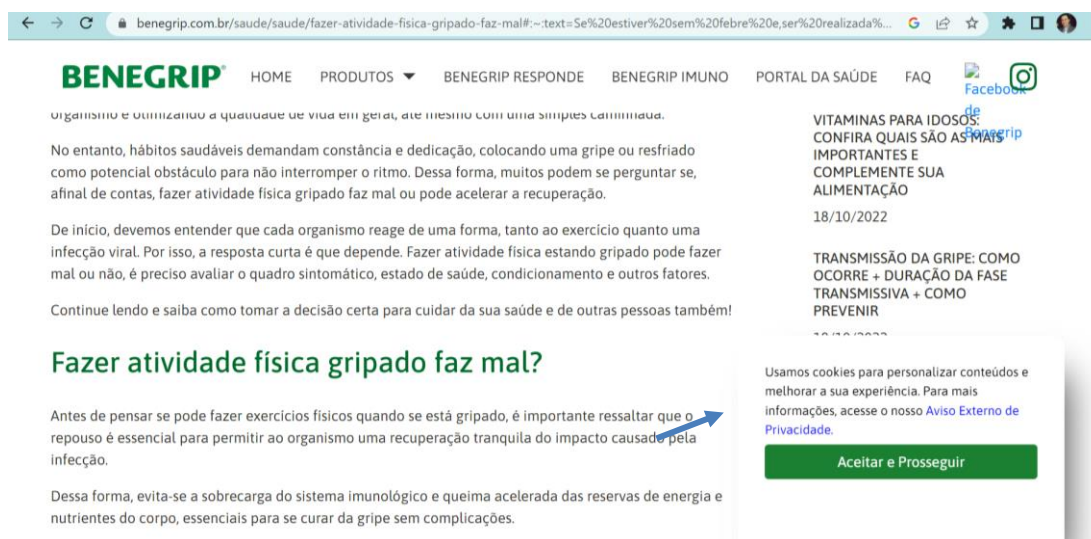
<sup>98</sup> O artigo dessa lei estabelece: “Esta Lei dispõe sobre o tratamento de dados pessoais, inclusive nos meios digitais, por pessoa natural ou por pessoa jurídica de direito público ou privado, com o objetivo de proteger os direitos fundamentais de liberdade e de privacidade e o livre desenvolvimento da personalidade da pessoa natural”. (BRASIL. Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2018/lei/l13709.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13709.htm). Acesso em: 28 jan. 2023).

textos na página-tela, não precisa do comando do internauta para informar o que deve ou não constituir os textos-enunciados, tampouco indicar o momento para o navegador expô-los na página-tela.

Há várias formas de os *pop-ups* aparecerem. Vimos acima, no portal do TSE, que o *pop-up* aparece na parte inferior e em toda a extensão da página-tela (da esquerda para a direita). A cor de fundo da caixa de texto em formato retangular (azul) é diferente da cor de fundo da página-tela (branco). O botão *Aceito*, em cor amarela, chama a atenção do internauta bem como o *hiperlink* “Política de Privacidade”, que está em cor branca.

Fazendo uma busca no Google sobre a compatibilidade entre a realização de atividade física e o período de acometimento de gripe, foi-nos apresentado o seguinte *pop-up* no canto inferior direito da página-tela sobre o uso de *cookies* pelo *site*.

Figura 16 - *Pop-up* sobre o uso de *cookies* pelo *site*



Fonte: BENEGRIP. Disponível em: <https://www.benegrip.com.br/saude/saude/fazer-atividade-fisica-gripado-faz-mal>. Acesso em: 15 nov. 2022.

A localização do *pop-up* não está dificultando a barra de rolagem da página nem a leitura da maior parte do texto do *site*, pois está fixado no canto inferior direito. Entretanto, alguns *pop-up* de marketing digital, como por exemplo de anúncios, ocupam espaços no centro da página e assim atrapalham a leitura; alguns acionam luzes, piscam, passam conteúdo de vídeo etc. No texto-enunciado, o *site* informa o uso de *cookies* e, ao mesmo tempo, fornece ao internauta a possibilidade de “Aceitar



e Prosseguir”<sup>99</sup> num só clique, ou seja, o internauta pode continuar o curso da visitação sem aceitar, entretanto, o *pop-up* ficará inscrito na página-tela até finalizar o percurso da navegação.

Em termos semióticos, podemos estabelecer algumas relações:

a) a obrigatoriedade legal de o *site* oferecer ao internauta a possibilidade de aceitar ou não os *cookies* institui um programa narrativo de manipulação, em que o sujeito manipulador é o destinador social, que está investido (no nível discursivo) de um papel temático de protetor do usuário de internet. Dessa relação, temos um sujeito destinador manipulador – a lei – e um destinatário – o proprietário de *site*. Essa manipulação instaura-se mediante uma intimidação, porque o primeiro detém o poder legal e estabelece ao sujeito destinatário manipulado um dever-fazer.

b) a informação constante no *pop-up* de que o *site* utiliza *cookies* (“Usamos *cookies* para personalizar conteúdos e melhorar a sua experiência. Para mais informações, acesse o nosso [Aviso Externo de Privacidade](#). Aceitar e prosseguir.”) possibilita ao internauta a realização de uma performance. A manipulação está sob a forma de uma tentação, pois o sujeito destinador manipulador (o *site*), competencializado de um poder, oferece valores positivos (personalizar conteúdos e melhorar a sua experiência) ao internauta (sujeito destinatário), instigando-o a ter um desejo, um querer-fazer.

Se o destinatário autorizar o uso dos *cookies*, a tentação foi realizada positivamente, pois os valores do contrato propostos pelo destinador atingiram seus efeitos; se o destinatário deixar o *pop-up* na página-tela sem a marcação (de aceitar ou rejeitar), o efeito da tentação não será concluído, uma vez que o destinatário analisou com indiferença a proposta; se o destinatário excluir/rejeitar o *pop-up*, a manipulação apresenta efeito negativo, pois não surtiu o efeito esperado.

Transversalmente o internauta é modalizado por um poder de decisão, advindo do programa narrativo que tem como sujeitos o destinador legal e o destinatário *site* (o proprietário), porque, antes da lei, os *cookies* eram formados sem a necessidade da autorização do internauta.

c) a relação entre o *site* e o internauta, conforme a descrição em ‘b’, pressupõe um programa narrativo entre o *site* e o navegador web. O fazer do primeiro

---

<sup>99</sup> O tipo, a extensão, a localização na página, a cor do fundo e o conteúdo dos *pop-ups* que tratam sobre a informação de o *site* usa *cookies* variam bastante.

(*site*) é ofertar o serviço e os produtos aos internautas, e o do segundo (o navegador web) é intermediar a relação (*site/internauta*), habilitando o internauta a interagir com o *site*, acessando documentos (com padrão HTML). Nessa relação, temos também uma manipulação por tentação, em que o destinador manipulador (o navegador) oferece ao destinatário (o *site*) um contrato, por meio do qual o destinatário pode atingir seus objetivos.

O *site* é o dono da página-tela, entretanto, ele utiliza somente parte dela; as outras são disponibilizadas ao navegador e este, ciente do espaço, preenche-as com o que é de seu interesse. Em relação à competência modal, o navegador é dotado do poder e do saber-fazer, e o *site* é modalizado por um fazer-fazer, ou seja, uma modalidade factitiva “que manipula os seres” (Greimas; Courtés, 2016, p. 202).

Para melhor compreendermos a relação entre a codificação informático-computacional e a teoria semiótica, remetemo-nos aos textos-memória (os *pop-ups* advindos da autorização dos *cookies*) que atravessam o plano de leitura e o curso de navegabilidade. Na relação entre o site e o navegador, aquele atribui a este a competência de arquivar informações sobre o internauta<sup>100</sup>. Desse contrato, emerge uma relação entre o internauta e o navegador: o primeiro acessa os *sites*; o segundo possibilita ao primeiro o acesso aos *sites*.

Os textos-memória, construídos no silêncio, na virtualidade, são materializados como resultado de uma ação, de uma transformação, ou seja, de uma existência virtualizada (representada pelo histórico que está latente na navegação do internauta), passam por uma existência atualizada (quando o *site*, por meio do navegador, vai extraindo ou selecionando possíveis quereres do internauta) e chegam a uma existência realizada (quando o *site* faz aparecer, na página-tela, o texto-enunciado constante no *pop-up*).

Outro recurso utilizado a partir dos dados de identificação da conta e do perfil do usuário do Facebook é a validação de determinados acessos a *sites* que tenham conexão com o Facebook ou que pertencem ao grupo Meta. Para acessar o *site* Pinterest Brasil (<https://br.pinterest.com/>), podemos recorrer às informações registradas na conta do Facebook por meio do próprio recurso disponibilizado pelo *site* Pinterest Brasil. Verificamos assim o poder da interconexão das redes, e essas relações são resultado de semioses sistêmicas que estão subjacentes ao processo

---

<sup>100</sup> Na hipótese de que o internauta previamente autorizou ao *site* o uso de *cookies*.

da enunciação digital *on-line* e que fazem aparecer, no objeto-suporte formal, as possibilidades de ação do sujeito.

A semiótica discursiva, incorporada à semiótica das práticas, em se tratando da geração do sentido no interior dos textos-enunciados, pode alargar ainda mais o horizonte de estudos sobre a enunciação digital *on-line*, observando o que é específico da internet, os fluxos, as interações permitidas, a combinação de linguagens etc.

Os textos-enunciados que surgem no curso da leitura podem ser divididos, pelo menos, em dois tipos: a) o que é promovido pelo próprio usuário (produção tangível) e b) o que é realizado pelo *site*, advindo da memória da máquina (produção intangível). No primeiro, o usuário tende a ter uma certa intencionalidade, ou seja, uma competência modal no sentido atribuído por Greimas e Courtés; já no segundo, não necessariamente. Assim, temos aí dois actantes-sujeitos que agem independentemente, com diferentes parâmetros, para atingir um resultado, um objeto-valor.

Todas as configurações do Facebook voltadas para a criação da conta e perfil dos internautas podem ser traduzidas como coerções, porque estes não podem mudar a formatação caso queiram pertencer a essa rede social. O Facebook sofre coerções quando se depara com as relações comerciais e de competição entre as redes sociais, como o Instagram, o Twitter, o Tik Tok. etc., já que o espaço digital *on-line* é objeto de disputa para elevar quantitativamente a criação de contas, de perfis, de anunciantes etc. Por exemplo, o Facebook passou por mudanças em sua *timeline* (linha do tempo)<sup>101</sup> imitando, de certa forma, o TikTok, que é considerado o grande adversário da Meta.

As configurações do componente informático, midiático e tecnológico decorrem das codificações de linguagens que propiciam a semiose na rede social, no espaço digital, por meio das quais acontecem as práticas de interação *on-line*. Estas, de uma forma ou de outra, integram uma “semiótica do espaço”. Greimas e Courtés

---

<sup>101</sup> Para Ferreira (2022, p. 1), a linha do tempo do Facebook agora tem “uma área com mais postagens de seus amigos, em ordem cronológica, e menos de outras fontes, como veículos de notícia. [...] No Facebook, isso vai acontecer na nova aba ‘Feeds’, que terá subseções, como “Amigos”, “Grupos”, “Páginas” e “Favoritos”, que o usuário poderá customizar. [...] Posts sugeridos deixam de existir, mas ainda haverá anúncios (FERREIRA, Adriano. Facebook imita feed do TikTok e terá menos notícias; entenda as mudanças. **Tilt Uol**. 22 de jul. de 2022, às 14h34. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2022/07/22/facebook-imita-feed-do-tiktok-e-tera-menos-noticias-entenda-as-mudancas.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 6 nov. 2022).

(2016, p. 325), ao apresentarem o significado do verbete *mundo natural*, dizem que a semiótica do espaço “está ainda à procura do caminho”. Para os semioticistas, “o mundo natural, da mesma forma que as línguas naturais, não deve ser considerado como uma semiótica particular, mas antes como um lugar de elaboração e de exercício de múltiplas semióticas”, ao mesmo tempo em que pode haver “propriedades comuns a todas essas semióticas” (*Ibidem*, p. 325).

Os dois semioticistas, de antemão, sugerem distinguir “visões significantes” de “práticas significantes” levando em conta as “significações que falam do mundo tal como ele aparece e as significações que se referem ao homem tal como se comporta e se significa para si mesmo e para os outros” (*Ibidem*, p. 325). As visões significantes compreendem “as etnotaxionomias, as ‘semióticas dos objetos’, a dos processos ‘naturais’ e [...] a semiótica do espaço [...]” (*Ibidem*, p. 325). As práticas significantes são constituídas

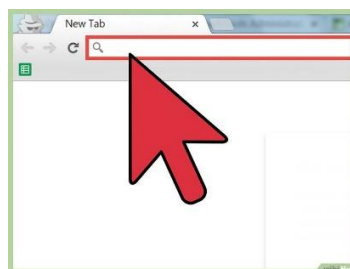
pelo menos pelos vastos campos semióticos que são a gestualidade, a proxêmica, etc. e, de modo geral, pelas práticas semióticas que são os comportamentos mais ou menos programados, orientados para um fim determinado (*a priori* ou *a posteriori*), e estereotipados dos homens, analisáveis como ‘discursos’ do mundo natural (Greimas; Courtés, 2016, p. 325, grifo dos autores).

Mesmo que a prática semiótica tratada por Fontanille se refira à da semiótica das línguas naturais, guarda-se uma relação tangencial entre esta semiótica e a do mundo natural no que concerne a determinados comportamentos programados para um fim. Na programação realizada pelo Facebook, várias linguagens se intercambiam, possibilitando o funcionamento do objeto-suporte formal, que ora virtualiza determinados signos-figuras, ora atualiza-os, ora realiza-os, conforme veremos na seção subsequente.

Na página-tela, o espaço onde digitamos o endereço do navegador (a barra de endereço) de um *site* integra a corporeidade formal do objeto bem como o *link*/URL da codificação informática, utilizados para acessar os *sites*, os blogs, as páginas etc. O link é considerado uma inscrição de um endereço eletrônico (é clicável) no espaço próprio do navegador.

Vejamos a seguir a barra de endereço do navegador.

Figura 17 - Barra de endereço de navegador



Fonte: KIKHOW. Disponível em: <https://pt.wikihow.com/Digitar-um-Endere%C3%A7o-Web-para-Acessar-um-Site-Espec%C3%ADfico>. Acesso em: 6 nov. 2022.

Podemos comparar a barra de endereço ao espaço do envelope destinado à aposição do endereço para onde enviamos uma carta, postada nos Correios. Em relação à carta, tanto o envelope quanto o papel em que ela está escrita são considerados objetos-suportes materiais.

Quanto aos textos-enunciados (a carta, por exemplo) inscritos no espaço digital *on-line*, tanto a tela luminosa quanto os elementos periféricos do suporte (o teclado, o mouse do notebook e do computador de mesa, a caixa do gabinete do computador, a caixa de um notebook, de netbook, de tablet, os botões, o monitor, as entradas para USB<sup>102</sup>, o cabo de carregamento da bateria, entrada para internet etc.) integram o suporte material do objeto.

Reforçamos que a dimensão material dos componentes externos do objeto não será foco de nossa análise<sup>103</sup>, porque ela não está diretamente relacionada ao componente discursivo dos textos-enunciados e especialmente à realização das cenas práticas. Independentemente do suporte material que o membro dos grupos estejam usando (um celular, um notebook etc.), ele poderá *postar*, *curtir*, *comentar/responder* e *compartilhar*. Então, daremos mais atenção ao suporte formal, cujo princípio de pertinência “é do tipo enunciativo: ele engaja, restringe e de fato modaliza um tipo de troca, uma estrutura de comunicação ideal e papéis de

---

<sup>102</sup> USB (*Universal Serial Bus*) significa Porta Serial Universal “está presente na rotina de quem utiliza notebook ou demais modelos de computador. A entrada USB é importante para utilizar os equipamentos periféricos, como mouse, teclado, cabos e muito mais” (BRING. Entrada USB: como utilizar da melhor maneira. 2023. Disponível em: <https://www.bringit.com.br/blog/dicas-e-tutoriais-para-notebook/entrada-usb-quais-principais-tipos>. Acesso em: 20 jan. 2023).

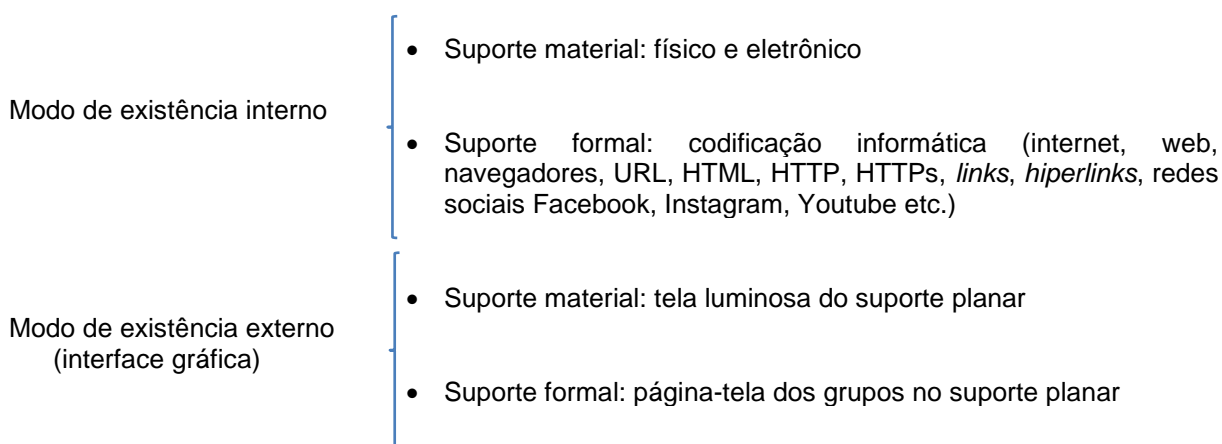
<sup>103</sup> Não é pertinente para nosso estudo identificar que suporte material foi utilizado para a realização da prática da interação *on-line* nos grupos, mas depreender a descrição, o funcionamento e a materialização das cenas práticas conforme estão inscritas na página-tela.

enunciação”<sup>104</sup> (Fontanille, 2005a, p. 4). Convém destacar que, para a enunciação digital *on-line*, há uma combinação de linguagens, como a da codificação informática e a computacional, favorecendo o sincretismo de linguagem próprio ao ambiente da internet.

Como dissemos, o objeto-suporte formal sofre coerções do objeto-suporte material<sup>105</sup> e por isso aquele se ajusta a esse. A interface do objeto semiótico (formal e material) está voltada para as práticas. Como temos um objeto-suporte que agencia as cenas práticas disponibilizadas pelo Facebook, então elas só acontecem com o acesso à internet. Nesse caso, a internet é uma fonte primária dos suportes formais do objeto, porque é ela que permite que as máquinas e os sistemas lógicos em rede funcionem, possibilitando inúmeras práticas de produção, de circulação, de consumo e de interação entre pessoas, grupos, comunidades, instituições etc.

Podemos esquematizar os modos de existência do objeto-suporte no *corpus* da seguinte forma:

Esquema 1 - Modos de existência do objeto-suporte



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Fontanille (2005a).

<sup>104</sup> No original: “[...] est de type énonciatif: il engage, contraint et modalise en effet un type d’échange, une structure de communication idéale, et des rôles d’énonciation” (Fontanille, 2005a, p. 4).

<sup>105</sup> Um grupo do Facebook, quando acessado num computador com tela 14”, obviamente tem uma página-tela com dimensão diferente de quando acessado num celular de 5,8”. Isso não vai implicar mudança na estrutura, nos elementos formais da página-tela, mas somente no tamanho das letras, dos caracteres, dos signos-figuras etc. Assim a página-tela (objeto-suporte formal) se ajusta ao objeto-suporte material (computador e celular).

Levando em consideração os dois modos de existência propostos por Fontanille (2005a), a codificação informática integra vários serviços, como a internet<sup>106</sup>, a web<sup>107</sup> etc., e constitui o modo de existência interno do suporte formal.

A internet, juntamente com outros sistemas lógicos de linguagens, utilizando um protocolo comum de comunicação, possibilita ao internauta reconhecer a diversidade de recursos de textualidade que permeia o universo digital *on-line*. Por meio da diversidade desses recursos, o internauta inscreve, na página-tela, os textos-enunciados, os signos-figuras e realiza as cenas práticas digitais *on-line*.

Do ponto de vista do modo de existência externo, que é mais concreto e específico e que dá acesso à interface gráfica, o Facebook transita entre o nível do objeto-suporte formal (a página-tela) e o nível das estratégias, mesmo que ele esteja mais voltado às estratégias em virtude da conjuntura que assume na práxis enunciativa da interação digital *on-line*.

O Facebook tenta agregar internautas para criarem perfis, grupos, páginas, realizarem serviços, anúncios, chat (messenger), dispondo de recursos que mostram lembranças do internauta, como aniversários, eventos etc. É o nível em que o jogo estratégico está mais fortemente projetado para atrair o enunciatário para que este realize a prática de navegação e adquira os serviços. Em relação aos grupos, temos

---

<sup>106</sup> A internet constitui uma infraestrutura de redes ligadas entre si e distribuídas no mundo inteiro. Ela usa os protocolos: HTTP/HPPTs (Hypertext Transfer Protocol – Protocolo de Transferência de Hipertexto - e Hypertext Transfer Protocol Secure – Protocolo de Transferência de Hipertexto Seguro), que se referem aos serviços da web; SMTP/POP/IMAP (SMTP- Simple Mail Transfer Protocol = Protocolo de Transferência de Correio Simples; POP3 – *Post Office Protocol* = Protocolo dos Correios e IMAP = *Internet Access Protocol* = Protocolo de Acesso à Mensagem da Internet), responsáveis pelo serviço de e-mail; TTP (File Transfer Protocol = Protocolo de Transferência de Arquivos); XMPP (Extensible Messaging and Presence Protocol = Protocolo Extensível de Mensagens e Presença), responsável pelas mensagens instantâneas, por exemplo, no WhatsApp etc. Para acessar a internet, não é preciso de um navegador, mas de um provedor. Também não precisamos de um navegador para enviar mensagens no WhatsApp, e-mails pelo celular, acessar aplicativos pelo celular etc. (MATOS, Leo. Conceito de internet e intranet. **YouTube**, 28 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0ia0etB-Nqk>. Acesso em: 31 jan. 2023).

<sup>107</sup> A web é um serviço disponibilizado pela internet responsável pelos serviços de página web, usa o protocolo HTTP/HTTps e estabelece uma rede de páginas, *links* etc. É um ambiente formado por documentos ou *sites*. A web precisa de browsers (navegadores) para a disponibilização dos serviços aos internautas. Os *links* “levam” arquivos hospedados em outros computadores. Para o Prof. Leo Matos, “quando estamos navegando num site, estamos usando tanto a internet quanto a web, porque esta é a base para a publicação dos sites e arquivos que compõem a página que o internauta está acessando; sem a internet, a web não conseguiria chegar até o usuário que está acessando a página” (MATOS, Leo. Conceito de internet e intranet. **YouTube**, 28 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0ia0etB-Nqk>. Acesso em: 31 jan. 2023). Embora a web tenha uma grande participação na popularização da internet (talvez a mais responsável), é oportuno não confundilas. Elas não se equivalem.

uma projeção do internauta como um sujeito modalizado por um querer, saber e poder fazer, conforme o projeto enunciativo do actante coletivo da prática.

O objeto-suporte formal e o objeto-suporte material coexistem no mesmo espaço e ambos possuem estruturas diferentes: o primeiro necessariamente precisa do segundo para sua existência externa, e os dois participam das cenas práticas. Vejamos, a seguir, como ocorre a prática de interação nos grupos por meio das cenas práticas.

### **3.1.4 As cenas práticas**

Portela (2008b, p. 104) pontua que “a reflexão sobre o objeto-suporte material e formal pelo qual um texto é manifestado pode nos ajudar a compreender melhor a interação entre os avanços tecnológicos e a criação de novos tipos textuais” e, acrescentaríamos, novas práticas semióticas especialmente as relacionadas à interação nas redes sociais, cuja manifestação não está adstrita aos textos-enunciados em si como uma totalidade de sentido, mas como uma unidade fragmentada e heterogênea, construída no curso das vicissitudes da práxis enunciativa da interação digital *on-line*.

O Facebook é um ambiente de enunciação digital que tem força comunicativa capaz de atrair usuários para encenar simulacros de interação e instituir uma cadeia de trocas, como é o caso do *corpus* desta pesquisa. A prática que iremos analisar pertence a uma mais abrangente e englobante: a prática de interagir. Sabemos que essa prática não se restringe à interação *on-line*, mas a todas as esferas de articulação entre sujeitos e objetos, sujeitos e sujeitos, todos recobertos por uma forma de linguagem.

Nos estudos da linguagem, muito foi discutido sobre as concepções de linguagem no desenvolvimento da linguística, implicando uma visão de língua ora como forma de expressão do pensamento; ora como instrumento de comunicação; ora como forma de interação. Elas não são excludentes entre si e podem coabitar nas práticas languageiras do falante (ou melhor, do internauta).

Relacionando a prática semiótica às concepções de linguagem, consideramos que é sob a perspectiva da terceira concepção que ela se assenta, porque, desde Greimas e Courtés (1979), a semiótica compreende tanto os processos da produção quanto os da interpretação do sentido como eixos-base da teoria. Nunca um sentido



é produzido isoladamente, porque é na relação entre termos, entre outros sentidos e entre sujeitos que a significação emerge.

A interação na semiótica está em sua base fundadora, na composição do sujeito da enunciação, que compreende o enunciador e o enunciatário, na debragem da categoria de pessoa desdobrada em narrador e narratário (debragem de primeiro grau) e em interlocutor e interlocutário (debragem de segundo grau) para exemplificar parte da cadeia da interação que fundamenta o nível discursivo do percurso gerativo. Falamos aqui do plano do conteúdo das práticas, em se tratando do nível do texto-enunciado, ou melhor, do discurso. Mas afinal o que é interagir?

Com base epistemológica da terceira concepção de linguagem, pressupomos, cotejando com as outras duas, que a interação não implica necessariamente uma tradução de um pensamento ou transmissão de informações, conforme o modelo canônico do processo de comunicação, mas sim uma ação sobre algo, sobre um objeto, um sujeito sobre um outro sujeito, sempre pensando na enunciação não como um ato monológico e unidirecional, mas como fenômeno da interação verbal como uma “realidade fundamental da língua”, segundo Bakhtin/Volochinov (2009, p. 127), na obra *Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*.

A semiótica leva em conta as trocas intersubjetivas advindas da enunciação ou enunciações da práxis enunciativa, tendo a linguagem como lugar de interação. As práticas semióticas têm, no seu cerne constitutivo, a interação. Como exemplo, Fontanille destaca que a prática da refeição, entre as várias formas de nos alimentarmos, possui caráter ritualístico, como a “refeição em família”, o “jantar entre amigos” ou o “almoço profissional” e que

a ritualização das práticas alimentares é a única maneira que temos de nos persuadir de que estamos enquadrados em uma prática chamada ‘refeição’ e, de outra forma, e uma maneira de articular essa prática com outras (a vida em família, as relações de amizade, as reuniões de trabalho etc.) (Fontanille, 2008b, p. 49).

A prática de interagir nos grupos do Facebook também possui uma dinâmica que se inclina a uma ritualização, considerando os procedimentos de inclusão do internauta nos grupos desde o seu aceite pelo administrador ou moderador<sup>108</sup> até a

---

<sup>108</sup> O administrador pode optar por “aprovar membros e visitantes como participantes antes que eles façam uma publicação ou comentário pela primeira vez”. Mesmo que um internauta seja aceito “como

sua participação efetiva: seja como observador sem inscrição de registros, seja como actante operador de uma cena prática. O administrador e o moderador exercem grande responsabilidade na avaliação da prática e dos eventos instaurados nos grupos, porque, antes da postagem ser exibida, eles podem avaliar e decidir sobre a publicação.

O papel administrativo de gerir o grupo equivale, em termos narrativo-práticos, ao papel actancial do destinador julgador da performance do sujeito que solicita participar do grupo. O ato da solicitação pressupõe que se trata de um sujeito que tem a competência e os atributos para agir, para realizar as práticas interativas a partir do aceite. Os signos visuais e verbais, constantes na foto-capa dos grupos, constituem mecanismos persuasivos para chamar/convocar o internauta para ser membro dos grupos (para fingir ser idoso).

Assim como as práticas alimentares, também a prática de navegar na internet subsume outras práticas que sugerem uma ritualização, como: ligar o equipamento, acessar à internet, buscar o navegador, digitar o endereço da web, adentrar nos grupos, curtir, comentar, compartilhar etc. Essa sintagmatização de atos enquadra o internauta na prática da navegabilidade, da interação, articulando outras práticas também específicas da internet, como *comentar* em grupos, pesquisar preço de algum produto para comprar, ou abrir *sites* ou páginas para também navegar por eles, solicitar e aceitar amizades etc. O navegador potencializa ao internauta realizar vários percursos e práticas interativas quase que simultaneamente.

De acordo com o dicionário Houaiss *on-line*, **interagir** significa:

1. Exercer ação mútua (com algo), afetando ou influenciando o desenvolvimento ou a condição um do outro; 2. Ter comunicação, diálogo (com outrem) em dada situação (familiar, profissional etc.), comunicar-se, relacionar-se; 3. Compartilhar de determinada atividade ou trabalho com (outrem); 4. Intervir e controlar (um usuário) o curso das atividades num programa de computador, num CD-ROM, num vídeo etc. sinônimo: interatuar (HOUAISS, Dicionário Houaiss.

---

participante do grupo”, o administrador ainda poderá exigir a aprovação prévia para as publicações futuras. Vejamos as funções do administrador e do moderador de grupo no Facebook. Ao administrador cabe: “Fazer outro membro se tornar administrador ou moderador; Remover um administrador ou moderador; Gerenciar as configurações do grupo (por exemplo, alterar o nome, a foto da capa ou as configurações de privacidade do grupo)”. Tanto ao administrador quanto ao moderador cabem: “Aprovar ou recusar solicitações de entrada e solicitação de participantes; Aprovar ou recusar publicações no grupo; Remover publicações e comentar em publicações; Remover e banir pessoas do grupo; Fixar ou desafixar uma publicação” (META. **Gerenciar pessoas e conteúdos no Facebook e a equipe de administradores e moderadores**. 2022. Disponível em: [https://web.facebook.com/help/1686671141596230?\\_rdc=1&\\_rdr](https://web.facebook.com/help/1686671141596230?_rdc=1&_rdr). Acesso em: 5 dez. 2022).

(Disponível em: [https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v6-0/html/index.php#1](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#1). Acesso em: 11 nov. 2022).

Do significado de interagir, podemos depreender que esse lexema condensa as cenas práticas *postar*, *curtir*, *comentar/responder* e *compartilhar*, pois todas elas, como atos práxicos, voltam-se para o exercício de uma ação de um sujeito (actante operador) em relação a outro sujeito, fundamentado por um objetivo que aponta para um horizonte estratégico, visando a determinados resultados.

As cenas marcam a presença de um sujeito que se insere no curso de comunicação/interação *on-line*. De acordo com Fontanille (2008a, p. 26), “A experiência semiótica em que se fundamenta o nível de pertinência das práticas é aquela sintetizada pela expressão “em ato” [...]”<sup>109</sup>. Todas as práticas acima ocorrem na dinâmica da experiência que o próprio objeto-suporte viabiliza, uma vez que, para que elas aconteçam, necessariamente, o sujeito operador deve estar imerso nos grupos para realizar tais cenas práticas, o que pressupõe que ele esteja *on-line*. Então a experiência prática realiza-se em ato.

Por meio da interação na internet, é desenvolvida a métrica que mensura a quantidade de participação do internauta em relação às postagens, curtidas, comentários e compartilhamentos que realiza bem como os acessos que o internauta faz. A interação implica a participação do internauta, seja postando, seja comentando, seja curtindo, seja compartilhando uma postagem, entre outras cenas. Tudo isso concorre para o engajamento do internauta, que é movido por desejos e manipulações de grupos, páginas, *sites* ou anúncios de *marketing* digital etc.

A seguir, trataremos das cenas predicativas, depreendendo a estrutura, os actantes, o ato prático, o objetivo, o horizonte estratégico e o resultado empreendido em cada uma.

#### 3.1.4.1 *Postar*

O dicionário Houaiss *on-line* traz as seguintes entradas de significado para *postar*:

<sup>1</sup>Postar 1. pôr (alguém, algo ou a si mesmo) em certa posição ou em determinado local geralmente para ali permanecer algum tempo;

---

<sup>109</sup> No original: “L’expérience sémiotique sur laquelle se fonde le niveau de pertinence des pratiques est celui que résume l’expression ‘en acte’ [...]” (Fontanille, 2008a, p. 26, grifo do autor).

posicionar, colocar; 1.1 ficar em pé, sem sair do lugar; parar. <sup>2</sup>Postar 1. pôr no correio; enviar, expedir; 1.1 **Enviar (textos, imagens, vídeos etc.) para publicação num site, página, blogue da internet** (HOUAISS, Dicionário Houaiss Corporativo. Disponível em: [https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v6-0/html/index.php#1](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#1). Acesso em: 23 nov. 2022, grifos nossos).

*Postar* traz algumas equivalências de significado que remetem à ação de *postar* na internet, em grupo etc. Conforme seja a situação semiótica, a estrutura da cena prática muda. Por exemplo, *postar* nos Correios uma correspondência é diferente de *postar* uma fotografia num grupo do Facebook, porque o objeto-suporte material e formal diferenciam-se.

O operador da cena, em ambos os atos (*postar* nos Correios e *postar* num grupo do Facebook), precisa de um actante-suporte que efetive a prática: os Correios e a internet (e necessariamente o equipamento conectado a esta, com endereço do *link* do grupo).

Para a efetivação das práticas acima, é necessário um terceiro actante, um intermediário. Para o postador do grupo praticar a cena, ele precisa de outros parceiros (por exemplo, o administrador/mediador do grupo, que autoriza a inserção do *post*). O postador é o actante operador (individual, mas age em nome de uma coletividade, comunidade: o grupo).

*Postar* na internet equivale mais ou menos à postagem de uma correspondência nos Correios, sendo diferente, por exemplo, da prática de grafitar, pois esta é executada diretamente pelo próprio grafiteiro, operador da prática; já aquelas precisam de um outro actante para efetivar a prática.

Cada prática tem, em seu cerne, uma especialização, uma característica singular que a faz concorrer com outras práticas ou ajustar-se a estas. Entre as práticas da circulação *on-line*, o Facebook apresenta ao internauta orientações para publicar em um grupo. Publicar pode equivaler a *postar*, a *compartilhar*, adicionar enquete, arquivos, *gifs* etc. O mesmo local que permite as publicações também possibilita

incluir comentários, fazer check-in, marcar pessoas ou marcar um evento, escrever uma coluna, arrecadar dinheiro para uma organização sem fins lucrativos, vender algo, marcar um produto, organizar uma sessão de perguntas e respostas ou pedir recomendações (META, Facebook, 2022. Disponível em <https://>

www.facebook.com/help/232426073439303. Acesso em: 8 dez. 2022).

O espaço destinado às publicações sincretiza vários gestos práticos que concorrem ou se ajustam entre si. Conforme Fontanille (2008b, p. 54), “a prática deve se submeter a um certo número de coerções, seja pela presença de práticas concorrentes já engajadas, seja pelas normas e regras que preexistem à construção de toda ocorrência particular [...]”. O autor acrescenta ainda: “é preciso levar em conta o fator inevitável da programação externa”.

A interação subsume, nos grupos, uma heterogeneidade de enunciações. Sobre a heterogeneidade, Fontanille (2008a, p. 55) chega a questionar: “como tantos actantes de enunciação diferentes podem se comunicar em uma mesma representação compartilhada?”<sup>110</sup>. Para ele, a heterogeneidade de enunciações ou é “uma construção social, um simulacro possivelmente inscrito em corpos, como *habitus*”, ou uma “configuração semiótica, prática, estratégia ou forma de vida”<sup>111</sup> (*Ibidem*, p. 54). No caso de interagir, trata-se de uma prática heterogênea que se desdobra em várias cenas práticas.

Para efeito metodológico desta pesquisa, consideramos que *postar* relaciona-se à prática, ao ato enunciativo; a postagem, ao enunciado, do qual resulta o objeto textual prático: o *post*. A partir da postagem, iniciam-se as cenas práticas *curtir*, *comentar/responder* e *compartilhar*. A postagem principal abre a chamada para as interações e ela pode estar materializada numa foto, num vídeo, num recorte de conversa de WhatsApp, num meme etc. Num mesmo dia, várias postagens podem ocorrer, porque o tempo é o domínio que orienta a disposição cronológica dos *posts*: a postagem que fica na parte superior da página-tela é aquela postada por último.

Para publicar (*postar*) em um grupo, a Meta, por intermédio do Facebook, orienta os seguintes procedimentos:

1. No Feed, clique em **Grupos** no menu à esquerda e selecione o grupo. Caso não veja a opção **Grupos**, clique em **Ver mais**. 2. Clique na caixa ao lado da sua foto do perfil próxima da parte superior da página (META, Facebook, 2022. Disponível em <https://www.facebook.com/help/232426073439303>):

---

<sup>110</sup> No original: “[...] comment autant d’actants d’énonciation différents peuvent-ils communiquer dans une même “représentation partagée?” (Fontanille, 2008a, p. 55).

<sup>111</sup> No original: “[...] une construction sociale, un simulacre éventuellement inscrit dans des corps, comme les *habitus*, ou bien elle est une configuration sémiotique, pratique, stratégie ou forme de vie” (*Ibid*, p. 54).

//www.facebook.com/help/232426073439303. Acesso em: 8 dez. 2022, grifos do autor).

Cabe ressaltar que, caso a opção de publicar não esteja disponível, é porque os administradores do grupo não permitiram tal ato sem a anuência deles. No Facebook, alguns tipos de *post* geram mais interação, mais engajamento<sup>112</sup>, entre os quais se destacam:

a) “citação”, como passagens de livros, músicas ou frases famosas de autores consagrados (campeão de compartilhamento, devendo estar compatível com o grupo, com o *site* etc.);



Fonte: Magalhães e Freitas, 2022. Disponível em <https://ecommercenapratica.com/blog/ideias-de-posts-que-geram-muito-engajamento-no-facebook/>. Acesso em: 8 dez. 2022.

b) perguntas ou enquetes (“Quanto menores e mais diretas forem as perguntas, maiores as chances de os usuários as lerem e responderem nos seus feeds pessoais”<sup>113</sup>);



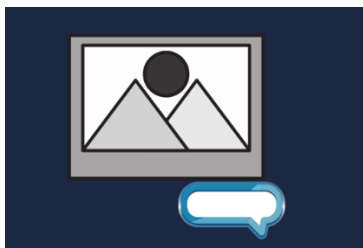
Fonte: Magalhães e Freitas, 2022. Disponível em <https://ecommercenapratica.com/blog/ideias-de-posts-que-geram-muito-engajamento-no-facebook/>. Acesso em: 8 de dez. de 2022.

c) convite para o internauta escrever uma **legenda de foto**

---

<sup>112</sup> O engajamento é um dos procedimentos mais importantes do Facebook, constituindo um dos recursos da métrica da plataforma. A métrica “ranqueia os posts de acordo com a interação que eles fazem com os usuários” (MAGALHÃES, Ana Clara; FREITAS, Vitória. 10 ideias de posts que geram muito engajamento no Facebook. **Ecommerce na prática**. 2022. Disponível em: <https://ecommercena.pratica.com/blog/ideias-de-posts-que-geram-muito-engajamento-no-facebook/>. Acesso em: 8 dez. 2022).

<sup>113</sup> MAGALHÃES, Ana Clara; FREITAS, Vitória. 10 ideias de posts que geram muito engajamento no Facebook. **Ecommerce na prática**. 2022. Disponível em: <https://ecommercenapratica.com/blog/ideias-de-posts-que-geram-muito-engajamento-no-facebook/>. Acesso em: 8 dez. 2022.



Fonte: Magalhães e Freitas, 2022. Disponível em <https://ecommercenapratica.com/blog/ideias-de-posts-que-geram-muito-engajamento-no-facebook/>. Acesso em: 8 dez. 2022.

#### d) Memes

Como o meme tem, em seu cerne, o efeito de sentido do humor e de propagabilidade, ele projeta um fazer. É considerado gênero prático que mais gera engajamento nas redes sociais e é o recurso mais utilizado pelos grupos.

e) Concurso/desafios (“Quantas agulhas você consegue ver nessa imagem? A resposta mais próxima ganha um cupom de desconto de 20% na próxima compra”<sup>114</sup>).

#### f) Trivias<sup>115</sup> ou Quis



Fonte: Magalhães e Freitas, 2022. Disponível em <https://ecommercenapratica.com/blog/ideias-de-posts-que-geram-muito-engajamento-no-facebook/>. Acesso em: 8 dez. 2022.

#### g) Posts de outras páginas;

#### h) Histórias e bastidores (com textos, imagens, vídeos, *stories* etc.);

#### i) Dicas para resolver problemas;

#### j) Imagens e vídeos<sup>116</sup>.

---

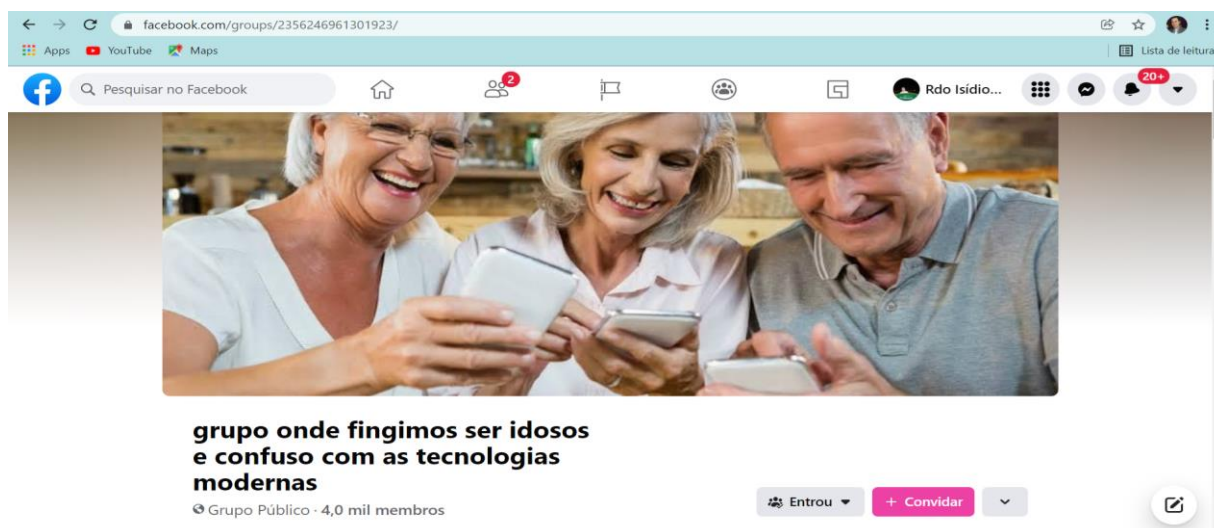
<sup>114</sup> MAGALHÃES, Ana Clara; FREITAS, Vitória. 10 ideias de posts que geram muito engajamento no Facebook. **Ecommerce na prática**. 2022. Disponível em: <https://ecommercenapratica.com/blog/ideias-de-posts-que-geram-muito-engajamento-no-facebook/>. Acesso em: 8 dez. 2022.

<sup>115</sup> Trivias são perguntas cujas opções de respostas estão na forma de múltipla escolha.

<sup>116</sup> “O Facebook introduziu o recurso de autoplay, onde os vídeos já se iniciam automaticamente quando o usuário passa por ele. Os vídeos possuem a **maior taxa de compartilhamento** de todo o Facebook, **elas chegam a 138%**! Portanto postar vídeos divertidos, informativos e relacionados ao seu assunto é uma grande forma de gerar engajamento. (MAGALHÃES, Ana Clara; FREITAS, Vitória. 10 ideias de posts que geram muito engajamento no Facebook. **Ecommerce na prática**. 2022.

Nos grupos de onde extraímos o *corpus*, os tipos de *posts* mais frequentes são: memes, fotos e vídeos. Vejamos agora como funciona a cena prática *postar* em grupo e como ela é programada pelo Facebook.

Figura 18 - Cena predicativa da identificação do *Grupo onde fingimos ser idosos e confuso com as tecnologias modernas*



Fonte: *Grupo onde fingimos ser idosos e confuso com as tecnologias modernas*. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/2356246961301923/>. Acesso em: 8 dez. 2022.

A inclusão da foto-capa<sup>117</sup> no grupo é a primeira cena predicativa realizada pelo administrador após a criação do grupo. Ela tem a função não só de capturar o olhar do enunciatário, do destinatário, mas de identificar o ambiente e de criar uma identidade visual, ou seja, uma apresentação primeira de si. Ela é geralmente uma imagem grande, centralizada na parte superior da página-tela, o que constitui um recurso para persuadir o enunciatário. À foto-capa, subjaz uma força persuasiva do

Disponível em: <https://ecommercenapratica.com/blog/ideias-de-posts-que-geram-muito-engajamento-no-facebook/>. Acesso em: 8 dez. 2022).

<sup>117</sup> Cabe aqui diferenciar a foto do perfil da foto-capa de grupo. A primeira é aquela que os “amigos” veem ao lado do nome do dono do perfil. É por meio dela que os internautas reconhecem o dono do perfil. As dimensões da foto conforme o grupo Meta é: “176 x 176 pixels em computadores, 196 x 196 pixels em smartphones e 36 x 36 pixels na maioria dos celulares comuns. É cortada em círculo”. Já a foto-capa é “uma imagem grande centralizada na parte superior do perfil. A foto de perfil e a foto de capa podem ser vistas pelos internautas que visitarem seu perfil, a não ser que o dono do perfil tenha realizado alguns bloqueios. O lado esquerdo é alinhado sem margens e com uma taxa de proporção de 16:9.; Deve ter no mínimo 400 pixels de largura e 150 pixels de altura; Carrega mais rapidamente como um arquivo sRGB JPG que tenha 851 pixels de largura e 315 pixels de altura, e menos de 100 KB. Para fotos do perfil e de capa que contenham seu logotipo ou texto, use um arquivo PNG para obter melhor resultado. O lado esquerdo da foto da capa será parcialmente coberto pela sua foto do perfil, podendo ser cortado e redimensionado para se ajustar a telas diferentes” (META. Uso do Facebook: dimensão da foto do perfil e da capa do grupo. Disponível em: [https://web.facebook.com/help/125379114252045?\\_rdc=1&\\_rdr](https://web.facebook.com/help/125379114252045?_rdc=1&_rdr). Acesso em: 11 dez. 2022).



enunciador para com o enunciatório como forma de fazer com que este se identifique com o grupo e assim possa adentrar no grupo.

A assinatura autoral da cena acima é do *Grupo onde fingimos ser idosos e confuso com as tecnologias modernas*, representado pelo administrador “Wesley Oliveira”. Também compõe esse corpo coletivo (o grupo) cada membro internauta. Como o grupo foi criado em 3 de agosto de 2019 e como, no histórico,<sup>118</sup> não consta a alteração do nome, nem da foto, nem do propósito, pressupomos que a foto-capa foi postada nessa data.

A postagem da foto está agregada e vinculada à identificação do grupo, e a cena prática (*postar* a foto-capa) permite o preenchimento de informações sobre o grupo. Essas informações estão dispostas em colunas subpostas à foto e são intituladas: “Sobre”, “Discussão”, “Em destaque”, “Tópicos”, “Pessoas”, “Eventos” e “Mídias”.

A coluna “Sobre” traz informações acerca do tipo de grupo (público), do nível de acesso dos internautas (se é visível ou não), do histórico (data da criação e das alterações no nome e no propósito do grupo) e da identificação dos administradores e dos membros.

A coluna “Discussão” classifica as postagens em “Mais relevantes”, “Atividade mais recente” e “Novas publicações”. Geralmente o administrador do grupo já deixa marcado o nível “Mais relevantes”. Caso o membro do grupo deseje acessar as outras classificações, deve desmarcar esse tipo. Na coluna “Discussão”, constam também todas as postagens com os respectivos comentários, informações sobre a quantidade das curtidas e dos compartilhamentos. Essa coluna também é o espaço destinado para a inscrição dos textos-enunciados e a realização de todas as cenas práticas, sendo considerada a “espinha dorsal” da prática de interação.

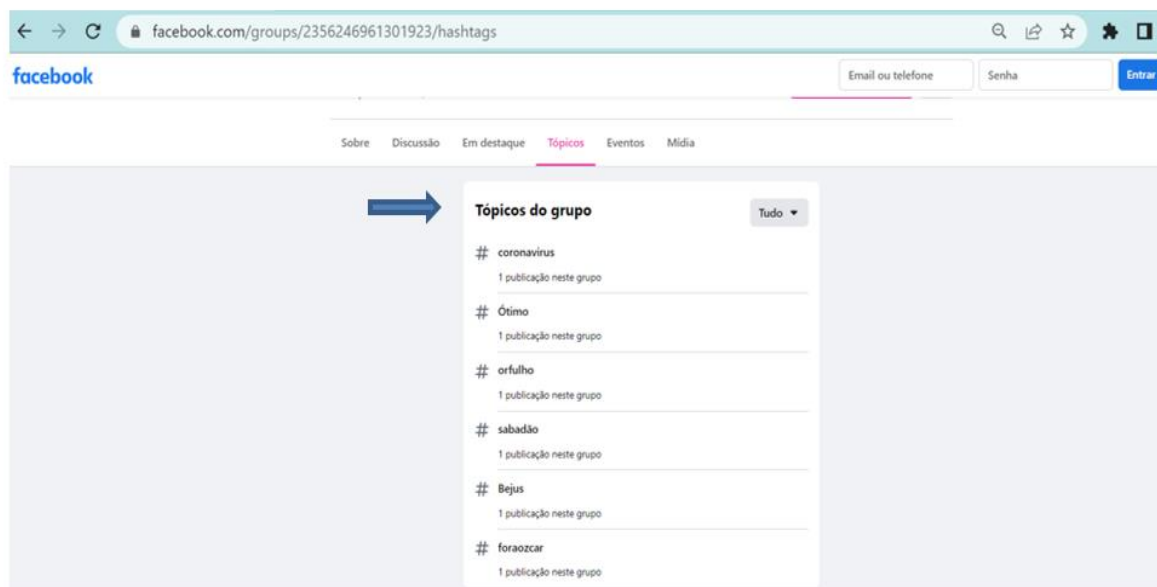
A coluna “Em destaque” traz um convite, uma convocação aos membros para que estes intensifiquem a interação, de forma a aumentar as reações, a participação dos membros do grupo. É uma publicação do administrador do grupo.

---

<sup>118</sup> De acordo com a coluna Sobre do grupo, “o histórico do grupo mostra quando este grupo foi criado, além das alterações feitas no nome dele. Use o histórico do grupo para ver se o propósito do grupo mudou com o tempo. Nenhuma alteração recente no nome do grupo. 🗨️ Criado 3 de ago. de 2019” (FACEBOOK. Disponível em: <https://web.facebook.com/groups/2356246961301923/about>. Acesso em: 11 dez. 2022).

A coluna “Tópicos” reúne as principais *hashtags*<sup>119</sup> promovidas pelo grupo, conforme relação a seguir.

Figura 19 - Tópicos da página-tela do Grupo *onde fingimos ser idosos e confuso com as tecnologias modernas*



Fonte: Grupo *onde fingimos ser idosos e confuso com as tecnologias modernas*. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/2356246961301923/hashtags>. Acesso em: 27 dez. 2022.

O grupo promoveu seis *hashtags*. A “#coronavírus” traz várias informações sobre a Covid-19 e publicações com comentários.

A coluna “Eventos” serve para os membros e administradores publicarem espetáculos, festas, convites, comemorações etc. A publicação de eventos em grupo público depende da anuência do administrador, caso este tenha configurado o grupo para aprovação de publicações. No grupo, não consta publicação de evento.

A coluna “Mídia” reúne as fotos, os vídeos e os álbuns organizados pelo administrador e disponibilizados pelos membros do grupo. Até 27 de dezembro de 2022, constam 276 fotografias, 19 vídeos e nenhum álbum.

A cena predicativa se complexifica conforme seja a polissensorialidade do conjunto semiótico (a tela luminosa, a página-tela, o enquadramento do objeto-suporte, os textos verbais e não verbais, os *links* e os *hiperlinks*, as imagens, os

<sup>119</sup> A palavra *hashtag* é composta pela palavra *hash* (que significa o símbolo #) e *tag* (do verbo inglês *to tag*, que significa rotular, etiquetar, classificar). No Brasil, o símbolo da *hashtag* é de uma 'cerquilha' ou 'jogo da velha' (#). “O objetivo é catalogar posts que tratem do mesmo assunto e facilitar a busca por conteúdo semelhante nas redes sociais” (TECHTUDO. **O que é hashtag**. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2012/03/o-que-sao-hashtags-e-como-usar.ghtml>. Acesso em: 27 dez. 2022).

vídeos, os *emojis* etc.) e ela projeta um efeito sinestésico que persuade o enunciatário, o leitor, o parceiro com o qual o enunciador constrói um modo de ser, de sentir e de interagir com(no) o grupo.


A cena predicativa que mais ganha espaço no grupo é a prática da postagem (seja de um vídeo, seja de uma fotografia, acompanhados ou não de segmentos verbais). Na cena da figura 18, os signos verbais estão articulados ao propósito do grupo (fingir), e o segmento visual principalmente concorre para a formação de figuras discursivas sobre o idoso.

O administrador seleciona a foto-capa e, ao inseri-la na página-tela, ela ganha corporeidade vinculada à identificação do grupo. Assim, a cena predicativa *postar* ganha forma, sendo a internet o objeto-suporte preliminar determinante dessa cena prática. Para criar a foto-capa, necessariamente o administrador do grupo precisa seguir os procedimentos programados pelo Facebook.

Sob a perspectiva da interface formal de inscrição (Fontanille, 2008a), a postagem constitui um gesto de inscrição do ato enunciativo no texto-enunciado e tem a singularidade de inaugurar uma cadeia de cenas práticas: *curtir, comentar/responder e/ou compartilhar*. A postagem integra o objeto-suporte formal e ambos pertencem ao processo da significação; o objeto-suporte está latente à cena prática *postar* e coexiste com ela.

Embora os níveis de pertinência signos, textos-enunciados, objetos e cenas práticas estejam de forma integrada no *corpus* e em movimento ascendente, também nos deparamos com a operação de síncope. Ela acontece, por exemplo, quando nos referimos ao nível das estratégias, sincretizado pelo papel do Facebook, pois este serve para, além de permitir a interação entre os membros do grupo, também possibilitar a participação destes no processo de produção de mídia (de massa): uma transmissão ao vivo<sup>120</sup>. Esse recurso faz com que o Facebook assuma a conjuntura

---

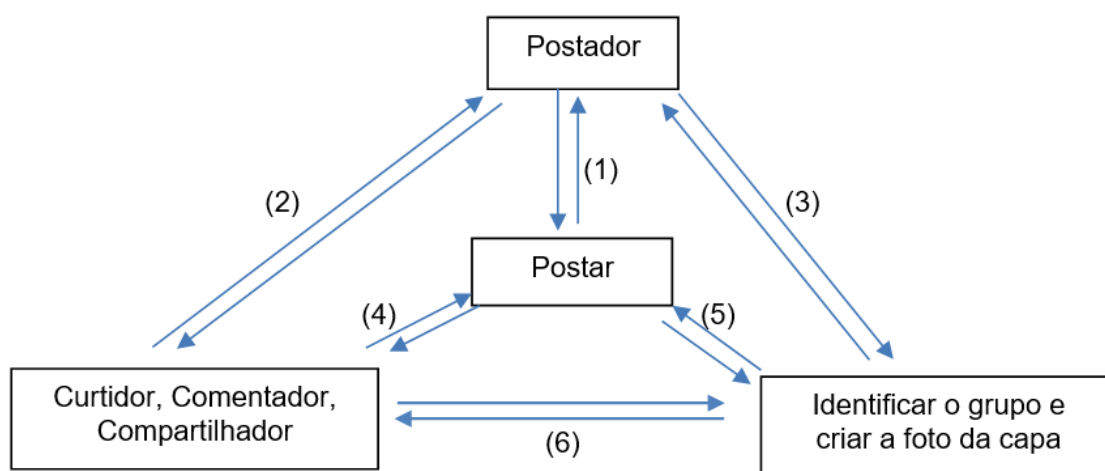
<sup>120</sup> Com o recurso chamado “Live”, o Facebook permite o membro de um grupo ou qualquer internauta fazer uma transmissão ao vivo de eventos, apresentações e reuniões. A transmissão pode ser feita utilizando o perfil, uma página, um grupo ou um evento, e “As configurações de privacidade do grupo determinam quem poderá assistir ao seu vídeo ao vivo”. O Facebook apresenta os seguintes passos para a transmissão: “1. No Feed, clique em **Grupos** no menu à esquerda e selecione o grupo no qual deseja transmitir ao vivo; 2. Clique em **No que você está pensando?**; 3. Clique em “” e em  **Vídeo ao vivo**; 4. No menu à esquerda, selecione se deseja **Transmitir ao vivo agora** ou **Programar evento de vídeo ao vivo** para uma data e um horário futuros; 5. Adicione um título e uma descrição à publicação. Também é possível marcar amigos, fazer check-in em uma localização ou adicionar um sentimento ou uma atividade; 6. Clique em **Transmitir ao vivo** no canto inferior esquerdo. Observação: Caso essa opção não esteja disponível, pode ser que os administradores do grupo não permitam esse tipo de publicação. Caso você seja um administrador,

de permitir ao internauta membro do grupo a realização de tal prática (competencializa o sujeito para um poder-fazer), diferentemente de outros *sites* da internet.

O Facebook é uma plataforma que possibilita que as interações aconteçam como enunciação em ato. A prática de interagir se ajusta a outras concomitantes a ela, como a de produção, de circulação e de consumo de produtos e serviços.

Do ponto de vista da estrutura da cena, *postar* apresenta a seguinte organização:

Esquema 2 - Identificação do predicado e dos actantes da cena prática *postar*



Fonte: Adaptado de Fontanille (2021, p. 51).

1. Ato prático: *postar*, ato inaugural da prática da circulação dos objetos *online* no grupo (no caso dessa cena prática, o ato tem relação direta com os objetivos/resultados);

2. Actante operador: o *postador* (o administrador do grupo ou qualquer membro), internauta que realiza o ato prático em nome do grupo, uma vez que a cena prática está relacionada à criação do grupo. O *postador* representa o grupo, que é o actante coletivo;

3. O objetivo: identificar o grupo no Facebook, que consiste não só em atribuir um nome como uma projeção de identidade, como também em apresentar uma

---

saiba como gerenciar esse recurso no seu grupo. Em grupos públicos, os administradores podem precisar de aprovação antes de publicar ou comentar pela primeira vez. O processo de aprovação pode exigir que os novos participantes respondam a perguntas de participação e aceitem as regras do grupo. Apenas os administradores e moderadores podem ver suas respostas. Depois que receber aprovação para ser participante, as próximas publicações dessa pessoa ainda precisarão ser aprovadas se o administrador tiver configurado a aprovação de publicações” (META. Como faço para transmitir ao vivo em um grupo do Facebook? 2022. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/help/328627761448473>. Acesso em: 29 dez. 2022).

direção de sentido às cenas práticas a serem enunciadas pelo actante operador. Da cena prática da figura 18, emerge o ato de inscrição da foto-capa do grupo na página-tela.

O objetivo está em conformidade com o alcance do ato prático cuja dimensão ética está garantida pelo objeto-suporte. A identificação do grupo, que tem por base o fingimento, está condizente com a “liberdade” permitida tanto pelo modo de existência interno quanto pelo modo de existência externo do objeto-suporte. A internet amplia o efeito de liberdade dos internautas, e o objetivo emerge da necessidade de identificação do grupo e da própria coerção que o objeto-suporte formal aponta para que a página-tela do grupo seja criada.

4. O Outro e o horizonte estratégico: O Outro equivale ao curtidor<sup>121</sup>, ao comentador<sup>122</sup> ou ao compartilhador<sup>123</sup> do *post* e representa aquele que, num primeiro momento, não faz parte do campo de ação específica do “postador”, entretanto, o Outro incorpora funções que concorrem para a prática da interação *on-line*.

O postador (que pode ser tanto o administrador quanto internauta-membro do grupo) se identifica com o projeto enunciativo do corpo coletivo. Utilizando as palavras de Fontanille (2021, p. 152) quando se refere ao didaticista-educador, dizemos que o internauta postador “se identifica com tal ou tal conteúdo de saber especializado com tal ou tal tipo de resultado obtido ou esperado [...]”.

Vamos, a seguir, tratar da cena prática *curtir*.

---

<sup>121</sup> O sujeito actante operador da cena prática *curtir*. No dicionário *on-line* Houaiss, constam os seguintes significados: “1. que ou aquele que faz curtimento”; “2. que ou aquele que faz curte, desfruta prazerosamente (situações, experiências ou ainda seres e coisas)”; “3. que ou aquele que é ocioso, que vive folgadoamente, com pouco ou nenhum trabalho; boa-vida”; “4. que ou aquele que tira o máximo proveito de tudo”; “5; que ou aquele que zomba das coisas e dos que o cercam; gozador” (CURTIDOR, in: Houaiss. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uolwww/v6-1/html/index.php#3>. Acesso em: 13 jan. 2023). O significado que se aproxima ao que estamos utilizando nesta tese é o número 2, uma vez que a cena prática *curtir* traduz uma experiência do sujeito em usufruir as situações do mundo digital *on-line*. O sujeito apresenta-se modalizado por um querer, dever, poder, saber e um crer, conforme os regimes sintagmáticos da cena prática (Fontanille, 2008b).

<sup>122</sup> Actante operador da cena prática *comentar*. No dicionário *on-line* Houaiss, constam os seguintes significados: “que ou aquele que comenta, que tece comentário, como simples expositor ou como crítico; anotador, comentarista.” (COMENTADOR, in: Houaiss. Disponível em: [https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v6-1/html/index.php#4](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#4). Acesso em: 13 de jan. de 2023). No grupo, o comentador pode apreciar uma postagem, apresentar um ponto de vista, concordar ou não com a postagem ou com outros comentários, distorcer sentidos etc. É um sujeito submetido aos regimes sintagmáticos (Fontanille, 2008b) da prática de interação *on-line*.

<sup>123</sup> Actante operador da cena prática *compartilhar*. O dicionário *on-line* Houaiss traz os seguintes significados: “que ou quem compartilha ou compartilhou; compartilhante.” (COMPARTILHADOR, in: Houaiss. Disponível em: [https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v6-1/html/index.php#3](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#3). Acesso em: 13 de jan. de 2023). É um sujeito submetido aos regimes sintagmáticos (Fontanille, 2008b) da prática de interação *on-line*.

### 3.1.4.2 *Curtir*

O dicionário Houaiss *on-line* apresenta os seguintes significados para o verbete *curtir*:

1. colocar (couro, pele) de molho em líquido esp. preparado para amaciá-lo e deter a sua decomposição orgânica;
2. Conservar (comida) em molho apropriado, esp. álcool, salmoura, vinagre, azeite;
3. Deixar (bebida alcoólica) em local apropriado antes de consumi-la;
4. Endurecer, enrijar na posição às intempéries; calejar;
5. Tornar mais forte e saudável (uma pessoa) como resultado de banhos de luz solar;
- 6. Gostar (de alguém ou algo), desfrutar, fruir;**
7. Queimar (a pele) ao sol;
8. Esperar passar (a ressaca, as consequências do excesso de ingestão de bebida);
9. Experimentar sensações de êxtase, prazer etc. propiciadas pelo uso de drogas (Dicionário Houaiss Corporativo. Disponível em: [https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v6-0/html/index.php#1](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#1). Acesso em: 23 nov. 2022, grifos nossos).

Entre os vários significados de *curtir*, destacamos o que tem relação direta com a prática “popularizada” pelo Facebook: gostar, aprovar algo ou alguém, aproveitar. O enunciado “curtir a vida” remete a aproveitar os momentos que a vida oferece, analogamente como suscita *carpe diem*<sup>124</sup>.

Diferentemente da cena prática *postar*, que requer previamente a atualização de determinados procedimentos, *curtir* é concomitante ao momento da seleção do signo-figura que representa a cena.

Figura 20 - Modo de existência atualizado da cena prática *curtir*

---

<sup>124</sup> Expressão latina que significa “Aproveite o dia; locução usada para enfatizar a necessidade de se aproveitar o presente [...]. Parte integrante da expressão *Carpe diem quam minimum credula postero* ou “colha o dia, confia o mínimo no amanhã”; de autoria do poeta romano Horácio (65-8 a. C.), em seu livro *Odes*” (CARPE DIEM, in: **Dicionário online de Português**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/carpe-diem/>. Acesso em: 6 de jan. 2023).



Fonte: Grupo onde fingimos ser idosos e confuso com as tecnologias modernas. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/2356246961301923/>. Acesso em: 6 jan. 2023.

Vemos que o *emoji* (“joinha”, representado pelo polegar levantado) e o signo verbal *Curtir* ainda não estão marcados na cor azul; por isso, podemos homologar esse *status* da cena ao modo de existência atualizado, pois a presença do actante operador ainda não está materializada. Entretanto, quando são selecionados, tanto o *emoji* quanto o nome *Curtir*, eles mudam de cor simultaneamente: de branco e preto (cor do *emoji* e preto do ícone verbal *Curtir*) para azul, combinando com a cor da logomarca do Facebook. A própria logomarca já evoca um texto-enunciado e constitui uma síncope descendente, porque, como signo-figura, ela está condensando outros níveis de pertinência.

Figura 21 - Modo de existência realizado da cena prática *curtir*



Fonte: Grupo onde fingimos ser idosos e confuso com as tecnologias modernas. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/2356246961301923/>. Acesso em: 6 jan. 2023.

Da cena prática *curtir*, deriva-se o ato “descurtir”, realizado quando o internauta clica, pela segunda vez, no signo-figura que representa o ícone e o signo verbal *Curtir*. Esse ato implica que os signos-figuras retornarão à cor anterior. Trata-se, como dissemos, de uma enunciação em ato.

Quando o internauta *curte* a publicação, emergem-se dois outros atos:

- a) no formante cromático, o signo-figura muda a cor;
- b) no âmbito da comunicação, o Facebook fornece a informação sobre a curtida para quem fez a publicação do *post*.

A mudança de cor do signo-figura decorrente da curtida implica simultaneamente um fazer do actante operador da cena prática e do actante-suporte.

Quem acessa o *post* “curtido” e aciona o signo-figura *Curtir* vê o nome de todos os internautas que curtiram a publicação. Entretanto, quando se trata da cena *descurtir*, o Facebook não emite a informação da “descurtida” para quem fez a publicação. O signo-figura *Curtir* retorna à forma inicial.

A cena predicativa *curtir* uma postagem pressupõe uma interação sem que o interlocutor (membro do grupo) apresente uma resposta por meio de texto verbal, visual ou sincrético. É notável a participação de quem *curte*, em virtude da mudança de cor dos signos-figuras.

*Curtir* na forma do “joinha” (polegar levantado) pode ter um investimento pequeno de interação do internauta do ponto de vista tímico e espaço-temporal, pois muitas vezes o internauta aciona os signos-figuras de forma quase automática e rápida, sem quase interpretar toda a postagem<sup>125</sup>. Assim essa cena prática pode tornar-se tensivamente átona, tendo quase um esvaziamento de sentido.

A cena prática *curtir* é traduzida mais como uma forma de o internauta ter conhecimento do que foi postado (o operador da prática dá ciência ao postador de que reconhece a postagem) e, ao mesmo tempo, de também participar do processo de interação, ou seja, quem *curte* estabelece um vínculo com o postador. Isso não quer dizer que quem apresenta uma postagem não possa também curti-la. Se, porventura, quando o internauta clica em *curtir* numa postagem de informação acerca

---

<sup>125</sup> Em termos de força afetiva, o signo-figura *Curtir* representa menor esforço, pois é “a opção mais “preguiçosa”, já que um simples clique no botão conta como ‘curtida’ no post” (TECTUDO. Grr, Uau, Haha... Entenda significados dos botões do Facebook Reactions. 26/02/2016. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2016/02/grr-uau-haha-entenda-significados-dos-botoes-do-facebook-reactions.ghml>. Acesso em: 7 jan. 2023).

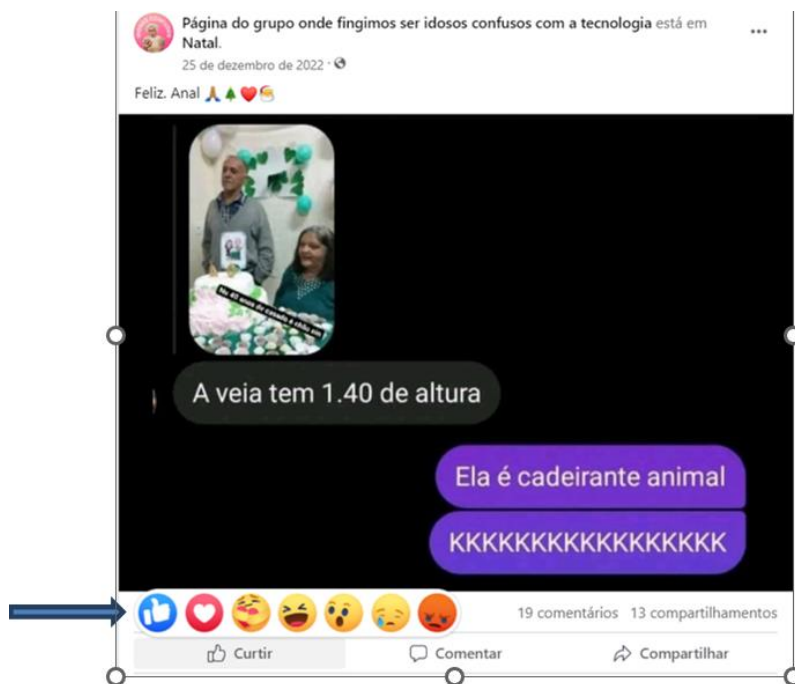


do falecimento de alguém, não necessariamente podemos entender que esse internauta gostou do falecimento.

A página-tela tem, em sua especificidade formal, a abertura para potencializar a realização tanto de papéis actanciais (sujeito do fazer, actante operador das cenas) quanto de papéis temáticos (função de atores, como postador, curtidor, comentador, compartilhador). Essa organização de papéis é da ordem do plano de conteúdo conforme postula a semiótica discursiva bem como podemos homologá-la ao nível de pertinência das práticas semióticas, pois quem curte uma postagem exerce o papel de interlocutor que é o actante operador da cena prática *curtir*, conforme discutiremos na seção 4.1.2.


O Facebook, desde 2016, condensa propriedades semióticas na cena *curtir*. Ao apontarmos o mouse para o signo-figura *Curtir*, são acionados, na página-tela, os signos-figuras (*emojis*) que designam reações (lembram sentimentos, campos sensoriais), como gosto, alegria, admiração, tristeza, raiva<sup>126</sup>. Vejamos a seguir.

Figura 22 - Condensação da cena prática *curtir*



<sup>126</sup> Com o desdobramento de funções do icônico botão *Curtir* (Like) do Facebook, o internauta tem mais opções para expandir afetividade e reações para as postagens. Por exemplo: “Quando alguém usa o Facebook para anunciar o falecimento de um ente querido, por exemplo, o botão de “Curtir” não é a melhor forma de reagir; agora, será possível usar a reação “triste”, por exemplo” (PRADO, Jean. Alternativa ao “curtir”: Facebook lança botão de reações no mundo inteiro. **Tecnoblog**. 24 de fev. de 2016. Disponível em: <https://tecnoblog.net/noticias/2016/02/24/facebook-reacoes-botao-global/>. Acesso em: 7 jan. 2023).

Fonte: Página do *Grupo onde fingimos ser idosos com a tecnologia*. Disponível em: [https://web.facebook.com/idososconfusos?\\_rdc=1&\\_rdr](https://web.facebook.com/idososconfusos?_rdc=1&_rdr). Acesso em: 8 mai. 2023.

O signo-figura  engloba as funções/reações<sup>127</sup> referentes a *curtir* e a *reagir*, como um desdobramento dos gestos da própria cena prática *curtir*. Em termos de existência semiótica, *curtir* é uma cena prática sempre atualizada, porque o signo-figura e o botão que a representam se encontram, simultaneamente, visíveis e clicáveis. Já as funções/reações encapsuladas por *curtir* estão no modo de existência virtualizado (encontram-se em ausência sintagmática e estão no sistema de programação da cena) em comparação com o modo de existência realizado. Elas só passam ao modo atualizado quando o signo-figura *curtir* for apontado (com o uso do cursor), momento em que aparecem, na página-tela, os *emojis* das funções/reações.

A configuração espaço-temporal da cena *curtir* permite que o operador realize o ato apenas uma única vez bem como possa alterar ou excluir a reação. Caso o operador deseje alterar a reação, deve passar “o ponteiro do mouse sobre a reação atual (ao lado de **Comentar** e **Compartilhar**)”<sup>128</sup> e selecionar outra reação. Para remover a reação de uma postagem ou de um comentário, o internauta deve simplesmente clicar “na reação atual” e logo o signo-figura *Curtir* retornará ao *status* inicial.

A passagem das funções/reações do modo de existência atualizado para o realizado representa o que Fontanille acentua:

o modo realizado é justamente o modo pelo qual a enunciação faz as formas do discurso encontrarem-se com uma realidade, realidade material do plano da expressão, realidade do mundo natural e do mundo sensível no caso do plano de conteúdo (Fontanille, 2015, p. 276).

A passagem para o modo realizado da cena não se dá de forma simultânea. Se o internauta marcar *curtir* e quiser também assinalar as reações “amei”, “força”,

---

<sup>127</sup> Cabe aqui esclarecer a sutil diferença entre *curtir* e *reagir*: o primeiro é um ato que demonstra mais um atestado do reconhecimento da publicação, enquanto o segundo requer um envolvimento emotivo maior do internauta, é mais específico. De acordo com o Facebook, “Curtir algo nos indica conteúdos parecidos que podemos mostrar que talvez você também goste. [...] Curtir mostra a seus amigos que você gostou de uma publicação ou de um comentário. Reagir permite que você seja mais específico. Você pode ter apenas uma reação por publicação ou comentário” (FACEBOOK. Curta e reaja a publicações. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/help/1624177224568554>. Acesso em: 3 mar. 2023).

<sup>128</sup> FACEBOOK. Curta e reaja a publicações. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/help/1624177224568554>. Acesso em: 3 mar. 2023.

“haha”, “uau”, “triste” e “grr”, deverá clicar em cada signo-figura separadamente. A reação a ser registrada na página-tela será a última selecionada. Isso quer dizer que a prática se dá sempre no modo de existência realizado.

Os modos de existência da cena prática *curtir* transitam principalmente entre o virtualizado, o atualizado e o realizado. O modo potencializado pode estar configurado também, por exemplo, quando ocorre o ato de *descurtir*, porque, embora haja a desmarcação da cor azul no signo-figura *curtir*, ainda fica na memória do grupo a realização de *descurtir*<sup>129</sup>.

Fontanille (2015, p. 277), tratando do devir existencial dos objetos semióticos, propõe os percursos ascendente e descendente do devir. Em relação ao ato de *descurtir*, dizemos que ele está incorporado pelo percurso descendente, pois, segundo o autor, nessa instância, “as formas significantes são tornadas implícitas, memorizadas, tipificadas ou ainda apagadas e esquecidas”. Nesse caso, a forma significante de *curtir* é apagada (desmarcada, tornada sem o efeito da cor azul) e, ao mesmo tempo, marca o ato de *descurtir*, que pertence a uma memória. Essa transformação, para o autor,

Realizado → Potencializado [R→P] é a condição do *declínio* de uma forma enquanto forma viva e inovadora e descreve, conseqüentemente, sua entrada no uso e sua fixação enquanto *praxemas* potencialmente disponíveis para outras convocações (*Ibidem*, p. 277, grifos do autor).








Por meio dos modos de existência, podemos perceber os procedimentos da cena prática *curtir* em seus graus de presença e os efeitos afetivos em que ela pode desdobrar-se.

Vejamos a seguir as reações condensadas pela cena *curtir* conforme os modos de existência que perfilam o devir dessa cena.


#### Quadro 10 - Cena prática *curtir* e os modos de existência

---








<sup>129</sup> Nos grupos/páginas do Facebook, o administrador pode verificar a quantidade de *descurtir* por período. O procedimento é o mesmo para *curtir*. “1. No Feed, clique em **Páginas** no menu à esquerda; 2. Acesse a sua Página; 3. Clique em **Insights** no menu à esquerda; 4. Clique em **Curtidas** à esquerda; 5. Selecione as datas de **Início** e **Término** do intervalo de datas que deseja ver; 6. Role a tela para baixo até **Total de curtidas na Página**; 7. Clique no gráfico para ver a origem das curtidas e descurtidas por dia. Para proteger a privacidade de pessoas que curtiram sua Página, você não pode ver quem descurtiu a Página” (META. **Como faço para ver informações sobre as curtidas e descurtidas da minha Página no Facebook?** 2023. Disponível em: [https://web.facebook.com/help/142046755986786?\\_rdc=1&\\_rdr](https://web.facebook.com/help/142046755986786?_rdc=1&_rdr). Acesso em: 7 jan. 2023, grifos do autor).

Modos de existência	Descrição	Manifestação
Virtualizado	Reações em estado de condensação pelo signo-figura  Curtir, sem estarem visibilizadas na página-tela	-
Atualizado	Signo-figura  Curtir sem marcação azul e reações sendo visibilizadas	 Curtir Comentar
Realizado	Signo-figura  Curtir em azul e reações marcadas	
Potencializado	Signo-figura  Curtir desmarcado após ser realizado o ato de <i>descurtir</i>	Retorno ao signo-figura  Curtir

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos recursos disponibilizados pelo objeto-suporte.

A cena prática *curtir* é identificada pelo signo-figura  e é composta por sete reações, conforme o quadro a seguir. As reações englobadas estão latentes; cada uma, quando passa do estado de atualizado para realizado, forma um par sógnico: uma parte visual e uma parte verbal, como podemos verificar a seguir:

Quadro 11 - Signos-figuras da cena prática *curtir* e os respectivos efeitos afetivos

Efeitos afetivos	Signos-figuras (par signo)
Aprovação ou reconhecimento	 Curtir
Forte aprovação, felicidade	 Amei
Estímulo, motivação	 Força
Sarcasmo, zoeira	 Haha
Admiração, surpresa	 Uau
Tristeza, desaprovação	 Triste
Irritação, raiva, desaprovação	 Grr

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos recursos disponibilizados pelo objeto-suporte.

A cena prática *curtir* possui uma reação que tem o mesmo nome da cena. A reação *curtir* é representada pelo conjunto: o polegar levantado e o nome *curtir*, ambos estão na cor do logotipo do Facebook.

Como disse acima, cada reação é composta de um par signo, e ele serve para orientar o enunciatário, que, num primeiro momento, pode não reconhecer a interpretação do signo-figura visual e/ou verbal. Entre as reações da cena *curtir*, o

signo-figura 🤨 Grr é parâmetro para o Facebook avaliar experiências negativas sobre as postagens<sup>130</sup>. Esse signo-figura também pode significar um ato de *descurtir* (não gostar).

A prática enunciativa *curtir* e seus desdobramentos (manifestados pelas reações afetivas dos *emojis*) fazem vincular a ela o actante operador da cena (equivalente ao interlocutor do nível discursivo), pois o nome dele torna-se público para toda a rede social e para todo o grupo. O próprio objeto-suporte, como actante que viabiliza a enunciação em ato, se encarrega de cravar, na memória da rede, o ato de pertencimento do interlocutor a essa cena prática, conforme podemos observar a seguir.

Figura 23 - Vinculação do actante operador à cena prática *curtir*



Fonte: Grupo onde fingimos ser idosos e confuso com as tecnologias modernas. Disponível em: [https://web.facebook.com/groups/2356246961301923?\\_rdc=1&\\_rdr](https://web.facebook.com/groups/2356246961301923?_rdc=1&_rdr). Acesso em: 8 jan. 2023.

Ao apontar o mouse ou o cursor na tela luminosa para o signo-figura indicativo da reação que suscita sarcasmo, abre-se uma microtela com fundo preto constando o nome dos outros actantes operadores que também realizaram tal ato.

<sup>130</sup> Segundo o Facebook, "Usamos as reações Grr para avaliar e classificar conteúdo no Feed e reduzir essas experiências negativas. Por exemplo, se verificarmos que uma publicação tem muitas reações Grr, a exibição dela para outras pessoas pode ser afetada" (META. **O que significa "Curtir" algo no Facebook?**, 2023. Disponível em: [https://web.facebook.com/help/110920455663362?\\_rdc=1&\\_rdr](https://web.facebook.com/help/110920455663362?_rdc=1&_rdr). Acesso em: 7 jan. 2023).

Salientamos também que, dependendo da quantidade de actantes operadores, somente alguns nomes serão visibilizados (na figura acima, estão identificados 19 actantes operadores e há a informação de que mais 33 curtiram a postagem). Caso o actante operador selecione essa microtela, abre-se uma outra microtela constando todos os nomes e os perfis de cada actante operador.

A todo momento, o internauta, no papel de enunciatário (ainda não participante dos grupos), é convocado pela práxis enunciativa da interação digital *on-line* para sentir, ver, apontar, selecionar, atualizar e realizar gestos discursivos. Esse conjunto de atos só pode ser visibilizado e materializado mediante a prática oferecida pelo objeto-suporte, que também participa da semiose.

A enunciação assim não está circunscrita ao par enunciador e enunciatário, mas ela se encontra alargada no conjunto significativo que conjunge a práxis enunciativa da comunicação/interação digital *on-line*, cujas operações, de acordo com Fontanille (2015, p. 276), consideram dois pontos de vista diferentes: “do devir do objeto” e “do devir dos sujeitos”. O primeiro diz respeito, por exemplo, ao “produto do ato significativo”, que corresponde nesta análise ao ato prático *curtir* e a seus desdobramentos, e o segundo, aos “parceiros da interação semiótica”, que desempenham o papel actancial de operador da cena prática: os curtidores.

A práxis enunciativa da interação digital *on-line*, a todo momento, administra o modo de existência das grandezas do discurso, ora convocando o internauta para selecionar e atualizar atos, ora para realizá-los, utilizando mecanismos do interior da cena prática *curtir*, mediante as combinações sintagmáticas, ligadas à ordem da presença em ato, e paradigmáticas (atualização das reações condensadas pela cena prática *curtir*, por exemplo) que o objeto-suporte permite.

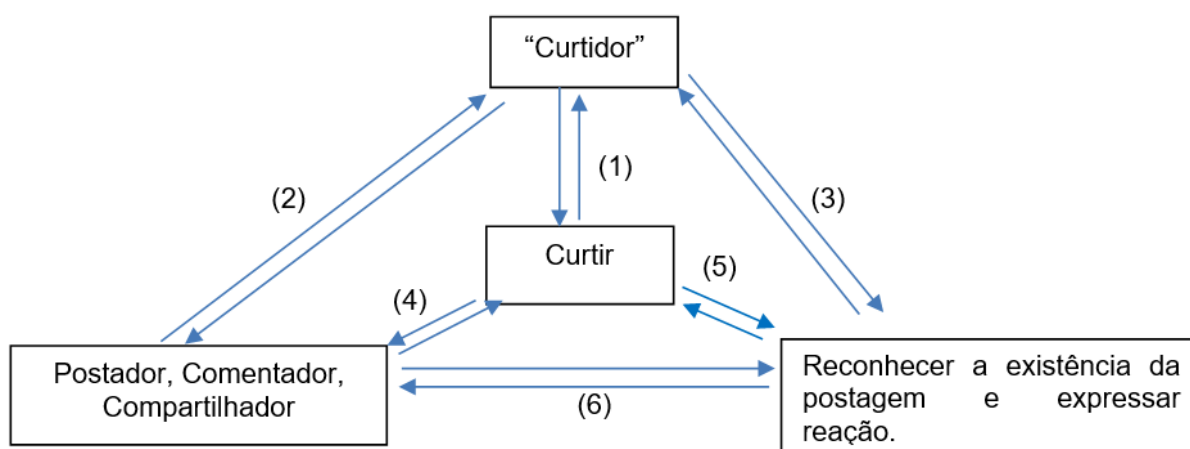
A “curtida” é um ato de identificação e de reconhecimento. Ao *curtir*, o internauta estabelece uma interação com outros parceiros: com o postador da publicação e com os demais curtidores. Temos aí uma construção coletiva de um fazer. No nível discursivo, essa cena contribui para a formação da imagem do ator do enunciado.

No levantamento que fizemos, a cena prática *curtir* (representada por todas as sete reações) foi a que obteve maior quantidade. Ela é um dos parâmetros estratégicos para o serviço de monetização do Facebook<sup>131</sup>.

Não podemos dissociar a prática do “curtidor” do próprio funcionamento do objeto-suporte, uma vez que este integra aquela. Assim não podemos pensar em interior e em exterior da prática como eixos dicotômicos, mas pensar na integração da enunciação à cena prática. A enunciação em si está circunscrita tanto ao texto-enunciado quanto ao objeto-suporte, porque é por meio dele que ela se realiza. Da mesma forma, não podemos separar o texto-enunciado do objeto-suporte e da cena prática, porque todos esses níveis participam da situação semiótica que produz a semiose em ato.

Vejamos agora como a cena prática *curtir* se encontra estruturada (o predicado - o ato - e os actantes) e as relações decorrentes das instâncias que compõem a cena predicativa.

Esquema 3 - Identificação do predicado e dos actantes da cena prática *curtir*



Fonte: Adaptado de Fontanille (2021, p. 51).

<sup>131</sup> Mediante o que o internauta *curte*, o Facebook organiza o “*feed* com base naquilo que você *curte*. Na recente revelação do funcionamento do algoritmo do Facebook feita pela Time ele foi explicado assim: *A estreia do botão de “curtir” em 2009, que permitiu que os usuários dessem a sua aprovação para conteúdos específicos pela primeira vez, auxiliou o feed de novidades a aprimorar o conhecimento de quais histórias as pessoas realmente gostavam. O quão próximo você é de uma pessoa é uma informação cada vez mais importante, que é medida pelo quanto você curte os posts dessa pessoa*” (PATEL, Neil. A psicologia das curtidas no Facebook. **Digitalks**. São Paulo, 3 de novembro de 2016. Disponível em: <https://digitalks.com.br/artigos/psicologia-das-curtidas-no-facebook/>. Acesso em: 8 jan. 2023, grifos do autor).

O predicado e os actantes da cena compreendem do ponto de vista formal da cena prática *curtir*.

1. O ato prático: *curtir*, ato de enunciação da prática de interação digital *on-line*, representado pelo signo-figura formado pelo ícone (“joinha”, polegar levantado) e pelo próprio signo verbal *Curtir*. Ele também engloba reações (positivas e negativas) e tem como características a rapidez;

2. O actante operador: “curtidor”, internauta que integra o actante coletivo (o grupo);

3. O objetivo: reconhecer a existência de uma postagem/comentário e expressar reação a uma publicação;

4. O Outro e o horizonte estratégico: O Outro equivale ao administrador, ao postador, ao comentador, ao compartilhador e àquele que, num primeiro momento, não faz parte do campo de ação específica do “curtidor”. Entretanto, o Outro incorpora funções que concorrem para a prática da interação digital *on-line*.

No grupo, encontra-se, logo abaixo das postagens, uma sequência de signos-figuras indicativos das três cenas práticas da interação, cuja ordem é a seguinte: *curtir*, *comentar* e *compartilhar*. Essa disposição pode ser compreendida como um recurso tático simplificado em que o destinador da prática organiza sintática e hierarquicamente as cenas na página-tela, o que projeta um efeito de objetividade que subjaz à programação da prática da interação digital *on-line*. A seguir, apresentamos a distribuição das cenas práticas na página-tela.

Figura 24 - Disposição topológica das práticas de interação no *Grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia*



Fonte: *Grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia*. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/2356246961301923/>. Acesso em: 8 jan. 2023.



A organização topológica das cenas práticas na página-tela constitui não só uma inscrição atinente à categoria de espaço, como também sinaliza uma hierarquia entre elas. A cena prática *postar* ocupa uma posição central e superior na página-tela, enquanto *curtir*, *comentar* e *compartilhar* encontram-se em posição horizontal, abaixo de *postar*. O objeto-suporte parece narrativizar uma cadeia de cenas práticas para o enunciatário, sequencializando-as. A seguir, analisaremos a cena prática *comentar/responder*.

### 3.1.4.3 *Comentar/responder*

No dicionário Houaiss *on-line*, temos os seguintes significados para o verbete *comentar*:

1. tornar inteligível ou interpretar por meio de comentário escrito ou falado;
2. **conversar com (outrem) acerca de;**
3. **Fazer uma apreciação crítica sob;**
4. **tecer para (outrem) observações mais ou menos malévolas, maliciosas sobre** (Dicionário Houaiss Corporativo. Disponível em: [https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v6-0/html/index.ph p#1](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.ph p#1). Acesso em: 23 nov. 2022, grifos nossos).

Os sentidos destacados têm relação com a cena prática *comentar* nos grupos do Facebook. Os internautas, ao utilizarem determinados recursos de textualização, criam um efeito de conversa, fingem ser idosos, avaliam a forma de ser idoso e a prática de navegabilidade deste na internet etc.

Diferentemente da cena prática *curtir*, *comentar* ocupa maior espaço na página-tela e proporciona maior envolvimento do actante operador para com o ato realizado. Para a cena prática *comentar*, o objeto-suporte amplia o espaço para o actante operador escrever o comentário. A partir dos comentários, a postagem ganha mais visibilidade entre os membros do grupo. Em outras palavras, a postagem fica desdobrada pelos comentários/resposta, pelas curtidas e pelos compartilhamentos, ganhando, com efeito, mais nexos textuais.

Quando o internauta seleciona o signo-figura *comentar*, abre-se uma caixa de texto na página-tela para a inserção do comentário constando o seguinte enunciado: “Escreva um comentário público ...”, ou seja, o objeto-suporte orienta e dirige o actante operador para o local específico da inscrição. Nesse momento, também aparecem dispostos, na parte superior direita desse espaço, signos-figuras de cinco funções que






são recursos visuais (*emojis*) de textualização para auxiliar o actante operador na “ilustração” do comentário. São elas:

Figura 25 – Signos-figuras dos recursos visuais de textualização para a cena prática *comentar*



Fonte: *Grupo onde fingimos ser idosos e confuso com as tecnologias modernas*. Disponível em: <https://web.facebook.com/groups/2356246961301923/announcements>. Acesso em: 9 jan. 2023.

Quadro 12 - Recursos de textualização da cena prática *comentar*

signos-figuras	funções
	“Comente com uma figurinha de avatar”
	“Insira um emoji”
	“Anexe uma foto ou vídeo”
	“Comente com um GIF”
	“Comente com uma figurinha”

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos recursos disponibilizados pela página-tela do *Grupo onde fingimos ser idosos e confuso com as tecnologias modernas*.

Os recursos de textualização são específicos da cena prática *comentar*, e o aparecimento deles na página-tela sinaliza um convite ao actante operador para usufruir deles. Deprendemos a intencionalidade, subjacente ao devir dessa cena prática semiótica, por meio dos recursos da textualização - tanto verbais quanto não verbais (visuais, sonoros, gestuais como, por exemplo, os *emojis*, os *gifs*); tudo para favorecer ao ambiente da interação ritmo e movimento à cena. Para tanto, a cena conta com os recursos: “avatar”, “emoji”, “foto”, “vídeo”, “GIF” e “figurinha”.

*Comentar* é uma cena na qual predominam traços conversacionais, como veremos no capítulo subsequente, que tratará dos textos-enunciados. O comentário não somente marca a presença do internauta como actante operador como também

aponta a participação efetiva dele, ou seja, uma contribuição para alargar, manter ou ressignificar o horizonte da discussão.

Os cinco signos-figuras de textualização (do quadro 12), antes de estarem dispostos na página-tela, encontram-se no modo de existência virtualizado, porque estavam latentes no esquema/sistema programático da cena prática. Quando o internauta aciona o signo-figura *comentar*, os cinco signos-figuras que estavam no modo virtualizado passam para o modo de existência atualizado. Ao apontar o cursor sobre cada um desses signos-figuras, o significado deles é acionado e, ao mesmo tempo, o respectivo *emoji* é disponibilizado na página-tela. Ao serem selecionados, passam do modo atualizado para o modo realizado, pois ganham efeito de realidade, fixam-se no espaço destinado ao comentário e integram-se a este.

A realização da cena coincide com a própria inscrição cravada na página-tela (a enunciação em ato), pois o registro dá existência aos textos-enunciados. Assim todos os elementos que compõem a cena prática *comentar*, como abertura do espaço na página-tela, os signos-figuras em seus diversos modos de existência, o acionamento do cursor com o uso do mouse, a inscrição da função “responder” (situada entre as práticas *curtir* e *compartilhar* que se encontram abaixo do espaço do comentário) bem como o signo-figura de avaliação do comentário etc. participam do conjunto de atos que caracterizam a cena predicativa, sinalizando os processos de acomodação dos atos à corporeidade do objeto-suporte.

Tanto no espaço destinado ao comentário quanto no das postagens, na parte superior e fora da caixa de texto, há o signo-figura *reticências*, que engloba as funções: “Ocultar comentário aos administradores; Denunciar comentário aos administradores do grupo; Denunciar comentário”, conforme a figura a seguir:

Figura 26 - Funções de avaliação do comentário



Fonte: *Grupo onde fingimos ser idosos e confuso com as tecnologias modernas*. Disponível em: [https://web.facebook.com/groups/2356246961301923?\\_rdc=1&\\_rdr](https://web.facebook.com/groups/2356246961301923?_rdc=1&_rdr). Acesso em: 7 jan. 2023.

Essas funções, antes de estarem visibilizadas, encontram-se no modo virtualizado; ao aparecerem na página-tela, passam para o modo atualizado e, ao serem selecionadas, para o modo realizado.

Podemos observar que há, subjacente ao processo de inscrição de comentário, um jogo persuasivo entre a gestão estratégica das práticas, a quem atribuímos o papel do Facebook, e o actante coletivo (o grupo). Tanto nos recursos de textualização dos comentários quanto nos atos de avaliação destes e das postagens, temos a forma imperativa verbal: naqueles, o verbo encontra-se no imperativo afirmativo (*comente, insira, anexe*); nestas, no infinitivo verbal com força imperativa (*ocultar e denunciar*).

Os atos englobados pelo signo-figura *reticências* sinalizam desde uma avaliação positiva (*curtir, salvar*) do internauta, passando pela reprodução de um ato (*compartilhar*) até uma avaliação negativa (*bloquear e denunciar*), o que mostra que o gestor das práticas dispõe ao membro do grupo a possibilidade de julgar o conteúdo que é veiculado. Esses atos apresentam-se numa escala de valoração descendente: de uma posição avaliativa eufórica para disfórica.

Do modo de existência realizado, pressupõem-se, simultaneamente, dois atos enunciativos que ocorrem na ordem da implicação: (a) apontar o cursor para o signo-figura *reticências* implica (b) atualizar as funções na página-tela.

Diferentemente dos signos-figuras representativos dos *emojis*, cada um destes já possui uma expressão e o que deve ser atualizado é o significado quando inscrito na página-tela.

Encapsular as funções no signo-figura *reticências* constitui uma estratégia para deixar as funções despercebidas, pois esse ato sinaliza efeitos negativos (ocultar e denunciar), de forma a não chamar a atenção do actante operador, ou melhor, obscurecer o uso dessas funções. Por outro lado, podemos intuir que dispor todas as funções na página-tela implica dar mais espaço para a inscrição dos comentários. Já visibilizar as funções de textualização do comentário (as reações) é proporcionar maior efetividade ao uso das ferramentas, pois elas, como estão inscritas na página-tela, possibilitam maior sincretismo aos textos.

O actante operador é conduzido pelo sujeito destinador a realizar a cena, uma vez que este oferece os espaços e normatiza o fazer semiótico para a realização das cenas práticas (verbos no imperativo, por exemplo).

O internauta é modalizado inicialmente por um querer fazer, pois, ao participar do grupo, demonstra um valor modal volitivo. Adentrando no grupo, passa a ser regido por um dever-fazer de acordo com as regras estabelecidas. Isso não quer dizer que, no curso dos atos do internauta, o fazer possa tensionar-se, provocando ruptura no cumprimento das regras.

Ainda sobre o valor modal da cena prática, o internauta como actante operador também é competencializado por um saber e por um poder fazer. Essa operação modal implica “como as práticas produzem sentido e como elas produzem seu próprio sentido” (Fontanille, 2008a, p. 3)<sup>132</sup>. É nesse trilhar que investigamos o modo como a interação está convocada na práxis enunciativa do espaço digital *online*, possibilitando ao internauta *postar*, *curtir*, *comentar/responder* e *compartilhar* sentidos e valores que ele constrói do mundo e das próprias práticas semióticas. Para o autor, as práticas

---

<sup>132</sup> No original: “[...] en tant qu'elles produisent du sens, et à la manière dont elles produisent leur propre sens” (FONTANILLE, 2008a, p. 3).

produzem sentido na medida exata em que o próprio curso da prática é um arranjo de ações que constrói, em seu próprio movimento, a *significação* de uma situação e de sua transformação. O curso da ação transforma em suma o sentido visado por uma prática em *significação* dessa prática (*Ibidem*, p. 3, grifos do autor)<sup>133</sup>.

O sentido visado da cena prática *comentar* passa por um “ajustamento progressivo” mediante os dispositivos que a engendram. O destinador equipara-se a um instrutor. Com efeito, o Facebook orienta os internautas a navegarem na plataforma, a praticarem atos específicos disponibilizados por ela bem como alerta-os das condições de privacidade, de segurança, de denúncias etc.

As instruções que o Facebook traz para a cena prática *comentar* compreendem os atos *editar*, *excluir* e *dar privacidade* aos comentários.

Figura 27 - Instruções para a realização da cena prática *comentar*



The screenshot shows the Facebook Help Center interface. On the left is a navigation menu with categories like 'Uso do Facebook', 'Gerenciamento da sua conta', 'Privacidade e segurança', and 'Políticas e denúncias'. The main content area is titled 'Comentários' and contains a section 'Noções básicas sobre comentários'. Under this section, there is a heading 'Como faço para comentar em algo que vejo no Facebook?' and a sub-heading 'Para comentar em algo:'. Below this, there are three numbered steps: 1. Click on 'Comentar' under a post or the 'Escreva um comentário' box. 2. Enter your comment, with a list of options: 'Clique em [ícone] para adicionar um GIF ao comentário.', 'Clique em [ícone] para adicionar um emoji ao comentário.', 'Clique em [ícone] para anexar uma foto ou um vídeo.', 'Clique em [ícone] para publicar uma figurinha.', and 'Clique em [ícone] avatar para comentar com uma figurinha de avatar. A opção só está disponível se você já tiver criado um avatar.' 3. Press 'Enter' (or 'Return') to publish. At the bottom, there is a note about creating a new paragraph or line break by holding 'Shift' and pressing 'Enter' (or 'Return' on Mac).

Fonte: Facebook. Disponível em: [https://web.facebook.com/help/499181503442334?\\_rdc=1&\\_rdr](https://web.facebook.com/help/499181503442334?_rdc=1&_rdr). Acesso em: 10 jan. 2023.

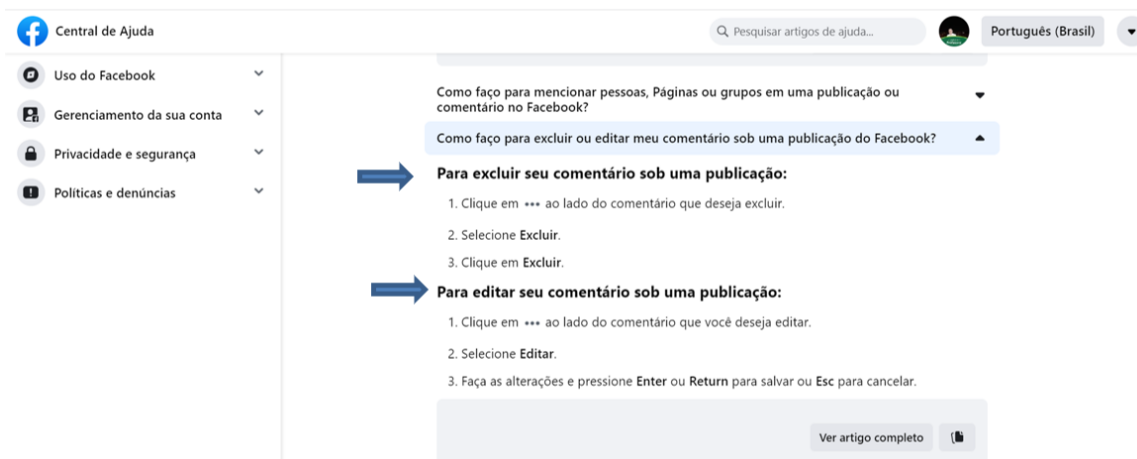
Como podemos observar, entre as noções sobre os comentários da figura acima, o item 2 traz uma sequencialização dos signos-figuras disponibilizados na página-tela no momento em que o internauta aciona o signo-figura *comentar*. Isso

<sup>133</sup> No original: “[...] produisent du *sens* dans l'exacte mesure où le cours même de la pratique est un agencement d'actions qui construit, dans son mouvement même, la *signification* d'une situation et de sa transformation. Le cours d'action transforme en somme le *sens* visé par une pratique en *signification* de cette pratique” (*Ibid*, p. 3).

reforça a ideia de que as cenas possuem uma roteirização, um *script* prévio, pois elas estão no domínio de uma rotina estabelecida pelo destinador.

Mesmo após a publicação do comentário, o internauta pode editá-lo ou excluí-lo<sup>134</sup> da página-tela, conforme as instruções a seguir.

Figura 28 - Instruções para editar e excluir comentário



Fonte: Facebook. Disponível em: [https://web.facebook.com/help/499181503442334?\\_rdc=1&\\_rdr](https://web.facebook.com/help/499181503442334?_rdc=1&_rdr). Acesso em: 10 jan. 2023.

Os atos *editar* e *excluir* fazem parte da programação da cena prática *comentar*, e eles integram também a cena prática *postar*. Como afirma Portela (2008a, p. 105), “por meio de uma programação prévia que prevê sucessivas adaptações (ajustamentos) e combinações com outras práticas, a cena predicativa estabiliza o sentido da significação valendo-se de uma narrativização da situação [...]”. Os ajustes no comentário pertencem à própria narrativização da cena, e eles sinalizam efeito de inacabamento da cena.

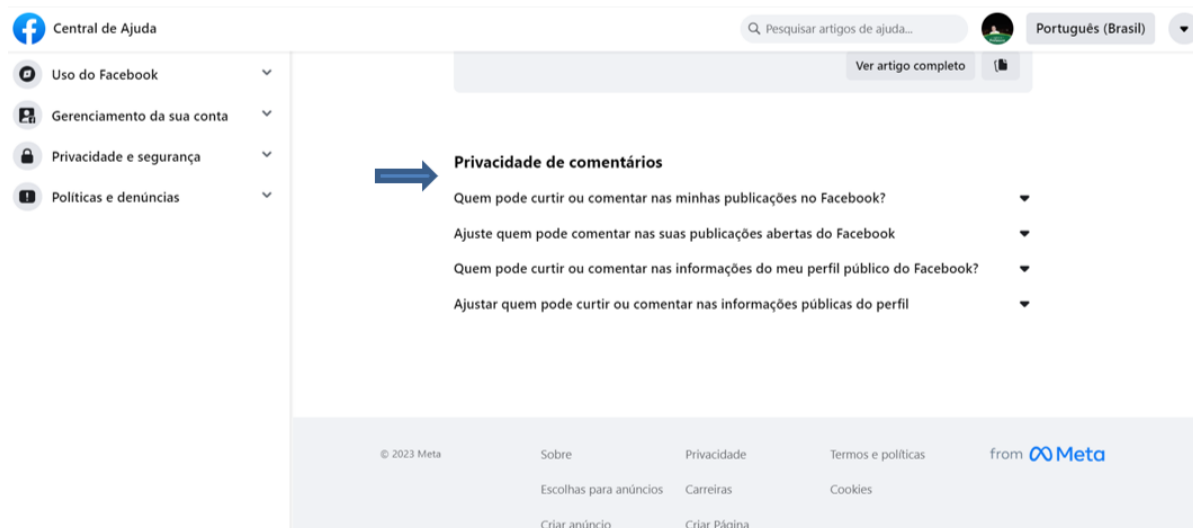
A cena prática não está desconectada da experiência da corporeidade, e ela constitui a expressão de um processo de significação que “toma forma enquanto cena” (Fontanille, 2008a, p. 26)<sup>135</sup>, submetida às coerções formais e materiais do objeto-suporte.

<sup>134</sup> “Caso alguém comente logo depois de você, não será mais possível editar a mensagem. Por isso, seja o mais rápido possível e edite ou exclua definitivamente. Vale lembrar apenas que, ao excluir o recado, seus amigos ainda assim terão recebido notificações com o conteúdo original, caso tenham programado para recebê-lo por e-mail”. (TECHTUDO. Como editar os comentários no Facebook. 2015. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2011/05/como-editar-os-comentarios-no-facebook.ghtml>. Acesso em: 11 jan. 2023).

<sup>135</sup> No original: “[...] prend forme em tant scène [...]” (Fontanille, 2008a, p. 26).

Ainda no rol de orientações sobre a cena prática *comentar*, o Facebook apresenta instruções acerca da privacidade que o internauta pode imprimir em relação aos comentários.

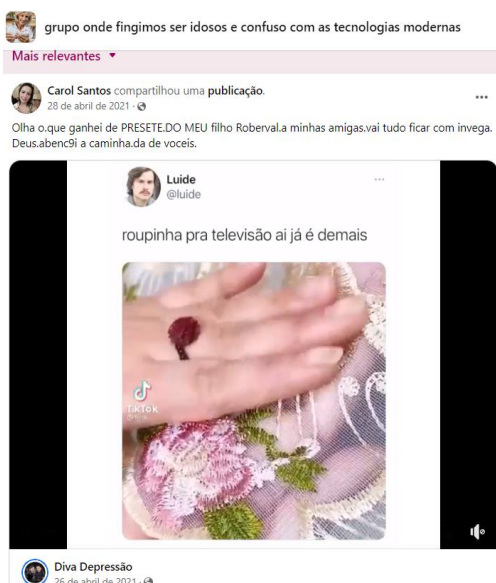
Figura 29 - Instruções sobre a privacidade dos comentários



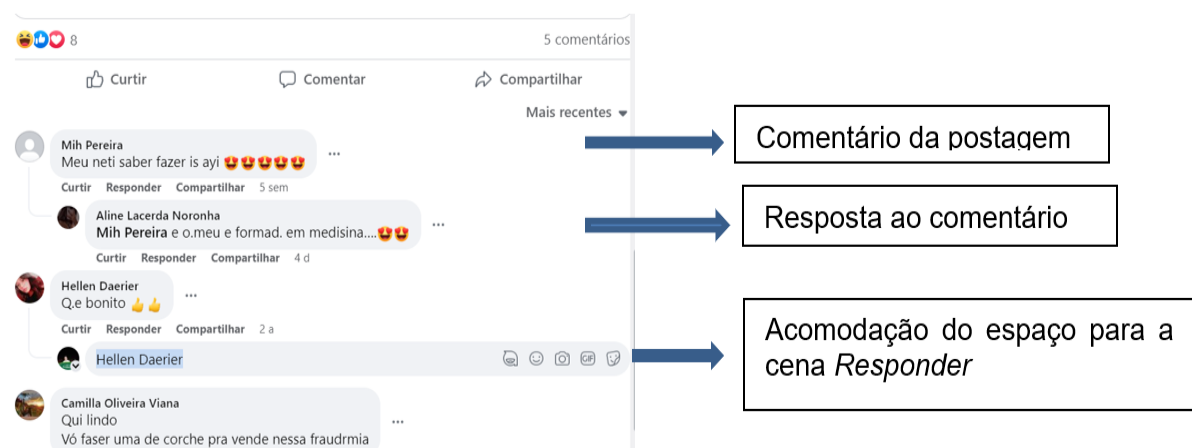
Fonte: Facebook. Disponível em: [https://web.facebook.com/help/499181503442334?\\_rdc=1&\\_rdr](https://web.facebook.com/help/499181503442334?_rdc=1&_rdr). Acesso em: 10 jan. 2023.

A página-tela está programada e estruturada para acolher as cenas e os atos destas decorrentes. A partir do primeiro comentário, é acrescentada a cena prática *responder*, que fica situada entre *curtir* e *compartilhar*, conforme podemos observar na figura seguinte.

Figura 30 – Disposição da cena prática *responder*








Fonte: *Grupo onde fingimos ser idosos e confuso com as tecnologias modernas*. Disponível em: [https://web.facebook.com/groups/2356246961301923?\\_rdc=1&\\_rdr](https://web.facebook.com/groups/2356246961301923?_rdc=1&_rdr). Acesso em: 7 jan. 2023.

*Comentar*, em termos de cena e de estrutura na página-tela, é diferente de *responder*. *Responder* é um ato não concomitante à cena *comentar*; o comentário está relacionado diretamente às postagens; as respostas, aos comentários.

Para *comentar* a postagem, o internauta deve marcar o signo-figura  *Comentar*. Esse gesto fará com que seja criada uma caixa de texto abaixo da postagem alinhada um pouco à esquerda. Já, ao selecionar o signo-figura *responder*, o objeto-suporte cria um espaço (caixa de texto) abaixo do comentário constando o signo-figura do perfil do respondente, localizado à esquerda da caixa de texto e alinhado aos outros perfis que já responderam ao comentário bem como disponibiliza os cinco signos-figuras representativos das reações (figura acima).

Na cena prática *comentar*, está pressuposta uma troca comunicativa pela presença do signo-figura *responder*, que sinaliza o papel do parceiro da interlocução. Entretanto, esse ato não pertence às cenas práticas *curtir* e *compartilhar*. Para Portela (2008b, p. 51), “a cena, enquanto narrativa estereotipada, atua como uma moldura-limite, um roteiro fechado que permite identificar a extensão da prática”. Assim as cenas práticas *postar*, *curtir*, *comentar/responder* e *compartilhar* possuem um modo de ser que se realiza dentro das molduras-limites que o objeto-suporte oferece, e o actante operador não ultrapassa as bordas da estrutura do dispositivo de inscrição.

Na estrutura práxica das cenas *comentar/responder*, há uma programação regida pela debragem actancial de segundo grau, conforme a disposição dessas cenas na página-tela, uma vez que objeto-suporte identifica o nome e a foto do sujeito operador bem como organiza topologicamente o espaço para os comentários e as

respostas. Para Fiorin (1996, p. 46), “A debreagem interna serve, em geral, para criar um efeito de sentido de realidade, pois parece que a própria personagem é quem toma a palavra e, assim, o que ouvimos é exatamente o que ela disse”. Nos grupos, esse efeito sinaliza uma realidade do absurdo conforme as marcas do interlocutor que “toma a palavra”, ou melhor, que realiza as cenas práticas, instaurando assim a troca comunicativa. Nos comentários/respostas, parece haver uma disputa entre os interlocutores para quem mais expressa o absurdo em torno do fingir ser idoso.

O destinador utiliza como recursos estratégicos vinculados às cenas a informação acerca da quantidade de curtidas, de comentários e de compartilhamentos bem como a classificação dos comentários, conforme podemos observar na figura a seguir.

Figura 31 - Quantidade de realização das cenas práticas *curtir* e *comentar* e classificação dos comentários



Fonte: *Grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia*. Disponível em: <https://web.facebook.com/groups/824328387990988>. Acesso em: 12 jan. 2023.

Quando o membro acessa o grupo, o objeto-suporte já lhe apresenta, de forma automática, os comentários mais “relevantes”<sup>136</sup>. Na figura acima, entre os dez comentários, dois são considerados relevantes que, para o administrador do grupo, são “comentários de alta qualidade”, “comentários ou reações de amigos”,

<sup>136</sup> A ordem em que os comentários podem aparecer pode ser alterada pelo internauta, mas ele deverá fazer a mudança em cada publicação. Esse procedimento não atingirá outros internautas (META. **O que significa "Mais relevantes" em uma publicação de uma Página do Facebook**. 2023. Disponível em: [https://web.facebook.com/help/539680519386145?\\_rdc=1&\\_rdr](https://web.facebook.com/help/539680519386145?_rdc=1&_rdr). Acesso em: 12 jan. 2023).

“comentários de Páginas e perfis verificados”, “comentários com mais curtidas e respostas” e “comentários mais envolventes primeiro”<sup>137</sup>.

O signo-figura (seta para baixo), que traz a informação de que os comentários disponibilizados são os mais relevantes, oculta (virtualiza) as seguintes funções: “mais recentes – Mostre os comentários mais recentes primeiro” e “todos os comentários – Mostre todos os comentários em ordem cronológica, incluindo os que podem ser spam”.

Em termos dos modos de existência dos objetos semióticos, os comentários não visibilizados que estão no curso da digitação encontram-se no modo virtualizado e os dispostos na página-tela, no modo realizado. Ao marcarmos o signo-figura da seta destinada à classificação dos comentários, as opções são atualizadas (para a escolha do actante operador) e, após a seleção de uma delas, o objeto-suporte fixará, na página-tela, a opção escolhida, e assim o modo passa de atualizado para realizado.

Esses modos de existência reverberam um fazer inerente ao objeto-suporte, cuja participação na cena predicativa é homologada a um fazer do actante operador. Os atos *classificar*, *ocultar* e *mostrar* comentários sinalizam uma filtragem, uma triagem em relação ao que deve ou não estar manifestado na página-dela. Assim há uma certa particularização de valores que circulam no grupo, uma vez que o parâmetro para a escolha dos comentários relevantes se modifica ao serem considerados, entre outros critérios, o perfil do internauta, os amigos destes etc.

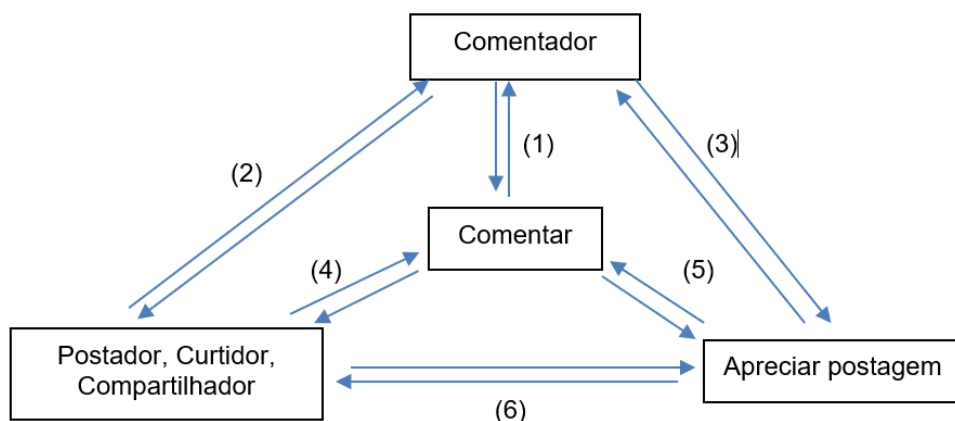
O objeto-suporte integra-se à organização do espaço, à programação das cenas práticas e aos recursos de textualidade, de forma a preparar o ambiente para que o internauta usufrua dele no curso da interação, o que corrobora a construção de certos padrões para a realização das cenas, alinhados aos valores decorrentes da prática.

Vejamos a seguir como a cena prática *comentar* está estruturada mediante as instâncias que a constituem.

---

<sup>137</sup> META, 2023. Disponível em: [https://web.facebook.com/help/539680519386145?\\_rdc=1&\\_rdr](https://web.facebook.com/help/539680519386145?_rdc=1&_rdr). Acesso em: 12 jan. 2023.

Esquema 4 - Identificação do predicado e dos actantes da cena prática *comentar*



Fonte: Adaptado de Fontanille (2021, p. 51).

A cena prática *comentar* apresenta o seguinte dispositivo actancial:

1. O ato prático: comentar, ato de enunciação da prática de interação digital *on-line*, caracterizado pelo uso de texto verbal e/ou não verbal na página-tela, dirigido à postagem. Do produto dessa cena - o comentário -, decorre o ato *responder*;

2. O actante operador: comentador, internauta que integra o actante coletivo;

3. O objetivo: apreciar, avaliar uma postagem/comentário ou apresentar alguma informação acerca destes;

4. O Outro e o horizonte estratégico: O Outro equivale ao administrador, ao postador, ao “curtidor” e ao compartilhador bem como representa aquele que, num primeiro momento, não faz parte do campo de ação específica do “comentador”. Entretanto, o Outro incorpora funções que concorrem para o horizonte estratégico da prática da interação *on-line*.

*Comentar* assim como *postar* e *curtir* são cenas práticas intragrupo, o que reforça o fluxo, o ritmo da interação interna e o alcance concomitante dos atos. Quando há um compartilhamento de um comentário no próprio grupo, a cena prática *compartilhar* também é traduzida como reforço à interação interna. O actante operador das cenas toma o tempo e o espaço oferecidos pelo objeto-suporte (formal e material) tanto para realizar as cenas quanto para deixar alguns mecanismos textuais no modo de existência virtualizado ou atualizado conforme seu percurso narrativo do fazer.

Assim como *comentar*, *postar* e *curtir*, a cena prática *compartilhar* tem sua própria especialização. Vejamos.

#### 3.1.4.4 *Compartilhar*

O dicionário *on-line* Houaiss apresenta os seguintes significados de *compartilhar*:

- a) “1. ter ou tomar parte em; arcar juntamente;”
- b) “2. compartilhar com, partilhar com. Sinonímia: compartilhar e repartir”<sup>138</sup>.

Na cultura digital, *compartilhar* tem quase equivalência aos significados acima; no entanto, o termo apresenta uma dimensão valorativa muito maior em virtude do efeito da propagação do ato.

Os significados já apontam graus de presença do sujeito que realiza a cena prática:

- a) com menos envolvimento – “tomar parte em”, sinalizando somente ter conhecimento acerca da postagem e/ou comentário e, ao mesmo tempo, repassando-os e inscrevendo-os em outro espaço;
- b) com mais envolvimento – “arcar juntamente”, “compartir com”, “comparticipar”, implicando certo nível de comprometimento e de responsabilização pelo ato.

A cena predicativa *compartilhar* não diz respeito só à ação de repassar uma postagem ou um comentário de um grupo, mas também envolve uma corresponsabilização e coparticipação do compartilhador para com ato.

A título de digressão e reforçando o efeito que o significado do termo *compartilhar* pode implicar, apresentamos uma questão sobre como a responsabilização da cena pode desdobrar-se juridicamente, por exemplo, conforme preceitua o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Lei nº 8.069/1990 e alterações). Vejamos o que estabelece o art. 241A dessa lei:

**Art. 241-A.** Oferecer, trocar, disponibilizar, transmitir, distribuir, publicar ou divulgar por qualquer meio, inclusive por meio de sistema de informática ou telemático, fotografia, vídeo ou outro registro que contenha cena de sexo explícito ou pornográfica envolvendo criança ou adolescente: (Incluído pela Lei nº 11.829, de 2008).

Pena – reclusão, de 3 (três) a 6 (seis) anos, e multa. (Incluído pela Lei nº 11.829, de 2008).

§ 1º Nas mesmas penas incorre quem: (Incluído pela Lei nº 11.829, de 2008).

I – assegura os meios ou serviços para o armazenamento das fotografias, cenas ou imagens de que trata o caput deste artigo; (Incluído pela Lei nº 11.829, de 2008).

---

<sup>138</sup> HOUAISS. Disponível em: [https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v6-0/html/index.php#1](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#1). Acesso em: 23 nov. 2022.

II – assegura, por qualquer meio, o acesso por rede de computadores às fotografias, cenas ou imagens de que trata o caput deste artigo. (Incluído pela Lei nº 11.829, de 2008).

§ 2º As condutas tipificadas nos incisos I e II do § 1º deste artigo são puníveis quando o responsável legal pela prestação do serviço, oficialmente notificado, deixa de desabilitar o acesso ao conteúdo ilícito de que trata o caput deste artigo. (Incluído pela Lei nº 11.829, de 2008) (Brasil, 1990).<sup>139</sup>

A imputação penal está prevista tanto para quem compartilha quanto para quem curte e comenta postagens e comentários etc. que infringem disposição legal. O dispositivo penal abrange uma diversidade de agentes que concorrem para o crime. A própria intenção do agente já pode ser um elemento que sinaliza o cometimento do crime.

Essas implicações jurídicas alcançam as cenas práticas mas em condições específicas, ou melhor, quando a temática nelas investida infringir a lei e os direitos dos indivíduos. Aqui temos também uma relação entre as práticas que produzem o discurso, que o fazem circular e ser consumido por meio da internet e outras esferas (o jurídico, o social, por exemplo). Essas práticas se entrecruzam fora do ambiente virtual. Não cabe aqui aprofundarmos essas questões, pois não estão diretamente contempladas pelos objetivos da tese, embora elas se configurem na transversalidade das discussões e conexões que o estudo pode abarcar.

A cena predicativa *compartilhar*, assim como as outras, projeta um fazer que cria efeito de inscrição na página-tela. Em *compartilhar*, esse efeito provoca uma diferença caso o membro do grupo esteja ou não logado (Mais adiante trataremos desse efeito). O compartilhador, ao compartilhar um *post*, pode acrescentar um enunciado (um comentário, por exemplo), que ficará localizado na parte superior da postagem. A disposição espacial desse enunciado é igual a qualquer postagem inscrita no próprio grupo. Os efeitos da cena *compartilhar* podem ser assim desdobrados em dois movimentos:

a) no grupo onde circulam o *post* e/ou o comentário, há a informação de que o objeto foi compartilhado e do registro do nome do operador que realizou tal ato;

---

<sup>139</sup> BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Institui o Estatuto da Criança e do Adolescente. **Diário Oficial da União**. Seção 1, Brasília, DF, 16.7.1990 e retificado em 27.9.1990. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm#:~:text=LEI](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm#:~:text=LEI). Acesso em: 14 jan. 2023.

b) no ambiente receptor, o objeto compartilhado configura-se como uma postagem advinda de um compartilhamento e consta também o nome de quem executou a cena.

O compartilhador é o actante operador da cena e discursivamente ele pode ser homologado à figura do interlocutor. Ele sincretiza mais de um papel discursivo: actante operador da cena e propagador de conteúdo para dentro do grupo e/ou para outras plataformas/ambientes. O compartilhador então, em termos semióticos, desempenha um fazer progressivo que vai além da cena predicativa no grupo, uma vez que ele também promove um fazer saber nos outros ambientes, podendo configurar um percurso de uma narrativa transmídia.

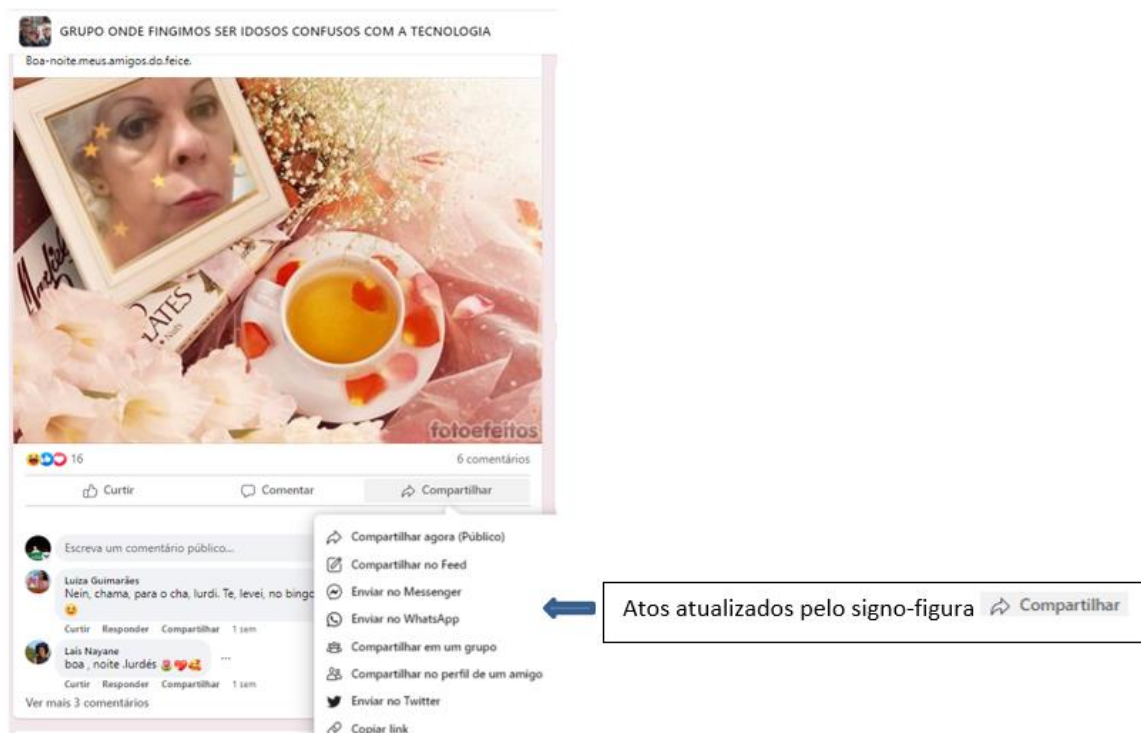
Sobre a narrativa transmídia, Fachine e Macedo (2019, p. 78) apontam a propagação e a expansão como estratégias da transmidiação, “modelo de produção que articula conteúdos em diferentes mídias e plataformas”. A propagação objetiva “repercutir o texto de referência em outras plataformas, procurando chamar atenção sobre conteúdos de outras mídias”, e a expansão implica “oferecer novos elementos que alarguem o universo narrativo, desenvolvendo programas narrativos complementares ou auxiliares ao texto de referência em outros meios, nos moldes da narrativa transmídia descrita por Jenkins (2009)” (*Ibidem*, p. 82).

O actante, como uma instância da cena prática, segundo Fontanille (2021, p. 151), pertence ao todo da semiose que o ato *compartilhar* comporta e engendra. Assim, a prática semiótica complexifica os modos de presença do sujeito mediante a programação e a convocação que a práxis enunciativa da interação digital *on-line* submete (o sujeito) à produção da semiose.

Em *compartilhar*, o objeto-suporte integra a cena tanto no polo da produção quanto no da recepção, porque ele viabiliza a presença do sujeito, a produção, a realização e a circulação do texto-enunciado compartilhado. A práxis enunciativa convoca as condições materiais e formais do objeto-suporte para o actante operador realizar a cena, conforme o modo de ocupação do espaço digital, uma vez que cada cena predicativa implica uma modificação formal do espaço.


No Facebook, *compartilhar* é um ato enunciativo que compreende o envolvimento do sujeito operador com o objeto compartilhado, e a cena está configurada na página-tela conforme a figura que segue.

Figura 32 - Modo atualizado dos atos decorrentes da cena *compartilhar* uma postagem de grupo público



Fonte: *Grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia*. Disponível em: <https://web.facebook.com/groups/824328387990988>. Acesso em: 13 jan. 2023.

A cena predicativa *compartilhar post* ou comentário do grupo alarga o horizonte do universo narrativo, pois ele não só está circunscrito ao espaço da própria plataforma (Facebook), como também a ambientes digitais externos a ela, ou seja, o compartilhamento pode implicar produção de conteúdo para outras mídias, o que configura uma cena a partir da qual se debruem outras numa sucessão, caracterizando assim uma narrativa transmídia<sup>140</sup>.

Como podemos observar, o signo-figura da cena é composto de uma seta inclinada para direita e pelo próprio termo *Compartilhar*  *Compartilhar*. A seta em si já recupera um significado que projeta um corpo actorial num devir para frente. Ao ser selecionado, o signo-figura ganha cor cinza em detrimento dos outros signos-figuras, como *curtir* e *comentar*, que não estão assinalados (figura acima). Em decorrência desse ato, são projetadas, para o modo atualizado, as opções de ação que a cena prática permite realizar.

<sup>140</sup> Fechine e Macedo (2019, p. 79) afirmam que “Esse tipo de produção teve origem e se desenvolveu com maior intensidade na indústria do entretenimento, mas não se excluem outros campos em que ele possa ser adotado, desde que observadas suas características específicas.”



As opções apontam para três atos: *compartilhar*, *enviar* e *copiar*. Para o espaço interno da plataforma, é apresentada a cena “compartilhar”; para o externo, os atos “Enviar” ou “Copiar link”. Para “Copiar link”, não está especificado o espaço onde o ato será realizado, o que pressupõe que ele pode alcançar outros domínios do espaço. Assim, *compartilhar* traz uma grande abertura para profundidade, a continuidade e a progressividade da cena prática. Ela constitui uma subdivisão e uma especialização, diferente da configuração das outras cenas predicativas.

No âmbito interno da plataforma, as opções para o compartilhamento abrangem:

- a) o público;
- b) o feed<sup>141</sup>;
- c) o perfil de um amigo;
- d) a cópia do link.

Já, no âmbito de outras plataformas<sup>142</sup>, o compartilhamento contempla:

- a) enviar para WhatsApp, que é uma plataforma de mensagens, por meio da qual são permitidos o envio síncrono de mensagens e a realização instantânea de chamada de voz e/ou de vídeo, além de outras funcionalidades;
- b) enviar para o Messenger, que, mesmo pertencendo ao Facebook, possui sua plataforma e seu próprio aplicativo;
- c) enviar para o Twitter, que é uma plataforma de rede social a partir da qual é possível compartilhar textos (de até 280 caracteres), imagens, vídeos, GIFs etc.<sup>143</sup>;
- d) copiar link.

Esse desdobramento da cena prática *compartilhar* constitui um fazer tático, uma estratégia do destinador em relação ao destinatário, pois aquele projeta uma passagem de um objeto e de um corpo actorial para outro ambiente.

---

<sup>141</sup> O Facebook conceitua o *feed* como “uma lista de histórias da sua página inicial em constante atualização. O *feed* contém atualizações de *status*, fotos, vídeos, links, atividades de aplicativos e curtidas de pessoas, Páginas e grupos que você segue no Facebook” (META. Como funciona o feed. 2023. Disponível em: [https://web.facebook.com/help/1155510281178725?\\_rdc=1&\\_rdr](https://web.facebook.com/help/1155510281178725?_rdc=1&_rdr). Acesso em: 15 jan. 2023).

<sup>142</sup> Embora o WhatsApp esteja integrado ao Facebook, ele funciona como um aplicativo multiplataforma. O Messenger, mesmo sendo “de propriedade e gerenciado pelo Facebook, o aplicativo é independente da plataforma social. Você não precisa ter uma conta no Facebook para utilizar o Facebook Messenger” (SPROUTSOCIAL. Facebook Messenger. Disponível em: <https://sproutsocial.com/pt/glossary/facebook-messenger/>. Acesso em: 13 jan. 2023).

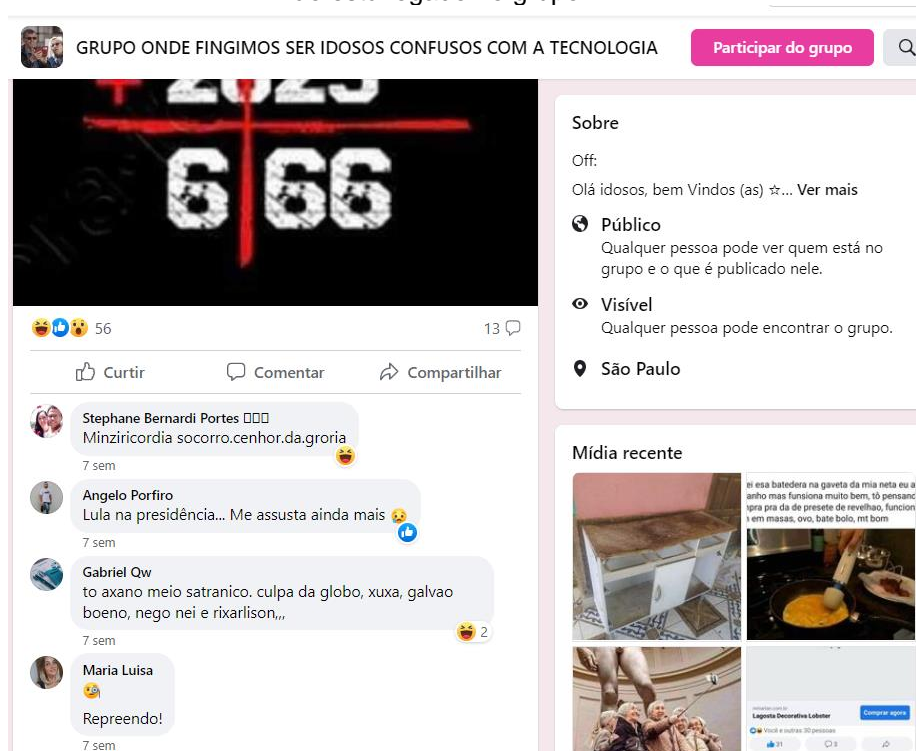
<sup>143</sup> As mensagens enviadas no Twitter denominam-se tuítes e, caso a conta seja pública, todas as mensagens são compartilhadas com os seguidores. O Twitter possui as seguintes ferramentas: “Retuíte, Seguidores, Reply, Mensagem direta, Curtir, Menções, Hashtags, Trending Topics, Twitter Moments, Threads no Twitter, Listas do Twitter, Twitter Cards, Follow e unfollow, Fleets, Memes no Twitter” (LOPES, Kawan. **O que é Twitter e como ele funciona?** [guia completo]. 2023. Disponível em: <https://www.nuvemshop.com.br/blog/o-que-e-twitter/>. Acesso em: 14 jan. 2023).

*Compartilhar* pressupõe um ato de seleção efetuado pelo operador da cena para visibilizar determinado texto-enunciado sob a forma de vídeo, meme, texto verbal etc.; ou melhor, *compartilhar* é uma cena prática que torna uma mídia espalhável e anunciável em várias direções e projeções.

O ato de *compartilhar* caracteriza uma repetição, e ele pode ser homologado à operação que Fechine denomina de replicação. Segundo a autora, a replicação “consiste simplesmente em disseminar, ‘fazer passar’ um determinado texto dado da Internet, sem realizar qualquer operação em seu conteúdo, limitando-se, portanto, a retransmiti-lo”<sup>144</sup> (Fechine, 2018, p. 10).

*Compartilhar* ganha um contorno prático específico quando trata do compartimento de *comentário* ou de *resposta de comentário* em um grupo público. Cabe destacar que as cenas práticas *compartilhar comentário* e *compartilhar resposta de comentário* só são permitidas para quem está logado no grupo. Vejamos um exemplo de amostra da página-tela sem que o internauta esteja logado:

Figura 33 - Recursos da cena prática *compartilhar* para quem não é membro do grupo ou para quem não está logado no grupo



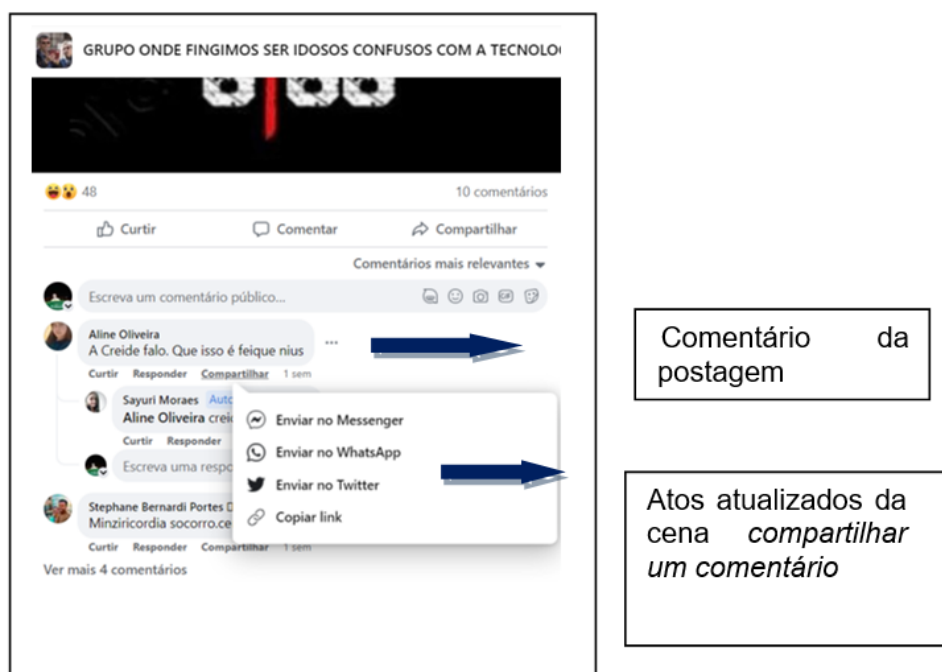
Fonte: *Grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia*. Disponível em: [https://web.facebook.com/groups/824328387990988/?\\_rdc=1&\\_rdr](https://web.facebook.com/groups/824328387990988/?_rdc=1&_rdr). Acesso em: 20 fev. 2023

<sup>144</sup> No original: “[...] consistant simplement à diffuser, à ‘faire passer’ un texte donné d’Internet, sans effectuer aucune opération sur son contenu, en se bornant par conséquent à le retransmettre” (Fechine, 2018, p. 10, grifo da autora).

Quando o internauta não pertence ao grupo ou não se encontra logado no grupo, ele não poderá *compartilhar comentário* nem *resposta de comentário*, mas somente *compartilhar post*. Essa restrição consiste em uma coerção do destinador que indica que o grupo é o espaço onde o membro encontra todas as possibilidades de realização das cenas.

Enquanto o signo-figura *compartilhar* uma postagem de um grupo pode atualizar-se em oito atos (Figura 32), esse mesmo signo-figura, quando contempla *compartilhar* um comentário ou uma resposta de comentário, atualiza-se em somente quatro atos, conforme sinalizam as seguintes figuras.

Figura 34 - Modo atualizado dos atos decorrentes da cena *compartilhar um comentário de grupo público*



Fonte: *Grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia*. Disponível em: <https://web.facebook.com/groups/824328387990988>. Acesso em: 13 jan. 2023.

Figura 35 - Modo atualizado dos atos decorrentes da cena *compartilhar uma resposta de um comentário de grupo público*



Fonte: *Grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia*. Disponível em: <https://web.facebook.com/groups/824328387990988>. Acesso em: 13 jan. 2023.

A opção *compartilhar* é excluída da atualização dos signos-figuras *compartilhar um comentário* e *compartilhar uma resposta* e é incluído o ato *enviar*, pois o destinador, em sua programação, permite que o objeto do compartilhamento seja enviado às plataformas do Facebook - o Messenger e o WhatsApp - e para fora do Facebook - o Twitter, conforme a figura acima. Há também a opção “Copiar link”, não sendo apontado o espaço onde o link será inscrito, o que pressupomos a possibilidade de a inscrição do link se materializar tanto interna quanto externamente ao grupo.

O sujeito operador da cena *compartilhar* dispõe de um espaço potencialmente alargado. No âmbito interno do grupo, o compartilhamento tende a aprofundar ou animar as discussões; no âmbito externo, a aumentar o engajamento.

Vemos que a sintaxe da cena predicativa *compartilhar* tem uma dimensão maior do que as cenas *postar*, *curtir* e *comentar/responder*. Mesmo que todas as práticas tenham por fundamento a continuidade do processo, *compartilhar* ganha uma dimensão maior em virtude de poder expandir o corpo actorial coletivo (o grupo)

interna e/ou externamente aos grupos. Fechine (2018, p. 10) considera que “o compartilhamento é, como sabemos, o imperativo do Facebook e, mais amplamente, o próprio fundamento da circulação dos conteúdos nas mídias sociais.”<sup>145</sup>

A cena prática *compartilhar* apresenta ajustamentos sensíveis ao objeto-suporte formal, devido às táticas projetadas para ela. Vejamos o quadro a seguir:

Quadro 13 - Características da cena prática *compartilhar*

	<b>Compartilhar <i>post</i></b>	<b>Compartilhar comentário/resposta</b>
Espacialidade	mais aberta	mais fechada
Atos	compartilhar enviar copiar link	enviar copiar link
Plataformas para envio	Facebook Messenger WhatsApp Twitter	Facebook Messenger WhatsApp Twitter

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos recursos disponibilizados pelo objeto-suporte.

A propagabilidade inerente à cena prática *compartilhar* sinaliza uma mistura de valores (de universo) que a prática de interagir no grupo favorece, mediante as coerções e as permissões do objeto-suporte. Por outro lado, essa cena responde também a uma seleção que revela e determina a preferência do actante operador da cena prática por determinado *post* ou comentário, porque não são todas as postagens e comentários que são compartilhados e que ganham circulação. Isso implica também a realização de uma triagem.

Do ponto de vista da prática semiótica, a mistura é desdobrada pela propagação, pela extensão do espaço e pela transposição da inscrição do sujeito que atravessa de um ambiente para outro, já que, ao *compartilhar* um *post*, a foto de perfil e o nome do compartilhador acompanham a publicação compartilhada. Já triagem é realizada, em virtude da seleção do *post* e do discurso que está imanente ao texto-enunciado da publicação.

*Compartilhar* projeta assim um devir reverberado no espaço, considerando que, a partir dessa cena, pode desencadear-se a mesma sequência de cenas práticas estabelecidas no objeto-suporte de onde procedeu, ou seja, *curtir*,

<sup>145</sup> No original: “Le *partage* étant, on le sait, l’impératif de Facebook et, plus largement, le fondement même de la circulation des contenus sur les médias sociaux” (Fechine, 2018, p. 10).

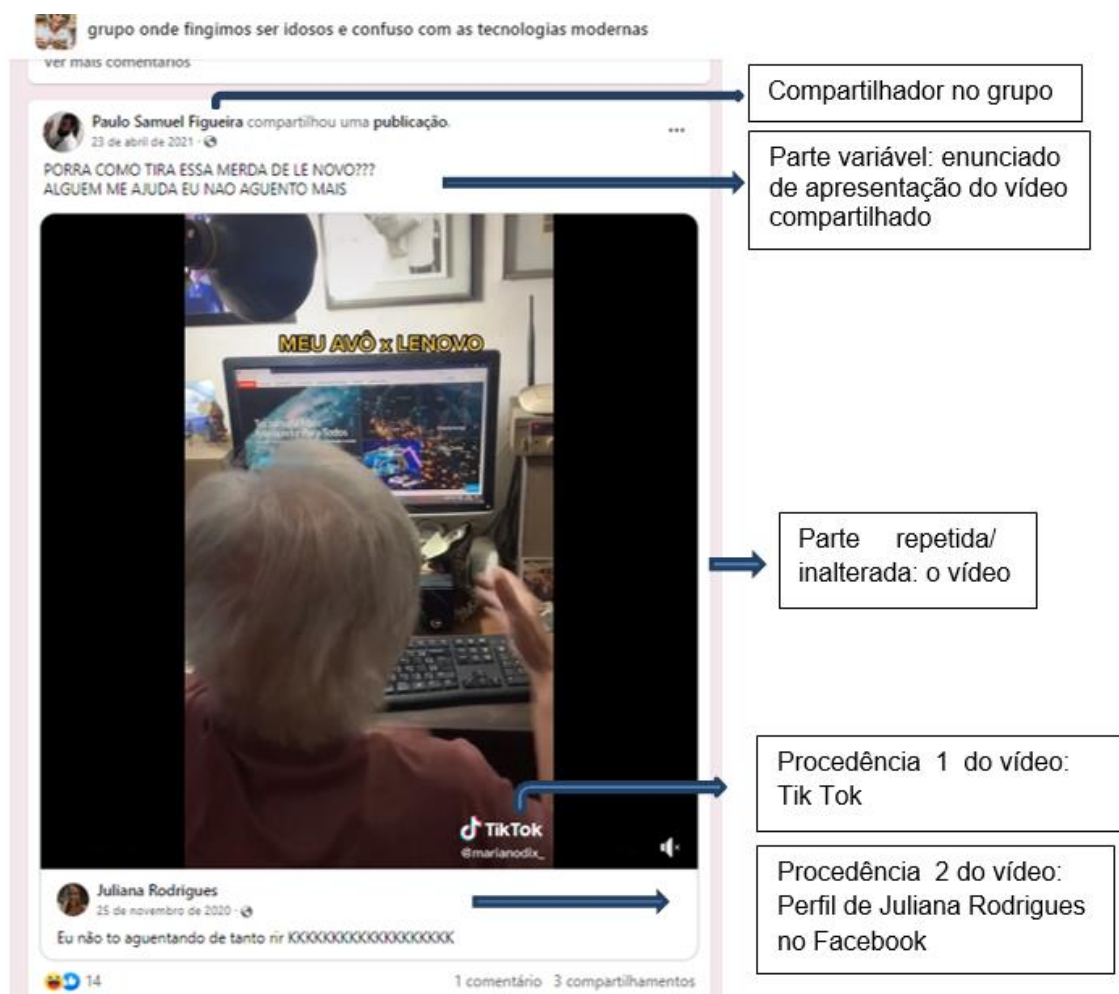
comentar/responder e compartilhar. Em virtude da projeção dos efeitos da cena, *compartilhar* é um ato enunciativo não-concomitante.

Quando a publicação compartilhada é oriunda de outro grupo ou espaço digital, a página-tela inscreve marcas da realização da cena prática *compartilhar*, conforme a estrutura a seguir:

- a) a parte que se repete/duplica: o *post* ou o comentário;
- b) a parte variável: enunciado de apresentação do objeto compartilhado;
- c) a foto do perfil e o nome do compartilhador;
- d) a procedência do compartilhamento.

Vejamos a figura que segue.

Figura 36 - Componentes da cena *compartilhar* quando o grupo recepciona o objeto compartilhado



Fonte: *Grupo onde fingimos ser idosos e confuso com as tecnologias modernas*. Disponível em: <https://web.facebook.com/100000702670615/videos/3846146868752031>. Acesso em: 25 fev. 2023.

Quando os membros do *Grupo onde fingimos ser idosos e confuso com as tecnologias modernas* trazem postagem de outro grupo ou espaços digitais, *compartilhar* apresenta a seguinte estrutura:

- a) a foto de perfil e o nome do postador na parte superior do *post*;
- b) o enunciado de introdução do *post*;
- c) o *post*;
- d) o nome dos compartilhadores.

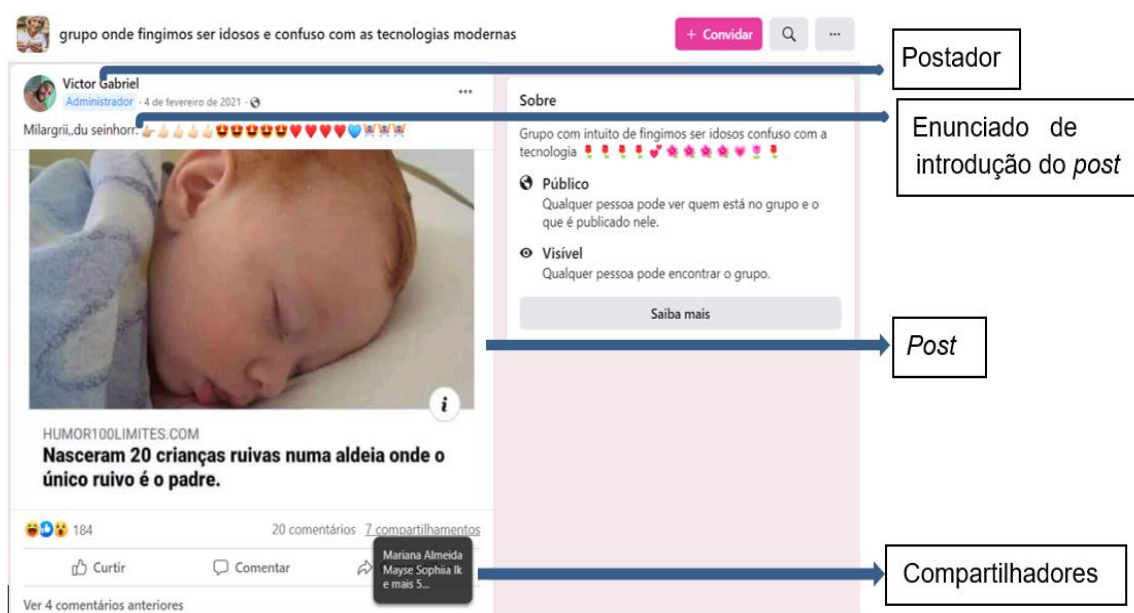
Na figura 36, podemos levantar o itinerário de três enunciações-enunciadas que estão ancoradas nos seguintes atos:

- a) O perfil “marianodix\_” postou no Tik Tok o vídeo;
- b) O perfil “Juliana Rodrigues” baixou o vídeo do Tik Tok e o postou no perfil dela no Facebook em 25 de novembro de 2020;
- c) O perfil “Paulo Samuel Figueira” compartilhou o vídeo no *Grupo onde fingimos ser idosos e confuso com as tecnologias modernas*.

Aqui vemos re-enunciações de um mesmo *post* compartilhado, o que sinalizada a cadeia contínua da cena e o efeito transmídia que perpassa as enunciações. Trata-se do próprio movimento da práxis enunciativa.

Vejamos a seguir a configuração da cena *compartilhar* quando membros compartilham um *post* do grupo com outros ambientes.

Figura 37 - Componentes da cena *compartilhar post* com outro grupo ou ambientes digitais *on-line*



Fonte: *Grupo onde fingimos ser idosos e confuso com as tecnologias modernas*. Disponível em: [https://web.facebook.com/groups/2356246961301923/?\\_rdc=1&\\_rdr](https://web.facebook.com/groups/2356246961301923/?_rdc=1&_rdr). Acesso em: 14 jan. 2023.

Quando a cena *compartilhar* constitui uma transposição de um *post* do *Grupo onde fingimos ser idosos e confuso com as tecnologias modernas* para outro grupo ou ambientes digitais *on-line*, a cena possui *status* de modo de existência atualizado, entretanto, a realização está pressuposta pela marca inscrita na página-tela: o nome dos compartilhadores.

Destacamos que o administrador do *Grupo onde fingimos ser idosos e confuso com as tecnologias modernas* (Victor Gabriel, com o nome em destaque na cor azul) está exercendo também o papel de postador, sincretizando assim os papéis de actante operador da prática (nas funções de administrador e postador). Ele também pode exercer os papéis de curtidor, comentador (respondedor) e compartilhador da própria postagem ou de comentário. Temos aqui uma especialização da prática semiótica da interação digital *on-line*: um actante sujeito pode desenvolver vários papéis actoriais num mesmo corpo de textualidade e num mesmo conjunto significativo.

Assim pensar em prática semiótica é tomar a enunciação como práxis enunciativa, é pensar na aproximação e na reversibilidade dos polos que constituem o sujeito da enunciação, é pensar num fazer efetivo sendo realizado em conjunção e interação contínuas. A interação digital *on-line* suscita uma aproximação entre os polos da comunicação - produção e recepção - na dinâmica da práxis enunciativa.

O próprio fazer implicado pela cena *compartilhar* reverbera um corpo iterativo e interativo que pode abrigar-se em outros domínios espaço-temporais. O compartilhador, como actante operador da prática, expande os limites do texto-enunciado (transportando a postagem, o comentário ou a resposta de comentário) e ratifica a prática como enunciação em ato, conforme as contingências e as possibilidades que engendram o objeto-suporte. A esse processo incorpora-se também a disposição afetiva que subjaz ao querer, ao dever, ao poder e ao saber-fazer do actante, que não deve ser tomado como um corpo individual mas como um corpo coletivo.

Em relação às cenas predicativas, em *compartilhar* há o movimento de síncope descendente, porque, estando disposta em quarta posição na página-tela (*postar, curtir, comentar/responder e compartilhar*), ao “saltar” de um ambiente para outros, *compartilhar* engloba as outras cenas. Assim, instalando-se ou inscrevendo-se em novo domínio espaço-temporal, o actante operador poderá desempenhar os

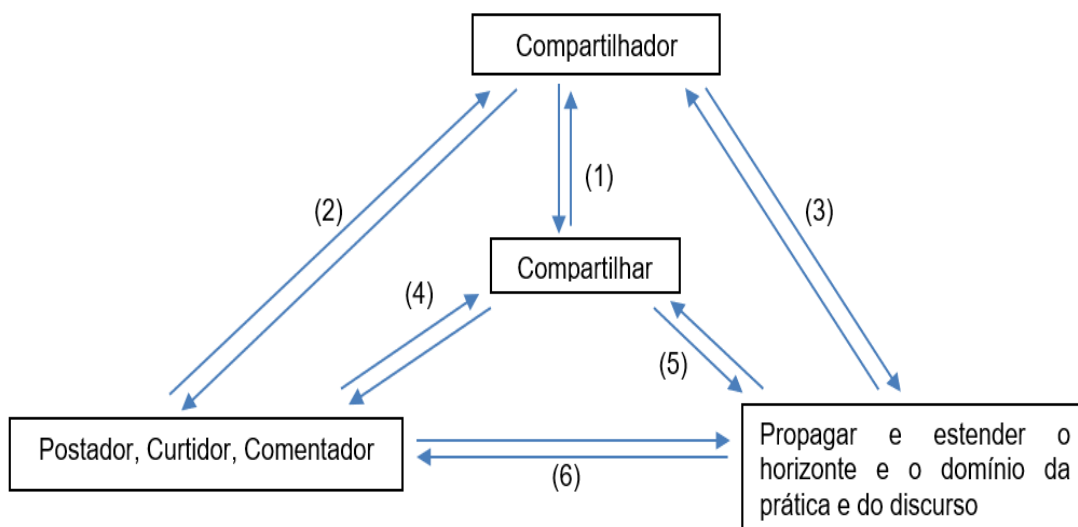


papéis actanciais permitidos pelo objeto-suporte nesse novo espaço (postador, curtidor, comentador e compartilhador). Isso implica o desenvolvimento de um programa narrativo contínuo por quem compartilhou a postagem.

Também podemos observar a síncope descendente quando o actante operador seleciona o signo-figura *Compartilhar* e faz o compartilhamento sem precisar copiar e colar o link.

Vejamos a seguir a estrutura da cena prática *compartilhar*.

Esquema 5 - Identificação do predicado e dos actantes da cena prática *compartilhar*



Fonte: Adaptado de Fontanille (2021, p. 51).

A cena prática *compartilhar* apresenta o seguinte dispositivo actancial:

1. O ato prático: *compartilhar*, ato de enunciação da prática de interação *digital on-line*, que projeta uma extensão e uma difusão do domínio do grupo;

2. O actante operador: compartilhador, internauta que integra o actante coletivo;

3. O objetivo: propagar e estender o horizonte e o domínio da prática e do discurso tanto no âmbito interno do grupo quanto fora desse espaço;

4. O Outro e o horizonte estratégico: O Outro equivale ao administrador, ao postador, ao curtidor e ao comentador e representa aquele que, num primeiro momento, não faz parte do campo de ação específica do compartilhador. Entretanto, o Outro incorpora funções que concorrem para o horizonte estratégico da prática da interação digital *on-line*.

Como sabemos que a projeção da prática de interação não advém de um fazer persuasivo ingênuo, mas de uma tática que programa um modo de ser, de sentir e de fazer para o actante operador, apresentamos a seguir uma discussão sobre a relação entre a organização do objeto-suporte, como ele prepara o ambiente e a projeção da realização das cenas práticas, que pode requerer um investimento ora mais sensível ora mais inteligível do operador da cena.

### 3.2 AS CENAS PRÁTICAS E OS INVESTIMENTOS TENSIVOS

Como preconiza Fontanille (2008a, p. 26), vivenciar uma situação implica, além da interação com o texto, os ajustes entre as várias interações paralelas. Na interação nos grupos do Facebook, a página-tela pode ser traduzida como um invólucro que possibilita a materialização de uma situação semiótica: ela tanto acolhe as inscrições quanto participa da semiose.

No espaço da página-tela, as cenas predicativas típicas, desdobradas da prática da interação, mantêm, de certa forma, relação umas com as outras tanto no ajustamento do espaço onde estão inscritas quanto no alcance de seus investimentos sensíveis e inteligíveis projetados para o operador das cenas.

Na dimensão da prática, um grupo do Facebook não é projetado para ter todas as suas publicações vistas, curtidas, comentadas ou compartilhadas nem para serem vistas de forma linear, muito menos com a mesma atenção ou grau de envolvimento do enunciatário em todas elas, mesmo por que o ritmo das postagens e a extensão do objeto-suporte podem interferir no modo como o operador da prática atua.

Em virtude da própria dinâmica do objeto-suporte, as postagens publicadas por último assumem a posição superior na página-tela e elas têm como traço semântico a fluidez. A página-tela é atualizada à medida que ocorrem novas postagens. Em contraponto, as fotos-capa do grupo têm como traço semântico a permanência, pois não são atualizadas com frequência ou quase não são. Essa característica poderia, por si só, desencadear uma identidade visual dos grupos? Não, ela contribui para a formação da identidade, mas não é autossuficiente, porque as fotos-capa dos grupos possuem traços de ambiguidade que levam a pluri-isotopias. A identidade discursiva é confirmada levando em conta tanto as fotos-capa quanto as postagens, as curtidas, os comentários, os compartilhamentos, ou melhor, todo o conjunto significativo da prática que esboça um modo de dizer do enunciador.

A particularidade da prática da interação tem caráter contínuo e processual. Dessa forma, o *modus operandi* da interação no Facebook indica uma prática concebida a partir uma visão de mundo que determinado segmento da sociedade tem em relação ao idoso internauta.

Enquanto as cenas práticas *postar, curtir, comentar/responder* estão adstritas a uma práxis enunciativa de preenchimento de página-tela, *compartilhar* apresenta uma singularidade: ela projeta uma inscrição tanto para dentro quanto para fora da página-tela do grupo.

Mas todas as cenas práticas (incluindo *compartilhar*) firmam a estrutura do objeto-suporte, que se volta para a recepção das inscrições textuais e para as estratégias programadas pelo gestor da prática.

Levando em consideração a disposição topológica das cenas na página-tela, o gestor projeta para o operador da cena um percurso de integração ascendente e progressiva, haja vista a dimensão e o desdobramento específicos de cada cena. Essa organização implica também uma hierarquia estabelecida pelo gestor.

Como já pontuamos, o Facebook localiza-se entre o nível dos objetos e o das estratégias. Mesmo que o desdobramento da interação no grupo esteja proposto numa operação de integração que vai dos signos-figuras às cenas práticas, também ocorre o movimento inverso - a integração descendente – e esta manifesta-se nos níveis por onde transita o Facebook.

O Facebook institui um fazer tático que articula as especificidades do objeto-suporte e das cenas práticas em busca do sentido da conjuntura estratégica. Como afirma Fontanille (2010, p. 12), “[...] toda prática tem, em princípio, uma dimensão estratégica integrada [...]”<sup>146</sup>. Essa dimensão, cognitiva e interna, “compreende todas as operações de ajuste, de tratamento das interações, sejam elas automáticas ou preparadas, programadas ou improvisadas, voluntárias ou involuntárias [...]” (*Ibidem*, p. 12)<sup>147</sup>.

A organização sintagmática que abarca a acomodação do Facebook na prática da interação digital *on-line* está guiada:

---

<sup>146</sup> No original: “[...] toute pratique comporte, par principe, une dimension stratégique intégrée” (FONTANILLE, 2010, p. 12).

<sup>147</sup> No original: “[...] comprendrait toutes les opérations de réglage, de traitement des interactions, qu’elles soient automatiques ou préparées, programmées ou improvisées, volontaires ou involontaires [...]” (*Ibidem*, p. 12).

a) *no nível das estratégias*, por ser uma plataforma que viabiliza eficazmente a interação entre os internautas nos grupos, nas páginas, bem como possibilita a manifestação de outras práticas, como a prática de consumo, de vendas, de divulgação de notícias etc.;

b) *no nível do objeto-suporte*, por oferecer múltiplos espaços e conexões destinados ao acolhimento dos textos-enunciados, dos signos-figuras para a atualização e a realização das cenas práticas, conforme as coerções do próprio objeto-suporte e as contingências que abrangem o fazer do sujeito operador. É por meio do objeto-suporte (nos modos interno e externo) que o internauta alcança seu poder-fazer efetivo.

Comparando as cenas práticas, percebemos que elas podem desdobrar-se, exceto *curtir* (e as reações), porque esta não permite ser postada, nem comentada/respondida, nem compartilhada. Esse traço marca a dimensão intratextual dessa cena (intracena), voltado para aprofundar internamente o discurso do grupo, sem a necessidade de aposição de elementos verbais, uma vez que os recursos projetados para essa cena prática são eminentemente visuais (*emoji* das reações).

Para termos uma visão geral sobre o funcionamento e os alcances da prática de interação, apresentamos a seguir o registro quantitativo da realização das cenas práticas.

Quadro 14 - Interações nos grupos<sup>148</sup>

Actante operador coletivo	Cenas práticas/quant.				Total
	Posta-Gens	Curti-das	Comen-tários	Comparti-lhamentos	
<i>Grupo onde fingimos ser idosos e confuso com as tecnologias modernas</i>	856	15.412	10.008	891	27.167
<i>Grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia</i>	478	168.708	45.335	85.225	299.746
<b>Total.....</b>	<b>1.334</b>	<b>184.120</b>	<b>55.343</b>	<b>86.116</b>	<b>326.913</b>

Fonte: Organizado pelo autor a partir das informações constantes na página-tela dos grupos.

*Postar* apresenta-se com menor quantidade, por ela se constituir como uma cena inaugural, ou seja, a partir dela, as outras cenas podem ser realizadas.

<sup>148</sup> A coleta dos registros levou em consideração o período que vai desde a criação de cada grupo/página até 20.7.2021, data-referência para a construção do *corpus*. A contagem foi realizada mediante as informações que a página-tela fornecia. Em relação à criação do grupo/página, informamos que o *Grupo onde fingimos ser idosos e confuso com as tecnologias modernas* foi criado em 3 de agosto de 2019 e a página do grupo, em 24 de julho de 2019.

*Curtir* tem maior índice de realizações e constitui o ato mais efêmero entre as cenas práticas, pois ela é realizada somente com a marcação de uma reação. *Comentar* é a segunda cena mais realizada e demonstra um nível de interação intragrupo forte, porque ela possibilita um alcance afetivo do sujeito em virtude da apreciação do texto postado (utilizando recursos verbovisuais) e das trocas conversacionais, o que alargam o horizonte enunciativo-discursivo projetado.

*Compartilhar*, conforme o quadro, aponta um nível de engajamento profícuo e sinaliza uma continuidade. Nessa cena, diferentemente das demais, há uma incitação para uma ação, para uma mobilização conforme aponta o signo visual ➡ .

Um *post* e/ou um comentário podem tornar-se mais visíveis, “consumíveis”, especialmente quando são objetos da cena *compartilhar*. Eles são projetados primeiramente para promover a discussão interna no grupo; já o compartilhamento é voltado para a amplificação do espaço para o próprio grupo ou para ambientes externos ao grupo.

Em *compartilhar*, também há um investimento modal de um fazer saber, pois a cena é da ordem do fazer comunicativo e constitui “um fazer cujo objeto-valor a ser conjugado ao destinatário é um saber” (Greimas; Courtés, 2016, p. 203). A cena implica tanto um fazer emissivo (pelo actante operador) quanto um fazer receptivo (pelo ambiente que acolhe o compartilhamento)<sup>149</sup>. Não podemos deixar de ressaltar, conforme Greimas (2014), que há um “único universo cognitivo” entre o saber e o crer. Para o autor, “toda comunicação humana, toda tratativa, mesmo que não verbal, está fundada sobre um mínimo de confiança mútua [...]. Na prática, o analista necessita de uma situação limite e de um gesto epistêmico que abre a comunicação” (Greimas, 2014, p. 134).

Em *curtir*, o actante operador projeta um fazer conhecer uma presença. Não podemos deixar de ressaltar o efeito de contingência para o operador intérprete da página-tela, pois este está imerso a uma variedade de cenas e de recursos de textualidade que estão disponíveis no curso da prática.

---

<sup>149</sup> O fazer emissivo e o fazer receptivo pertencem ao eixo da comunicação conforme Greimas e Courtés. Para os semiotistas, “[...] reconhecer-se-á primeiro um fazer informativo, definido pela ausência de toda modalização, como a comunicação, em estado (teoricamente) puro, do objeto de saber; a seguir, será articulado em fazer emissivo e em fazer receptivo [...]” (Greimas; Courtés, 2016, p. 203).

Em *comentar*, o sujeito operador tende a ter um investimento afetivo maior com o objeto postado ou compartilhado. As cenas *comentar/responder* inclinam-se a ser mais duradouras, porque o sujeito possui um espaço maior na página-tela para apreciar uma postagem ou um comentário e, também, porque detêm o domínio maior do tempo para realizar a cena, diferente de *curtir*, *postar* e *compartilhar*, que possuem um tempo mínimo programado (entre os atos selecionar o *post* e realizar a publicação).

A página-tela do grupo constitui-se como um espaço tensivo programado para a prática da interação. Do ponto de vista do funcionamento da página-tela, podemos classificar as cenas práticas em:

- a) primárias: *postar* e *compartilhar*,
- b) secundárias: *curtir*, *comentar/responder* e *compartilhar*.

*Compartilhar* é uma cena secundária no ambiente que recebe um *post*, porque advém da cena prática *postar*, conforme já vimos na configuração sintagmática disposta na página-tela do grupo. Ela, por sua vez, se torna cena inaugural no ambiente que acolhe a publicação compartilhada.

Em termos tensivos, a práxis enunciativa de interação digital *on-line* convoca o sujeito para agir no grupo, e cada cena prática prevê investimentos afetivos e certo grau que varia conforme o comprometimento do sujeito com os atos realizados. Embora a disposição topológica das cenas em ordem hierárquica na página-tela possa orientar sintagmaticamente certo grau da interação, o sujeito operador, como é competencializado para agir, atualiza, seleciona e realiza as cenas que mais lhe convêm. Como diz Greimas (2014, p. 133), “o sujeito operador é um sujeito competente. A operação efetuada na dimensão cognitiva do discurso é da ordem do fazer e pressupõe, como condição prévia para passagem ao ato, determinada competência modal do sujeito”.

Uma publicação que contenha muitas curtidas, comentários/respostas ou compartilhamentos sinaliza uma incorporação de valores pelos interlocutores. Do ponto de vista da interação, esses valores podem ser considerados eufóricos, porque se alinham ao objetivo maior da rede social: causar impacto, adesão, ritmo etc. Entretanto, no grupo, é estabelecida uma rotina pelo movimento de repetição das práticas e pela fixidez das funções inscritas ou implícitas na página-tela.

O devir da práxis enunciativa dos grupos recobre uma temporalidade com fluxo contínuo e uma espacialidade aberta, tendente à infinitude. Todavia, o fluxo também pode ser descontínuo, porque o sujeito pode mudar o percurso da prática em virtude das contingências que o interpelam, como, por exemplo, anúncios e notícias que aparecem no suporte planar (os *pop-ups* advindos de *cookies*, os *links* e *hiperlinks*).

A espacialidade também pode inclinar-se ao fechamento, porque, embora os grupos em análise sejam espaços públicos, eles são destinados a uma comunidade cujos membros estão reunidos em torno de um propósito: realizar as interações, discussões sobre determinado tema (no grupo: fingir ser idosos confusos com a tecnologia). Os grupos se constituem também como um corpo em torno do qual se projetam uma identidade, um modo de dizer, um modo de ser, um modo de semiotizar o mundo e, especialmente, o idoso internauta que lida com a tecnologia.

*Curtir* (representado pelo *emoji* “joinha”), em tese, consiste em emitir uma resposta positiva a uma postagem ou simplesmente em reconhecer a existência da postagem; já cada *emoji* que representa as reações sinaliza um tipo de sentimento mais específico que o operador da cena pode usar.

*Postar* configura-se no grupo como uma cena de propagação interna. Já à cena prática *Compartilhar* subjaz uma força de extensão e de propagação. Como fato semiótico instaurado no espaço tensivo, *compartilhar* traz, em sua especificidade, uma prática com tendência para a operação da mistura, pois os valores dessa prática inclinam-se à difusão e à sucessão, bem como os valores de triagem em virtude da seleção que o operador faz.

A hierarquização das cenas práticas na página-tela é orientada por uma perspectiva tensiva que integra:

a) a aspectualidade:

- com orientação profunda: prospectividade (*curtir*, *comentar* e *compartilhar* são prospectivos em relação à cena *postar*); retrospectividade (*responder* em relação à cena *comentar* e *descurtir* em relação à cena *curtir*) ou

- com ordem rítmica: a segmentação (gradação da ordem de realização das cenas – *postar*, *curtir*, *comentar/responder* e salto - *compartilhar*) ou o foco (duração – *comentar/responder* ou pontualidade – *postar*, *curtir* e *compartilhar*); a

temporalidade cronológica do nível discursivo: *postar*, *curtir*, *comentar/responder* e *compartilhar* são cenas concomitantes.

Do ponto de vista da estratégia do engajamento:

a) no âmbito externo do grupo, a cena *compartilhar* tem, como característica, a programação para fazer o sujeito transitar entre ambientes, fazendo circular os objetos discursivos, o que alarga o horizonte do discurso e ratifica o “processo aberto” da prática semiótica, conforme preconiza Fontanille (2008a);

b) no âmbito interno do grupo, *curtir*, *postar* e *comentar/responder* apresentam características que projetam um engajamento intragrupo, proporcionando adensamento, profundidade e articulação de gestos que efetivam a prática da interação.

Após a descrição das cenas que integram a prática da interação nos grupos bem como o funcionamento delas, analisaremos, a seguir, com mais agudez e detalhes, os textos-enunciados. Cabe ressaltar que os outros níveis serão convocados na medida em que integrarão o corpo e a totalidade de sentido da experiência interpretativa. A partir dessa experiência, objetivamos depreender a identidade discursiva do enunciador que fala nos grupos e os simulacros que ele constrói acerca do idoso internauta.



#### 4 DA INTERNET PARA O MUNDO: PEGADAS ESTEREOTÍPICAS SOBRE O IDOSO E A IDENTIDADE DISCURSIVA DO ENUNCIADOR

Ora, o desejo de transparência, de acesso à verdade, sem restrições, sem obstáculos, por via direta, significa aspirar à possibilidade de enunciados sem as condições de produção, sem enunciação, isto é, significa pretender a palavra sem os sujeitos que a enunciam e sem as diversas modalizações que os caracterizam. Pois bem, a linguística e a semiótica nos ensinam que todo enunciado é resultado de um ato de enunciação que carrega em si os signos de tal ato, os estigmas da presença de um sujeito, de suas condições e de suas competências reais, como desejos, dúvidas, capacidades, conhecimentos etc. A enunciação introduz o sujeito enunciante no discurso e, portanto, a **pergunta a ser colocada não é se esse discurso reflete fielmente uma ideia ou uma vontade política oculta, mas sim entender em nome de quem o sujeito está falando [...]** (Alonso Aldama, 2019, p. 157, grifos nossos).

Alonso Aldama (2019) retoma a questão do sujeito da enunciação no âmbito da Linguística e da Semiótica como sujeito pressuposto pelo enunciado, sendo este produto do ato da enunciação por meio do qual o discurso é manifestado. O sujeito, estando imerso no discurso, produz significação. Ele não pode ser compreendido como entidade neutra, mas como peça de uma engrenagem que movimenta os discursos na práxis enunciativa.

O analista deve apreender não o real do sentido, o que é considerado verdadeiro *a priori*, mas as marcas enunciativas da subjetividade espalhadas no discurso, o que implica dizer que o discurso é da ordem da heterogeneidade<sup>150</sup> e da intersubjetividade.

A presença de um sujeito inevitavelmente implica a presença de outro. De acordo com Landowski (2002, p. 3), “para que o mundo faça sentido e seja analisável enquanto tal, é preciso que ele nos apareça como um universo articulado [...]”. Então o sujeito, para enunciar, projeta a presença de outro(s) sujeito(s), podendo, segundo Aldama Alonso (2019), falar em nome deste(s). O sujeito pode enunciar tanto em nome de si quanto em nome de outro(s). De qualquer modo, ele deixa marcas enunciativo-discursivas dele e/ou do(s) outro(s), explícitas ou não. Assim podemos

---

<sup>150</sup> A heterogeneidade remete-se ao dialogismo bakhtiniano como princípio que rege a interação verbal constitutiva das práticas languageiras, sendo a realidade da linguagem o seu aspecto dialógico. A maneira como o sujeito percebe, entende o mundo e produz sentido acerca deste advém da interação verbal, que é uma atividade intersubjetiva. Authier-Revuz (1990, 2004) apresenta duas formas de heterogeneidade enunciativa: a constitutiva e a mostrada. A primeira fundamenta-se na noção de dialogismo de Mikhail Bakhtin e à noção de interdiscurso, e a segunda remete-se à inserção, na superfície textual, de marcas de outros discursos, de vozes que não são imediatamente vozes do locutor, como *aspas*, *negrito* etc.

perguntar: em nome de quem o ator coletivo da prática da interação *on-line* fala? Que modos de dizer ele mobiliza no discurso e como ele se mostra?

Assim intencionamos, neste item, compreender o que emerge do discurso e como o enunciador diz o que diz da forma como enuncia, resgatando outros discursos, outros sujeitos, para significar o mundo, especialmente para construir sua identidade discursiva e simulacros sobre o idoso internauta<sup>151</sup>. Analisaremos como o enunciador dos grupos, considerado como ator coletivo, mobiliza dizeres convocados pela práxis enunciativa da interação digital *on-line*.

Mediante determinadas estratégias, o enunciador simula uma identidade passível de ser apreendida por meio dos gestos enunciativo-discursivos inscritos não só no nível do texto-enunciado, como também em outros níveis de análise semiótica, como o signo-figura, o objeto-suporte e as cenas práticas, uma vez que a identidade envolve um conjunto significante que integra a dimensão da prática semiótica conforme Jacques Fontanille. O sujeito enunciador tanto fala sobre o idoso quanto, ao mesmo tempo, se enuncia. Assim analisaremos tanto o modo de dizer do sujeito que enuncia quanto a axiologização que ele tece acerca do idoso internauta.

Como Greimas e Courtés (2016, p. 380) asseveram, as práticas semióticas “apresentam-se como sequências significantes de comportamentos somáticos organizados, cujas realizações vão dos simples estereótipos sociais até as programações de forma algorítmica (que permitem, eventualmente, recorrer a um autômato)”. Os níveis de significação das práticas no *corpus* corroboram a formação do conjunto significante, sem nos esquecer das singularidades que cada autor apresenta para enriquecer o campo teórico da semiótica.

Esta tese tanto toma os estereótipos como base de análise advindos de programações quanto as rupturas do modo de ser que perfilam a práxis enunciativa da interação *on-line* bem como contemplamos “as propriedades morfológicas e praxeológicas dos objetos-suportes desses [dos] textos”<sup>152</sup> (Fontanille, 2008a, p. 87). A práxis, como sabemos, convoca discursos que apontam para usos, para sentidos já assentados na língua, para fatos do/no mundo e para valores que se imbricam na

---

<sup>151</sup> Nesta tese, não desenvolvemos especificamente as formas de heterogeneidade, mesmo que estejam explícitas ou não ao discurso, porque consideramos que categorias específicas da semiótica discursiva dão conta para perceber como o enunciador constrói simulacros sobre o idoso, como por exemplo a sintaxe e a semântica discursivas.

<sup>152</sup> No original: “[...] prenne en compte les propriétés morphologiques et praxéologiques des objets-supports de ces textes [...]” (Fontanille, 2008a, p. 87).

construção da imagem assim como a novas formulações e lexicalizações sobre o ser idoso no ambiente virtual.

O discurso emerge não somente dos textos-enunciados, mas também do conjunto significativo da prática semiótica de interagir nos grupos, conforme subsume a dinâmica do devir da práxis enunciativa da construção e da circulação dos discursos. Esse devir conduz uma relação sintática que norteia o funcionamento, as programações e as contingências da prática da interação *on-line*, mediante as configurações do objeto-suporte (ver esquema 1 do item 3, seção 3.1.3).

Os textos-enunciados assim como os outros níveis de pertinência de análise semiótica são bases para a apreensão da imagem-fim que respinga na posição do sujeito enunciador, cabendo ao semioticista não só “identificar e reconhecer as figuras pertinentes” (Fontanille, 2005b, p. 17), mas, sobretudo, analisar o discurso que subjaz ao projeto enunciativo, levando em consideração tanto a produção quanto a interpretação do sentido emergente da prática semiótica.

Os textos construídos pelos grupos são predominantemente sincréticos e articulam uma enunciação que visa à participação do destinatário da prática. Assim, o ajustamento de linguagens (verbal, visual, verbovisual) desponha para acentos variados de sentido, conforme sugestão colhida dos estudos de Zilberberg (2011, p. 75). Isso acontece à medida em que o enunciador vai associando determinados signos-figuras à imagem e a comportamentos do idoso na enunciação digital *on-line*, instaurando “a posição que o sujeito da percepção atribui-se no mundo quando ele se põe a apreender seu sentido” (Fontanille, 2015, p. 43).

Trataremos preliminarmente de algumas características do sujeito *internauta*, trazendo à baila as definições do lexema *internauta* em dicionários bem como os regimes de enunciabilidade inerentes ao objeto-suporte. Depois, passaremos para a análise do *corpus* nas seções 4.2, 4.3 e 4.4, perscrutando os efeitos de sentidos produzidos em discursos que constroem a imagem sobre o idoso no Facebook, simultaneamente ao gesto do enunciador de construir uma imagem de e sobre si pelo modo recorrente de dizer. Também discutiremos acerca da relação entre o ato de fingir e a modulação tensiva.

#### 4.1 OS REGIMES DE ENUNCIABILIDADE

Concebemos regime de enunciabilidade no *corpus* como aquilo que concorre para a prática da interação digital *on-line*, como os engendramentos do objeto-suporte, que permitem a inscrição de signos, dos textos-enunciados, dos textos-enunciáveis (os textos-possíveis) assim como a realização das cenas práticas e dos agenciamentos do gestor estratégico.

Convém salientar que a enunciabilidade possibilita ao operador da prática<sup>153</sup> produzir formas de falar e de ver o idoso bem como desvela a identidade do enunciador, que está fortemente ligada ao fazer desse operador.

A página-tela funciona como um espaço que permite tanto ao não idoso quanto ao idoso desempenharem papéis temáticos práticos. Ela constitui o invólucro que acolhe os dizeres dos sujeitos falantes. Ela não é um espaço programado para um regime de enunciabilidade fechado, delimitado, mas um corpo inclinado para um regime cujo devir subsume forças que balizam o dizer do enunciador.

O regime de enunciabilidade se alinha às condições e aos modos de dizer do enunciador, do operador da prática, ao dar visibilidade aos textos-enunciados e aos textos enunciáveis, tudo em conformidade com os engendramentos do objeto-suporte.

A página-tela é um lugar específico onde são constituídas as enunciações e atualizadas as re-enunciações, havendo uma combinação não só entre o que está visível, o enunciado, mas também o que é enunciável. Por meio de recursos de textualidade e de enunciabilidade, o operador da prática se ajusta às condições da produção do discurso mediante o devir do próprio corpo assim como as possibilidades virtuais de circulação e de consumo que perfilam a práxis enunciativa da interação *on-line*. Como diz Maingueneau (2008, p. 19), “é preciso pensar ao mesmo tempo a discursividade como o dito e como o dizer, enunciado e enunciação”. A interação digital *on-line* diminui a diferença entre o enunciado e a enunciação, em virtude da reciprocidade e da reversibilidade do actante operador da prática que opera a enunciação em ato.

#### **4.1.1 O internauta e o Facebook**

---

<sup>153</sup> Considerando a analogia dos papéis actanciais, estamos homologando o actante operador das cenas práticas à figura do interlocutor, porque a interação nos grupos ocorre principalmente em debragem de segundo grau. Os comentários equivalem às conversas, aos diálogos que os comentadores, operadores da cena prática *comentar*, inscrevem nas páginas-tela. Estas, por sua vez, registram o nome de cada comentador antes do comentário. A especificidade do objeto-suporte, que é programado para a interação, pode garantir tal homologação.

A unidade lexical *internauta* é um estrangeirismo que está dicionarizado em língua portuguesa e sua formação é composta de *inter(net)* + *nauta*. Ele deriva morfologicamente do termo *Internet*, que, de forma mais genérica, significa diversas redes de computadores conectadas entre si. O lexema *internet* é formado por:

a) *inter-*, preposição latina (do caso acusativo) que, no Português, se transformou em *entre*;

b) *net-*, base de origem inglesa, que significa teia, entrelaçamento de fios.

A segunda base da palavra *internauta*, que é *nauta*, *nautae*, origina-se do latim e significa “1. Marinheiro; 2. Negociante, comerciante” (FERREIRA, 1988, p. 756). No dicionário *on-line* Priberam, *internauta* é o “usuário da Internet = CIBERNAUTA”<sup>154</sup>. Este dicionário designa, de forma mais ampla, o *internauta* levando em conta a projeção do espaço: o *ciber*<sup>155</sup>.

As bases lexicais da palavra *internauta* já remetem a papéis actanciais e temáticos que estão corporificados na organização do Facebook e materializados por meio de uma combinação das linguagens contempladas no modo do sincretismo pelo objeto-suporte.

O objeto-suporte é englobado pela prática da “navegação na internet”, porque ele é um actante que pertence à própria dinâmica do devir da práxis enunciativa. É também o sustentáculo da interação nos grupos, por isso ele favorece as práticas de textos nele inscritas no modo *on-line*, conforme vimos nas cenas predicativas.

Pelas definições de *internauta*, observamos que elas indicam movimento, deslocamento do sujeito que navega entre plataformas, sites, grupos, páginas e outros recursos disponibilizados pela internet. Essa movimentação é uma prática semiótica contínua por meio da qual podemos perscrutar o campo de presença do ator *internauta* (operador da prática de interação) mediante seu fazer prático cujas marcas estão inscritas no objeto-suporte.

O Facebook é uma das maiores redes sociais do mundo e possibilita precipuamente a interação, a troca de informações, a aquisição de produtos e serviços de natureza diversa, enfim proporciona que os *internautas* sejam interactantes e exerçam o papel temático de comerciante, de negociante de produtos, de imagens,

---

<sup>154</sup> INTERNAUTA, in. Dicionário Priberam. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/internauta>. Acesso em: 14 jul. 2020.

<sup>155</sup> *Ciber* é abreviação, redução de *cybernetic*, que significa cibernético.

de trocas em geral etc., e esse papel está vinculado ao ato de navegar na internet, de deslocar-se entre *sítes*, páginas, grupos etc.

As ações do internauta acontecem enquanto eles constroem seu percurso de leitura, de passagem pela rede, inserindo ou não “conteúdos” por onde transitam. O internauta pode ser sujeito observador, sem uso de um turno de fala como também actante que deixa marcas explícitas do seu itinerário na rede. A enunciação acontece em ato, pois o curso da ação pode coincidir com o exercício do papel de “navegante” da internet. Assim, relacionamos o papel do internauta à acepção do termo latino “nauta”, aquele que se movimenta no mar, que conduz um navio, uma embarcação, como o marinheiro, o navegante.

Considerando as práticas realizadas, o internauta desenvolve gestos discursivos de acordo com a natureza do perfil criado no objeto-suporte e conforme a anuência dos administradores dos grupos. A interação no Facebook pode dar-se mediante determinados atos e práticas enunciativos, como encontrar amigos, solicitar amizade, confirmar amizade, curtir, descurtir, postar mensagem principal de página, postar comentário, responder a comentário, compartilhar postagens, salvar mensagens, editar mensagem etc. Esses gestos são permitidos mediante a estrutura do ambiente bem como as próprias coerções do objeto-suporte.

Há determinadas práticas que simultaneamente podem ser compartilhadas tanto pelo Facebook quanto pelo Instagram, como postar no *story*. Basta vincular ou integrar a página do internauta do Facebook com a do Instagram ou vice-versa e deixá-la habilitada automaticamente.

Cada texto-enunciado e cada cena predicativa traduzem-se numa experiência prática, sintagmatizada por programas desenvolvidos de acordo com o projeto enunciativo estabelecido pelo sujeito enunciadador para atingir um grau elevado de adesão do enunciatário ao discurso, ressaltando que esse projeto não se fundamenta apenas no fazer implicativo, mas também no fazer concessivo. Esses gestos advêm de vários programas narrativos realizados no curso da navegação na internet, se focalizarmos a narratividade nos textos-enunciados que subjaz ao conjunto significativo da prática.

Em tese, a ação dos sujeitos operadores das cenas práticas, os membros dos grupos, pressupõe uma prévia competencialização para navegar na internet. Assim acontece, uma vez que, para criar um grupo ou integrar-se a ele, o internauta

necessariamente já deve ter um perfil<sup>156</sup> inscrito no Facebook e, também, deve “entrar” no grupo. Mas a programação é relativizada pelo *querer fazer* do sujeito actante operador das cenas práticas, porque ele está imerso em uma variedade de recursos de textualização e da própria diversificação das cenas que integram a prática de interação digital *on-line*.

Tornar-se usuário do Facebook pressupõe firmar um contrato tácito com este objeto-suporte: um contrato fiduciário (Greimas, 2014) ou de confiança mútua. Pressupõe também um contrato formal, uma vez que, para acessar o Facebook, o internauta necessariamente deve criar um usuário, uma senha e um perfil. Esse contrato está condicionado às coerções do objeto-suporte, do discurso e das condições de enunciabilidade. Na criação do grupo, o sujeito, com função de administrador, estabelece a funcionalidade do grupo, o objetivo, a natureza, determinados regimentos etc., desenha implícita ou explicitamente um acordo veridictório (Greimas, 2014) que, mais ou menos, se propõe a reger as interações.

Deparamos, em nosso *corpus*, com um ator do enunciado, que, tendo assumido a própria voz como enunciador, desempenha o papel temático de internauta fingidor e, na instância da prática, o de operador das cenas práticas. Este, sob as coerções da prática, exerce papel recorrente na dinâmica da construção de sentido. Ele também se destaca pelo exercício de certa liberdade para enunciar, de construir e de reproduzir discursos na rede social, conforme a cena prática *compartilhar*.

A totalidade textual em ambiente de interação da internet é difícil de ser apreendida como algo absolutamente realizado, uma vez que a superfície textual abre passagens para outras textualidades, hipertextos, textos possíveis. Além disso, há a condição de que o enunciatário pode tomar corpo e inscrever-se na materialidade discursiva<sup>157</sup> sob diversas formas. Entretanto, analisaremos algumas passagens textuais, combinadas com as cenas práticas *postar, curtir, comentar/responder* e

---

<sup>156</sup> Local no Facebook onde o internauta, pessoa física, pode compartilhar informações sobre si mesmo, “pessoais”, como identificação, interesses, fotos, vídeos, cidade atual e cidade natal etc. A criação de um perfil no Facebook institui a existência e a presença do internauta a partir das quais este integra algoritmicamente o objeto-suporte - o Facebook, podendo interagir com amigos, compartilhar fotos, postagens em geral, entrar em grupos, criar grupos, curtir *posts*, entre outras funcionalidades.

<sup>157</sup> Essas outras textualidades na materialidade digital remetem ao hipertexto, que, segundo Lévy (2011, p. 44), “seria constituído de nós (os elementos de informação, parágrafos, páginas, imagens, sequências musicais etc.) e de ligações entre esses nós (referências, notas, indicadores, ‘botões’ que efetuam a passagem de um nó a outro)”. O leitor navega de um nó para outro; clicando os *links* ou *hyperlinks*, acessa os hipertextos. Assim, ele constrói seu percurso de leitura e de navegabilidade.

*compartilhar*, que formam um todo de sentido, por meio do qual apreenderemos tanto a imagem de quem fala quanto de quem é falado.

A seguir veremos como a instância de pessoa, de tempo e de espaço se encontra configurada no *corpus* mediante as especificidades do objeto-suporte e da cena prática *comentar/responder*.

#### **4.1.2 As instâncias enunciativas de pessoa, de tempo e de espaço**

Na prática de interação digital *on-line*, a organização da página-tela vincula a disposição topológica dos textos-enunciados (*post* e comentários) e a inscrição do nome do operador das cenas práticas à categoria do tempo, pois, à medida que os textos-enunciados são produzidos, a página-tela vai sendo preenchida, obedecendo à ordem e à sequência da realização das cenas práticas *postar* e *comentar/responder*.

Os níveis de pertinência que abarcam essa complexidade circunscrevem-se especialmente aos signos, aos textos-enunciados e ao objeto-suporte formal, cujo invólucro é a página-tela.

A disposição dos textos-enunciados e das cenas práticas *postar*, *curtir*, *comentar/responder* e *compartilhar* na página-tela consiste numa forma estratégica de o organizador da prática da interação programar um fazer participativo, posicionando as cenas numa sequência que sinaliza certa hierarquia entre elas. A segmentação de uma semiótica-objeto é, de acordo com Fontanille,

a primeira operação necessária à análise. Os próprios textos, graças a um conjunto de procedimentos codificados, fornecem, na maior parte dos casos, alguns elementos indispensáveis à sua leitura: a disposição, a pontuação e um certo número de códigos de corte requeridos, com efeito, por esse primeiro nível de análise. Enfim, no interior de gêneros determinados, a combinação desses diferentes elementos permite reconhecer e distinguir alguns segmentos-tipo, como no romance, a descrição e o diálogo; ou no teatro, a troca verbal e as indicações dramáticas; ou ainda, no artigo da imprensa, o título, o chapéu, os subtítulos e as colunas (Fontanille, 2005b, p. 125).

Esse excerto refere-se à análise da sequência genérica das emissões de televisão, estudado por Fontanille no livro *Significação e visualidade* (2005b). A sequência genérica constitui, em sentido amplo, “o conjunto da sequência que precede o início de uma emissão propriamente dita, isto é, o primeiro plano da cena ou da filmagem em condições de excelência do desenvolvimento da emissão” (*Ibidem*,



p. 123). Analogamente, podemos trazer a sequência genérica para o palco da interação *on-line* que estamos estudando - os grupos -, por elas darem forma às diversas manifestações dos operadores das cenas práticas e por elas esquematizarem um fazer mais ou menos programado<sup>158</sup>.

A complexidade instaura-se igualmente por meio da combinação de linguagens que possibilita o entrecruzamento de uma diversidade de textos-enunciados e hipertextos conectados em cadeia e materializados nas páginas-tela. Como afirma Fontanille (2005a, p. 7), “o suporte formal fornece uma sintaxe (geralmente planar, mas às vezes também volumétrica) para o plano de expressão da escrita, que decidirá o valor e o funcionamento sintagmático dos caracteres.”<sup>159</sup>.

A sintaxe planar do objeto-suporte formal deixa abertura para a reversibilidade e a reciprocidade da instância enunciativa da pessoa, quando o actante operador realiza, por exemplo, as cenas práticas *postar* e *comentar/responder*.

A hipertextualidade, marca da codificação da linguagem da informática, corrobora a complexidade dos textos-enunciados, por estender a conexão entre estes de uma forma que possibilita uma sintaxe cuja textualidade é regida por nós, os links, conforme Pierre Lévy (2011). Assim acontece, ao desencadear-se o alargamento do discurso em rede.

Asseverando a complexidade dos textos da internet, Teixeira, Faria e Azevedo destacam:

Na Web, cria-se uma indefinição quanto à unidade textual, na medida em que um ponto qualquer do hipertexto pode acessar praticamente qualquer outro ponto de qualquer outro hipertexto, não importam suas diferenças em termos de gênero, estilo, enunciatário etc. Pode-se dizer que há uma intertextualidade constitutiva do enunciado traduzida numa potencialidade aberta pelo enunciador a ser atualizada num determinado percurso de leitura pelo enunciatário. O que se tem então, nesse caso, não é mais uma enunciação pressuposta que se mostra a partir de marcas deixadas no enunciado, mas sim uma enunciação que se constrói enquanto enuncia, isto é, como práxis enunciativa (Teixeira; Faria; Azevedo, 2017, p. 123).

---

<sup>158</sup> O Facebook disponibiliza *script* de formato de tela para criação de grupo, mas o administrador é quem dá o acabamento formal a essa tela, deixando-a apta para as interações como, por exemplo, a criação das colunas sobre o grupo etc.

<sup>159</sup> No original: “[...] le support formel fournit une syntaxe (en général planaire, mais parfois aussi volumétrique) pour le plan de l’expression de l’écrit, qui décidera de la valeur et du fonctionnement syntagmatique des caractères” (Fontanille, (2005a, p. 7).

A intertextualidade no hipertexto garante a amplitude do texto-enunciado, mas, ao mesmo tempo, pode suscitar a falta de unidade deste, provocando uma questão sobre os limites ou fronteiras do texto-enunciado e do hipertexto. Entretanto, a semiótica das práticas considera o texto-enunciado somente um dos níveis de pertinência de análise que se integra ao objeto-suporte e às práticas, que “são cursos de ação abertos a montante e a jusante”<sup>160</sup> (Fontanille, 2010, p. 9).

Em virtude do fluxo ou do andamento das conversas registradas no *corpus*, percebemos que há um desdobramento da debreagem de segundo grau. A enunciação enunciada em segundo grau é a forma predominante no texto-enunciado, o que atenua a função do narrador.

Vejamos o quadro a seguir, que propõe uma delimitação da categoria de pessoa mediante o funcionamento discursivo no *corpus*:

Quadro 15 - Sobredeterminação dos níveis enunciativos da pessoa

<b>Categoria de pessoa</b>	<b>Equivalência</b>
Enunciador	Imagem que os grupos constroem coletivamente de si e do idoso internauta conforme o conjunto significativo da prática de interação. Constitui-se como uma instância subjacente à manifestação – uma voz, um corpo coletivo que se move no objeto-suporte. Cada ator da prática integra um todo que constitui o enunciador. Todos os atores provocam um efeito veridictório que tem relação direta com o projeto enunciativo dos grupos, cujo intuito é fingir ser idoso em maior ou menor grau de impacto ou de intensidade.
Enunciatário	Imagem do leitor criada a partir do conjunto significativo da prática de interagir. O enunciatário é figurativizado pelos internautas para quem estão direcionados os grupos.
Narrador	Figurativizado pelo internauta administrador/mediador que autoriza a inclusão dos membros e que organiza as publicações na página-tela dos grupos. Por conta dessas ações, ele é considerado narrador implícito. Entretanto, torna-se narrador explícito quando apresenta <i>posts</i> , curtidas, comentários/respostas e realiza compartilhamentos. O papel do narrador está atenuado pelo do interlocutor.
Narratário	Figurativizado pelo internauta com quem o narrador estabelece vínculo comunicativo. No <i>corpus</i> , encontra-se implícito.
Interlocutor	Figurativizado pelo internauta que posta, curte, descurte, reage, comenta, responde a comentários e compartilha as postagens/comentários, ou seja, realiza as cenas práticas. O interlocutor é o principal responsável pelas interações. A instância do interlocutor homologa-se à do actante operador da cena prática.
Interlocutário	Figurativizado pelo internauta com quem o interlocutor estabelece vínculo interativo no grupo. Torna-se interlocutor quando realiza as cenas práticas.

Fonte: Elaborado pelo autor com base na organização das páginas-tela dos grupos.

<sup>160</sup> No original: “[...] sont des cours d’action ‘ouverts’ en amont et en aval [...]” (Fontanille, 2010, p. 9).

Entendemos que a natureza dos grupos do Facebook promove uma ilusão de sincretismo actancial entre o interlocutor e o narrador implícito. Assim pensamos, porque temos indicações de que aquele que realiza as intervenções dialogais (comentário, resposta etc.) é o interlocutor em discurso direto e o nome dele é registrado na página-tela como operador das cenas práticas.

O narrador aparece explícito quando, por exemplo, se trata da fala do próprio administrador para com os membros do grupo. Ele realiza poucas cenas práticas. A primeira intervenção dele ocorre no ato de criação do grupo e a segunda quando apresenta uma publicação convocando os membros do grupo a reagirem às publicações. Assim a ideologia do narrador converge para a ideologia dos interlocutores – os jovens/não idosos fingidores.

A instância enunciativa de pessoa apresenta-se num fluxo de reversibilidade e de recursividade entre o narrador e o interlocutor, em virtude de o objeto-suporte permitir o sincretismo actancial e actorial (porque, como dissemos, o narrador pode tornar-se interlocutor quando apresenta postagens, comentários, respostas a comentários etc.).

A práxis enunciativa que rege o discurso faz com que o internauta se volte para a construção do texto-enunciado e a outras cenas práticas num *continuum*, pelas adesões ou por inserções de outra natureza que a navegabilidade em rede oferece. Tanto a pessoa, quanto o tempo e o espaço no grupo do Facebook são tomados como categorias cuja extensão é altamente aberta. O objeto-suporte garante a simultaneidade da realização das cenas práticas.

Tomemos alguns exemplos que mostram como a instância de pessoa se desponha no *corpus*.

Figura 38 – Desdobramento da debreagem de segundo grau

Fonte: *Grupo onde fingimos ser idosos e confuso com as tecnologias modernas*. Disponível em: <https://web.facebook.com/groups/2356246961301923>. Acesso em: 4 ago. 2022.

Na figura acima, o interlocutor “Marina Ferreira Cerutti”, que exerce o papel de actante operador da cena prática *postar*, apresenta o *post* em 17 de outubro de 2020, assumindo o papel de interlocutor de primeiro nível<sup>161</sup>. O *post* situa-se em

<sup>161</sup> Como é recorrente a debreagem de segundo grau no *corpus* e conseqüentemente a interação entre os interlocutores, dividimo-los em níveis conforme a inserção deles na tomada de voz e conforme a disposição da fala na estrutura do espaço da página-tela destinado aos comentários.

posição topologicamente superior aos comentários/respostas. A página-tela registra 19 curtidas, 11 comentários e 1 compartilhamento.

A instância de pessoa explícita e recorrentemente presente no *corpus* é o interlocutor, que remete à pressuposição de outra instância: o narrador, e este, por conseguinte, ao enunciador. Conforme Discini (2018, p. 94), “aquele que fala e que diz *eu* é o interlocutor” e “aquele com quem se fala e para quem se diz *tu* ou *você* e outros pronomes de tratamento é o interlocutário”.

O narrador, figurativizado no papel de administrador/moderador, aparentemente parece ausentar-se da interação. Ele procede à moda de um ator instalado no texto teatral, feito para ser dramatizado no palco. Por isso, das postagens apresentadas para as discussões, emerge a fala do postador como interlocutor. O palco das discussões (a página-tela) se apresenta como o corpo englobante da prática da interação digital *on-line*. Geralmente os comentários do administrador são respostas a comentários atribuídos a *posts* apresentados por ele. A arena da discussão é ocupada em maior dimensão e profundidade pelos interlocutores.

Cabe destacar uma característica do objeto-suporte formal (a página-tela) essencial para a prática da interação, que é registrar a identificação do actante operador das cenas práticas. Esse registro dá ao analista a possibilidade de homologar o papel actancial da debreagem de segundo grau (interlocutor e interlocutário) do nível discursivo do percurso gerativo de sentido ao papel actancial do operador das cenas práticas.

No âmbito das cenas práticas nos grupos, aquele que fala, ou melhor, que realiza as cenas práticas corresponde ao interlocutor, e aquele com quem este interage, o interlocutário. Ressaltamos que não estamos tratando, propriamente, neste momento, da debreagem interna existente no enunciado, mas da relação entre os interlocutores e os operadores das cenas práticas *postar* e *comentar/responder*, conforme apresentaremos a seguir.

Observando, na página-tela, a disposição topológica do *post* e dos comentários, percebemos que estes últimos são apresentados seguindo uma determinada ordem de localização: da esquerda para a direita. Essa disposição permite visualizar o espaço que a debreagem ocupa na relação entre interlocutor e interlocutário. Vejamos o desdobramento da debreagem (práxica) decorrente do funcionamento das cenas práticas *postar* e *comentar* na figura 38.

Interlocutor de 1º nível: “Marina Ferreira Cerutti” (papel enunciativo prático de postador);

Interlocutor de 2º nível: “Kelly Padilha” (papel enunciativo prático de primeiro comentador do *post*);

Interlocutor de 3º nível: “Keylla Maxwelle” (papel enunciativo prático de respondedor ao primeiro comentário);

Interlocutores de 2º nível: “Victor Silva”, “João Victor Costa de Souza”, “Luciana Campos” e “Vinícius TJ” (papel enunciativo prático de comentadores do *post*).

As marcas da cena prática *curtir* do *post* aparecem antes dos comentários, por isso os “curtidores” ocupam o papel de interlocutor de segundo nível. O interlocutor de segundo nível é o que mais interage e o que mais se prende a *curtir* e a *comentar*.

O *post* localiza-se imediatamente anterior e em posição superior às marcas de curtidas e dos comentários. Isso implica que a interação ocorre em ritmo mais acelerado entre os níveis 1 e 2, ou seja, as curtidas e os comentários ocorrem em direção à postagem principal, o que remete a certo fluxo da condução do discurso pelos operadores dessas cenas práticas.

Da função exercida pelo objeto-suporte, no interior da prática, emerge um movimento semissimbólico, no qual se homologam categorias do plano da expressão às categorias do plano do conteúdo. Para as primeiras, levamos em conta a dimensão topológica, representada pelas direções esquerda e direita, conforme a superfície da página-tela.

Quadro 16 - Relação semissimbólica da debreagem enunciativa de segundo grau

Plano de Expressão	Esquerda	Direita
Plano de Conteúdo	Manutenção dos turnos de fala entre o comentador e o postador	Troca do turno de fala e de nível de interlocução entre o comentador e o respondedor

Fonte: Elaborado pelo autor com base na disposição das cenas *comentar* e *responder* na página-tela.

A função do objeto-suporte no sistema de delegação de vozes do grupo desencadeia uma relação semissimbólica na página-tela e possibilita a homologação das categorias do plano da expressão relativas à disposição dos comentários/respostas na superfície da página-tela e as categorias do plano do

conteúdo, ora pensadas segundo o nível de interlocução dos operadores das cenas práticas *comentar e responder*.

Quadro 17 - Categoria eidética da relação entre a verticalidade, a diagonalidade e o nível de interlocução

Plano de Expressão	Verticalidade	Diagonalidade
Plano de Conteúdo	Manutenção do nível de interlocução entre o comentador e o respondedor	Aumento do nível de interlocução entre o comentador e o respondedor

Fonte: Elaborado pelo autor com base na disposição dos comentários e respostas aos comentários.

A linha diagonal tem como característica expressar movimento que ora se volta para o lado direito da página-tela ora para o lado esquerdo, conforme seja o ritmo da inclusão dos comentários ou respostas aos comentários. Quanto mais os comentários se encontram à direita, mais ocorrem o desdobramento do turno de voz e, por conseguinte, a debreagem de segundo grau.

As configurações topológica e eidética designam uma singularidade que o objeto-suporte propõe para uma enunciação coletiva digital *on-line*, de forma a dar uma arquitetura planar aos níveis de pertinência semiótica implicados na prática, especialmente às cenas *postar, curtir e comentar/responder*. Podemos dizer que a organização espacial constitui o que Fontanille (2005a) chama de sintaxe planar do suporte formal.

O narrador implícito, no papel de administrador/mediador, também pode debrear-se em interlocutor e apresentar *posts*, comentários, curtidas, compartilhamentos, inscrevendo-se como os demais interlocutores cuja voz foi delegada por aquele. Assim não há uma estabilidade da instância de pessoa como num romance, por exemplo, mas, nos grupos, temos um conjunto de possibilidades enunciativas em virtude da natureza do objeto-suporte.

O *corpus*, concebido em sua dimensão praxica, mantém sua vocação para as inúmeras combinações e ordens enunciativas. Mesmo sendo interlocutores, actantes, atores, eles também passam a desempenhar o papel de sujeito que assume a própria voz no momento e no modo de realizar as cenas práticas.

A dimensão praxica traz uma inclinação concessiva na instauração da pessoa, porque o próprio objeto-suporte (formal, diante do formato e da própria estrutura da página-tela) favorece o jogo permitido pelos regimes de enunciabilidade.

A concessividade pode remeter-se aos modos de existência das cenas predicativas, pois, mesmo que estas estejam inscritas na página-tela com a aparência de “acabada”, também podem modificar-se no curso da interação. Isso implica dizer que uma cena que esteja no modo de existência realizado pode alterar-se para o modo de existência atualizado ou virtualizado. Por exemplo, na cena prática *curtir reações*: ao ser desmarcada a reação, o signo-figura *Curtir* retorna ao seu *status* inicial - sem as cores azul e branca do *emoji* do polegar levantado (reação “joinha”) e sem as cores vermelho e branco do *emoji* da reação “amei”.

O espraiamento da debreagem de segundo grau, mediante a multiplicidade que se torna própria a ela, no discurso dos grupos é um dos mecanismos fundamentados no que Fontanille (2015) define como breagem.

A breagem é um termo complexo, formado pela debreagem e pela embreagem, entretanto, o autor amplia o sentido de *breagem* ao dizer que essas operações remetem ao ato da enunciação e não propriamente à enunciação logicamente pressuposta pelo enunciado, como propõem Greimas e Courtés no *Dicionário de Semiótica*. De acordo com estes dois semioticistas, a enunciação pressuposta é recuperada pelas marcas enunciativas existentes no texto-enunciado.

Tratando da página-tela, que se apresenta como um corpo suscetível a se ampliar e a se aprofundar no curso da interação digital *on-line*, acreditamos que algumas marcas não necessitam estar explicitamente expostas, porque alguns recursos (hiper)textuais inscritos na página-tela as suprem, para evitar redundância ou pelo próprio fato de que o *aqui* é o lugar a partir do qual ocorrem a enunciação em ato e as interações.

Antes da breagem, de acordo com Fontanille (2015, p. 97), temos a tomada de posição como o primeiro ato fundador da instância do discurso: “ao enunciar, a instância do discurso enuncia sua própria posição. Ela é, então, dotada de uma presença (entre outras coisas, de um ‘presente’) que servirá de orientação ao conjunto das outras posições”. Podemos relacionar a tomada de posição com o próprio ato da enunciação, que, segundo Alonso Aldama (2019), é responsável pela inserção do sujeito enunciante no discurso.



Já o segundo ato é a debreagem, responsável pela realização da “passagem da posição original a uma outra posição” (Fontanille, 2015, p. 97). Na página-tela, a debreagem enunciativa de segundo grau encontra-se instalada principalmente pela inscrição do nome do actante operador da cena prática e na respectiva foto de perfil bem como nas trocas de fala entre os interlocutores. Essa configuração dota a página-tela como um instância de presença da categoria de pessoa, do tempo presente e do espaço (*aqui*) na dimensão práxica do discurso.

Vejamos agora um *post* do *Grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia*, representado por uma conversa de WhatsApp. Vamos adentrar no nível do texto-enunciado que encabeça a postagem bem como no interior do texto-enunciado que representa as conversas de WhatsApp.

Figura 39 - Como mandar áudio no WhatsApp

The image shows a screenshot of a WhatsApp post from a group chat titled "Página do grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia". The post is dated 17 de março and includes a text message: "Gente. Mi ensina manda.. áudio ZAP,. Zélia vai, deichar. Todo mundo.. triste". Below the text is a screenshot of a WhatsApp conversation with several messages:

- filha.como faz pra mãe mandar voz no zap (04:29)
- Aperta o microfoninho aqui (04:30)
- Aperta e segura (04:30)
- Quando acabar solta (04:31)
- Mãe não é esse é o microfone do lado onde vc escreve mensagem kkkkkkkkkkkkkkkkk quando eu acordar eu te ensino (04:34)
- preciso.urgentes manda voz pra Zélia.o bolo que ela fez tava tão ruim que não.consigo dormi (04:35)
- amanhã ela que levar o bolo pra ginástica às velha vai ficar chateadas mt triste (04:36)

On the right side of the image, the post's engagement is shown with 278 likes, 43 comments, and 16 shares. The comments section includes:

- Antonio Felix [OFF]: Espantado de ela encontrar 2 emojis diferentes de auto-falante mas não encontrar o botão do microfone (21 likes)
- Larissa Borges de Lima: Antonio Felix Off: O mais difícil ela fez! Kkkk (11 likes)
- Natãna G. Moraes: Manda, asimCleusa zeli...bolo,ruin,, da peste,,vaimata...as,veia enviar, ZAP,Deusensaboe (4 likes)
- Juliana Pavan: Muintu trísti confina nas pessoa pá faze um bolu pas véia e ele sai rruin. Inspetu que a cumade cunsiga mada aldiu (2 likes)



Fonte: Página do *Grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia*. Disponível em: <https://www.facebook.com/idososconfusos>. Acesso em: 20 março 2021.

Pelo enunciado que apresenta a publicação do post

Gemte. Mi ensina manda.. áudio ZAP.. Zélia vai, deichar. Todo mundo.. triste 😞😞, pelas mensagens de WhatsApp e pelos comentários, percebemos que são textos pressupostos de enunciações diferentes.

O post que circula no próprio grupo do Facebook possui uma dimensão textual diferente da que tem os comentários/respostas e as curtidas. Esse desdobramento da esfera da enunciação compreende um fazer semiótico que abrange várias textualidades e que também complexifica a apreensão do narrador nos textos-enunciados.

A rede social expande os limites e as fronteiras actanciais, espaciais e temporais, o que pode implicar uma certa aceleração no ritmo das interações. Por exemplo, *compartilhar* é reproduzir integralmente uma publicação, é um ato formado de outro ato, uma cena formada de outra cena, caracterizando a dimensão prática como enunciação em ato na cibercultura.

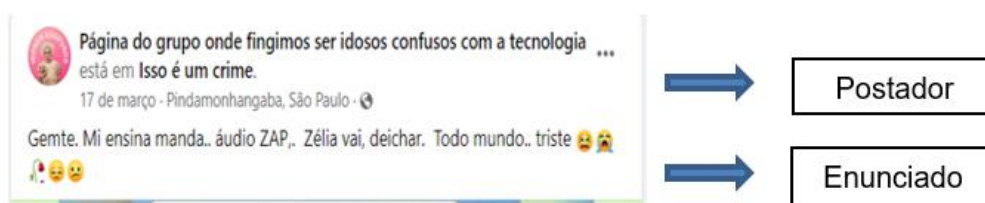
Fiorin destaca que o texto (aqui referido por nós como texto-enunciado) traz marcas do contexto e que o discurso não é somente uma estrutura imanente, mas também é o lugar da inserção da história na língua, ou seja, o texto é um objeto sócio-histórico:

O itinerário pelo discurso não se esgota no interior do próprio discurso, mas se projeta pela História em que o homem vive, pois é ela que

encerra a inteligibilidade do texto. O contexto traduz o texto. É preciso ler o contexto, para saber ler o texto (Fiorin, 1980, p. 100).

No *corpus*, o contexto presentifica-se na prática da postagem, da repostagem, do compartilhamento e internamente nos elementos que integram a sintaxe e a semântica discursivas.

Passemos agora à operação de debreagem no interior do texto-enunciado que encabeça o *post*. Nele há uma projeção de simulacro da fala de um internauta, entretanto, não constam nem o nome nem a foto dele, porque a autoria do ato de *postar* está reivindicado pelo próprio grupo, como podemos verificar a seguir.



O enunciado está em debreagem enunciativa, pois temos marcas linguísticas do pronome oblíquo de primeira pessoa “mi” (me). O interlocutor instala o interlocutário no enunciado: “Gemte” (Gente), provocando o efeito de uma conversação, de um diálogo. Temos uma debreagem de primeiro grau implícita, já que, para existir a debreagem de segundo grau, necessariamente, deve haver a de primeiro grau. Como apresentamos no quadro 15, o papel do narrador implícito equivale-se ao lugar discursivo do administrador/mediador do grupo.

A presença da debreagem de segundo grau no *corpus* firma um simulacro de um efeito de realidade discursiva no grupo. As inúmeras falas, as conversas no grupo bem como o segmento verbal do *post* principal já sinalizam o desdobramento, a amplitude, a extensão que a debreagem de segundo grau ocupa no *corpus*.

Vejamos como a debreagem de segundo grau está manifestada nas cenas práticas *comentar e responder* na figura a seguir.

Figura 40 – Identificação dos interlocutores e o papel temático dos atores



Fonte: Página do *Grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia*. Disponível em: <https://www.facebook.com/idososconfusos>. Acesso em: 20 março 2021.

O texto-enunciado representado pelo *post* trata de uma troca de mensagens no WhatsApp entre mãe e filha. Levando em consideração a sintaxe discursiva do percurso gerativo de sentido, vemos que a disposição topológica das mensagens na tela do aparelho distribui as falas dos atores do enunciado. Quando a mãe enuncia, a filha assume o lugar de interlocutário e, quando esta enuncia, torna-se interlocutor e a mãe, interlocutário.

Os exemplos demonstram uma reversibilidade de fala em discurso direto. Fiorin define esse tipo de discurso como

um simulacro da enunciação construído por intermédio do discurso do narrador. Como ele apresenta duas instâncias enunciativas, dois sistemas enunciativos autônomos, cada uma conserva seu *eu* e seu *tu*, suas referências dêiticas, as marcas da subjetividade próprias. As

aspas ou os dois pontos e o travessão marcam a fronteira entre as duas situações de enunciação distintas (Fiorin, 2016, p. 63).

Os textos-enunciados extraídos da cena prática *comentar/responder* revestem-se de características que remetem a um simulacro de enunciação em ato. Não constam expressamente, nos enunciados, o travessão ou o uso de verbos *dicendi* para marcar a mudança do turno de voz entre os interlocutores como podemos ver no registro de fala de personagens de romances, mas há outros elementos e recursos de textualidade que figurativizam e que ressamantizam essas marcas na prática da interação digital *on-line*.

A falta das marcas tipográficas e verbais podem estreitar e acentuar ainda mais o simulacro da aproximação entre as instâncias enunciativas do narrador e do interlocutor no *corpus*, mesmo sabendo que cada uma delas conserva seus actantes do enunciado e suas referências dêiticas. Algumas marcas são supridas pelo objeto-suporte, porque ele é um dos actantes da prática da interação.

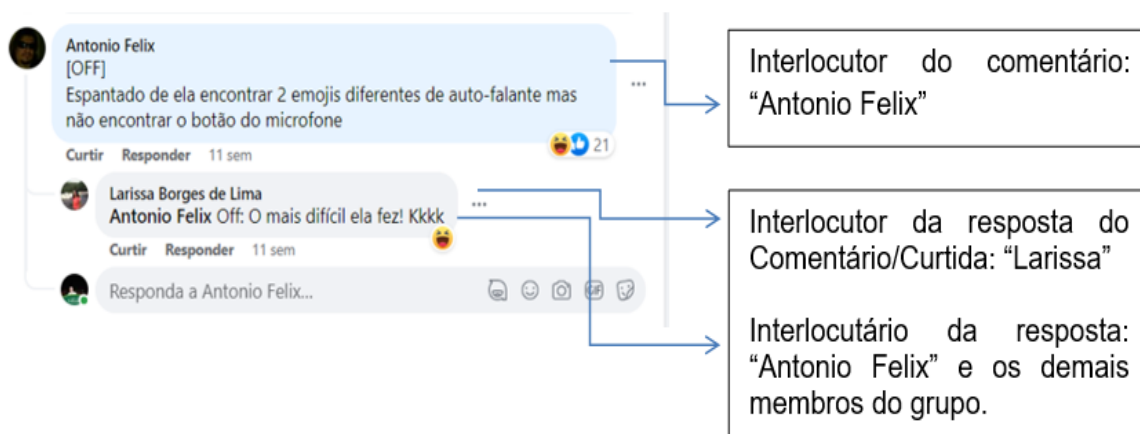
Uma relação pode ser representada pelo formante cromático do fundo das caixas de texto. No plano de expressão da passagem, temos a dominância das cores claras (branco e verde) que são homologadas respectivamente, no plano de conteúdo, à categoria de troca de turno de fala, dando realce às intervenções dos atores do enunciado *mãe* e da *filha*.

Paralelamente, a categoria temporal da presentificação das falas (o *aqui* e o *agora* do ato de enunciar é dominante no plano do conteúdo) se alinha à organização do espaço interno da página-tela, porque, quando uma postagem é inscrita no grupo, a anterior afasta-se do início da página-tela para dar espaço ao *post* mais recente. Esse movimento instaura um ritmo próprio na dimensão sintagmática das postagens. Assim confirma-se a estreita relação da cena prática *postar* com as categorias de *tempo* e de *espaço* na página-tela.

A data e o horário da postagem encontram-se inscritos na página-tela logo abaixo do nome e da foto do postador, para marcar o momento da enunciação (cena prática *postar*). Já a disposição topológica dos comentários na página-tela também obedece à temporalidade e à espacialidade que a cena prática *comentar* instaura.

Vejamos a seguir a organização dos comentários/respostas conforme o fluxo da realização das respectivas cenas práticas.

Figura 41 - Disposição espacial dos interlocutores conforme a cena prática *comentar/responder*



Fonte: Página do *Grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia*. Disponível em: <https://www.facebook.com/idososconfusos>. Acesso em: 20 março 2021.

Aqui vemos a espacialização da debreagem pela recursividade enunciativa da disposição do texto-enunciado na página-tela. Como o interlocutor “Larissa” está respondendo ao comentário de “Antonio Felix”, então o comentário dela (resposta) fica localizado abaixo da mensagem de “Antonio Félix” e situado mais à direita, não seguindo o mesmo alinhamento onde está o comentário de “Antonio Félix”, já que *responder* é um ato posterior a *comentar*.

A página-tela inscreve, na caixa de texto disponibilizada para a resposta do comentário, os nomes do interlocutor (“Larissa Borges de Lima”) e do interlocutário (“Antonio Felix”), que correspondem, respectivamente, aos actantes operadores das cenas práticas *responder* e *comentar*.

Em termos de enunciação enunciada, a fala de “Antonio Felix” se instaura em debreagem actancial enunciativa, por estar implicada, no enunciado, o pronome de primeira pessoa: “(Eu) estou espantado...”; já a fala de “Larissa Borges de Lima” instala uma debreagem actancial enunciva, por enunciar em terceira pessoa. Enquanto o primeiro interlocutor reveste-se de uma subjetividade acentuada; o segundo apresenta um efeito de objetividade (“Off: O mais difícil ela fez”) mas com recursos de subjetividade também, porque avalia o ato com um requinte de zombaria, de escárnio, utilizando as marcas tipográficas “!” e “kkk”.

Os comentários e as respostas remetem à constituição de um simulacro de estreita interação entre os operadores das cenas práticas *comentar/responder*. Segundo Fiorin (2016, p. 51), “[...] eu e tu são reversíveis na situação de enunciação”.

Na página-tela, essa reversibilidade ocorre em grau elevado entre as instâncias do enunciado (interlocutor e interlocutário).

Segundo Fiorin, a debreagem interna se estabelece no texto quando:

um actante já debreado, seja ele da enunciação ou do enunciado, torna-se uma instância enunciativa que opera, por conseguinte, uma segunda debreagem, que pode ser enunciativa ou enunciva. O diálogo, por exemplo, constrói-se dessa maneira: com debreagens internas, em que há mais de uma instância de tomada da palavra. Essas instâncias são hierarquicamente subordinadas umas às outras: o eu que fala num discurso direto é dominado por um eu, narrador, que, por sua vez, depende de um eu pressuposto pelo enunciado. Cada eu é um não eu em relação à instância enunciativa subordinante. Em virtude dessa cadeia de subordinação, diz-se que o discurso direto é uma debreagem de segundo grau. Seria de terceiro, se o sujeito debreado de segundo grau fizesse outra debreagem (Fiorin, 2022, p. 17).

Nos grupos, cada internauta que apresenta *post(s)* principal(is), curtidas, comentários/respostas e compartilhamentos assume o papel de interlocutor, debreado pelo narrador.

As interações são feitas em debreagem de segundo grau, mantendo demarcações nítidas das vozes do ator do enunciado (como no discurso direto) (*Idem*, 1999b), conforme já demonstramos acima. Pelas marcas e recursos da oralidade no *corpus*, alinhadas aos da recursividade figurativa dos *emojis*, truncamento de palavras, repetições de grafemas etc., dizemos que há uma formação de um “simulacro de dicção oral” (Mancini, 2007, p. 85).

Gomes, tratando da aspectualização e da interação em comentários de notícias digitais, destaca que os comentadores

[...] parecem não só estar em interação comunicativa com os interlocutários, figurativizados como os outros comentadores, mas também, por meio de uma embreagem, com o narrador, guardando um sincretismo com o leitor da matéria (Gomes, 2020, p. 126).

Os comentadores exercem o papel de operador da cena prática *comentar* e, também, podem realizar outras cenas práticas, como *postar*, *curtir*, *compartilhar*, porque o objeto-suporte permite tal dispersão sincrética do sujeito operador.

O comentador, quando comenta, ocupa o lugar enunciativo de interlocutor, ou seja, tem em mira a figurativização de outros comentadores (interlocutários). Essa instância de pessoa indica a instalação da debreagem de segundo grau.

Gomes destaca que os comentadores, por meio da embreagem, estão em interação com o narrador, “guardando um sincretismo com o leitor da matéria”, ou seja, temos também uma debreagem de 1º grau (narrador – narratário). Esse retorno à instância do narrador sinaliza um movimento de abertura para a complexidade da instância de pessoa, pois sai da camada mais profunda e interna da debreagem (2º grau) e vai para a instância da enunciação (quando o comentador sincretiza o papel de leitor).

Consoante a autora,

o narrador é uma projeção, numa debreagem em 1º grau, do enunciador, concretizado como o jornal. No discurso jornalístico, o enunciador, ao projetar-se, se desdobra em vários narradores, que são figurativizados como os jornalistas que assumem as matérias jornalísticas (*Ibidem*, p. 128).

Na interação digital *on-line*, os grupos constituem um lugar imaginário de um corpo que fala, de uma projeção do enunciador, e o administrador do grupo, figurativizado como um narrador, delega voz para cada membro falar, ou melhor, realizar as cenas práticas.

Para compreender como a rede social ganha mais relevância com o engajamento dos internautas, contemplamos, na análise do *corpus*, postagens e comentários que demonstram como ocorre o fluxo da interação e como os sujeitos internautas (tanto quem apresenta as postagens quanto quem as comenta) tecem a imagem sobre o idoso nos textos-enunciados, realçando determinados saberes e valores que circulam no discurso dos grupos.

O Facebook, na cultura digital, constitui-se como um espaço de construção, de observação e de circulação de saberes, de valores e de simulacros, o que acentua a natureza dialógica da construção dos discursos em rede.

Vejamos a seguir como o enunciador dos grupos projetam o contrato enunciativo mediante os recursos textual-discursivos que utilizam e os disponibilizam na primeira tela de acesso a esses ambientes bem como tecem a imagem de si quando enunciam.

## 4.2 AS RELAÇÕES CONTRATUAIS



O Facebook é um espaço de interação que arquiteta determinadas formas de interagir. Mediante o *corpus* que analisaremos nesta seção, depararemos com um modo de ser cuja imagem discursiva é tecida sob a égide do fingimento de ser idoso internauta. Para tanto, são apresentadas para a discussão, nos textos-enunciados, várias temáticas, como tecnologia, saúde, religião, economia, entre outras.

No propósito enunciativo que respalda o conjunto significante do *corpus*, *simular* tangencia o ato de fingir. Os enunciadores projetam aos enunciatários um parecer ser, entretanto, esse parecer apresenta níveis de veridicção que demonstram “um [peculiar] parecer de sentido” (Bertrand, 2003, p. 11).

O percurso da navegação do internauta, tal como registrado no *corpus*, ocorre por meio de vários dispositivos. Entre tais recursos, estão os *links* e *hiperlinks*, que garantem a configuração textual-discursiva e que permitem ao enunciatário estabelecer um percurso de leitura: passando pelas páginas e pelos grupos, lendo as postagens, propondo novas postagens, compartilhando-as, comentando-as, ou seja, realizando um fazer sugerido, dirigido, orientado, o que, entre outros aspectos, cumpre uma certa programação de leitura.

Não podemos esquecer que o percurso de leitura corresponde à incorporação do enunciatário às cenas de enunciação materializadas nos textos-enunciados, equivalendo a uma resposta ao modo de dizer do enunciador. Esse ato pressupõe que a persuasão do enunciador foi bem sucedida e que o sujeito, antes virtualizado, agora passa a ser realizado.

Vejamos a seguir como o contrato de comunicação está estabelecido na foto-capa dos grupos bem como nas regras que os administradores apresentam para os membros algumas diretrizes.

#### **4.2.1 Os recursos persuasivos na/da foto-capa dos grupos**

As fotos-capa constituem uma materialidade discursiva que visa a criar um vínculo inicial entre enunciador e enunciatário, pautado por um contrato veridictório. Para tanto, o enunciador propõe um espaço estruturado e organizado de forma a envolver o enunciatário para adentrar no grupo e “conviver” em grupo mediante os valores inscritos no discurso. O enunciador, com seu fazer persuasivo, atrai

inicialmente o seu enunciatório mediante o conjunto significativo que engloba as fotos-capa.

Figura 42 - Visão geral e identificação do *Grupo onde fingimos ser idosos e confuso com as tecnologias modernas*, na primeira rolagem da aba *início*<sup>162</sup>



Fonte: *Grupo onde fingimos ser idosos e confuso com as tecnologias modernas*. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/2356246961301923/>. Acesso em: 7 mar. 2023.

Figura 43 - Visão geral e identificação da página do *Grupo onde fingimos ser confusos com a tecnologia*, na primeira rolagem da aba *início*



Fonte: Página do *Grupo onde fingimos ser confusos com a tecnologia*. Disponível em: <https://www.facebook.com/idososconfusos/>. Acesso em: 7 mar. 2023.

<sup>162</sup> No adjetivo “confuso”, há a supressão do morfe –s, marca de plural, no procedimento transcrito da internet.

O segmento visual e verbal materializado nas fotos-capa, produto da cena prática *postar*, constitui um texto-enunciado que apresenta uma dimensão plástica e topológica, organizada conforme a proposta de contrato veridictório. Comparando a dimensão visual das fotos-capa, depreendemos:

a) na figura 42, constam três idosos que são ou se mostram mais jovens (ou, ao menos, menos idosos) do que as idosas da figura 43. Os idosos da figura 42 estão alegres, entrosados, vestem roupas mais neutras, modernas, inserem-se em espaço público e demonstram que “estão na ativa”;

b) Na figura 43, as três senhoras não se encontram articuladas entre si, cada uma está enquadrada em ponto separado da foto, os olhares convergem para o celular que cada uma porta. A constituição do idoso da figura 43 remete a um idoso mais estereotipado, vinculado à figura da “vovó”, bem mais idosa ou mais distante da juventude. Também temos um cenário clichê, marcado por flores, cores e outras figuras de um universo “démodé”. Chama atenção a idosa cuja foto se encontra na parte inferior, por apresentar uma gestualidade diferente de todos os idosos das fotos-capa, pela posição da boca e da mão esquerda que sinalizam um efeito lúdico à cena e expressa um modo que destoa das outras idosas.

Na categoria cromática, o vermelho e o róseo na expressão dos estados emocionais assim como o tom nítido ou opaco do fundo das imagens podem ser homologados, no nível do conteúdo, à simbologia das cores. Numa cultura como a nossa, o rosa e o vermelho sugerem mais estados emocionais de leveza, como a alegria e menos estados emocionais de angústia e peso, como o luto e a tristeza pela morte.

No título dos grupos, temos uma isotopia calcada no lexema *idoso*, o que já remete a certos modos de ser. O lexema “confuso”, como atributo recorrente nos títulos, alarga os papéis temáticos que dão corpo semiótico ao sujeito idoso.

No sincretismo desenvolvido pela mistura das linguagens verbal e visual, a figura do idoso se torna perfeitamente aspectualizada. As mulheres são figurativizadas mediante a representação dos cabelos brancos, dos rostos enrugados; o ator no papel de homem maduro está figurativizado na representação de sua calvície. Todos convergem para a simetria dos gestos em que as mãos seguram os celulares e os olhares sinalizam ares de ludicidade.

Na intersecção entre a linguagem visual e a verbal, há uma fissura, um corte. As fotos-capa suscitam a imagem de que os participantes da cena parecem e são idosos. A veridicção figurativizada actorialmente representa a verdade da velhice. A lógica seria estabelecer a relação de veridicção entre as fotos-capa ao nome dos grupos (exposto como foto-legenda). No entanto, o tom veridictório começa a ser desestabilizado no lexema “fingimos”, pois ele rompe com a cena prática iconizada com ares de perfeição. “Fingimos” acentua uma fissura anafórica entre os títulos e os “idosos” das fotos-capa.

Assim o termo *fingir* desencadeia uma nova isotopia, rompendo a coesão textual e projetando a isotopia de atores que fingem ser idosos, como podemos perceber em cada microfigura icônica em forma de círculo cuja função confirma o antropônimo de jovem/não idoso, o que põe em confronto duas cenas práticas que remetem ao lugar do não idoso (que pode ser o jovem/não idoso) e do idoso no funcionamento da sociedade contemporânea.

A construção do segmento visual dos textos-enunciados (as fotos-capa) sugere, no âmbito do discurso, uma diferença na axiologização tecida para os idosos. De acordo com Fontanille (2008a, p. 48), “[...] um universo sensível é dado para ser apreendido dentro de uma prática, pelas figuras de um texto, e é então que as valências cumprem seu papel, como ‘filtro’ prático da construção axiológica”<sup>163</sup>.

A página-tela constitui um conjunto significante que abarca todos os atos da prática de interação; então, o universo sensível no âmbito dos grupos alinha-se às figuras, aos temas e aos vetores do devir impulsionados pela foria<sup>164</sup>.

Observando as fotos-capa em sua dimensão visual e em sua plasticidade de formação, poderíamos depreender uma aparente axiologização eufórica para os idosos, pois o texto-enunciado cria o simulacro visual de idosos alegres, concentrados, usando celulares, com cores de roupas bem nítidas assim como mostra um ambiente movimentado, como podemos perceber no fundo da imagem da figura 43. Entretanto, essa axiologização vai-se desfazendo a partir do título dos grupos.

O uso da imagem (especialmente nas fotos-capa) tem uma dimensão estratégica assim como a organização topológica determinada pelo objeto-suporte

---

<sup>163</sup> No original : “[...] un univers sensible est donné à appréhender à l'intérieur d'une pratique, par les figures d'un texte, et c'est alors que les valences jouent leur rôle, comme ‘filtre’ pratique de la construction axiologique” (Fontanille, 2008a, p. 48).

<sup>164</sup> A foria (*euforia* vs *disforia*) é considerada “uma espécie de *a priori* integrada na própria percepção” (Greimas, 1976 [1966], p. 116).

formal, pois eles projetam uma construção de sentido voltada para o fazer persuasivo do enunciador em relação ao fazer interpretativo do enunciatário.

A página-tela é construída sob a perspectiva do olhar e do sentir, base para provocar no enunciatário a adesão aos grupos e, como vimos, o jogo criado entre a imagem das fotos-capa e os títulos de identificação favorece ou incita o enunciatário a querer adentrar nesses espaços. Os textos-enunciados dão uma configuração geral à dimensão praxica da interação.

Interagir na rede social constitui um gesto de sentir, um ato de comunicar, de engajar-se, de semiotizar o mundo. Constitui também o ato de tomar o lugar enunciativo do outro (do idoso) no discurso, mediante a convocação da práxis enunciativa cravada na temática da velhice e desse modo problematizada. A imagem construída na rede social pode ser confirmada ou negada na materialidade discursiva, conforme averiguaremos mais adiante.

As relações contratuais inscritas na página-tela (objeto-suporte formal ou “objeto-lugar”) perfilam um fazer cujo horizonte narrativo está fundamentado pela prática da interação digital *on-line*, e esse fazer orienta o sujeito de estado a entrar em conjunção com determinado objeto. Como dizem Greimas e Courtés (2016, p. 330), a narratividade é o “princípio organizador de qualquer discurso”. Então as práticas semióticas implicam um fazer que remete à construção de um simulacro do homem no mundo.

Comparando o título de identificação dos grupos, verificamos que são bastante parecidos. Em tese, o conjunto significativo da página-tela desses espaços interativos constrói a imagem de enunciadores que apontam para o mesmo propósito enunciativo: fingir ser idoso internauta confuso.

Na identificação dos grupos, o adjetivo “confuso”, no singular, abre margem a uma ambiguidade: trata-se de fingir ser idosos confusos ou se trata de um grupo confuso com as tecnologias modernas? Diante da imagem da foto-capa apresentada pelos grupos, consideramos que o enunciador promove, a partir do título, uma estratégia enunciativa de um sujeito que não está preocupado com a norma culta usada em situação de formalidade. O espaço digital expande as escolhas para o enunciador enunciar conforme o contrato comunicativo firmado sob o fingir.

Como o sentido não é da ordem do *ex nihilo*, parafraseando Greimas e Courtés (2016) ao afirmarem que o ato de fala não é uma criação *ex nihilo*<sup>165</sup>, veremos a seguir as acepções do termo  *fingir* no dicionário Latim-Português, como forma de verificar as figuras lexemáticas previstas na etimologia do termo e depois comparar essas figuras com o sentido, os esquemas discursivos inscritos na práxis enunciativa dos grupos.

O verbete  *fingir* advém do latim na forma “ *fingo, is, ere, finxi, fictum*” e apresenta as seguintes acepções:

1. Modelar em barro [...].
2. Modelar em qualquer substância plástica, formar, representar, esculpir.
3. Arranjar, dar forma [...].
4. Representar, reproduzir os traços de.
5. Tocar levemente, acariciar.
6. Imaginar, inventar, fingir [...].
7. Apresentar, dar a ideia de [...].
8. Ajustar, adaptar, apertar.
9. Formar, instruir.
10. Vencer, dominar.
11. Podar (a vinha).
12. Lamber (os corpos, os filhos).
13. Esfregar, afagar (as mãos) (Ferreira, 1988, p. 487).

No  *corpus*, a definição de  *fingir* alinha-se não só às noções de  *imaginar, inventar, representar*, mas também de  *adaptar*, já que um objeto semiótico<sup>166</sup> se ajusta e se expande a determinadas práticas enunciativas. A imagem do idoso internauta é construída nos discursos que emergem da prática semiótica de interagir, especialmente dos níveis do signo-figura e do texto-enunciado. O modo de conceber o internauta idoso faz despontar sentidos que dão conformidade a uma práxis enunciativa que recria ou confirma um lugar do idoso na sociedade.

Jean Baudrillard<sup>167</sup>, sociólogo e filósofo francês, em sua obra  *Simulacres et simulation*, estabelece a diferença entre dissimular e simular. Para o autor, “dissimular é fingir não ter o que se tem. Simular é fingir ter o que não se tem. O primeiro refere-se a uma presença, o segundo a uma ausência” (Baudrillard, 1981, p. 9). Deslocando para o campo dos estudos semióticos o que Baudrillard diferencia, podemos dizer que,

---

<sup>165</sup> De acordo com Greimas e Courtés (2016, p. 43), “o ato de linguagem não é uma criação  *ex nihilo*, que se devesse situar no princípio de qualquer reflexão semiótica, mas um acontecimento particular que se inscreve em um sistema de múltiplas coerções”.

<sup>166</sup> A noção que utilizamos para objeto semiótico está amparada em Bertrand, segundo o qual “a semiótica se interessa pelo ‘parecer do sentido’, que se apreende por meio das formas da linguagem e, mais concretamente, dos discursos que o manifestam [...]” (Bertrand, 2003, p. 11, grifo do autor).

<sup>167</sup> Filósofo e sociólogo francês que estuda a representação da realidade na sociedade pós-moderna, especialmente sobre o efeito que a mídia exerce nesse processo. Ele critica a sociedade por ela dar maior relevância ao signo do que a realidade em si, o que faz surgir simulacros imperfeitos, simulações, fazendo com que o objeto fique em segundo plano. O objeto pertence ao estatuto do signo e participa das trocas simbólicas, da circulação das coisas. A simulação assim gera os simulacros.

no *corpus*, o conjunto significativo que compõe a prática da interação digital *on-line* remete a uma simulação, pois o jovem/não idoso finge ter velhice, mas não a tem. Para tanto, utiliza-se de vários recursos e estratégias para parecer ser idoso tanto no plano da expressão quanto no plano do conteúdo.

Nas duas fotos-capa, o segmento visual e o segmento verbal projetam um discurso com efeito de mentira, pois os internautas usam fotos de idosos para parecer que quem fala nos textos-enunciados é um ator idoso, porém quem enuncia são atores internautas jovens/não idosos. Esse recurso pode suscitar surpresa no enunciatário. Assim, o discurso se inaugura regido pela lógica concessiva: embora pareça idoso, não é.

Há diferentes recursos que o administrador utiliza para orientar os membros a proferirem as discussões, como tentativa de organizar e de controlar a prática da interação. Vejamos a seguir como os grupos projetam essa organização.

#### 4.2.2 As regras dos administradores

Entremeadas às fotos-capa, estão dispostas as seções que a página-tela organiza para os membros acessarem. Abaixo da foto-capa do *Grupo onde fingimos ser idosos e confuso com as tecnologias modernas*, na primeira postagem da coluna “Em destaque”, o administrador, que exerce o papel discursivo de narrador, para incitar a interação e o engajamento, convoca os membros para participarem do jogo do parecer. Para tanto, dá diretrizes para emular uma figura de idoso. Vejamos:

Figura 44 - Reação às publicações



Fonte: *Grupo onde fingimos ser idosos e confuso com as tecnologias modernas*. Disponível em: <https://web.facebook.com/groups/2356246961301923/permalink/2515404172052867>. Acesso em: 4 out. 2020.

Este texto-enunciado apresenta uma forma híbrida de dizer. O segmento verbal do texto-enunciado inicia-se pelo advérbio inglês *Off*, que está em caixa alta e entre colchetes. Significando “desligado da internet”, “fora da internet”, que equivale a “off-line”, *off* indica que quem enuncia, naquele momento, está desligado do corpo actorial de fingidor, ou melhor, não se encontra no estatuto do perfil do tipo de ator criado para o grupo. O “convite” apresenta uma linguagem que mescla os registros formal e informal.

Do trecho “[...] vamos reagir [...]” até “MERCADO LIVRE!!!”, sobressai um tom de voz de autoridade, pois o administrador está apresentando as primeiras diretrizes do grupo. É o administrador que, em tese, acompanha preliminarmente o que os membros do grupo postam, comentam, curtem e compartilham.

Esse “convite” inicial apresenta traços do que Fontanille (2008b, p. 52) define como “protocolo”, ou seja, “como uma programação rígida e inteiramente decidida por antecipação”. No âmbito do grupo, esse protocolo não tem o propósito de ser totalmente rígido nem fechado, uma vez que o administrador não pode prever tudo. Ademais, a prática semiótica tem como dimensão essencial a “permanente tensão entre acomodação programada e acomodação inventada”<sup>168</sup> (*Idem*, 2008a, p. 5), em virtude das contingências que a interpelam. Fontanille afirma ainda que, mesmo nas cerimônias, “[...] a encenação prévia mais detalhada não pode prever tudo, menos ainda excluir por antecipação todo incidente ou acidente de percurso” (*Idem*, 2008b, p. 52).

Na proposta do administrador, nem tudo pode ser dito, mesmo que a via discursiva seja orientada pela transgressão – o *fingir* ser idoso. O administrador, que se investe no papel de operador da cena prática *postar* (um convite), desfaz-se temporariamente de um sistema de valores que institui para o grupo, ao utilizar a expressão OFF entre colchetes.

*Off*, no interior dos comentários e das postagens, é uma marca linguística de transgressão consentida e orientada em virtude do actante lugar – o objeto-suporte

---

<sup>168</sup> No original: “[...] Tension permanente entre l’accommodation programmée et l’accommodation inventée, entre la préschématization et l’ouverture à l’altérité [...]” (Fontanille, 2008a, p. 5).



formal. É um código que representa uma pequena quebra de expectativa, pois o termo sinaliza um modo de enunciar diferente do que é projetado. O narrador, no enunciado (figura 44), enuncia a partir do parecer e do ser para orientar certo efeito de verdade em virtude do papel de administrador que exerce.

A expressão *Off* subsume uma curta narrativa no grupo. O membro do grupo só usa o termo para sair do papel actorial de fingidor, instaurando assim outra narrativa. Temos, portanto, a relevância de um sincretismo actorial: o sujeito que finge muda seu estatuto para não fingidor. O actante sujeito no nível da sintaxe narrativa é sincretizado em mais de um ator no nível discursivo.

Entre as etapas da narrativa do texto-enunciado da figura 44, sobressai o percurso da manipulação. Conforme propõem Greimas e Courtés (2016, p. 301), “enquanto configuração discursiva, a manipulação é sustentada por uma estrutura contratual e ao mesmo tempo por uma estrutura modal”.

No *corpus*, as estruturas modais que subjazem ao fazer do sujeito, competencializado pelas condições de navegabilidade na internet e pelo objeto-suporte formal, são o poder e o saber fazer (do jovem/não idoso fingidor no nível discursivo). No texto-enunciado da figura 44, a manipulação visa a atingir a mudança inicial da competência modal do destinatário: do *querer*, constituindo “uma condição prévia virtual” (Greimas; Courtés, 2016, p. 406), para o *querer ser* após o ingresso no grupo; do *dever fazer* (a prescrição) para o *não dever fazer* (facultatividade) após o ingresso.

O narrador utiliza adequadamente a norma gramatical e o modalizador deontico “vamos reagir” para impulsionar uma ação (reagir). Em tom menos formal, diz: “E NADA DE ANÚNCIOS!”. O próprio uso da caixa alta já indica um chamamento de atenção para que o membro do grupo não pratique tal ato (um dever não fazer). Há também um tom do discurso que sinaliza uma manipulação de forma disfarçada de intimidação.

O mecanismo de manipulação que orienta a estrutura modal para o *dever fazer* do sujeito está fulcrado na lógica implicativa “se.... então”, ou melhor, se o internauta deseja participar do grupo, então deve fazer tais ações para permanecer no *ser*. Em termos narrativos, há uma intimidação velada, pois o destinador, ao trazer para o discurso a ordem do regramento do contrato, promove uma advertência tônica do sentido.

A ênfase às práticas implicadas pelo *dever fazer* (prescrição - “vamos reagir”) e pelo *dever não fazer* (interdição – “E NADA DE ANÚNCIOS! AQUI NÃO É MERCADO LIVRE!!!”) está marcada tipograficamente pela caixa alta e pelas exclamações desdobradas: no primeiro segmento verbal, temos uma exclamação; no segundo, três.

As três exclamações recaem no segmento que identifica o *site* de anúncios como forma de provocar um simulacro de realidade ao dito e, também, marcam um efeito prosódico de intensidade da fala na escrita. Temos aqui uma relação que podemos homologar as marcas tipográficas - letras maiúsculas e as exclamações (plano de expressão) - ao tom de voz marcando autoridade do administrador (plano de conteúdo).

Em termos de tensividade, temos uma operação de triagem no trecho “E NADA DE ANÚNCIOS! AQUI NÃO É MERCADO LIVRE!!!”. Para Tatit (2019b, p. 22), a triagem “[...] consiste na extração de uma grandeza ou de um valor e na conseqüente eliminação dos elementos indesejáveis [...]”. Há assim uma separação das grandezas no discurso: o que os membros devem fazer (as reações) e o que devem não fazer (os anúncios publicitários). Assim, reagir às publicações sinaliza um ato regido pela valência da mistura, em que a mistura [m] é *plena* [1] e a triagem [t] nula [0] = [t<sub>0</sub>+ m<sub>1</sub>]. Já o ato de interdição é regido pela valência da triagem, em que [t] é *plena* [1] e a [m] nula [0] = [t<sub>1</sub>+ m<sub>0</sub>] (ZILBERBERG, 2004).

Em relação à cena prática *postar*, o convite do administrador obteve 108 reações e 11 comentários. Assim, pela organização prática e tensiva, o sujeito do discurso rege-se pela estratégia da quantificação e pela lógica implicativa, pois, quanto mais adesão ao grupo, mais difusão e alcance das cenas práticas e, por consequência, maior efetividade terá a prática de interagir. Temos então uma correlação conversa (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 26).

O desejo do administrador em “alcançar um número maior de pessoa” não trata mais especificamente das reações às publicações, mas principalmente ao compartilhamento das publicações, uma vez que a cena prática *compartilhar* apresenta a característica da propagação e da extensão. Esse recurso realça a função do operador da mistura na confluência tensiva da cena prática com a organização do discurso. Do lado da sintaxe tensiva, podemos deduzir que, nesse texto-enunciado, “[...] triagem e mistura tornam-se mútuas no processo” (Zilberberg (2011, p. 122).

O uso do vocativo “Galera”<sup>169</sup>, para referir-se aos membros do grupo, constrói o efeito de sentido de que o administrador enuncia como não idoso (ver foto de perfil) bem como para estabelecer uma relação de identificação coletiva e de pertencimento com o grupo. Daí o uso da expressão “[OFF]”.

Retomando o estatuto veridictório inicialmente apresentado, o administrador finaliza a mensagem em tom de brincadeira, com o *emoji* 🌷🌷🌷, embora a parte inicial do texto-enunciado suscite um tom sério de voz. É criada assim uma tensão no estatuto veridictório.

O tom de gracejo instaurado ainda incide na inscrição “ Deus Ensaboe 🌷🌷🌷”, que consiste numa intertextualidade com a oração “Deus abençoe”, em virtude da proximidade fonológica entre os lexemas *ensaboe* e *abençoe*. A oração optativa *Deus abençoe* é muito comum quando os pais abençoam os filhos ou quando alguém deseja o bem, a prosperidade, a bondade a outra pessoa. O *emoji* com as três tulipas pode sinalizar o desejo de prosperidade, bem-estar para o grupo.

O pertencimento ao grupo e o efeito de aproximação do narrador com os narratários (vocativo “Galera”), projetada no interior do texto-enunciado, destaca-se nas marcas da enunciação enunciada, esta considerada também em sua dimensão praxica.

No nível discursivo, a sintaxe ancora-se em marcas como mostra o quadro a seguir:

Quadro 18 - Marcas da debreagem e embreagem no texto-enunciado da figura 44

Mecanismos	Tipos de categoria		
	Actancial	Temporal	Espacial
Debreagem enunciativa	Pronome pessoal – 2ª pessoa do plural: “vocês” nas formas verbais “verem” e “ensaboe”	Presente do indicativo na forma verbal “é”.	Advérbio “AQUI” – referindo-se ao lugar da enunciação: o grupo.
Embreagem	1ª pessoa do plural implícita à forma verbal “vamos reagir”: “nós” no lugar da segunda pessoa do plural “vocês” (Reajam vocês às publicações).	Presente do indicativo “ajuda” no lugar do futuro do presente “ajudará”. “[...] isso ajuda(rá) a vocês verem [...] e a	-

<sup>169</sup> No dicionário *on-line* Houaiss, consta como uma das entradas do significado de *galera*: “B; infrm. qualquer grupo afim; o pessoal, o grupo, a roda de amigos”. B = brasileirismo; infrm. = informal (GALERA. In: **Dicionário on-line Houaiss**. Disponível em: [https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol\\_www/v6-1/html/index.php#1](https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-1/html/index.php#1). Acesso em: 10 mar. 2023).

	Vocativo “Galera” no lugar da segunda pessoa do plural “vocês”	alcançar um número maior de pessoas”.	
--	--	---------------------------------------	--

Fonte: Elaborado pelo autor a partir das marcas enunciativas do texto-enunciado.

A debreagem actancial enunciativa está ancorada na segunda pessoa do plural. Esse tipo de debreagem traz um efeito de aproximação entre o narrador e o narratário. A debreagem temporal enunciativa está ancorada no presente verbal “é”, reforçando o momento da enunciação em ato, que corresponde à data da postagem “5 de fevereiro de 2020”. Essa data está cravada no/pelo objeto-suporte formal, pois este é o lugar programado para inscrever a data no momento da realização da cena predicativa, e o registro da inscrição da data ratifica o objeto-suporte como actante da cena.

A debreagem espacial enunciativa remete-se ao ambiente da interação, ao “AQUI”, figurativizado como o grupo, que funciona sob a conexão da internet.

A página-tela dispõe de muitos recursos de enunciabilidade, como os *links* e os *hiperlinks* de fotos, de vídeos etc., permitindo o alcance a outros espaços fora da página-tela. A própria cena prática *compartilhar* tem, em sua estrutura, a dinâmica de “transportar” uma postagem de um lugar para outro. Convém destacar que o *agora* e o *aqui* estão potencializados no momento da enunciação, sendo recorrente em cada gesto de realização das cenas práticas.

No âmbito do enunciado, a forma verbal “vamos reagir” marca que o acontecimento (*reagir*) é posterior ao momento de referência e da enunciação (o presente). Essa construção figurativiza uma embreagem actancial enunciativa no texto-enunciado, pois a embreagem constitui um mecanismo que simula o jogo do dizer do narrador. Ao utilizar “vamos reagir”, análogo a um plural de modéstia, o narrador projeta um efeito de coletividade e de aparência de que o próprio narrador participa do “nós”. Entretanto, não se trata de um *nós* inclusivo<sup>170</sup>, como diz Fiorin em *As astúcias da enunciação*, mas de uma embreagem. A 1ª pessoa do plural neutraliza a 2ª pessoa do plural (vocês), uma vez que a ação de reagir às publicações não recai

<sup>170</sup> De acordo com Fiorin (2016, p. 110), “há três *nós*: um *nós* inclusivo, que é dêitico, em que ao *eu* se acrescenta um *tu* (singular ou plural); um *nós* exclusivo, em que ao *eu* se juntam *ele* ou *elas* (nesse caso, o texto deve estabelecer que sintagma nominal o *ele* presente no *nós* substitui) e um *nós* misto, em que ao *eu* se acrescentam *tu* (singular ou plural) e *ele(s)*”.

sobre quem fala, mas sobre quem a ele se dirige. Ou seja, quem deve reagir às publicações são “vocês”, que figurativiza os membros do grupo.

Essa embreagem está ratificada pelo segmento verbal posterior ao “vaos reagir” - “Isso ajuda a vocês verem mais publicações” -, em que o narrador utiliza o pronome “vocês” para trazer aos atores (internautas membros do grupo) a responsabilidade tanto do ato de reagir às publicações quanto de ver mais publicações. A modalidade deôntica, materializada na forma “vamos reagir” – “reajam”, reforça a autoridade da função do administrador do grupo, pois este atribui aos membros um *dever fazer* e, ao mesmo tempo, exclui-se dele a responsabilidade de realizar tal ato.

Também a embreagem actancial está marcada pelo uso da expressão “Galera”, vocativo que reforça o papel temático de grupo. Como o administrador está eximindo-se de reagir às publicações, então ele utiliza essa expressão no lugar do pronome de segunda pessoa “vocês”. Essa construção consolida a atribuição do dever fazer à “Galera”, que se refere aos internautas membros do grupo.

A embreagem temporal enunciativa assenta-se na neutralização da oposição entre o presente do indicativo (“ajuda”) e o futuro do presente (“ajudará”); ambos os tempos integram o sistema enunciativo. O uso do presente do indicativo pode projetar uma aproximação maior entre o momento do dizer (da enunciação) e o momento do acontecimento (futuro).

Em relação ao contrato enunciativo do *Grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia*, não há um convite formal aos internautas como o *Grupo onde fingimos ser idosos e confuso com as tecnologias modernas* apresenta, tampouco traz expressamente regras do administrador. Vejamos alguns recursos de persuasão que enunciador apresenta para firmar o vínculo contratual com o enunciatário.

Figura 45 - Colunas de informações da página do *Grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia*



Fonte: Página do *Grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia*. Disponível em: <https://www.facebook.com/idososconfusos>. Acesso em: 20 out. 2022.

A tela da página inicial do *Grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia* é composta por cinco colunas principais que estão dispostas linearmente logo abaixo da foto-capa e são intituladas: “Página inicial”, “Avaliações”, “Vídeos”, “Fotos” e “Mais”<sup>171</sup>. Ao clicar na coluna “Página inicial”, abrem-se novos espaços denominados “Sobre”, “Criar publicação”, “Fotos”, “Vídeos”, “Transparência da página” e “Adicione sua empresa ao Facebook”.

O contrato nesse grupo é tecido, entre outros recursos, pelas informações que o administrador apresenta nessas colunas, como por exemplo:

a) na coluna “Sobre”, constam a quantidade de curtidas (“114.358”), o link da página no Twitter (<http://www.twitter.com/idososconfusos>), o convite para “Enviar mensagem” e a classificação da página (“Site de entretenimento”);

<sup>171</sup> A coluna “Mais” encapsula outras colunas, denominadas “Sobre”, “Comunidade” e “grupos”.

b) na coluna “Avaliações”, há a pontuação correspondente a 4,9 de 5 pontos, obtida das respostas de 116 seguidores bem como consta a seguinte questão que trata sobre a recomendação da página: “Você recomenda a *Página do grupo* onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia? Sim, Não”. Paralelamente à avaliação e a essa questão, o administrador disponibiliza as avaliações designadas de “Mais Úteis”.

Diferentemente do *Grupo onde fingimos ser idosos e confuso com as tecnologias modernas*, a *página do Grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia* proporciona ao seguidor a exclusividade não só para avaliar o que é discutido e propor críticas e sugestões como também para produzir publicação. Vemos que o enunciador dos grupos investe na participação do enunciatário como coprodutor do discurso e dos valores que subjazem à práxis enunciativa da interação *on-line*.

A coluna “Transparência da Página” apresenta informações sobre seu histórico, sobre a quantidade de administradores (dois); sobre a comunicação da veiculação de anúncio “no momento” e ainda disponibiliza a “Biblioteca de Anúncios”.

O formato de página e de grupo faz parte do escopo discursivo que o Facebook possui. Por exemplo, na página, priorizam-se informações sobre marcas, sobre anúncios, sobre empresas, sobre artistas etc.; no grupo, a interação entre os membros, decorrente da discussão acerca de temas diversos.

No caso da *página do grupo*, ela foge um pouco desse objetivo, porque a “marca” que está sendo construída e divulgada é a imagem do idoso internauta confuso com a tecnologia, alinhada ao modo de dizer do jovem/não idoso para mostrar quem finge melhor. Aqui o Telos não possui a natureza comercial propriamente dita, mas está conduzido para uma dimensão mais valorativa e axiológica acerca do idoso.

O enunciador investe no contrato persuasivo apresentando, além da fotocapa, outras formas para o enunciatário engajar-se com o projeto enunciativo, por meio das redes sociais: o Instagram (@idososconfusos) e o Twitter (<http://www.twitter.com/idososconfusos>), que são uma extensão *do grupo*.

Em termos da sintaxe narrativa, os anúncios intitulados “Transparência da Página” e “Adicione sua empresa ao Facebook” mostram uma fase da etapa do programa narrativo circunscrito à manipulação. O sujeito destinador manipulador é figurativizado no nível discursivo pelo *grupo*, porque ele é o sujeito que faz o outro

fazer [ $S_1 \rightarrow (S_2 \cup O_v \rightarrow S_2 \cap O_v)$ ], ou seja, faz o internauta seguir o grupo, realizar as cenas práticas bem como orienta o internauta a adicionar empresa ao Facebook etc. Para tanto, o destinador constrói uma imagem positiva do Facebook para o destinatário, utilizando a manipulação por tentação.

O destinador constrói a manipulação com base em conhecimentos, crenças, sentimentos, emoções e valores do destinatário. Como o Facebook é uma plataforma destinada não somente à interação nos grupos como também à divulgação de produtos, empresas, instituições, artistas etc., a *página do grupo* constitui um instrumento para atrair empresas etc.

A manipulação remete a um *fazer-fazer*, em que o destinador realiza um fazer persuasivo e o destinatário, um fazer interpretativo. Com base nos textos-enunciados acima (figuras 44 e 45), vemos que o destinador manipulador utiliza a modalidade veridictória para provocar um efeito de um *parecer* e *ser* (verdade) bem como a modalidade epistêmica para o *fazer crer*, “obra do enunciador encarregado do fazer persuasivo” (Greimas; Courtés, 2016, p. 107).

A manipulação do destinador converte-se, no nível discursivo, nos mecanismos da *debreagem* e *embreagem*, entre outros. Em “O Facebook está mostrando informações [...]”, temos uma *debreagem* actancial enunciativa (3ª pessoa) e uma *debreagem* temporal enunciativa (presente do indicativo aspectualizado pela duratividade “está mostrando”). O presente, instalado no enunciado pelo narrador, indica concomitância em relação ao momento da enunciação.

No segmento “[...] para ajudar você a entender melhor o propósito de uma Página. Veja as ações das pessoas que administram e publicam conteúdo”, sobressaem-se as *debreagens* actancial e temporal enunciativas, marcadas respectivamente pelo pronome pessoal “você”, explícita no enunciado e implícita na conjugação do imperativo do verbo “Veja”, e pelo presente durativo nos verbos “administram” e “publicam”. O presente durativo ocorre, de acordo com Fiorin (2017, p. 168), “quando o momento de referência é mais longo do que o momento da enunciação”. O internauta pode conferir, no momento da leitura do enunciado, o que “as pessoas” estão administrando e que conteúdo estão publicando.

Em “Adicione sua empresa ao Facebook”, “Mostre seu trabalho, crie anúncios e conecte-se com clientes ou apoiadores”, temos a *debreagem* actancial enunciativa, marcada pelo uso da segunda pessoa “Você”, implícita nos verbos do imperativo





afirmativo “Adicione”, “crie” e “conecte”, assim como no pronome possessivo “sua”, que se refere à pessoa “Você”.









As estratégias enunciativas estão regulando ora a aproximação ora o afastamento do narrador, conforme podemos observar nas marcas linguísticas dos enunciados e, também, nos recursos de textualização/hipertextualização que o objeto-suporte disponibiliza.


A debreagem enunciativa e a enunciva imbricam-se na construção do simulacro do contrato de comunicação do grupo. Ressaltamos que o objeto-suporte formal prescinde do uso de determinadas marcas linguísticas da debreagem ou embreagem, porque o próprio espaço da página-tela, que é movido pela conexão da internet, as supre. Também a página-tela se constitui como uma marca de presença em termos práxicos - o *aqui*. Ela ora virtualiza recursos de textualização, ora atualiza-os, ora realiza-os, ora potencializa-os.

A seguir traremos recursos da debreagem inscritos e potencializados na/pela página do *Grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia*.

Quadro 19 - Recursos da debreagem na apresentação página do *Grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia* mediante as potencialidades do objeto-suporte

Enunciados	Marcas
	Debreagem enunciativa
	<p>- espacial</p> <p>. Site de entretenimento sinaliza um <i>Aqui</i> e, também, se refere à instância da pessoa, já que se trata da definição da página do grupo.</p> <p>A forma de <i>hiperlink</i> da identificação “Site de entretenimento” indica que se trata de um signo dêitico, é clicável, está na cor padrão azul e encontra-se ativo.</p> <p>O objeto-suporte constitui um espaço instanciado pelo <i>aqui</i>, indicando “Aqui é um site de entretenimento”.</p>
	<p>- Espacial</p> <p>. “Enviar mensagem” equivale a uma marca do espaço interno da página-tela por meio da qual o internauta pratica o ato.</p> <p>É constituído de caixa de texto na cor azul, o que sinaliza um ambiente clicável, e encontra-se na forma ativa de <i>hiperlink</i>. Com o uso da internet, ao ser clicada a caixa de texto, é possível abrir novo espaço para o internauta iniciar bate-papo com o administrador.</p>
	<p>- Actancial</p> <p>. Interjeição com função fática: “Olá”, que indica uma forma de contato ou de interpelação com o outro (o enunciatário).</p>

<p>Olá! Diga como podemos ajudar.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>. Pronomes pessoais implícitos aos verbos: “você” (“Diga”) e “nós” (“podemos”);</li> <li>. Desinência verbal da 1ª pessoa do plural do presente do indicativo: “-mos” no verbo “podemos”.</li> </ul>
<p> 114.401 pessoas estão seguindo isso</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- temporal</li> <li>. Uso do presente durativo formado em contiguidade com o uso do gerúndio - “estão seguindo” -, indicando que o momento de referência é mais longo do que o momento da enunciação. No ato da leitura, criam-se condições de simultaneidade para a prática de interação.</li> </ul>
<p> 107.865 pessoas curtiram isso, incluindo 1 dos seus amigos</p> 	<ul style="list-style-type: none"> <li>- actancial</li> <li>. Uso do pronome possessivo de 2ª pessoa: “seus” em relação ao você, enunciatário.</li> <li>- temporal</li> <li>. Uso da 3ª pessoa verbal (“curtir”). O momento do acontecimento “curtir” é anterior ao agora, ou seja, em algum momento em que o enunciatário (o enunciatário implicado no texto-enunciado) estiver lendo, as 107.865 pessoas já curtiram a publicação.</li> </ul>
<p> Sobre</p> <p>Página oficial do Grupo Onde Fingimos Ser Idosos Confusos com a Tecnologia! Siga-nos no Instagram!</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Actancial:</li> <li>. Uso dos pronomes pessoais implícitos aos verbos: “você” (“Siga”) e “nós” (“Fingimos”);</li> <li>. Uso do pronome pessoal oblíquo de 1ª pessoa do plural: “nos”.</li> </ul>
<p> <a href="http://www.twitter.com/idososconfusos">http://www.twitter.com/idososconfusos</a></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Actancial</li> <li>. Na parte final do <i>link</i>, já consta a identificação do grupo “idososconfusos”. Então, temos uma marca do grupo. Em linguagem informática, trata-se do subdiretório do site <a href="http://www.twitter.com/idososconfusos">http://www.twitter.com/idososconfusos</a>.</li> <li>- Espacial</li> <li>. Trata-se de um <i>link</i>, um signo dêitico, clicável, na cor azul (indicando que o <i>link</i> está ativo) de acordo com a potencialidade do objeto-suporte – a internet. Consiste num estado potencial do <i>lá</i>.</li> </ul>
<p>Criar publicação</p> <p> Foto/vídeo  Check-in  Marcar pessoas</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- espacial</li> <li>. “Criar publicação” sinaliza um espaço interno da página por meio do qual o internauta pode realizar um ato.</li> <li>. Trata-se de um lugar clicável indicado para inserir informações na página-tela. No caso de “Criar publicação”, “Foto/vídeo”, “Check-in”<sup>172</sup> e “Marcar pessoas” são ambientes clicáveis, <i>hiperlinks</i>, embora nem todos estejam na cor azul.</li> <li>. São <i>hiperlinks</i>, signos dêiticos formados por segmentos verbal e visual (ícone), materializados no/pelo objeto-suporte conectado à internet.</li> </ul>

<sup>172</sup> “Chick in” serve para o seguidor da página identificar o local onde se encontra no momento da criação da publicação. Ao ser clicado o signo-figura  Check-in, o objeto-suporte cria uma microtela com a lista de lugares para o operador da cena assinalar um local.

	<p>A página-tela possui assim duas naturezas de espaço: ela é um ambiente que acolhe as informações advindas dos cliques e, também, um invólucro de itens clicáveis que dão acesso a outro espaço – para dentro ou fora da página-tela.</p>
--	---

Fonte: Elaborado para a tese com base na configuração prática do objeto-suporte formal.


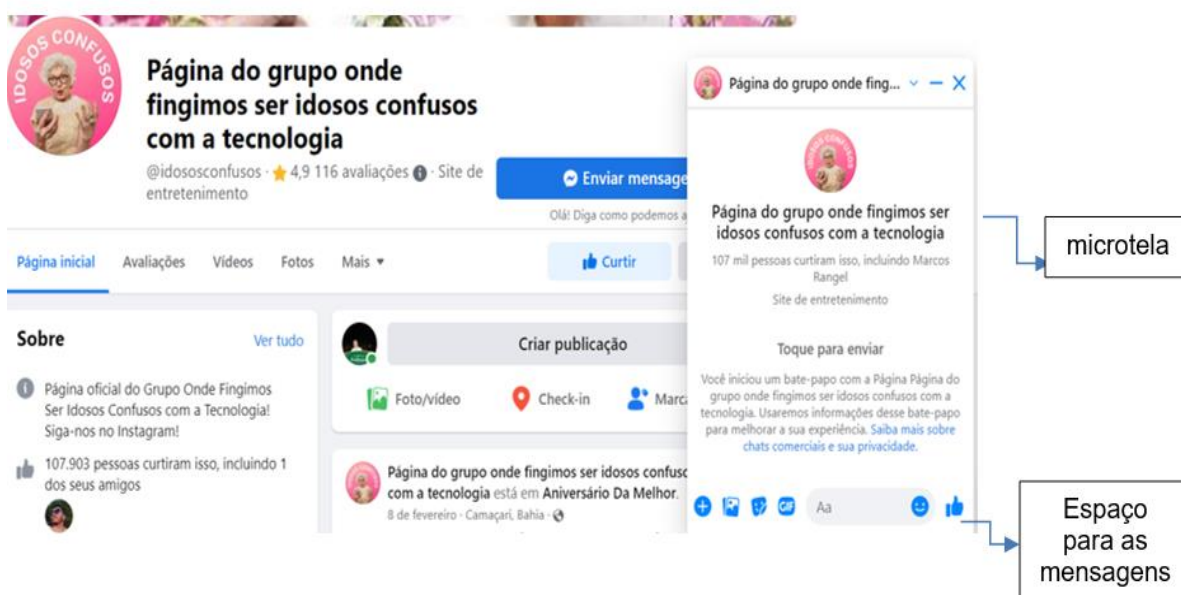
Vemos que o enunciador opta por apresentar, na primeira página, informações mais gerais sobre a página do grupo do que apontar para o que o seguidor deve *postar*, como *comentar*, como *compartilhar* etc., da forma como faz o administrador do primeiro grupo. Mesmo que as informações sejam apresentadas de forma mais objetiva, o objeto-suporte supre algumas marcas dêiticas. Como exemplo, podemos citar , que não só indica o local onde o internauta pode iniciar um bate-papo com o administrador/moderador, mas também transporta o internauta para uma microtela na própria página-tela, conforme podemos observar a seguir.

Figura 46 - Microtela criada a partir da caixa de texto “Enviar mensagem”



Fonte: Página do *Grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia*. Disponível em: <https://www.facebook.com/idososconfusos>. Acesso em: 3 abr. 2023.

A caixa de texto azul é clicável por ser um *hiperlink* que remete a uma marca a partir da qual o espaço da página-tela ganha profundidade e extensão. Essa característica pode equivaler ao que Fontanille preconiza como sintaxe volumétrica

do suporte formal. A caixa está ativa, então é uma marca dêitica espacial que, ao ser clicada, conduz o internauta a um outro lugar. Conforme Greimas e Courtés,

o emprego dos dêiticos permite referencializar o discurso, simular a existência linguística de um referente externo, enquanto, de fato, se trata de uma correlação entre essa semiótica particular, que é a língua natural, e a semiótica do mundo natural, tendo uma e outra uma organização específica (Greimas; Courtés, 2016, p. 120).

A configuração da caixa de texto em si simula a existência praxica de um referente “externo” latente na própria página-tela. Trata-se de um lugar acessível a partir da caixa de texto, onde serão inscritas as trocas de mensagens entre os membros e o administrador. Não podemos deixar de reconhecer que não se trata somente de uma referencialização que poderia remeter a um estatuto virtualizado do discurso, mas de um vetor de materialização e de manifestação do discurso (o fato de ser clicável e endereçável no nível da textualização).

Em virtude da materialidade do objeto-suporte, há uma combinação de linguagem entre a semiótica da língua natural e a codificação informática, específica da estrutura do objeto-suporte. Parece que há uma diminuição da diferença entre o *alhures* e o *aqui*, porque aquele se encontra em estado de latência, virtualizado na marca do *aqui* (a caixa de texto). Em termos práticos, o *alhures* na página-tela encontra-se virtualizado e torna-se em estado realizado após o link ser clicado, sendo aberto em seguida outro espaço.

Em relação ao nível narrativo, subjacente ao discurso e sustentáculo da materialidade textual, notamos que há uma manipulação por tentação. O destinador manipulador está competencializado de um *poder*, pois inscreve, na página-tela, vários recursos que apontam valores positivos, como a convocação do destinatário para adicionar empresa ao Facebook bem como a informação sobre endereços de redes sociais conectados ao grupo, sobre a nota elevada da avaliação da página (4,9 de 116 avaliações<sup>173</sup>) e sobre a quantidade de curtidas e de seguidores da página do

---

<sup>173</sup> A nota máxima atribuída às avaliações é 5,0 pontos. Quando se trata, por exemplo, de avaliações de um vendedor no Facebook Marketplace, a avaliação é conferida por meio de estrelas. “Vendedores bem avaliados têm de 4 a 5 estrelas (HAAS, Guilherme. **Classificações**: como obter, ver e dar avaliações no Facebook Marketplace. IN: CANALTECH. 18 de março de 2023. Disponível em: <https://canaltech.com.br/apps/posso-usar-o-whatsapp-business-para-fins-pessoais/>. Acesso em: 3 abr. 2023).

*grupo*. Todos esses recursos visam a um *querer-fazer* do destinatário. O internauta, ao conferir a validade do contrato veridictório, pode aderir ou não a ele.

O grupo apresenta um anúncio do Facebook e nele subjaz uma voz que se mistura com a do próprio Facebook. Práticas, como vender produtos, anunciar, comprar etc., não se excluem do processo da interação promovida pelo Facebook. Assim acontece, porque elas pertencem ao próprio funcionamento dessa rede social e estão inscritas no grupo como uma estratégia de oferta de serviços.

A seguir, trataremos da análise de textos-enunciados, advindos de postagens e de comentários que circulam nos grupos. Também destacaremos as curtidas e os compartilhamentos, como forma de conjungir os elementos que compõem o conjunto significativo da prática de interação *on-line*, a partir do qual são construídos os simulacros sobre o idoso.

#### 4.3 A IMAGEM DO IDOSO CONSTRUÍDA NA INTERAÇÃO DOS GRUPOS E O MODO DE DIZER DO ENUNCIADOR

Após a apresentação de como se estrutura o vínculo contratual dos grupos, passaremos a analisar os textos-enunciados, buscando compreender os processos de construção de sentido e seus efeitos, levando em consideração o discurso que emerge da práxis enunciativa da interação digital *on-line*.

A concepção de texto que compreende a práxis no viés desta análise está amparada em Fontanille, segundo o qual

Todo texto é uma montagem de textos citados, mencionados, evocados que se organizam em um tipo de 'profundidade' textual. Por um lado, trata-se obviamente de uma questão de estatuto social dos sujeitos da enunciação. Nesta perspectiva, de fato, não há enunciação estritamente individual, mas sim re-enunciações individuais de um substrato textual e cultural coletivo<sup>174</sup> (Fontanille, 1999, p. 126).

O conjunto de textos-enunciados reunidos mobiliza discursos que remetem a enunciações, no âmbito social, sobre o idoso. Mediante o inventário lexemático dessas enunciações que estão sendo retomadas no discurso dos grupos,

---

<sup>174</sup> Texto no original: “[...] tout texte est un montage de textes cités, mentionnés, évoqués, et qui sont disposés dans une sorte de “profondeur” textuelle. D’un côté, il s’agit bien évidemment du statut social des sujets d’énonciation: dans cette perspective, en effet, il n’y a pas d’énonciation strictement individuelle, mais plutôt des ré-énonciations individuelles d’un substrat textuel et culturel collectif” (Fontanille, 1999, p. 126).

depreendemos o modo de dizer do enunciador e os mecanismos de construção de sentido, conforme o contrato de veridicção proposto.

Os textos-enunciados projetam um todo discursivo, configurado pelas recorrências do dizer que se deixam apreender no modo como a identidade discursiva do enunciador é instituída, à medida que também constrói simulacros sobre o idoso.

Esses simulacros emergem de cenas enunciativas que remetem a uma ideia sobre o que é ser idoso criada e sedimentada na memória da nossa cultura ocidental contemporânea (imaginário cultural), e essa ideia pressupõe um conhecimento do enunciador acerca de uma vida discursivizada a partir de um ponto de vista que “engloba, ao mesmo tempo, o modo de presença do enunciador em seu discurso e a maneira pela qual ele dispõe, organiza e orienta seu conteúdo” (Bertrand, 2003, p. 113).

As cenas práticas *postar*, *curtir*, *comentar/responder* e *compartilhar* acionam alguns temas que apontam discursivamente para a figura do idoso, como o esquecimento, a doença, a religião, a família, o passado, o trabalho, a tecnologia, entre outros temas. Trata-se de uma memória de práticas semióticas cotidianas, individuais e coletivas, principalmente a de navegar na internet, conforme veremos.

Figura 47 – “COMPROU 1 QUILO DE ARROZ. ESQUECEU DENTRO DO ÔNIBUS”



Fonte: Grupo onde fingimos ser idosos e confuso com as tecnologias modernas. Disponível em: <https://web.facebook.com/groups/2356246961301923/permalink/2515404172052867>. Acesso em: 4 out. 2020.

O conjunto significativo da prática de interagir, composto pelas cenas práticas, encontra-se inscrito na página-tela sob a forma de 1 *post* de um meme<sup>175</sup>, 13 curtidas, 4 comentários e 1 compartilhamento. As curtidas estão sob duas formas: 8 🤔 (“Haha”) e 5 👍 (“curtir”)<sup>176</sup>.

A leitura do meme sugere que o desmaio da idosa decorreu do impacto ao lembrar que deixou o quilo de arroz no ônibus. Os comentários sugerem também o motivo do preço elevado do arroz, mesmo tendo sido comprado na promoção. Em termos narrativos, depreendemos que um sujeito actante (figurativizado pelo ator idoso no nível discursivo) exerceu um programa de aquisição (a compra do quilo de arroz: de disjunção para conjunção) bem como um programa de privação de objeto (de conjunção para disjunção).

A velhice, como tema que sustenta um papel actancial, aparece como destinador que sanciona o idoso pelas competências e habilidades que este diminui em seu percurso de vida, ou melhor, a velhice remete ao efeito de redução da competência modal do sujeito (querer, dever, poder, saber).

A narrativa subjacente ao meme acima pressupõe uma mudança do estado inicial do sujeito (com vida e com o quilo de arroz) para um estado final (quase sem vida e sem o quilo de arroz), ou seja, há uma transformação de estado do sujeito, o que caracteriza o princípio da narratividade. Como diz Bertrand (2003, p. 298), “[...] a teoria semiótica da narratividade, longe de se ater somente ao campo da narrativa, apresenta-se como um modelo possível para uma teoria geral do discurso [...]”. No meme, depreendemos a estrutura básica da narrativa, por meio do enunciado verbal e do segmento visual que enreda a cenografia.

---

<sup>175</sup> O meme remonta inicialmente ao campo das ciências biológicas, especificamente os estudos de Charles Darwin, que estudou a evolução das espécies – a hipótese da seleção natural. Um dos tipos de seleção seria pela ótica do gene (da genética), perspectiva desenvolvida por Richard Dawkins, autor da obra “Gene egoísta” (2007). Nesse livro, o autor formula o conceito de meme relacionando-o à cultura e ao modo como as informações transmitidas pelo homem apresentam traços biológicos. Para Dawkins (2007, p. 52), “a unidade fundamental da seleção, e, portanto, do interesse próprio, não é a espécie, nem o grupo e, tampouco, num sentido estrito, o indivíduo, e sim o gene, a unidade da hereditariedade”. Para esse autor, “a transmissão do meme parece estar sujeita à mutação e à mistura contínuas” (*Ibid*, 2007, p. 334). À luz dos estudos semióticos, citamos Fachine (2018, p. 2) que considera memes como “[...] textos específicos da *web*. Eles são resultados da disposição dos internautas em transformar e compartilhar qualquer forma que aparece e se difunde pela internet, em geral de maneira anônima”. No original: “Les ‘mèmes’ sont des textes spécifiques du web. Ils résultent de la disposition des internautes à transformer et partager toute forme qui apparaît et se diffuse sur Internet, en général anonymement. La compréhension des modalités de diffusion des mèmes sur les médias sociaux peut donc nous aider à mieux saisir la dynamique de la propagation en réseaux” (Fachine, 2018, p. 2).

<sup>176</sup> Ao clicarmos na quantidade de curtidas, é acionada uma microtela onde aparecem os tipos de curtidas, as respectivas quantidades e os perfis dos atores que realizaram a cena prática *curtir*.

Em relação à sintaxe discursiva no texto-enunciado do *post*, a actorialização se encontra debreada em terceira pessoa, ou seja, o actante do enunciado é o “ele”, o tempo da cena está no pretérito perfeito (verbos “esqueceu” e “comprou”), e o espaço figurativo é o *alhures* que, na expressão visual, mostra um local aberto figurativizado como uma rua qualquer.

A discursivização das categorias de pessoa, tempo e espaço remete a um narrador que não deixa marcas da enunciação enunciada, ou seja, a projeção de pessoa está ancorada na debreagem enunciativa, que provoca um efeito de objetividade. Entretanto, como se trata de um *meme*, a seriedade se esvai e, por conseguinte, sobressai o efeito de humor e de crítica social em relação ao preço do arroz.

Cabe destacar que o narrador do texto-enunciado do *meme* é diferente do narrador do enunciado de introdução do *post* e dos comentários. São materialidades textuais diferentes, mas que convergem para o projeto enunciativo do grupo: a construção da imagem sobre o idoso confuso com a tecnologia.

O *post* e os comentários apontam para um modo de ser que sinaliza uma imagem de idoso relacionada à doença (manifestada por ter esquecido um quilo de arroz) e a um corpo frágil construído verbovisualmente. A estratégia de textualização do *meme* constitui-se pelo efeito de humor, decorrente da exacerbação da causa do desfalecimento do idoso. Por outro lado, o enunciador, com tom de brincadeira, instaura um olhar crítico e irônico em relação ao preço elevado do arroz no Brasil no início da pandemia da Covid-19<sup>177</sup>.

Como estratégia de persuasão, o postador do *meme* no grupo (figurativizado pelo interlocutor “Daniela Deitos Curtolo”) não somente se restringe à realização da cena prática *postar*, mas também apresenta o enunciado “Cê, augemmn.axha.me.ligae no fix9”, que introduz o *post*, para instaurar o início de uma

---

<sup>177</sup> Em 2020, a pandemia da Covid-19 teve seu primeiro caso registrado no Brasil em 26 de fevereiro, em São Paulo. Em outubro/2020, o Brasil chega a 5,5 milhões de casos. Do início da pandemia até julho/2021, ainda na pandemia, os preços dos alimentos da cesta básica tiveram aumentos frequentes. De acordo com Juliane Furno, doutora em desenvolvimento econômico, “os principais ofertantes de arroz no mundo – Índia e Vietnã – reduziram sua venda no mercado internacional. Se você tem menos oferta, mas tem a mesma procura, o preço sobe. O preço do arroz está mais alto no mundo inteiro. Como Índia e Vietnã não estão exportando, os países que mais compram arroz, principalmente a Venezuela, estão comprando o nosso arroz” (GOMES, Rodrigues. Preços pagos ao produtor indicam que aumento no custo dos alimentos vai continuar. **Rede Brasil atual**, São Paulo, 8 de out. de 2020. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/economia/2020/10/aumento-preco-alimentos-conti-nua/>. Acesso em: 30 jul. 2021).



conversa. Esse enunciado está ancorado numa debreagem actancial enunciativa, marcada pelo uso do pronome “me”, para provocar um efeito de aproximação do interlocutor com os possíveis interlocutários.

Um jogo enunciativo do dizer é marcado pela relação entre o texto verbovisual do meme e o enunciado introdutor da postagem. No meme, temos a forma de um ele, em debreagem actancial enunciativa; já, no enunciado da postagem, uma debreagem actancial enunciativa. Essa relação aponta para vozes homogeneizantes em torno de um tom qualificador da imagem do idoso, mesmo que se trate de instâncias actanciais e de textos-enunciados diferentes que se integram como um conjunto significante na prática da interação digital *on-line*.

Nos comentários, as marcas da figurativização pelo componente onomástico - o nome próprio “cleide” – bem como pelos lexemas “promosaum” (promoção), “levr” (levar) e “paqui” (pague) – fazem parte de um processo que provoca um efeito de realidade, reforçado pelo fato de que esses lexemas trazem à tona um fato econômico que eclodiu ainda mais na pandemia da Covid-19.<sup>178</sup>

Nos comentários, o tempo imperfectivo é destacado no emprego do verbo *estar* (“tava”), e o tempo perfectivo no verbo *fazer* (“fes”) ancoram-se na locução adverbial “semana passada”, que marca a anterioridade ao momento da enunciação da cena prática *postar*, ou seja, a inclusão da postagem no grupo foi em “7 de outubro de 2020” (marco referencial pretérito). O tempo dos comentários tem como ilusão referencial interna a data da postagem, como forma de provocar um efeito de

---

<sup>178</sup> O Instituto de Economia Agrícola – IEA da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, em artigo, analisa a situação econômica, a inflação e o desemprego no período 2020 – 2022. Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou a pandemia de Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2). Sobre o preço do arroz, Vagner Azarias Martins, pesquisador científico do referido Instituto, afirma que “O segundo semestre da pandemia teve o maior aumento no grupo produtos básicos no período em estudo, com 20,15%. O arroz, que em agosto de 2020 custava em média R\$18,90/pct. de 5 kg, passou a R\$26,75 em fevereiro de 2021, aumentando 41,53% [...]”. Destaca ainda que, “Durante esses dois anos de estudo, a variação acumulada desse item foi de 38,0%. Os preços do arroz, porém, sofreram variação expressiva no primeiro ano de pandemia: em fevereiro de 2021, o quilograma de arroz custava em média R\$ 5,35, e esse valor foi 60,2% superior ao praticado um ano antes (R\$3,34/kg)” (MARTINS, V. A. Comportamento da Cesta de Mercado na Pandemia – março de 2020 a fevereiro de 2022. **Análises e Indicadores do Agronegócio**, São Paulo, v. 17, n. 5, p. 1-9, maio 2022. Disponível em: <http://www.iea.sp.gov.br/out/verTexto.php?codTexto=16039#:~:text=O%20arroz%2C%20que%20em%20agosto,%2C%20aumentando%2041%2C53%25>. Acesso em: 1º mai. 2023).

atualização da fala dos comentadores em relação ao ato da postagem e do evento descrito no *post*.

Tanto o tempo verbal dos comentários quanto o tempo do texto do meme remetem historicamente (tendo por referência a data da postagem) à pandemia da Covid-19, que está tematizada pelo discurso suscitado no meme e ratificada nos comentários.

Quando falamos em momento da enunciação, não estamos restringindo-o ao ato da postagem, pois, como o objeto-suporte é dotado de capacidade para acolher os atos enunciativos dos postadores, dos curtidores, dos comentadores/respondedores e dos compartilhadores, esse momento é continuamente atualizado na página-tela, que se constitui como um lugar de escrita. Cada ato realizado e inscrito no objeto-suporte inaugura um momento de dizer, uma enunciação em ato. Conforme acentua Fontanille,

[...] o objeto-suporte da escrita integra o texto ao fornecer uma estrutura de manifestação figurativa aos diversos aspectos de sua enunciação. No que diz respeito ao texto-enunciado, essas propriedades do objeto-suporte serão interpretadas como enunciativas; mas, como tal, podem ser objeto de uma análise percorrendo todos os níveis do percurso gerativo do conteúdo (estruturas elementares, actanciais, modais etc.) (Fontanille, 2008a, p. 24)<sup>179</sup>.

Registrar a data da realização das cenas práticas faz parte da própria constituição formal do objeto-suporte. Esse ato enunciativo pode ser tomado como enunciação emergente do próprio objeto-suporte, porque é ele que inscreve a data na página-tela.

A relação entre a imagem do idoso e o campo do conhecimento e das atividades humanas ligadas à temática da doença retoma a compreensão do senso comum de que é natural o idoso ter comprometimento da capacidade funcional. Na figura 47, temos alusão à insuficiência cardíaca, ao desfalecimento, ao esquecimento, à demência senil.

---

<sup>179</sup> No original: “[...] l'objet-support d'écriture intègre le texte en fournissant une structure de manifestation figurative aux divers aspects de son énonciation. Eu égard au texte-énoncé, ces propriétés de l'objet-support seront interprétées comme énonciatives; mais en tant que telles, elles pourront faire l'objet: d'une analyse parcourant l'ensemble des niveaux du parcours génératif du contenu (structures élémentaires, actantielles, modales, etc.)” (Fontanille, 2008a, p. 24).

A figurativização do corpo do idoso no chão, comparado a outros elementos do segmento visual do texto-enunciado, como os *emojis* 😊😓 (cara sorridente com suor, podendo indicar que alguém ficou sem graça com algo), cria uma cenografia cômica em que o interlocutor apresenta o objeto de referência (o ator idoso) de forma derrisória.

Os segmentos verbovisuais do conjunto do texto-enunciado rememoram uma práxis enunciativa em que o estereótipo contra o idoso está relacionado ao esquecimento. Ademais, os interlocutores brincam com a situação, pois os *emojis* indicam uma avaliação que ironiza a cena e a figura actorial do idoso.

Chamamos atenção para o tom crítico que se deixa entrever na construção da textualização do conjunto significante. A relação entre o aumento elevado no preço do arroz e o desfalecimento do idoso aponta para uma orientação axiológica e ideológica dos textos-enunciados (meme e comentários). Neles subjaz uma posição sobre o aumento de preços no momento da pandemia, que remete a uma realidade social e histórica inscrita nos textos-enunciados e incorporada à prática da interação.

No nível fundamental do texto-enunciado memético, depreendemos a oposição /vida/ *versus* /morte/. Tal oposição apresenta a dimensão axiológica que reforça a imagem de ser idoso sob um caráter disfórico (ao figurativizar, no nível discursivo, um corpo estático e praticamente sem vida). Está figurativizado aí um sujeito que está em disjunção com o objeto valor saúde. Essa estrutura fundamental, que corresponde à oposição mínima de significação, está concretizada “nos objetos do nível narrativo” (Fiorin, 1995a, p. 170). Por meio da figurativização disfórica do ator idoso no enunciado visual, a enunciação perpetua preconceitos sociais que grassam na sociedade contemporânea ocidental a respeito da figura actorial: o idoso – aquele que parece e é velho.

Na esfera temático-figurativa, o enunciador do grupo reitera, na figura 48, o domínio da práxis enunciativa que remete à imagem do idoso à doença pela relação entre os lexemas “Netflix”<sup>180</sup> e “dorflex”<sup>181</sup>, conforme apontam a postagem e os comentários a seguir:

---

<sup>180</sup> Empresa que disponibiliza ao assinante filmes e séries de televisão.

<sup>181</sup> Medicamento contra dor de cabeça e dor muscular.

Figura 48 - “A senhora tem Netflix?”



Fonte: Página do *Grupo onde fingimos ser confusos com a tecnologia*. Disponível em: <https://www.facebook.com/idososconfusos/>. Acesso em: 7 mar. 2020.

A situação semiótica acima, configurada a partir da cena prática *postar*, está registrada na página-tela, constando 519 curtidas, 57 comentários e 197 compartilhamentos. O tipo de curtida por quantidade está distribuída sob a forma de 381 😂 (“Haha”), 108 👍 (“Curtir”), 6 🍷 (“amei”), 1 🤪 (“força”) e um 😞 (“triste”).

Cabe destacarmos o impacto que a cena prática *compartilhar* (197 compartilhamentos) implica nesse conjunto significativo, uma vez que o *post* foi compartilhado com 197 ambientes. Essa cena constitui um fazer participativo que pressupõe uma identificação do compartilhador com o discurso que o texto-enunciado veicula. *Compartilhar* implica, portanto, difundir valores, preconceitos, ideologias etc.

Em termos de sintaxe discursiva, a cena prática *compartilhar* pode implicar uma diminuição na oposição entre o *lá* (os outros ambientes possíveis) e o *aqui* (o ambiente onde se encontram os objetos a serem compartilhados), ou seja, *compartilhar* estende o *aqui*, provocando um efeito de aproximação entre o *lá* e o *aqui*, uma vez que o signo-figura *compartilhar* é clicável, potencializado por uma hiperligação. *Compartilhar* é uma cena que se constitui como um invólucro de um texto-enunciado e enunciável.

Na figura 48, o postador apresenta, como início de diálogo, a pergunta “Serve. dorflex???” e, em seguida, as mensagens, aparentemente extraídas do aplicativo de troca de mensagens de WhatsApp, que simula uma conversa entre uma avó e um neto. A conversa tematiza a incompreensão da avó em relação ao termo “Netflix”. Ao

responder à pergunta do neto “A senhora tem Netflix?”, a idosa informa que possui um medicamento contra dor. Esse fato relaciona a imagem do idoso à doença bem como à falta de conhecimento sobre meios tecnológicos, como a Netflix, que é uma plataforma de serviços de vídeos *on-line* de filmes, séries, documentários etc.

Nos comentários, em resposta à pergunta do postador, algumas medicações para dor são lembradas, como “Neusoldina” (Neosaldina)<sup>182</sup>, “para celta mou” (Paracetamol)<sup>183</sup>, “dipironda” (Dipirona)<sup>184</sup>, entre outras. A práxis enunciativa convoca dizeres que constroem um posicionamento discursivo sobre o idoso cuja imagem está relacionada ao uso de medicamentos.

O comentador “Lucas Eduardo” apresenta, além do nome do medicamento, o modo de prepará-lo, e a comentadora “Thuany Gama” indica outra forma de combater a dor. O conjunto dos comentários desenvolve a isotopia da saúde introduzida na postagem do grupo como forma de intensificar o arranjo semântico da relação entre idoso e doença.

Todos os comentários convergem para uma mesma posição, com certo grau de homogeneidade, o que demonstra que o discurso nesse conjunto significativo é regido pela lógica implicativa ao reiterar a forma de perceber e de valorar o *modus vivendi* do idoso numa sociedade que prega e julga o idoso como diferente, incapaz.

Não se trata de um olhar isolado do enunciador, mas de uma operação que está repetida no nível dos textos-enunciados. A escolha por determinada isotopia já demarca uma estratégia persuasiva no discurso, reforçando o projeto enunciativo do enunciador.

São comuns, nas postagens e nos comentários, dizeres que relacionam a imagem do internauta idoso ao uso da tecnologia, projetando efeitos de sentido que ratificam o fazer persuasivo e o fazer interpretativo, base da construção do contrato fiduciário. Parece que o fazer persuasivo e o fazer interpretativo, no nível da enunciação, estão altamente comprometidos com valores de triagem que contemplam o velho como necessariamente excluído do “funcionamento saudável” da sociedade.

Mediante a lógica do contrato, o enunciatário é convocado a interpretar o contrato como um sujeito sobredeterminado pelo saber-fazer, ou melhor, fingir ser idoso confuso com a tecnologia. Vejamos a postagem e os comentários a seguir.

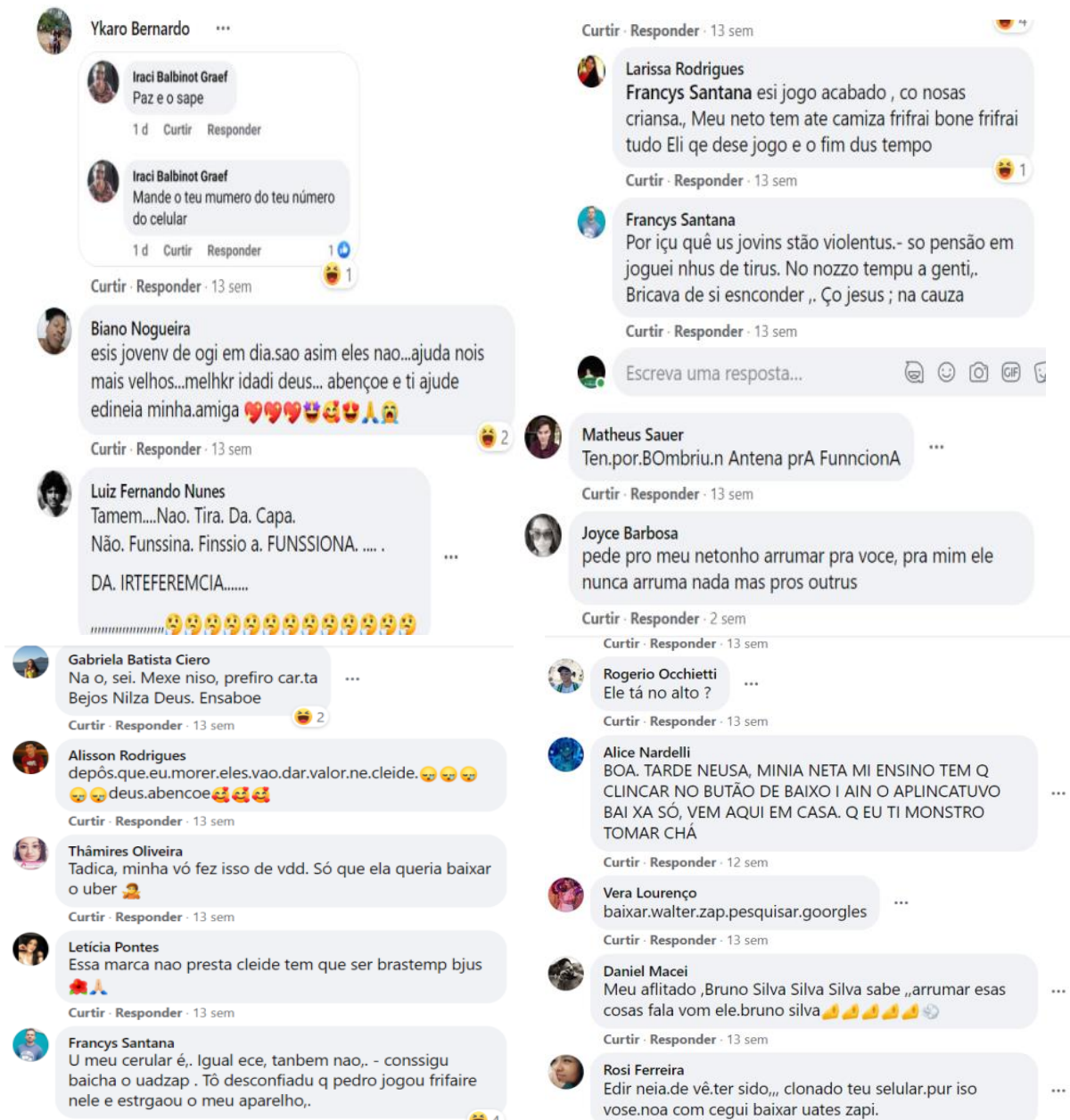
---

<sup>182</sup> Medicamento contra dor de cabeça

<sup>183</sup> Medicamento contra febre e dores leves.

<sup>184</sup> Medicamento contra febre, dor de cabeça, dor muscular e cólicas etc.





Fonte: Página do *Grupo onde fingimos ser confusos com a tecnologia*. Disponível em: [https://web.facebook.com/idososconfusos?\\_rdc=1&\\_rdr](https://web.facebook.com/idososconfusos?_rdc=1&_rdr). Acesso em: 7 mar. 2020.

A interação do conjunto significativo está configurada pelas seguintes inscrições das cenas práticas: o *post* com 235 curtidas, 46 comentários e 27 compartilhamentos. As curtidas estão representadas por 144 😂 (“Haha”), 65 👍 (“Curtir”), 22 😞 (“triste”) e 4 🙏 (“força”).

O enunciado-base da postagem “não consigo Baixar o whatsapp”, em termos narrativos, remete a um sujeito que se encontra em disjunção com o objeto-valor – saber operar a tecnologia – e que está modalizado por um *querer*. Ao modo de dizer,

subjaz uma posição enunciativa que percebe o idoso desprovido de um saber-fazer, e essa posição é saturada disforicamente ao longo dos comentários.

Os diálogos, além de não construírem uma imagem que demonstre um idoso letrado digital, apontam para diversos problemas, como podemos notar na mudança brusca de isotopia temática no discurso atribuído ao ator idoso, construindo uma imagem de idoso esclerosado, que não consegue manter a coerência no seu discurso. Assim, observamos a não manutenção do tópico discursivo em comentários, como no seguinte fragmento: “[...] MAS.E OS NETOS? ESTÃO BEM? OMTE.EU VI.UMA FOTO., DO CEU.FILHO LUCAS NO.BUTECO,. EIN TOMA, CUIDADO QUE O.DIABO E ASTUTO”, “CUIDESE USE MASCARRA FIQI IM CAZA”, “[...] NEIDE.O.MANECO.MORREU.DEUS.U.TENHA”, “Néia ondi tu me comprou essa capinha mi é das boa com zíper feitinha [...]”. Destacamos ainda:

- a) “Deve ser o uaifai”;
- b) “Temqui passar minancora [...]”;
- c) “[...] tem qui cri. Cota no gogle [...]”;
- d) “Não sei... prefiro carta”;
- e) “Essa marca não presta Cleide tem que ser Brastemp bjus”;
- f) “Eu gosto do jogo da cobra”.

Entre os comentadores, há também os que dizem identificar-se com o mesmo problema, como “Eu.tbm.nao.to.conseguindo.baixa.o.walter.zapis [...]”, “U meu cerular é,. Igual tamben não,. – consigo baicha o uadzap [...]”. Esse ato reforça a isotopia temático-figurativa calcada na axiologização disfórica da velhice, estabelecida no discurso bem como ratifica a isotopia da inabilidade de usar a tecnologia.

Subjacente ao texto-enunciado da postagem, há o programa narrativo que institui o actante-sujeito (o idoso) como não competente para desenvolver a *performance*, ou seja, um sujeito de estado que não pode transformar-se em um sujeito do *fazer* (Barros, 2002). Então, ele continua no *status quo*, modalizado pelo *querer* e *não saber fazer*. O que então esse estatuto implica em termos de conversão do nível narrativo para o nível discursivo? O *não saber fazer*, no discurso, é ratificado por dizeres que predicam e qualificam o idoso como inábil com a tecnologia e ingênuo em relação a algumas questões, como: a) a ingratidão dos netos; b) a durabilidade de um aparelho para ser considerado novo; c) a constância do uso do nome de Deus; d) a má qualidade de produtos estrangeiros; e) a referência à determinada marca de



produtos que não fabrica celular; f) a inabilidade com a escrita em ambiente digital e com o uso da tecnologia; g) o uso de palha de aço<sup>185</sup> para fazer funcionar o celular; h) a valorização das pessoas só após a morte, entre outros temas.

A práxis enunciativa e a configuração discursiva<sup>186</sup> em questão formam uma imagem de um idoso desatualizado em relação à tecnologia, desorientado, de acordo com a forma brusca de mudança de tópico do diálogo e da inclusão de questões de natureza privada no ambiente público (conversa de WhatsApp), entre outras questões. O humor é uma estratégia discursiva que se apresenta como regularidade enunciativa dos interlocutores que simulam o idoso em situação vexatória e risível.

Ao contrário do que poderia implicar, o *querer-saber* não está manifestado linguisticamente na marca “-ria” do verbo “Gostaria” do enunciado “Gostaria de fala com. Assistencia técnica? Meus neto. Ingratos. Não. Me. Ajuda”. Ela sinaliza um tom de polidez ao dito: um pedido de ajuda. Para Fontanille (2015, p. 169), a marca “ria” constitui “uma modalidade de atenuação argumentativa e que produz uma distância enunciativa e um valor probalístico”. O enunciado que acompanha o post não se fundamenta na modalidade do *querer-saber*, pois o *querer-falar com a assistência técnica* não produz um efeito da modalidade do *saber*, mas reforça a modalidade do *não saber fazer*, reiterando assim a prática semiótica estabelecida para a projeção da imagem do idoso nos textos-enunciados.

Em “Gostaria de fala com.Assistencia técnica?”, temos não só uma debreagem actancial enunciativa pela marca desinencial -ria do verbo “Gostaria”, mas também uma embreagem temporal, porque há a neutralização do presente do indicativo (Eu quero falar com a assistência técnica) e a substituição desse tempo pelo futuro do pretérito para indicar pragmaticamente um pedido, um desejo. “Gostaria de falar” não tem o mesmo efeito de “Gosto de falar”, porque esta última forma não remete a um pedido do ator e sim sobressai nela o efeito aspectual durativo do verbo.

As falas “não consigo Baixa o whatsapp” (no *post*) e “Gostaria de fala com. Assistencia técnica? Meus neto. Ingratos. Não. Me. Ajuda” (no enunciado introdutor do *post*) sugerem um efeito de aproximação entre o interlocutor e o interlocutário de

---

<sup>185</sup> A informação de que colocar palha de aço em antena de TV melhora a recepção da imagem pode fundamentar-se na condição de bom condutor de corrente elétrica que é o aço. Quando é colocado na ponta da antena, termina captando sinais transmitidos em todas as direções.

<sup>186</sup> Segundo Greimas e Courtés (2016, p. 87), as configurações discursivas são “como espécies de micronarrativas que têm uma organização sintático-semântica autônoma e são suscetíveis de se integrarem em unidades discursivas mais amplas, adquirindo então significações funcionais correspondentes ao dispositivo de conjunto”.

cada gênero textual, por meio das marcas linguísticas de primeira pessoa nos verbos “consigo” e “Gostaria” e dos pronomes “Meus” e “me”.

O uso da debreagem actancial interna para dar corpo à postagem principal do grupo é uma estratégia discursiva para marcar a instalação do *eu* que fala no texto-enunciado. A debreagem actancial enunciativa é um mecanismo recorrente na tessitura textual como forma de figurativizar a relação entre o interlocutor e o interlocutário bem como para demonstrar a convergência do dizer do enunciador que está reverberado pelo modo de enunciar.

A recorrência ao não uso formal da norma padrão da língua culta ratifica um modo de dizer marcado por um perfil de escrita que, pela proximidade fonológica das palavras, reafirma as isotopias temático-figurativas do descrédito em relação ao ator idoso, embora seja um sentimento discursivizado por meio do humor.

Nos comentários, presentifica-se uma exacerbação do fingir parecer idoso, conforme sinalizam as configurações discursivas observadas acima, de forma que, por meio da isotopia temático-figurativa, o enunciador tece o simulacro sobre o idoso. A isotopia, definida como “a permanência de um efeito de sentido ao longo da cadeia do discurso” (Bertrand, 2003, p. 153), nos faz perceber como os interlocutores vão construindo discursivamente a imagem do idoso marcada pelo riso, pelo deboche.

Os percursos isotópicos identificados convergem entre si, de modo a produzir a coerência semântica do dizer. Para Greimas e Courtés (2016, p. 278), “a isotopia constitui um crivo de leitura que torna homogênea a superfície do texto, uma vez que permite elidir ambiguidades”. O humor é um dos mecanismos que fundamentam a criação das isotopias e as relações intersubjetivas no *corpus*.

Na figura 49, o núcleo isotopante figurativo do segmento visual é a própria imagem do celular que, no segmento verbal, remete ao nome do aplicativo WhatsApp. A partir da isotopia figurativa do enunciado principal da postagem “não consigo Baixar o whatsapp”, é apresentado o conjunto de enunciados-resposta (comentários) que preenche o fluxo conversacional visando à resolução do problema apresentado na postagem.

O celular, com formato antigo, em desuso e quase sem circulação atualmente, está relacionado semioticamente à construção da imagem de um idoso desatualizado. O interlocutor constrói um discurso que brinca com os valores do mundo, uma vez que o dizer converge para o riso e para o sarcasmo. Para o interlocutor, figurativizado

como internauta jovem/não idoso, o idoso ocupa um lugar fixo no mundo – no enunciado e na enunciação.

Nessa direção de sentido, apresentamos o quadro de temas e de variações figurativas que circunscrevem a construção da imagem de idoso fundada em formações estereotípicas.

Quadro 20 – Configuração discursiva dos temas e figuras vinculados à imagem do idoso na figura 49

<b>Temas</b>	<b>Variações figurativas</b>
O passado e a experiência	. Celular incompatível para baixar o aplicativo WhatsApp; . Celular “tijolo”; . Pedreiro; . Uso de Minâncora <sup>187</sup> no corpo; . Uso de bombril na antena de TV para melhorar a recepção da imagem; . Expressão “no nozzo tempu a gente, Bricava de si esnconder”; . Aposentadoria; . Preferência por escrever carta.
A família	. Netos
A religião	. Deus, Jesus, diabo
A Covid-19	. máscara, ficar em casa

Fonte: Elaborado pelo autor a partir dos temas e figuras recorrentes na figura 49.

Ao bojo das variações temático-figurativas subjaz o tema nuclear que consolida as vicissitudes da velhice. O tom humorístico dos enunciados adensa uma imagem ingênua do idoso pelo fato de dizer que um celular é novo, por não ainda ter 30 anos de uso. As falas “Depois da morte vão dá valor” e “Bricava de si esnconder” reforçam a idade da avó e remetem, respectivamente, à falta de atenção do neto para com a avó e a uma brincadeira experienciada no passado.

A construção da imagem sobre o idoso é tecida por avanços e dirigida por um enunciador lúdico que, de certa forma, dá ritmo ao movimento de construção da imagem-fim projetada para esse ator, a partir das marcas inscritas no discurso. Depreendemos um enunciador que se constitui no ato de enunciar e nas marcas enunciativas que remetem ao já-dito. Como diz Bertrand (2003, p. 87), “há sentido ‘já-dado’, depositado na memória cultural, arquivado na língua e nas significações lexicais [...]”. Complementando esse postulado, citamos Nascimento (2001, p. 1), segundo a qual “todo texto é a produção de um novo saber a partir de um saber

<sup>187</sup> Pomada antisséptica tradicionalmente muito usada.

comum: é memória e gênese”. O já-dito pressupõe uma memória que está na imanência do discurso e do interdiscurso. No *corpus*, o “sentido já-dado” está incorporado e ajustado recorrentemente aos modos de dizer do enunciador mediante a convocação da práxis enunciativa. O já-dado constitui a insterdiscursividade.

Partindo de dizeres que emolduram uma memória cultural e social em relação à imagem do idoso, os interlocutores do grupo instituem um tom cômico, trazendo à práxis enunciativa implícitos culturais apreendidos na ordem de um regramento para o ato de enunciar. O fazer parecer idoso legitima o jogo veridictório do fingir. Os interlocutores esforçam-se para um parecer e não ser (mentira) tanto nos segmentos visuais quanto nos segmentos verbais dos textos-enunciados.

O enunciador do grupo vincula a imagem do idoso ao passado e a algumas práticas presentificadas no discurso. Nos comentários, há referência à escrita de cartas, ao uso de Minâncora, a brincar de se esconder, a colocar Bombril em antena de tv, a ter aposentadoria e a comparar o celular com um tijolo. O enunciador designa esses atos para enquadrar o lugar do idoso figurativamente no discurso, o que mostra um pretense saber sobre ele. Com efeito, essa configuração desponta e assevera uma desigualdade historicamente construída entre o ser jovem/não idoso e o ser idoso.

O fingir faz aflorar, de modo particular, o efeito de realidade construído internamente nos grupos. Essa realidade não é concebida *ex nihilo*, embora o enunciador projete a ilusão da liberdade do dizer mediante as condições de enunciabilidade. Em outros termos, à medida que falamos do, sobre ou com o outro, também dizemos sobre/de nós. Significamos pelo dizer, pelo agir no mundo e, também, pelo não dizer e pelo não agir, o que podemos remeter à “tomada de posição”, referida por Fontanille (2015, p. 97).

Como parte do imaginário cultural, também se erigem, no corpo dos textos-enunciados, dizeres que relacionam, com bastante recorrência, a imagem do idoso à religiosidade. Os comentadores, a partir do discurso que emerge do *post* seguinte, desenvolvem temas que, direta ou indiretamente, remetem à ordem cultural e ideológica a que enunciador e enunciatário se vinculam.

Figura 50 – O idoso e a religião



Página do grupo onde fingimos ser ...  
idosos confusos com a tecnologia

22 de março · 🌐

meu.neto. ingrato. nao vem. Min ver mais. nao. ta  
nem ai pra.vó

😂👍 31 57 comentários 46 compartilhamentos

👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar

Mais relevantes ▾

Curtir · Responder · 4 sem



Rafael Rodrigues Palermo  
Mininu tem mal agorò tá pricisanu ir na Binzidera casa da  
vó é bom tem gilatina na giladerA tem o vô que sai do  
quadro a noite pra brincar.

Curtir · Responder · 4 sem

😂 2



Mi Roza  
A.mi.nha mãi.tinha.um terçu.enor.me que  
lumiava.no.iscuro. eu.naum.conseguia.durmi  
com.aquilo.despendu.rado nas parede

Curtir · Responder · 4 sem

😂



Victor Oliveira  
O sangue de Jesus tem pudê! Aqui em casa quero resar  
com meus neto, e eles não gosta. Tenho uma image linda  
de Santa Violeta Agenciana! ABRAÇO NA SIRLEI



Curtir · Responder · 4 sem

👍👍👍 18



Carlos Gustavo Curado  
deus. 'E mas 🙏😂👍👍👍

Curtir · Responder · 4 sem

➡ 1 resposta



Mayra Barbosa Rodrigues de Souza  
Deve.ser.a.ingrata.de.sua.nora.Beth.  
Pondo.caraminholas.na.cabeça.do.meninico.  
uma.casa.a.bem.soada.dessas.qual.criança.nao.qr.dormir

Curtir · Responder · 4 sem

👍👍 14



Natalia Coelho  
Gerassao emgrata nois faiz.di.tydo pra eçes 😂😂😂😂  
chorando mui.to

Curtir · Responder · 4 sem

👍

Fonte: Página do *Grupo onde fingimos ser confusos com a tecnologia*. Disponível em: [https://web.facebook.com/idososconfusos?\\_rdc=1&\\_rdr](https://web.facebook.com/idososconfusos?_rdc=1&_rdr). Acesso em: 7 mar. 2020.

Neste conjunto significativo prático que emoldura o dizer do enunciador, temos as seguintes inscrições das cenas práticas: um *post*, 31 curtidas, 57 comentários/respostas e 46 compartilhamentos. As curtidas materializam-se em 44 😂 (“Haha”), 10 👍 (“Curtir”), 5 😱 (“uau”) e 2 🙏 (“força”).

O recorte é formado de duas fotografias distintas que foram reunidas: na parte superior, a representação icônica mostra a mãe e o filho e, na parte inferior, uma

senhora. A fala da mãe para o filho encena um diálogo entre eles. Nos comentários, os interlocutores apreciam a atitude do “neto” da idosa em não querer ir dormir na casa da avó.

Na primeira fotografia, sobressai o olhar triste e cabisbaixo da criança que se encontra ao lado da mãe e, na segunda, os quadros de santos e, em bastante quantidade, crucifixos afixados no quarto da senhora, que se encontra deitada numa cama em frente a um ventilador de mesa: uma típica cena de quarto de avó, como forma de legitimar um efeito de realidade.

O texto-enunciado da postagem fornece elementos que suscitam a razão pela qual o garoto não quer dormir na casa da avó. Mediante as duas fotografias justapostas, a disposição dos objetos no espaço, a distância entre os atores da primeira e da segunda fotografia, é criada uma cenografia que sustenta um dispositivo de fala. Focalizando o olhar da criança e retomando a pergunta da mãe, é-nos sugerido que o motivo da recusa se dá pelas imagens e crucifixos. As duas representações icônicas e os elementos discursivos que a constituem indicam que a distância entre o neto e a avó pode ser homologada à falta de afeto e de atenção dele.

Nos comentários, os comentadores fingidores tentam recuperar um possível estilo de ser idoso nas postagens e mensagens por meio da imitação, como podemos perceber em “meu.neto. ingrato. não vem. Min ver mais, nao.ta nem ai pra. vó”. Nesse enunciado, há a instalação de um *eu* que se dirige a um *tu*, por meio da debreagem actancial enunciativa marcada nos pronomes “meu”, “mim” (me).

Há também o recurso da embreagem actancial porque, ao usar “vó” em “nao.ta nem ai pra. vó”, o interlocutor suspende a debreagem actancial enunciativa que sustenta a construção anterior (“meu neto”) e instala uma terceira pessoa. Poderia o ator, no papel temático de avó, ter enunciado: “não tá nem aí para mim”. Essa mudança provoca o efeito de sentido de aproximação do ator do enunciado ao papel temático que exerce como forma de incorporar tal papel na fala. O enunciado aponta para uma gradação construída nas marcas linguísticas “ingrato”, “não vem. Min ver mais” e “nao.ta nem ai pra. vó”.

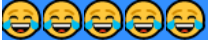

A iconização da imagem, constituída para ativar uma conexão com o idoso, e os segmentos verbais do conjunto significante tensionam valores, crenças e modos de ser idoso. O efeito de humor serve para reforçar o discurso que envolve o apego do idoso à religião e a falta de afetividade do neto.

Os interlocutores imprimem um tom sarcástico no trato com a figura social do idoso. Esse procedimento reflete e refrata a voz que ecoa no funcionamento da sociedade contemporânea, especialmente suscitando repúdio e deboche à velhice, conforme as vozes postas em interação. O conjunto de discursividades confirma a voz definida por meio do efeito de “[...] sarcasmo, escárnio, zombaria e desprezo” (Fiorin, 2014, p. 70). Desse modo, salientamos o valor social que impregna toda a prática posta em destaque. Assim procuramos proceder, ao desvelar, na prática interativa na rede social, dizeres que, sob a cobertura de um aparente humor ingênuo, faz predominar o preconceito contra a velhice.

O conjunto significante que integra o *post* e os comentários aciona determinadas regularidades figurativas conforme desponta a isotopia relacionada à religião cristã, como podemos observar:

a) no segmento visual do *post*, os quadros, a imagem de santos e de crucifixos;

b) nos comentários, as expressões: “O sangue de Jesus”, “reza”, “imagem linda de Santa Violeta Angenciana”, “terçu”, “deus”.

No comentário, “Gerassao emgrata nois faiz.dy.tudo. pra eçes   chorando mui.to”, o comentador manifesta-se de forma híbrida e ambígua, pois a primeira parte do comentário (Geração ingrata, nós fazemos de tudo para esses) remete a uma avaliação como se fosse proferida por idoso, entretanto, na segunda parte, o tom risível do dizer desfaz essa projeção. Nesta, os *emojis* (“carinhas chorando de rir”) se encontram em oposição ao dito “Gerassao emgrata nois faiz.dy.tudo. pra eçes” e, desse modo, assevera o tom de brincadeira instaurado no comentário. A própria escrita de “Gerassao emgrata nois faiz.dy.tudo. pra eçes” já remete ao tom de gracejo, caçoada, pois a forma da escrita não tem por finalidade mostrar o desvio da norma padrão, mas provocar o riso.

Enunciar pressupõe um ato de enunciação, ato de dizer, e este não está desvinculado do espaço social que ancora a realidade construída e manifestada nos textos-enunciados e no conjunto significante que constitui a prática de interagir. A imagem que está sendo tecida advém de diálogos entre sujeitos que comungam um conhecimento eivado de preconceito. No discurso, o enunciador leva o enunciatário a crer que todo idoso gosta de imagens de santos e que as possuem em casa, entre outras formações.

Fingir é ato de imitar, de mascarar, de simular e, no *corpus*, esse ato ajuda a estigmatizar a imagem do idoso, aliado às liberdades do dizer permitidas pelo objeto-suporte. O posicionamento discursivo do enunciador assenta-se na práxis enunciativa que convoca o uso de determinadas estruturas significantes inscritas na memória cultural bem como novos conteúdos lexicais, estabelecendo assim um regime de continuidade de sentido e instanciando a significação como um fazer interativo.

O preconceito apresenta-se como uma forma esquematizada, relacionando o idoso à prática necessária da religiosidade. Ele aciona a crença de que todos os idosos são iguais. A voz do enunciador emerge do discurso do senso comum, criando o pressuposto de que a religiosidade é “coisa” para idosos e não para jovens/não idosos. A generalização constitui um recurso ideológico de que o enunciador faz uso para qualificar o outro numa só direção e sob um determinado olhar.

A relação entre o idoso e a religião alimenta e reafirma o imaginário cultural do saber estereotípico e preconceituoso acerca do idoso. Essas formas cristalizadas e lexicalizadas no discurso configuram unidades significantes já preenchidas de figuras e semas, convocadas e atualizadas pela práxis enunciativa.

Nos grupos, o discurso produz a manutenção de um modelo, de um padrão de imagem de idoso na sociedade. A produção simbólica e social de simulacros sobre o idoso estende-se ao ato de locomover-se, conforme podemos observar na figura a seguir.

Figura 51 - A deambulação do idoso e as contingências dos caminhos





Fonte: *Grupo onde fingimos ser idosos e confuso com as tecnologias modernas*. Disponível em: <https://web.facebook.com/groups/2356246961301923/permalink/2515404172052867>. Acesso em: 4 out. 2020.

Este *post* é oriundo do compartilhamento realizado por “Halls Alves”, em 29 de dezembro de 2020. A procedência do *post* é a página intitulada “Talarico memes” (<https://web.facebook.com/profile.php?id=100064466778982>. Acesso em: 29 mar. 2023), que fez a publicação em 9 de agosto de 2017. O *post* não se encontra na coluna “Mídia” do grupo, porque se trata de um compartilhamento. Na página “Talarico memes”, o *post* obteve 4 curtidas e 16 compartilhamentos.

O *post* mostra um idoso, focalizado pelas costas e com marcas figurativas de uma cabeça inclinada para a direita. Ele está num ambiente aberto que analogamente podemos relacionar à figura de um deserto. O ator está representado com traços que o finalizam como dependente de um objeto auxiliar de mobilidade - o andador.

Na figurativização do idoso, estão investidos temas que estão na ordem da falta (de mobilidade) e da carência (de força física), e esses traços semânticos reforçam ares de naturalização que caracterizam tematicamente a imagem discursiva do idoso no grupo.

A axiologia que fundamenta o discurso sinaliza um olhar patológico para o idoso, pois ele é considerado um sujeito frágil. O objeto auxiliar de locomoção funciona como uma figura do discurso na qual está investido o tema doença. Do texto-enunciado, emerge o campo ideológico a que se vincula o enunciador, recuperando um sentido já inscrito, “já dado”, que circula nos esquemas discursivos identificadores da imagem do idoso. Assim, o enunciador aciona valores e usos pertencentes ao imaginário cultural, conforme Nascimento (2004).

A base axiológica do texto-enunciado, no nível fundamental, tensiona a oposição semântica *decisão versus indecisão*. Vemos que o olhar do idoso está voltado para o caminho identificado com “Cerveja grátis”, em detrimento do da “Fonte da juventude”<sup>188</sup>.

---

<sup>188</sup> A fonte da juventude, na mitologia grega, refere-se a um rio nascido no Monte Olimpo, que tinha como percurso da foz a Terra. Acreditava-se que a fonte da juventude, por advir dos deuses, era capaz de dar imortalidade a quem bebesse da água desse rio.

O lexema “lascou!”<sup>189</sup> está em negrito, acompanhado de ponto de exclamação e se encontra em tamanho amplo, distribuído em toda a extensão da moldura. A forma de figurativizar o idoso desponta um investimento tímico que instaura sentidos regidos pelo tom lúdico e cômico do discurso.

As expressões “Lascou!” e “qual amigos”, pertencentes a domínios textuais diferentes (o primeiro faz parte da figura caricaturada do idoso e o segundo, do comentário) também podem ativar, entre outras possibilidades, enunciados, como “Ele se lascou!!” e “Qual caminhos a seguir, amigos?”. Em termos de sintaxe discursiva, temos, em “Lascou!”, uma debreagem actancial enunciativa e, em “qual amigos”, uma debreagem actancial enunciativa, em que o actante *eu* (figurativizado pelo compartilhador “Halls Alves”) se dirige a um tu, pressuposto no enunciado, figurativizado pelos amigos. Essa operação implica uma aproximação entre o compartilhador e os membros do grupo.

As “placas de sinalização” apontam para a incompatibilidade de o idoso percorrer simultaneamente para as duas direções, uma vez que estas se encontram indicadas por setas antagônicas: ou é “fonte da juventude” ou é “cerveja grátis”.

Em termos tensivos, o enunciador propõe um discurso fundado no valor do absoluto, por meio da triagem, o que reforça a oposição velhice *versus* juventude: o primeiro termo excluído como valor desejável e o segundo termo incluído como valor buscado de modo perene. Esses dois termos sinalizam momentos limiares da vida: a velhice homologa a última etapa da vida (morte) e a juventude, a fase mais próxima da primeira etapa da vida (o nascimento) e se aproxima para a fase subsequente (a fase adulta). De acordo com Van Genep (2011 [1909]), a juventude se prepara para a próxima categoria social, e a velhice direciona o indivíduo para seus últimos anos. Neste trabalho, não é nosso intuito discutir antropologicamente as diferenças entre esses momentos etários, mas verificar como eles transitam no discurso dos grupos e como concorrem para construção de valores acerca da imagem que é projetada para o idoso.

---

<sup>189</sup> *Lascou* funciona como interjeição quando indica que “algo deu errado, ou a pessoa se deu mal” (LASCOSU. Dicionário informal. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/lascou/1116/>. Acesso em: 30 mar. 2023).

A oposição que encerra a correlação entre idoso e doença reafirma estereótipos que são figuras e temas transformados em lugares-comuns na cultura (Fiorin, 1992).

O humor, na figura 51, acentua, na figuratividade plástica, o corpo tosco, caricatural do idoso. Em tom de brincadeira e ironia, o postador pergunta: “Qual amig’os?”. Em tese, quem precisa de juventude é o idoso. Então, entre a fonte da juventude e a cerveja grátis, o idoso está propenso a optar pela segunda opção, por ser o caminho mais viável a ser seguido, como figurativizado pelo gesto de inclinação da cabeça. Por outro lado, o jovem/não idoso sinaliza o idoso como sujeito que gosta de beber, o idoso como bêbado, desorientado.

O humor no recorte não é do tipo combativo, crítico, mas constitui uma estratégia discursiva para reverberar um modo de ser idoso na sociedade: manter um estatuto disfórico do idoso. Os caminhos identificados como “Fonte da juventude” e “Cerveja grátis” já acionam um efeito de humor em virtude das diferenças entre as direções. Ser idoso não necessariamente exclui a possibilidade de “tomar cerveja”.

Como a velhice opõe-se à juventude, o enunciatário pode pressupor que o idoso deseja recuperar a juventude, entretanto, o enunciador rompe com esse implícito. Aqui podemos dizer que o enunciador traz um tensionamento ao discurso, pois o olhar do idoso para o caminho da cerveja pode suscitar que quem enuncia é um ator jovem/ou não idoso. Se o caminho é da juventude, por que segui-lo se quem enuncia já é jovem/não idoso? Temos aqui o ponto de vista do jovem/não idoso, porque o que é dito no texto-enunciado revela o que é mais próprio do jovem/não idoso do que do idoso. Esse jogo enunciativo remete a um efeito de ironia.

Outra forma de construir a imagem do idoso no grupo é lembrar determinadas práticas coocorrentes ao uso da internet, que incluem atos de como fazer crochê.

Figura 52 - A arte de “crochetar”<sup>190</sup>



Fonte: *Grupo onde fingimos ser idosos e confuso com as tecnologias modernas*. Disponível em: <https://web.facebook.com/groups/2356246961301923/permalink/2515404172052867>. Acesso em: 4 out. 2020.

As interações consistiram em 15 curtidas, 2 comentários e 1 compartilhamento. Esse *post* é oriundo do compartilhamento realizado por “Vivian Figueiredo” em 1º de novembro de 2020 e adveio da página “A-sim khan”, que fez a publicação nessa mesma data. As curtidas do grupo estão inscritas da seguinte forma: 11 😂 (“Haha”), 3 👍 (“Curtir”) 1 ❤️ (“Amei”).

O enunciado verbal “ALGUÉM TEM REVISTA DE CROXE QUE ENCINE ESSA CAPA PARA BICICLETA???” pressupõe um sujeito em disjunção com o objeto-valor. O enunciado, sob a forma de uma pergunta, simula um diálogo. Esse modo de enunciar é um ato que se repete em algumas postagens. Também a escrita

<sup>190</sup> Crochê, do francês *crochet*: “1. trabalho manual, feito com agulha especial terminada em gancho para puxar e trançar a linha, formando uma espécie de renda ou malha, para uso em vestuário, roupa de cama, mesa e banho ou em decoração. 2. Troca recíproca de várias coisas a um só tempo” (CROCHÊ. Dicionário Michaelis. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=croch%C3%AA>. Acesso em: 21 mar. 2022).

despreocupada com a coerência textual nas falas dos postadores e comentadores é uma estratégia que hiperboliza o erro gramatical não para debochar do emprego da norma culta em situação de formalidade, mas para zombar e ridicularizar o idoso.

A fala do compartilhador que busca por revista de crochê<sup>191</sup> estabelece uma relação entre o idoso e o crochê e ativa uma memória de que se trata de uma arte do idoso que a utiliza para criar vestimenta para determinados objetos. Essa memória é convocada pela práxis enunciativa.

Não é aleatória a postagem, uma vez que o texto-enunciado, como objeto que produz e organiza sentidos, “também se constrói na relação com os demais objetos culturais, determinado por formações ideológicas específicas, como um objeto de significação” (Barros, 2005, p. 188).

No *corpus*, consideramos que a enunciação individual – do organizador dos grupos e, também, dos interlocutores que falam em discurso direto - resgata enunciações coletivas e/ou individuais anteriores a ela. Na realidade, não estamos analisando somente as marcas do enunciado que remetem ao “sentido ‘já-dado’, depositado na memória cultural, arquivado na língua e nas significações lexicais [...]” (Bertrand, 2003, p. 87), mas também as interações que acontecem em ato, reverberadas no modo como o enunciator constrói o objeto semiótico levando em consideração os níveis de análise: signos-figuras, textos-enunciados, objeto-suporte e cenas práticas. De acordo com o autor acima, o arquivo na língua ou o já-dado de sentido aciona pressupostos, a previsibilidade e as expectativas de sentido, sendo o discurso social “tecido por configurações já prontas, blocos pré-moldados e prontos para serem utilizados, produtos do uso que se depositam, na qualidade de primitivos, no sistema da língua” (*Ibidem*, p. 86).

O enunciator dos grupos mobiliza determinados usos que remetem a domínios do discurso da sociedade em rede, configurada como um espetáculo de si mesma, como podemos verificar nos signos-figuras e nos recursos de textualização

---

<sup>191</sup> O crochê é considerado uma arte milenar e tem origem não muito bem definida. A técnica como conhecemos hoje tem origem no século XVI e a história do seu início se dá na Arábia, no Oriente Médio, onde era produto comercial que movimentava o Mediterrâneo, tendo-se popularizado bastante nas tribos na América do Sul. Também tem como origem a China. Para Marcela Novaes, redatora da Escola de Artes Manuais, “o crochê era feito como forma de ascensão social ou apenas como hobby” (NOVAES, Marcela. História do crochê: da origem à atualidade. **Escola de Artes Manuais**. 23 de jan. 2020. Disponível em: <https://www.escoladeartesmanuais.com.br/blog/a-historia-do-croche/>. Acesso em: 9 mai. 2021).

promovidos pelas cenas práticas. Assim o objeto-suporte torna-se um *locus* propício para a interação *on-line* e para a prática do fingimento. Os textos-enunciados se adaptam ao objeto-suporte pela potencialização dos *links*, *hiperlinks*, *emojis* etc. que, de certa forma, imprimem uma tonalidade ao discurso.

A seguir vejamos como os fingidores reforçam a estigmatização do idoso.

Figura 53 - “Dentadura nova, troco por uma cafeteira!”

Página do grupo onde fingimos ser idosos confusos com a tecnologia  
29 de agosto de 2020 ·

TROCO POR CÉLULA. NOVO DE. PREFERENCIA. 🥰🥰

**Escambo Sorocaba - Feira de trocas de produtos e serviços**  
13 h ·

**Dentadura nova, troco por uma cafeteira!**



70 22 comentários 6 compartilhamentos

Curtir Comentar Compartilhar

**Lucas Eduardo**  
cleide vose trocar po celulá moto rola? so teno ese. amei a ditadura.  
🥰🥰🥰  
Curtir · Responder · 36 sem · Editado 1

**Rafael Espin**  
Esto. precisano deuma denta dura!!pra eu pode come em Pais negocio imbosquez  
Curtir · Responder · 36 sem

**Rafael Rodrigues Palermo**  
Mi serve .em .qualquer modelo.de pessoa cançado de chupar bife.  
Curtir · Responder · 36 sem

**Nathalia Martins de Almeida**  
Cleide,;; manda ,'.preso em boque ."- - precis.o hoje,; bejo querid.a.🥰  
Curtir · Responder · 36 sem

**Ramalho Bruna Larissa Reino Gomes**  
vou te dar de Natal  
Curtir · Responder · 25 sem 1  
↳ 1 resposta

**Vânia Fagotti**  
Tenho enterece,, senão cervir voçe. Troca,?  
Curtir · Responder · 36 sem

**Elsa Miguel**  
Ara Cíntia.num vaiservi naum.minha .boca bem.mais piquena.mais saco.qui servi.pra irman.ela reseba.a grasa.misericordia.um.dente novinho.avisa.ela.la.aporveita.e.já.fal a.que .o.ze.da.maria.tainternado.axoque.e corona.misericordia.senho.  
Curtir · Responder · 36 sem 1  
↳ 1 resposta

**Lari Milleny**  
Creide. Minha.fia. Bein, qui, eu,tava. Memo precisano e u pasto disse.qui Deus. la prepara, pra mim uma, Deus abençoe!!!!!! 🥰🥰🥰🥰🥰🥰🥰  
Curtir · Responder · 35 sem

**Murilo Murilo Murilo**  
#fechadocombolsonairo2022 oi.neide.bom  
Curtir · Responder · 36 sem

**Patrick Fantini Marotta**  
Estpou.interessd.o 🥰🥰  
Curtir · Responder · 36 sem

**Alan Joliba**  
valor  
Curtir · Responder · 36 sem

Fonte: Página do *Grupo onde fingimos ser idosos e confuso com as tecnologias modernas*. Disponível em: <https://web.facebook.com/idososconfusos/photos/639856963621288>. Acesso em: 4 out. 2020.

A interação obtida a partir da cena prática *postar* mostra que essa cena gerou 70 curtidas, 22 comentários e 6 compartilhamentos. As curtidas estão materializadas nas reações: 57 😂 (“Haha”), 12 👍 (“Curtir”) 1 ❤️ (“Amei”).

O tom risível da fala do postador “TROCO POR CÉLULA. NOVO DE. PREFERENCIA. 😘😘” introduz o diálogo do grupo e reforça a isotopia figurativa da dentadura como objeto de troca. O riso é ativado pela inviabilidade de a prótese ser trocada, uma vez que ela é feita sob medida a partir de moldes. Os dois *emojis* de beijo 😘😘 já iconizam o riso e servem como estratégia de textualização para figurativizar e marcar o humor no enunciado.

A opção do postador por colocar a prótese dentária total como objeto de negociação no texto suscita uma relação metafórica entre a fotografia e o idoso. A prótese aciona uma disforização da imagem do idoso, que pode sustentar um preconceito que, somado a outros efeitos, possibilita relacionar a velhice à pobreza e a um baixo nível social. Essa relação pode ser apoiada numa memória que Wolf (1998, p. 307 – 316) traz: “o imaginário popular ainda contém a ideia de que a velhice significa ausência de dentes, bem ilustrado nas artes – literatura, pintura e fotografia – em que o idoso é representado como indivíduo desdentado”. A obra desse autor é de 1998 e o grupo foi criado em 2019. Isso mostra que o grupo vincula a dentadura à imagem do idoso em geral.

A reiteração de traços semânticos e figurativos alusivos à construção de preconceito traduz uma avaliação do sujeito enunciativo que se vem configurando nos textos-enunciados dos grupos. Assim confirmamos o exercício da práxis enunciativa na esteira da homologação do uso nos discursos, constituindo o uso uma “dimensão social da linguagem, que organiza e deposita na memória coletiva o *thesaurus* estruturado das formas significantes” (Bertrand, 2003, p. 79).

O uso da dentadura é reforçado pela fala do comentador “Rafael Rodrigues Palermo”, que diz: “Mi serve .em .qualquer modelo.de pessoa cançado de chupar bife”. A falta da dentadura pode ser recuperada pelo gesto figurativizado “chupar bife”, que sustenta o investimento temático do estereótipo contra o idoso. O preconceito se instala no discurso como um produto de significação estabelecido na história que, segundo Greimas, “ao invés de ser uma abertura [...] é pelo contrário um fechamento; ela fecha a porta a novas significações contidas como virtualidades da estrutura da

qual participa” (Greimas, 1975, p. 104). A recorrência de figuras e temas que remetem ao preconceito contra o idoso sinalizam a posição do sujeito enunciador sendo marcada por estruturas significantes convocadas pela práxis enunciativa.

Entre os papéis do semiótico está o de refletir sobre como a práxis enunciativa mobiliza dizeres inscritos na língua, na cultura e na sociedade e como eles constituem engendramentos da significação na contemporaneidade. Para Fiorin (2006, p. 55), “a sociedade transmite aos indivíduos certos estereótipos, que determinam certos comportamentos. [...] Os estereótipos só estão na linguagem porque representam a condensação de uma prática social”.

Certa naturalização da imagem do idoso está condensada em figuras e em temas que o axiologizam disforicamente. Subjaz aos textos-enunciados uma densidade sêmica que aponta para um efeito de “normalização” dos gestos do idoso, sendo estes transformados em objeto de riso e de sarcasmo.

O tom de brincadeira faz com que os estereótipos se impregnem tonicamente nos textos-enunciados e se propaguem na rede social, conforme a realização das cenas práticas, especialmente da cena *compartilhar*. O humor consiste, nestes discursos, um mecanismo de ampliação e de consolidação do preconceito. Os gestos dos interlocutores fingidores constituem “um movimento grotesco do riso” (Discini, 2013, p. 255), que relativiza o ser do outro sob o olhar de quem se considera superior.

Como o ato de produção não se efetiva sem o da interpretação, os dizeres sobre o idoso que circulam nos grupos advêm de um contrato veridictório firmado entre sujeitos que têm uma concepção a respeito do idoso, atribuindo-lhe determinados valores. O simulacro sobre idoso assim construído acaba por superiorizar, por pressuposição, ainda mais a juventude e a fase adulta.

A velhice é tratada de forma desrespeitosa. O próprio ato de fingir a fala e a escrita do idoso já subverte o lugar dele, uma vez que não lhe é dada voz. Mediante tal parâmetro, a imagem do idoso, tecida nos grupos, ganha estatuto de uma imagem-fim “pela recorrência do dizer, no dito, sobretudo quando ela se constrói dialogicamente com base nos simulacros que os textos fornecem, tanto de seu enunciador, quanto de seu enunciatário” (Saraiva, 2008, p. 12). Essa imagem-fim não se circunscreve somente em relação à imagem construída pelo enunciador mediante o “persistir no seu ser” (Greimas; Courtés, 2016, p. 252), mas ela se estende ao



próprio objeto semiótico da relação intersubjetiva, ou melhor, daquele que fala ou daquele de quem se fala.

A imagem-fim construída para o idoso internauta não só leva em conta as práticas da interação da rede social (por exemplo, imitar a escrita do idoso), mas também outras práticas que são convocadas do imaginário cultural pela práxis enunciativa.

A partir das análises, organizamos um quadro sintético das isotopias que emolduram, nas instâncias intra e intertextual, a imagem discursiva sobre o idoso. Como diz Fiorin (1999, p. 3), “a Semiótica não visa propriamente ao sentido, mas à sua arquitetura [...] deseja menos estudar o que o texto diz ou por que diz o que diz e mais como o texto diz o que diz”.

Quadro 21 – Percursos temáticos e figurativos sobre o idoso construídos nos grupos

<b>Percursos temáticos</b>	<b>Percursos figurativos (figuras ou elementos que remetem a elas(es))</b>	<b>Atos que remetem ao preconceito</b>	<b>Estereótipos/preconceitos</b>
Trabalho	- crochê	- crochetar - aposentar-se	- retrógrado - inativo
Doença	- idosa estirada na rua sendo submetida à ressuscitação cardíaca  - andador  - medicamentos: dorflex, dipirona, novalgina  - prótese dentária total	- esquecer  - deambular com auxílio de andador  - tomar medicação para dor  - usar prótese	- doente - distraído  - dependente, frágil, lento  - doente  - desdentado
Tecnologia	- celular básico, de botão; - conta no Google - wi-fi	- pedir auxílio para baixar WhatsApp	- ultrapassado - desatualizado
Família	- neto, genro, sogro	- chamar por netos, referir-se a genro, a sogro	- dependente de afeto - incapaz
Religião	- quadros de imagem de santos, crucifixos  - termos como Deus, Jesus, sangue de Jesus.	- rezar - afixar quadros de santos, crucifixos  - invocar o nome de Deus, de Jesus e santos	- Todo idoso tende a ficar mais religioso
Remissão ao passado	- lembrança de brincadeiras de quando eram crianças, jovens; - uso de frases que valorizam o passado.	- valorizar brincadeiras do passado; - usar Minâncora; - pôr bucha de aço na antena de TV; - chamar de ingrata a geração jovem	- retrógrado

Ignorância ou falta de prática com a escrita em rede social	<ul style="list-style-type: none"> <li>- escrita incompleta e com troca de letras</li> <li>- uso de muitos <i>emojis</i></li> <li>- frases com reticências</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- trocar letras, palavras, escrever termos incompletos</li> <li>- usar muitos <i>emojis</i></li> <li>- mudar abruptamente de tópico discursivo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- atrapalhado, distraído, confuso</li> </ul>
---	---	--	---

Fonte: Elaborado pelo autor com base nos textos-enunciados analisados.

Os estereótipos que os jovens/não idosos constroem da velhice confundem-se com os estigmas que eles fazem da estética da pobreza. O traço de pobreza perpassa pela construção do simulacro do idoso, quando, por exemplo, os interlocutores apresentam as figuras do celular “tijolo”; da palha de aço para melhorar a imagem de tv; da dentadura; do arroz esquecido no ônibus, entre outras.

A imagem discursiva construída também é de um idoso que não sabe escrever ou que escreve de forma quase incompreensível. Os jovens/não idosos falam do idoso ignorante não só da escrita digital, mas da dificuldade com a prática de escrever em geral, uma vez que mudam de tópicos discursivos abruptamente, trocam letras etc. Os jovem/não idosos parecem não conhecer os idosos.

Como vimos, a prática de interação *on-line* convoca sentidos inscritos na memória social, tecendo imagens-fim de idoso conforme a percepção que os enunciadore s têm sobre a velhice humana. Retomando a epígrafe de abertura do item 3, perguntamos: os discursos que emergem do dito e do modo de dizer do enunciador desencadeiam o acesso à verdade de como o idoso é percebido na sociedade? Que estigmas e pegadas da presença do sujeito estão inscritas ou suscitadas no discurso?

Embora estejamos diante de discursos de sujeitos que têm como propósito maior fingir ser idoso internauta grupos do Facebook, estão imanentes no discurso um dizer e uma fala típicos do segmento da sociedade que percebe o idoso como diferente, incapaz, retrógrado etc. Com efeito, o percurso temático-figurativo que emoldura a construção de simulacros sobre o idoso desencadeia um efeito de verdade que é tecido no conjunto significativo da prática semiótica. Nesse percurso, emergem os estigmas e indícios da presença do sujeito que, de uma forma ou de outra, marcam uma visão de mundo sobre o idoso. A consequência da difusão desses discursos é a permanência da desvalorização do idoso na sociedade.

A intolerância contra o idoso se assentua no corpus pois, conforme as cenas realizadas pelos actantes operadores da interação, ele não cumpre vários papéis,

como: não é inteligente, não sabe operar a tecnologia, não tem saúde, não é atualizado, é dependente da família, entre outros.

Os enunciadores descartam os valores eufóricos que a sociedade atribui ao idoso diante da sua experiência de vida, da sabedoria e princípios que ele constrói ao longo da existência. Entretanto, os jovens/não idosos mantêm-se aprisionados a uma época que, hoje, é considerada como antiquada, pois enunciam o discurso da justa medida que relaciona o que é atual e o moderno com o que é velho e desatualizado. Para o jovem/não idoso, o idoso possui fenótipos que marcam uma qualificação pejorativa e depreciativa.

Os textos-enunciados analisados apresentam uma figuração recorrente. Para tanto, a isotopia temático-figurativa e a instalação de pessoa são os mecanismos que mais asseguram a continuidade da construção da imagem-fim projetada para o idoso. Essa imagem é tecida disforicamente por meio de operações discursivas, como a generalização, a homogeneização e a naturalização, próprias de uma prática ideológica que reverbera os atos discursivos do sujeito enunciador.

A disforização do idoso remete à paixão do desdém, subjacente aos discursos dos sujeitos que percebem e avaliam o idoso como diferente. O jovem/não idoso não demonstra ódio, não deseja a morte ou a eliminação do idoso, mas zomba, ri e faz rir deste. É um apagamento atenuado pelo efeito do humor. Não se trata de uma discriminação absoluta, mas tangencia uma segregação relativa, pois a avaliação chega ao deboche, o brincar desliza para uma intolerância tênue.

Os enunciadores sustentam valores que preconizam um discurso do consenso do excesso. Esses valores, imersos no discurso, sinalizam uma avaliação do jovem/não idoso que apresenta e julga determinadas condutas e modos do ser idoso, restabelecendo imagens estereotipadas.

Ao tratarmos da justa medida, também salientamos o que é concebido nessas interações como excesso ou como insuficiência. O excesso é instaurado pela representação e pela exacerbação da figurativização do dizer atrelado a um ator vulnerável na sociedade; as insuficiências subjazem às práticas convocadas nos discursos, aos temas, aos comportamentos, aos modos e aos costumes relacionados ao idoso, que é modalizado pelo não saber fazer, pelo estado de pobreza e de doença, pela dependência em relação ao outro, à família etc.

O modo excessivo de dizer assenta-se, com mais ênfase, na qualificação que os enunciadores atribuem ao idoso. Os procedimentos que corroboram um dizer monofônico no discurso se atrelam especialmente à construção da figurativização e da tematização, alinhadas às marcas textuais das cenas práticas. Assim o dizer aponta para certo grau de eficiência, o que pressupõe a aceitação dos valores ideológicos que circulam no discurso.

Para melhor compreender a construção perceptiva do sentido nos textos-enunciados, veremos a seguir como o ato de fingir remete à relação entre o sensível e o inteligível no discurso.

#### 4.4 O FINGIR E A MODULAÇÃO TENSIVA

Todo texto-enunciado tem uma previsão acentual de cifras tensivas, que são as medições do impacto das estratégias enunciativas do enunciador para com o enunciatário: ora o texto apresenta maior ora menor impacto das cifras. Esse recurso é constitutivo da dinâmica que visa à interação entre destinador/enunciador e destinatário/enunciatário do texto.

O ato de fingir é a tônica das estratégias discursivas do enunciador para fazer o enunciatário crer no que está sendo veiculado, conforme os valores que circundam o campo de presença do enunciatário. Perceber uma presença é um ato de investimento afetivo do sujeito da enunciação sobre determinado objeto. Esse ato remete à construção de uma escala de valores à medida que o sujeito projeta significação às “coisas do mundo”. O enunciador dos grupos têm uma voz ecoada no riso depreciativo, hostil e sarcástico.

A esfera midiática, considerada como campo do conhecimento que favorece condições de enunciabilidade, reunidas no que a Semiótica entende como campo de presença, ancora-se em vários gêneros, e estes se materializam por meio de diferentes suportes. Esfera, gêneros e suportes promovem relações próprias entre enunciador e enunciatário.

O conjunto significativo da prática interativa no *corpus* sinaliza um posicionamento sensível-inteligível dos enunciadores em conceber o internauta idoso, tendo por referência o imaginário cultural que eles constroem da velhice, numa relação veridictória, que, flexionada tensivamente, está cravada predominantemente entre

parecer e não ser idoso. Entretanto, em alguns dizeres, esse modo se desfaz e daí emerge uma voz que aponta para um *parecer* e *ser jovem/não idoso* quando, em alguns enunciados, o interlocutor desnuda-se do “personagem” de fingidor: por exemplo, ao enunciar utilizando a expressão “Off”. Assim instaura-se o tensionamento do fingir pelo enunciador.

O enunciador sente, “pesa”, mensura, avalia e simula práticas de ser idoso na interação, conforme o contrato estabelecido, modulando o campo sensível do discurso em termos de presença, ausência e tensão entre as isotopias que concorrem e que tensionam a percepção do sujeito em relação à velhice. Nesse ínterim, a práxis enunciativa da velhice no Facebook estabelece uma grandeza semiótica que modula alguns modos de a velhice acontecer. Esses modos acionam a tonificação ou a atonificação do campo sensível, configurando assim o campo de presença.

A própria prática de navegar na internet sob a sujeição de outra identidade já aciona um campo tensivo da veridicção entre a alteridade e a identidade, o que estabelece, ao longo da mesma prática, um estilo concessivo no discurso. Isso não configura, do ponto de vista da Semiótica, um não saber atrelado a um *nonsense*, mas uma estratégia promovida por um sujeito que fala a partir do lugar do outro.

O simulacro reafirma e atesta que o sujeito semiótico não se confunde com o indivíduo do mundo empírico. Pelo contrário, o sujeito semiótico se constitui na interação, que é base da semiose, da significação, como uma função e posição enunciativas. Retomando Greimas (1976, p. 4, grifos do autor), o sujeito tem “o estatuto de actante sintático, ou seja, não de um sujeito ontológico: o *homem* que fala mas de um conceito gramatical: o *homem que fala* conhecido tradicionalmente em linguística pelo nome de ‘sujeito falante’”. Para esse semioticista, “o sujeito do discurso pode ser chamado, sem falsa metáfora, de produtor do discurso” (*Ibidem*, p. 5).

No *corpus*, em termos tensivos, podemos cifrar o acento de sentido na imagem-fim construída para o idoso, como também nas escolhas enunciativas que traçam o perfil do enunciador, mediante o projeto enunciativo.

No decurso da seção 4.3, os enunciadores apresentam uma tomada de posição em relação à imagem-fim do idoso, convocando valores negativos, disfóricos, assentados no imaginário social da velhice. Os enunciadores atribuem uma escala de valores ao idoso internauta no plano da textualidade. Mais especificamente, os enunciadores inscrevem, no campo de presença, valores tônicos ao idoso, pois toda

a intensidade e o impacto estão nele. O jovem/não idoso está na ordem da inteligibilidade das coisas do mundo.

A imagem projetada para o idoso delinea o ator por meio da projeção de um corpo fraco, estático, um tanto caricatural. No campo de presença, os valores disfóricos tomam posição central a partir do olhar e da avaliação do enunciador. Segundo Tatit,

o olhar semiótico é aquele que detecta, detrás das grandezas expressas no texto, valores de ordem actancial, modal, aspectual, espacial, temporal, numa palavra, valores de ordem tensiva - mantendo ou esboçando - entre si interações sintáxicas (Tatit, 2001, p. 14).

As interações de ordem tensiva estabelecem a tonicidade perceptiva do sujeito enunciador na relação com o enunciatário. A figurativização incide na simulação do jovem/não idoso em projetar formas de vida<sup>192</sup> para o idoso. No corpus, percebemos que toda a força do afeto negativo está na figura actorial do idoso. No campo de presença, incide um pervir intolerável, porque o jovem/não idoso não deseja ser idoso, mas sim imitá-lo, desdenhá-lo.

A percepção, alinhada ao corpo sensível, remete a uma grandeza que cai no campo de presença do enunciador e coloca o idoso com uma valoração afetiva de máxima acentuação tônica, embora na ordem da derrisão. Em outras ocasiões, a derrisão cede a um aparente efeito de humor com riso atenuado. O conteúdo então é construído de forma ora acelerada, ora desacelerada.

A aceleração se dá por meio de vários procedimentos enunciativos como, por exemplo, a criação de diferentes isotopias, a ressemantização de determinadas expressões gerando efeito de humor, a mudança brusca no tópico de diálogo. Como diz Mancini (2019, p. 105), “um enunciado concebido de modo acelerado demanda do leitor que ele se demore mais na leitura, pois ele deve desacelerá-lo para reconstituir os elos de sentido”. É o que percebemos em alguns enunciados, pois eles, em virtude da mescla de muitos grafemas, de *emojis*, termina deixando os enunciados quase ininteligíveis.

---

<sup>192</sup> Estamos utilizando “forma de vida” conforme a noção proposta por Fontanille (2017b, p. 73), segundo a qual ela, “ao projetar sobre o ‘curso da vida’ um esquema sintagmático determinado, acaba por decidir, de modo geral, a natureza, o número, a dimensão e a composição dos segmentos e dos agenciamentos considerados como pertinentes para poder acolher o ‘sentido da vida’”.

A desaceleração ocorre mediante a repetição do modo de enunciar, o uso do discurso direto em que se encontram as falas dos interlocutores, a previsibilidade de certo modo de enunciar para manter a expectativa do fingir ser idoso que, de certa forma, assenta-se na lógica implicativa. Esses mecanismos de produção de sentido ocorrem de forma recorrente nos textos-enunciados, enfatizando ora um efeito de aceleração ora de desaceleração do conteúdo.

No plano da expressão, ocorre a aceleração do afeto participativo da cena prática pelo uso de *emojis*, de letras maiúsculas, de falas curtas, de grafemas indicando riso (como “kkkkkkkk”), pelo uso que mescla os registros oral, escrito e de recursos digitais, de forma que o andamento seja concentrado em torno do processo de construção da imagem-fim do idoso. A rapidez do andamento faz o enunciador revelar um estado de “impaciência” em relação ao idoso.

O jovem/não idoso, ao rir do idoso, coloca a velhice e o sujeito idoso à mercê do que sobrevém a este: doença, enfraquecimento, dependência etc. Dessa forma, tonifica-se a figura projetada para o idoso, a partir de um sobrevir que deve ser evitado e daquilo que acontece na inteligibilidade do mundo, e esse movimento faz incidir o acento afetivo sobre o idoso.

O jovem/não idoso constrói para si, de forma pressuposta, uma euforização e, para o idoso, de forma explícita, a disforização, tematizada pela doença, pela pobreza etc. O complexo tímico-fórico, subjacente ao discurso, mostra valores do que é ruim, negativo ou inaceitável no idoso. O humor, como recurso instalado no planejamento do fingir, faz voltar a força da grandeza do perverso.

A ruptura de determinadas isotopias e os efeitos ambíguos de determinadas expressões que ativam os campos, como religião, saúde, tecnologia, saudosismo, são estratégias de discursivização recorrentes nos textos-enunciados para controlar e manter um modo de dizer, por meio da repetição. Esse recurso consiste num procedimento sintático que organiza a direção do sentido. Ademais, não só cadencia sintagmaticamente os gestos de dizer, mas também retoma traços lexemáticos atribuídos ao idoso, consistindo num movimento de avanços e retomadas. Entretanto, a repetição nos textos não só se configura como um mecanismo de progressão e de continuidade do conteúdo, mas também como uma direção do ponto de vista do enunciador.

Os traços disfóricos ficam ratificados em cada conjunto de textualidade. A disforia é reavivada no modo de uma intensidade ascendente. A presença projetada para o idoso internauta é tonificada pelas contradições do existir entre a mentira, a falsidade, a verdade, o segredo. Para o jovem/não idoso, presumido mas não tematizado, ficam as descendências de impacto, pois o mundo, para ele, está no lugar. Não há angústia – o aperto que está na base da inadequação afetiva do internauta em relação à figura do idoso em nossa sociedade. Há a insistência da retomada de um mesmo olhar para o idoso, pois o ser idoso para o jovem/não idoso é uma espécie de sujeito intolerável que deve ser evitado e, portanto, pode ser alvo de riso e brincadeiras.

A repetição é um mecanismo que concorre para reforçar a confirmação da adesão aos valores ideológicos, criando um efeito de eco tanto dos temas e das figuras quanto do modo de enunciar. À luz de Fontanille (2015, p. 43), a partir da posição perceptiva do sujeito, “delineiam-se um domínio interior e um domínio exterior entre os quais o diálogo semiótico vai instaurar-se”.

Do ponto de vista do enunciado, constatamos o emprego reiterado do presente do indicativo, como, por exemplo, no título do grupo e da página, o lexema “fingimos” e nas postagens “consigo”, “ajuda”, “vem”, “ta” (está). O valor do aspecto verbal causa um efeito durativo do processamento da ação, uma ação que ocorre de forma alongada, o que reforça a atualização das figuras discursivas convocadas pela práxis enunciativa. Também encontramos valor aspectual com efeito acabado nos verbos perfectivos “comprou” e “esqueceu”, a forma “lascou!”, que pode indicar surpresa de alguém diante de uma situação difícil para decidir.

No espaço tensivo, a apreensão do sujeito direciona a construção sensível de sua presença segundo uma percepção que evolui em relação a um centro dêitico e em relação a um observador (Fontanille; Zilberberg, 2001) que reconstrói, de modo peculiar, o próprio espaço observado.

Quanto à tonicidade, os operadores concernentes à triagem e à mistura apresentam oscilações entre o que é tônico e o que é átono. No *corpus*, depreendemos, em relação ao modo de conceber o internauta idoso, que o acento de sentido é tônico e o andamento acelerado quando ocorrem as rupturas das isotopias, o uso de fotografias de idosos(as) para persuadir o enunciatário a entender que se trata da fala de atores tão exageradamente desqualificados, podendo causar surpresa



no enunciatário. As figuras do mundo, que remetem à composição figurativa do ator idoso, entre outros recursos manifestados tanto no plano de conteúdo quanto no plano da expressão, contribuem para o acento de forte intensidade imprimido no corpo semântico e tensivo do ator.

Em relação à extensidade, o campo de abrangência dos fatos, o enunciador tria valores disfóricos do idoso. A triagem fundamenta a operação na qual o enunciador apresenta valores numa só direção, fechando o campo de presença para outras significações sobre o idoso internauta. A mistura se apresenta na fase em que o enunciador convoca os membros do grupo para reagirem às publicações, o que remete à realização das cenas práticas *curtir* e *compartilhar*.

O estilo concessivo é dado a partir da própria prática do fingir: o internauta, embora jovem/não idoso, enuncia fingindo ser idoso. Desse modo, temos um discurso que se caracteriza tendo por base os termos complexos que, no quadrado semiótico, se estruturam na relação e... e. Mesmo ao jovem/não idoso sendo atribuída, por pressuposição, a saúde, a virilidade e ao idoso, a falta de saúde, a falta de dentição, a falta de condições financeiras etc., o internauta jovem/não idoso enuncia como idoso. Dessa forma, a complexidade do discurso se instaura pela ampla possibilidade da projeção da pessoa – o jovem/não idoso homologa e relativiza outro lugar e, a partir desse, enuncia.

Nos textos-enunciados, predominam características da oralidade, da descontração, da informalidade, da cumplicidade já que se trata de falas entre interlocutores que constroem uma identidade discursiva permitida pelas condições de enunciabilidade. O dizer do enunciador é materializado no/por meio do objeto-suporte.

O perfil sensível dos textos-enunciados convoca o interlocutário a construir um discurso pautado na exacerbação do excesso, intensificado pelos mecanismos discursivos da figurativização, tematização, aspectualização, debreagem, tensividade bem como pelos recursos de textualização das cenas práticas *postar*, *curtir*, *comentar/responder* e *compartilhar*.

Os procedimentos discursivos que materializam o excesso dão o tom da permanência dos discursos. Nesse sentido, reinam o valor do absoluto e o regime da exclusão. De acordo com Fontanille e Zilberberg (2001, p. 29), “nas semióticas da triagem, a circulação dos valores é, pois, pequena, por vezes nula, e, de qualquer maneira, desacelerada pela solução de continuidade colocada entre o exclusivo e o

excluído”. Assim, o sujeito da percepção que emoldura o dizer dos grupos do Facebook reflete um segmento da “sociedade do *interdito*” (*Ibidem*, p. 30) pela generalização que faz acerca dos modos de perceber o idoso internauta.

A lógica da triagem operada no conjunto significativo do *corpus* corresponde à construção de um espaço tensivo que tende ao homogêneo, pois as práticas discursivas se voltam para a construção de uma unidade no direcionamento axiológico.

A triagem é o operador da extensidade mais privilegiado diante do próprio projeto semiótico estabelecido no contrato de veridicção. O estatuto modal do parecer e não ser acentua a diferença pressuposta do parecer e do ser. O gesto de triagem configura a produção de um espaço tensivo fechado, em cujo centro dêitico circulam valores que restringem axiologizações eufóricas para o idoso internauta. Tal configuração permite relacionar, no âmbito da intensidade, o funtivo *impactante* e, no âmbito da extensidade, o funtivo *concentrado*.

Também se depreendem, nos textos-enunciados, ora o estilo concessivo ora o implicativo. O primeiro encontra-se no modo de fingir do enunciador, utilizando o humor, o entretenimento, as rupturas de isotopias, a mudança de lugar de fala do ator do enunciado em alguns comentários e o próprio jogo veridictório instalado na enunciação: o jovem/não idoso institui-se como idoso, usa fotografias de idosos para parecer que se trata de um interlocutor idoso. Daí o estatuto da veridicção ser a mentira. Entretanto, o fingir do jovem/não idoso às vezes se esvaece e assim suspende o contrato, retornando o ser do ser (parecer e ser jovem/não idoso), como podemos constatar em fragmentos textuais como: “Tadica, minha vó fez isso de vdd. Só que ela queria baixar o uber colocar emojis”, “rindo muito aqui colocar emojis” e pelo uso do lexema “off” para indicar mudança no estatuto do interlocutor.

Por outro lado, o estilo implicativo também acompanha o contrato de comunicação/interação dos grupos, pois os arranjos que o enunciador usa para construir o simulacro do idoso se pautam em formulações estereotípicas, em lexicalizações assentadas na língua e no imaginário social. Há certa programação do fazer parecer e não ser idoso.

O estilo implicativo materializa-se, entre outras formas, na orientação do administrador para que os membros reajam às publicações e não apresentem anúncios, o que projeta a manutenção do ator do enunciado na forma de idoso como

podemos perceber na repetição de expressões, como *meu neto*, desejar que Deus ilumine, o envio de beijos, o uso de coraçõezinhos etc.

A lógica implicativa requer uma certa sintonia, homogeneidade entre o “universo da regra ou do consenso” e “o do acontecimento” (Tatit, 2020). Em outros termos, o projeto semiótico pressupõe determinados atos que se coadunam e se articulam, estabelecendo assim a organização da sintaxe conjunta. Consoante Tatit,

[...] é a partir da sintaxe concessiva e implicativa que podemos depreender o modo de eficiência (a maneira pela qual uma grandeza penetra no campo de presença) e dele extrair o estilo semiótico em destaque, baseado ora no *sobrevir*, espécie de realização súbita do irrealizável, claramente concessiva, ora no *parvenir*, espécie de desdobramento modulatório e gradativo do conteúdo, facilmente identificado com o pensamento implicativo (*Ibidem*, p. 10, grifo do autor).

Mediante o direcionamento do sentido, sob a égide das estratégias de textualização, a dimensão da força afetiva da significação e o campo da abrangência dos fatos remetem ao modo de eficiência baseado nos valores de absoluto. Nessa percepção sensível, a valência do fechamento se superpõe à da abertura e a valência da triagem predomina sobre a mistura. O campo de presença, diante dessas grandezas acionadas, é orientado por uma extensidade concentrada.

No *corpus*, depreendemos um modo de presença orientado por uma projeção vinculada também ao *pervir*, pois há uma programação argumentativa, conforme o sujeito apreende um estado de coisa no plano do já esperado, da causa e do efeito, da previsibilidade. Contudo esse procedimento evolui para o *sobrevir*, pois a figura do idoso acaba por compor-se com grande impacto.

O modo de satirizar e caricaturar o idoso está cravado no sentimento de desdém. Tudo isso acontece não apesar do efeito de humor e de riso, mas justamente por meio do humor e do riso.

A velhice ocupa um lugar específico no espaço tensivo - no centro do campo, aquele sendo definido por um ritmo na tensividade. Quando o tratamento imprimido nas figuras atribuídas ao idoso atinge o ponto alto do *sobrevir*, o máximo da intensidade, a sintaxe tensiva já prepara a decadência fórica da mesma intensidade. Ao satirizar o idoso, o internauta (jovem/não idoso) faz ascender força do impacto que, ao atingir o pico da intensidade, desliza para a extensidade, pois, para satirizar e ironizar, é preciso estar racionalmente preparado. Desloca-se num movimento

descendente para a extensidade, dimensão tensiva que contempla a inteligibilidade das coisas do mundo. Ao intensificar o deboche, o internauta vai para o alto do eixo da intensidade e, ao ancorar-se em fatos do mundo, ele desliza para a extensidade e contempla a mistura de valores.

Na dimensão da extensidade, do ponto de vista da relação entre o sujeito da enunciação e o objeto, a triagem tende a operar em grau elevado, de forma concentrada, sob o “coeficiente de exclusividade”, e a modulação tensiva é /+ triagem/ e /-mistura/.

Relacionando a modulação tensiva no *corpus* com os estudos de Zilberberg (2004), em *As condições semióticas da mestiçagem*, verificamos que a modulação tensiva dos operadores de triagem e mistura orientam a presença dos valores no campo de presença que aponta para /+separação/, no eixo da triagem, e /-fusão/, no eixo da mistura, o que firma o valor de absoluto tendente ao uno e à segregação do objeto. Esse movimento configura a triagem como elemento melhorativo e a mistura como pejorativo na percepção do sujeito em relação ao objeto.

A valência, como dizem Fontanille e Greimas (1993, p. 44), “é uma ‘sombra’ que suscita o ‘pressentimento’ do valor”. Então, a orientação discursiva do sujeito enunciador prende-se à percepção que ele tem sobre o valor inscrito no objeto, ou melhor, do suposto saber sobre o objeto. Como o universo dominante são ora os valores de absoluto ora os valores de universo, os enunciadores, de certa forma, subvertem ou endossam o imaginário cultural de que há papéis e lugares reservados para o idoso e, em pressuposição, também para o jovem/não idoso.

O jovem/não idoso internauta relativiza o próprio lugar que ocupa na sociedade, incorporando um outro papel de ator na interação *on-line*. A ele é permitido transitar em diferentes perspectivas do esquema das modalidades veridictórias, em virtude principalmente do objeto-suporte que abriga e possibilita a interação *on-line*.

Do ponto de vista da aspectualização espacial, temos uma amplificação dos comentários, do compartilhamento e das postagens, que remete ao inacabamento do próprio espaço construído ao longo das cenas práticas. Boa parte de tais comentários se constitui, além do enunciado verbal, de enunciados não verbais, como *emojis*, fotos, *links* que dão acesso a vídeos, *gifs* etc. O jogo entre algumas palavras e os *emojis* contribui para o aspecto de inacabamento do enunciado, o que não é estranho ao discurso na internet. Os comentários misturam o uso da caixa alta e caixa baixa e

indicam a ampliação do espaço e, também, do tempo, assim como podemos remeter-nos às outras cenas práticas.

A práxis enunciativa opera como vetor que organiza o discurso, na relação com outros discursos, com outras enunciações bem como aciona não somente discursos implicativos, mas também concessivos, evocando tanto sentidos já-ditos e inscritos na língua como também sentidos inovadores.

Com efeito, por meio da práxis enunciativa, analisamos as configurações semióticas estabilizadas ou sedimentadas no arquivo cultural, resultante da história e convocadas no discurso. Essa operação ilumina o esquema da práxis da interação *on-line*, que constrói diferentes simulacros para o idoso. Como dizem Fontanille e Greimas (1993, p. 80), “a práxis enunciativa concilia um processo gerativo e um processo genético e associa no discurso os produtos de uma articulação atemporal da significação e os da história”.

No jogo do fingir, o enunciador deixa marcas de sua imagem na relação que estabelece com o enunciatário e na relação que ele tem com o actante objeto do discurso (o idoso internauta). Assim pudemos compor a identidade discursiva que o enunciador, mediante o modo de dizer, construiu de si. Conforme Greimas e Courtés (2016, p. 252), a identidade é o “princípio de permanência que permite ao indivíduo continuar o ‘mesmo’, ‘persistir no seu ser’, ao longo de sua existência narrativa, apesar das modificações que provoca ou sofre”.

O enunciador cria o simulacro da própria identidade de modo tortuoso, isto é, não linear. Ele “constrói pouco a pouco, ao longo do discurso, sua espessura semântica” (Bertrand, 2003, p. 82), e o operador da prática, a espessura do seu próprio corpo. A imagem, no *corpus*, foi tecida pelos dizeres e fazeres que constituíram o conjunto significativo da prática de interagir e seu desdobramento nas cenas predicativas *postar*, *curtir*, *comentar/responder* e *compartilhar*, sob os fundamentos teórico-metodológicos dos níveis de pertinência de análise semiótica (signo-figura, texto-enunciado, objeto-suporte e cenas práticas) e dos princípios basilares da semiótica discursiva.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Esta vida é uma estranha hospedaria, De onde se parte quase sempre às tontas, Pois nunca as nossas malas estão prontas, E a nossa conta nunca está em dia [...]” (QUINTANA, 2006, p. 229, XCVI Dos Hóspedes).

A principal meta deste trabalho foi descrever como a prática da interação digital *on-line* se desenvolve em grupos do Facebook bem como descrever como ela contribui para criar um efeito de liberdade na configuração do corpo do enunciador, que se apresenta como ator discursivo e como actante operador da prática. Mediante as recorrências do dizer do enunciador no funcionamento da prática, pudemos depreender a identidade discursiva do enunciador e os simulacros construídos por ele sobre o idoso internauta.

No âmbito da semiótica das práticas, problematizamos a interação entre os internautas jovens/não idosos potencializada pelo uso do objeto-suporte, sendo este tomado como um vetor que entra na configuração práxica. No caso de nosso *corpus*, o objeto-suporte viabiliza condições para que os discursos sobre o idoso, tido como actante que opera as tecnologias, sejam construídos.

Entendemos que esta tese contribui para a pesquisa, seja aquela voltada para a prática cravada no discurso na internet, seja aquela cravada nas práticas semióticas em geral. A partir dos parâmetros oferecidos pelos desenvolvimentos contemporâneos da semiótica, dos quais se destacam os fundamentos concernentes às práticas semióticas e às questões das tensões do afeto, a tese ancora-se num *corpus* de grande complexidade social. Realçamos, por meio da análise semiótica, o lugar do idoso no funcionamento de nossa sociedade.

As questões que sustentam esta pesquisa acabaram por salientar a relação entre o sujeito e as práticas sociais inerentes ao ambiente *on-line*. Tal ambiente confirmou-se como base que sustenta o fazer enunciativo do internauta, como o sujeito tendente a um comportamento impregnado de certa liberdade de sentir, de dizer e de significar as coisas do mundo. Mas essa liberdade, como comportamento que engloba a prática, comprovou-se como não ilimitada. Ela não implica que o sujeito internauta possa dizer tudo nem que esteja desprovido de qualquer processo de vigilância. Mesmo nas redes sociais, que criam a ilusão de falta de interdição, a interação acontece sob a organização de determinado operador que planeja o rumo das discussões: aquele que cria os grupos ou aquele que constrói o *site*, o blog etc.

Ainda no curso da vigilância, que se configura como uma prática coexistente e coocorrente àquela de simular que “sou idoso”, há recursos informáticos e computacionais que acompanham o percurso da navegação do internauta na rede como os *cookies*. Conseqüentemente, o internauta se submete às coerções do objeto-suporte e às contingências que envolvem as condições de enunciabilidade da prática da navegação.

Ao longo de nosso trabalho, procuramos descrever os mecanismos de construção da prática interativa. Para isso observamos a estrutura da prática e seu funcionamento conforme o estabelecimento das cenas predicativas, nucleadas: pelo ato prático; pelo actante operador; pelo objetivo; pelo resultado; pelo horizonte estratégico. Na configuração da esquematização e dos encadeamentos práxico-discursivos, depreendemos o *modus operandi* que norteia a prática. Para tal propósito, levamos em consideração a metalinguagem semiótica, que viabiliza contemplarmos a estruturação da prática de nosso interesse: a interação em grupos peculiares, no ambiente *on-line*.

Pelo que depreendemos da conjuntura significativa da prática semiótica em relevo, o modo de existência corpórea do actante sujeito e do actante objeto semiótico constitui-se conforme uma complexidade relacionada principalmente a dois fatores. O primeiro diz respeito à natureza do objeto-suporte e o segundo, à configuração do ator discursivo. Quanto ao primeiro, algumas questões apontaram para a composição do corpo em devir graças a sua própria sintagmática como dispositivo de enunciação, a seu ritmo e a sua forma latente de se atualizar continuamente. Também destacamos o desdobramento actancial práxico e enunciativo que recobre a enunciação digital *on-line*.

A continuidade do processo da interação digital *on-line* apoia-se principalmente em uma das características da morfologia do objeto-suporte desta pesquisa. Tal objeto-suporte, na conjuntura da interação suscitada, apresenta, em sua programação, uma direcionalidade à extensão ampliada de seu alcance, como pudemos verificar por meio da cena predicativa *compartilhar*. Tal característica do objeto-suporte remete a uma inclinação à profundidade de suas dimensões, pois os jovens/não idosos podem refazer/desfazer as cenas práticas. Assim acontece, conforme a combinação de linguagens que subjazem à constituição do objeto-suporte, que se confirma também como actante da prática.

O objeto-suporte, suscetível a desdobrar-se mediante as múltiplas intervenções concernentes à prática, acolhe a acomodação sintagmática de estilos estratégicos e de ajustamento ao ambiente virtual. O que se passa no nível das cenas práticas reverbera o que se passa no texto-enunciado e no discurso correspondente a ele.

No texto e no discurso, confirmam-se não só as marcas enunciativas do ator da enunciação internauta, mas também do actante operador da prática que subsume o enunciador textual. Esses procedimentos, legitimados pelas marcas enunciativas concernentes à categoria de pessoa, tempo e espaço estabelecidas no discurso, robustecem o efeito discursivo de realidade da prática interativa.

Em relação ao ator discursivo, na sua função englobante de operador das cenas práticas, as marcas concernentes ao seu efeito de identidade se dão de modo duplo: tanto pela foto de “perfil”, quanto pelo nome, o que reforça o efeito de concretude do actante operador da prática. Ademais, no discurso que compõe o *corpus*, a ancoragem actancial, temporal e espacial e a reiterada delegação interna de voz (debreagem de segundo grau) legitimam os procedimentos de ilusão discursiva de referente e de realidade (Barros, 2003). Tanto na cena prática, como no nível do texto-enunciado, ao qual se vincula fortemente a dimensão discursiva, o efeito de realidade e de fenómeno em andamento, em processo, é reiteradamente confirmado. Acima de tudo, podemos confirmar que há a homologação entre o operador da prática e a instância enunciativa de pessoa do nível discursivo.

No que diz respeito aos textos-enunciados, constatamos que o narrador se encontra geralmente implícito neles, não se assumindo regularmente como presença explícita. Assim acontece como estratégia de “liberação” do espaço para dar voz aos interlocutores, pois estes constituem os principais atores da interação nos grupos. Cabe destacar que o narrador, uma vez ou outra, figurativizado na função de actante administrador dos grupos, torna-se explícito somente quando assume a cena prática que realiza ou quando participa de outras cenas.

Constatamos também, no *corpus*, procedimentos sócio-históricos trazidos à luz pelo enunciador, enquanto ator coletivo, para não só forjar o efeito de referente, mas também para orientar o enunciatário para certa direção de sentido da prática e da construção dos valores atribuídos ao idoso internauta.



Na interação sob análise, constatamos que os valores sociais permeiam os textos-enunciados, chegam até a cena predicativa e sua configuração ética e vice-versa. Os valores estão inscritos no discurso e fundamentam a prática inteira. Para tanto, a práxis enunciativa da interação *on-line* convoca simulacros que circulam no imaginário da sociedade e os inscreve no discurso do enunciador coletivo. Daí para a prática e vice-versa.

A ancoragem sócio-histórica está ilustrada principalmente pela recorrência de figuras e de temas que ativam, por meio da simulação, um modo de ser idoso internauta ao usar as tecnologias. O sincretismo de linguagem presente nas postagens e nos comentários assevera um nível elevado de iconicidade do ator idoso no mesmo tempo em que, por meio das relações sócio-históricas evocadas, ativa determinadas formações ideológicas imanentes ao discurso.

Em relação à estrutura da página-tela, esta encontra-se sempre suscetível a alargar-se tanto interna quanto externamente. Internamente se dá pela intervenção dos internautas, membros dos grupos, e externamente quando esses membros compartilham alguma publicação realizada pelos grupos com outros ambientes. Essa estrutura favorece o adensamento do espaço e o aumento do fluxo da interação.

A página-tela é um espaço flexível que ganha amplitude à medida que são inscritos os membros dos grupos e, também, com a participação deles nas interações. Entretanto, também pode ocorrer o efeito de esvaziamento da página-tela quando os membros dos grupos desfazem determinadas cenas práticas, como por exemplo o ato de excluir comentários, postagens etc.

A amplitude decorrente da ocupação da página-tela está diretamente relacionada a um traço característico do objeto-suporte: as hiperligações, que são componentes do sistema informático capazes de conduzir o internauta tanto para partes de um mesmo texto-enunciado quanto para outros textos-enunciados, *sites*, páginas web etc. Todas as cenas práticas estão revestidas por hiperligação.

Em termos de espaço enunciativo, o *link* e o *hiperlink* favorecem a diminuição da diferença da oposição entre o *aqui* e o *lá*, porque conferem ao espaço um efeito dinâmico e, ao mesmo tempo, aproximam os polos dessa categoria. O espaço parece estar graduado pelo recurso da hipertextualização.

Ao se encontrar totalmente programada para registrar e abrigar os atos e os gestos decorrentes das cenas práticas, o espaço se orienta por um efeito de falta de

limite. Desse modo, sob o efeito de dimensão ilimitada, o espaço contribui tanto para a organização topológica das cenas quanto para a disposição dos operadores das cenas práticas na página-tela. Tudo parece poder multiplicar-se *ad infinitum*. Na página-tela, os postadores encontram-se sobrepostos aos curtidores, aos comentadores/respondedores e aos compartilhadores, o que já sinaliza uma hierarquia entre as cenas. A hierarquia cria condições para restabelecimento de um efeito de limite. Entre a presença e a ausência de sugestão de limites, fica estabelecido um ritmo para a interação que pusemos em relevo.

O fluxo da interação pode ser visibilizado pela organização espacial: as curtidas encontram-se abaixo das postagens e dos comentários. Estes se posicionam logo abaixo das postagens e estão alinhados à esquerda, um subsequente ao outro. Já as respostas aos comentários estão dispostas à direita deles e se estendem nessa direção à medida que são inscritas novas respostas. Assim a página-tela contribui, em termos semióticos, para uma espécie de espraiamento da debreagem de segundo grau, pois essa organização topológica e eidética da página-tela indica, no nível do discurso, não só uma configuração da debreagem que articula a troca de turno de fala entre os operadores das cenas, mas também reverbera o efeito de concretude do discurso.

Quanto à configuração do ator discursivo, o sujeito que desempenha o papel de internauta dos grupos, constatamos que ela advém do estatuto de actante coletivo instituído para a prática da interação. Isso acontece, na medida em que o internauta age em nome de uma comunidade virtual e é tido como o principal protagonista das ações práxicas. A prática da interação é suscetível a modificar-se, pois está à mercê do querer do operador dentro dos limites das coerções que ela mesma impõe. O objeto-suporte garante assim o fluxo da prática.

Não individualizamos o operador da prática em si, mas o tomamos como um sujeito de um fazer coletivo, figurativizado pelos grupos. O enunciador e o enunciatário, pressupostos pelo conjunto significante que constitui a situação semiótica, são apreendidos no curso da prática. Para tanto, a partir de certa quantidade de amostra dos textos-enunciados que circulam nos grupos, percebemos um modo de dizer, a partir do qual remetemos à identidade do enunciador. Como diz Discini (2015), amparada em Brøndal (1948, 1986), o todo se encontra nas partes mediante a própria estrutura que organiza uma totalidade discursiva.

A tese aponta para o actante operador da prática, configurado tanto num nível inferior – o do texto-enunciado -, como no nível que o engloba - o da própria prática. Por outro lado, no interior do texto-enunciado, estão o narrador implícito e os interlocutores como voz delegada pelo narrador. Temos também a eventual presença do organizador e programador dos grupos como narrador explícito. Então, quando falamos em actante operador da prática, estamos referindo-nos ao enunciador-destinador do discurso e igualmente ao interlocutor, os internautas que falam por meio do discurso direto.

Depreendemos, em termos dos modos de existência, que o que está inscrito, marcado e assinalado nas páginas-tela é resultado de gestos do actante operador da prática que sinalizam o modo realizado. Os recursos de textualização que são acionados por meio do cursor se encontram no modo atualizado. Já os recursos que estão no nível do sistema operacional e que ainda não foram ativados pelo sujeito operador com o uso do cursor estão no modo virtualizado.

Esses recursos de textualização oferecidos ao operador da prática estão relacionados diretamente à organização do objeto-suporte e só são viabilizados pelo imbricamento de múltiplas semioses: aquela que, no modo de existência interno do objeto, se destina à leitura de códigos a ser decifrados pelos componentes da máquina e aquela que, no modo de existência externo do objeto, possibilita a interface gráfica consubstanciada pelo uso de dispositivos digitais, como ícones, *gifs*, *emojis* etc., recorrentemente utilizados pelos sujeitos operadores da prática.

O enunciador, concebido aqui como um ator coletivo, se instala assim entre a projeção de uma estabilidade de marcas inscritas na página-tela e a imprevisibilidade decorrente da contingência da prática, em virtude da própria sintagmática do objeto-suporte. O fluxo da prática ratifica um enunciador construído no *continuum* das discursividades que ora apontam para um corpo perfectivo ora para um corpo imperfectivo.

A perfectividade assenta-se no efeito de acabamento das cenas, naquilo que está inscrito e visível na página-tela. Já a imperfectividade está na potencialidade de modificação das cenas, já que a prática de interação é suscetível a alterar-se conforme as permissões que o próprio objeto-suporte oferece.

Os grupos permitiram construir a imagem do internauta que, na instância da interação, pode ou não estar envolvido não só com a leitura das postagens, das

curtidas, dos comentários/respostas ou dos compartilhamentos, mas também com a prática em si, já que ele é competencializado para *postar, curtir, comentar/responder* e *compartilhar*. Essa competencialização advém da anuência que o administrador dos grupos, considerado como narrador, delega aos internautas membros dos grupos.

De um lado, constatamos que as cenas práticas apresentam especificidades concernentes ao meio ou à situação das quais elas emergem. De outro, ficou firmado que a página-tela está potencializada para favorecer os recursos de textualização que contribuem para a realização das cenas.

Também legitimamos, ao longo da tese, o princípio segundo o qual os textos-enunciados se ajustam às disposições espaciais e temporais inerentes ao suporte e à prática inteira. Assim eles incorporam recursos disponibilizados pela própria página-tela e aqueles advindos de outros ambientes. Os textos-enunciados tornam-se “coloridos” em virtude das marcas visuais (fotografias, *emojis*, avatar etc.) e dinâmicas (*gifs*). Com efeito, a potencialidade operativa é uma característica do objeto-suporte como actante da prática. O sentido da prática posta em relevo por nós, pensado na perspectiva da semiótica das práticas, confirmou-se construído em contínuo movimento e como processo semiótico que está sendo desencadeado por uma enunciação em ato.

Ratificamos que os textos-enunciados foram validados como um todo de sentido que implica um enunciador coletivo. Tal enunciador constrói, na prática da interação digital *on-line* eleita para nossa análise, simulacros sobre o idoso, conferindo a esse ator determinado corpo semiótico e instituindo-o como objeto falado nas manifestações discursivas do ator coletivo. Ademais, o enunciador também apresenta uma héxis corporal que o singulariza pelo modo de dizer, de perceber, de sentir e de atribuir valores ao ator idoso. Trata-se do posicionamento de um ator que está diretamente relacionado ao modo de veridicção estabelecido no discurso dos grupos.

Constatamos que esse modo de dizer transita principalmente entre o efeito de mentira e o de verdade. O primeiro se estabelece em virtude do elevado grau de fingimento, que como efeito de sentido, impregna a voz dos sujeitos narrador e interlocutor. Como actantes responsáveis pela progressão do sentido dos textos-enunciados, eles utilizam fotos de idosos, termos e expressões que remetem à figura do idoso retratado. Também contribui para a construção desse simulacro o

mecanismo da *debreagem* actancial enunciativa preenchidos semanticamente pelos itens linguísticos e figurativos que reforçam o papel temático atribuído ao ator idoso.

O segundo modo de veridicção que se instaura - o efeito de verdade - está representado especialmente nas ocorrências em que o narrador e os interlocutores enunciam fora do “personagem” como ator não fingidor. Para firmarem esse efeito, utilizam a marca “off”, que representa uma transgressão consentida aos membros dos grupos. O administrador do grupo, ao convocar os membros para reagir às publicações, cria um efeito de verdade em virtude da orientação que quer emitir a eles. Também ocorre o efeito de verdade quando os membros, mesmo não utilizando a marca “off”, enunciam como um ator não fingidor.

Na relação tensa entre o parecer e o ser, que oscila entre configurações veridictórias peculiares, confirmou-se um singular funcionamento do campo de presença. Tal campo configurou-se entre as tensões que regem a práxis enunciativa da interação digital *on-line*. Ficou validada a configuração do sujeito que, em tese, é movido por um querer, um saber e um poder fingir ser idoso. Quanto ao sujeito falado, figurativizado como o idoso internauta, temos um actante construído sob o princípio modal do não saber fazer, conforme os simulacros atribuídos pelo enunciador.

Ao ator idoso, são atribuídos simulacros que remetem ao preconceito e a estereótipos, perpetuando uma sanção negativa em relação a ele, para que se legitimem discriminações correntes em nossa sociedade. Para isso, o ator idoso é configurado como aquele que não sabe operar com as tecnologias.

As razões forjadas para essa falta de competência para agir como internauta eficiente remetem ao fato de estar apegado à religião, de estar relacionado a doenças e à debilidade locomotora, de estar apoiado nas experiências do passado, entre outros. Esse modo de perceber e representar o idoso sinaliza, para o enunciador internauta fingidor, uma identidade discursiva fundada na justa medida das coisas do mundo, da vida em sociedade. O idoso fugiria do ideal de tal medida, pelo excesso de idade ou pela falta de juventude, logo, de habilidade com o manuseio dos recursos da internet.

A práxis enunciativa da interação digital *on-line* comprovou-se, ao longo da tese, como um conjunto de ações e de modo de ser (um *ethos*) que convoca e perpetua produtos que circulam no imaginário social. São produtos que foram ratificados no discurso dos grupos, mediante o regime de enunciabilidade firmado ao

longo da mesma prática. Cabe ressaltar que o enunciador, assim instituído, mistura estereótipos da velhice com os da pobreza.

Os elementos temáticos, figurativos e práxicos que discursivizam o idoso internauta em interação *on-line* revestem-se de uma lógica que tende a exacerbar e a tonificar tensivamente as estratégias de naturalização do preconceito contra o idoso e contra a velhice. Entretanto, no curso das enunciações, determinados modos de dizer, associados ao mesmo tom de voz e à rotina enunciativa, criam uma certa previsibilidade discursiva e assim ocorre a perda de impacto das cifras tensivas.

Temos outra confirmação advinda das análises. Referimo-nos à imagem do ator coletivo, construída a partir dos textos-enunciados e do funcionamento da prática da interação *on-line*. Tal imagem aponta para um sujeito fingidor sarcástico e debochado que não privilegia os valores eufóricos do idoso, ao contrário, figurativiza e tematiza o idoso com requinte de disforização exacerbada.

Pela foto de identificação do perfil dos internautas, recuperamos traços que marcam uma individualidade etária do enunciador que exerce o papel de participante do grupo. Trata-se de internautas jovens e/ou de não-idosos. Além da foto, destacamos marcas enunciativas recorrentes no discurso, como o exagero do uso de *emojis*, de *gifs*, o uso de letras maiúsculas para indicar que quem enuncia é idoso ingênuo bem como a marca de fingimento trazida no lexema “fingimos” que está na identificação do nome dos grupos.

O participante do grupo não constitui, para si, como enunciador internauta, uma imagem que compõe um ator individual, mas um ator coletivo, haja vista a natureza da prática da interação digital *on-line*. Essa imagem está implícita não só nos textos-enunciados, mas também nos gestos enunciativos das cenas práticas, o que reforça a criação de uma identidade do sujeito internauta como actante discursivo e actante operador da prática.

No nível da prática, entendemos que esta tese traz contribuições para a semiótica ao privilegiar e explorar a abertura concernente às extremidades da cadeia que compõe a interação digital *on-line*. Outra contribuição significativa para as práticas semióticas, notadamente para aquelas voltadas para as interações *on-line*, é ter indicado como essas práticas podem ser entendidas ao iluminar a prática como enunciação em ato. Tudo foi possibilitado pelo valor observado do objeto-suporte na configuração do conjunto significativo da prática.

Diante do exposto, consideramos que os objetivos traçados para a tese foram alcançados ao longo de nossas reflexões e que a hipótese inicialmente projetada foi confirmada ao longo das análises. A prática da interação, desenvolvida sob o efeito de fingimento, em gesto confirmado nos grupos, ficou comprovada pela observação dos mecanismos de construção do simulacro do ator coletivo internauta. Este último, ora se apresentou como jovem/não idoso que se finge de idoso, ora se apresentou como o idoso de quem se fala. Nesse segundo papel, a tese ratificou o exacerbamento de práticas semióticas extremamente preconceituosas.

Trabalhamos o texto-enunciado pensado como um dos níveis da prática mas ele condensando toda a semiose. Nesse sentido, esta tese se preocupou em trazer o texto-enunciado como objeto semiótico. Assumimos esse compromisso e procuramos efetivá-lo, trazendo à luz a corporeidade do próprio texto, potencializada pelo suporte. Constatamos que, quando o ator coletivo se solta das molduras do texto-enunciado e, figurativizado pelo jovem/não idoso que finge ser idoso, ele começa a operar no intervalo entre textos, trazendo à luz crenças e juízos voltados aos valores sociais. Dessa forma, ele efetivamente se compõe segundo estilos estratégicos de ajustamento às formações sociais. Nesse momento, ele não mais está preso às molduras do texto-enunciado, mas inscrito nas práticas que grassam em todos os níveis da prática da interação *on-line*, naturalizando o preconceito contra o idoso internauta.

Esperamos que nosso leitor, ao entrar em contato com esta tese, se entenda como um sujeito exposto a práticas ocorrentes na sociedade e coocorrentes com a prática acadêmica, as quais privilegiam o etarismo. Esperamos que nosso leitor se perceba como um sujeito exposto ao funcionamento injusto da sociedade, tal qual configurado em determinados segmentos que discriminam o idoso.

Quanto aos limites impostos ao nosso trabalho, destacamos a inviabilidade de ser estudada, com detalhamento, a combinação das linguagens que possibilitam a semiose em ato no âmbito da interação digital *on-line*, pois os sistemas informáticos e computacionais são considerados lógicos e assim diferem da linguagem das línguas naturais. Entretanto, não deixamos de reconhecer a contribuição daqueles sistemas para possibilitar o refinamento dos recursos de hipertextualidade que despontam para uma continuidade temática e intertextual, potencializando assim rupturas às margens do texto-enunciado.

Outro limite imposto à tese é a falta do aprofundamento sobre o “fazer operativo da máquina” quando, por exemplo, o internauta autoriza os sites a utilizarem os *cookies*. Os textos-enunciados expostos na página-tela (os *pop-ups*), decorrentes dos *cookies*, podem ser atribuídos a esse fazer operativo? Até que ponto podemos dizer que o internauta não possui a autoria desses textos? Aí reside a combinação de linguagens que estreita a relação entre o homem e a máquina. A autorização dos *cookies* pelo internauta termina proporcionando à máquina um papel actancial análogo ao de um sujeito internauta. Não podemos deixar de ressaltar que a máquina só constrói os textos-enunciados mediante o percurso de navegação do internauta.

Os textos-enunciados advindos do fazer da máquina são construídos de modo imperceptível ao internauta e este não detém a capacidade de prever o momento da inserção deles na página-tela. Dessa forma, esses textos são considerados como textos possíveis, o que confirma a abertura da prática da interação digital *on-line* e as contingências que a interpelam.

A interação *on-line* se dá mediante um modo plural de ler e de escrever, à qual até podemos atribuir um estilo de vida digital ou uma forma de vida digital, conforme apontamos a partir dos gestos, das marcas textual-discursivas utilizadas pelos operadores das cenas práticas e das condições de enunciabilidade próprias da interação *on-line*.

Esse estilo poderá, em futuras pesquisas, ser amplamente investigado não só tendo por base o curso da interação, mas também a perspectiva englobante de outras práticas, como a leitura e a escrita em dispositivos móveis digitais e em computadores que incorporam as múltiplas formas de linguagens textuais. O estudo sobre o estilo de vida digital pode ancorar-se principalmente no que é característico da leitura, da escrita e da interatividade do ambiente digital *on-line*.

Esta tese certamente deixa margens para pesquisas, entre as inúmeras possibilidades de estudo na Semiótica. Assim ela o faz, privilegiando o tratamento semiótico conferido ao ator idoso no desempenho supostamente frágil e carente de sua prática de uso das tecnologias. Deparamos com um idoso forjado labirinticamente, como um ator inábil. As pesquisas podem contemplar a prática da navegação do ator idoso em outras redes sociais e plataformas digitais *on-line*.

Nesta pesquisa, o idoso comprovou-se, ao longo do *corpus* descrito, como o ator que não tem poder de fala, como o ator para quem foram apontados valores



avaliativos disfóricos e como o ator que, no funcionamento da sociedade, é considerado um pária, o que corrobora o aprofundamento do abismo discriminatório que atravessa muitas vezes sua atuação social. Em outros termos, a discursivização do idoso, tal como feita nos exemplares de nosso *corpus*, remete, mesmo que indiretamente, ao sujeito sancionado pelo modo carente de usar as tecnologias.

A práxis enunciativa da interação digital *on-line* favoreceu a difusão desses valores tanto interna quanto externamente aos grupos, em virtude da própria dinâmica favorecida pelo objeto-suporte: a página-tela.

Na dimensão das práticas, vimos que a cena *compartilhar* apresenta uma força operativa efetivamente extensa e difusa, devido ao alcance vasto que ela possui. *Compartilhar* um objeto implica uma prévia avaliação do sujeito operador da cena; logo, os valores subjacentes ao discurso acompanham todo o processo da cena.

Ao compartilharmos uma postagem, esta integra-se ao novo espaço virtual e funde-se a ele. Nesse sentido, a enunciação ganha um caráter, o que confere à cena prática *compartilhar* uma abertura potencialmente infinita em contextos enunciativos diferentes da enunciação primeira. Com efeito, o operador da mistura é inerente ao próprio funcionamento dessa cena.

O enunciador internauta fingidor, actante em interação mútua nos grupos em conversa da internet, confirma a práxis enunciativa estereotipada que convoca valores disfóricos do idoso tanto em relação ao uso das tecnologias quanto ao modo de vida projetado para esse mesmo sujeito “de idade”, no funcionamento da sociedade. Para tanto, confirmamos que o enunciador internauta, em interação grupal, sinaliza a presença do idoso calcada na ausência do saber fazer e, por conseguinte, constrói a imagem de um sujeito de estado, de um sujeito em falta.

Em termos tensivos, o estilo implicativo foi predominante no modo de perceber e avaliar o idoso, uma vez que, para este, foi tecido um modelo de previsibilidade de vida. A recorrência de figuras e de temas dispostos ao longo dos textos-enunciados não só configura um mecanismo desacelerado de progressão e de continuidade do conteúdo, mas também uma direção do ponto de vista do enunciador, voltada à negação dos valores eufóricos concernentes ao ator idoso.

Entretanto, o estilo concessivo também marcou o perfil sensível do enunciador especialmente no processo do fingimento. Para isso, foi empregado com recorrência o recurso do humor como estratégia para reforçar o efeito derrisório em relação à

figura do idoso. Configura-se assim um modo de enunciar altamente comprometido com valores de triagem que contemplam o idoso como necessariamente excluído do “funcionamento saudável” da sociedade.

Mesmo com algumas limitações, esperamos que esta pesquisa contribua para ampliar o escopo de análise de objetos da Semiótica, especialmente aquele que trata das práticas de interação no ambiente digital *on-line*. Também esperamos ter desvelado, no âmbito das práticas semióticas, como o sujeito idoso internauta é discursivizado nas regularidades do dizer de determinados grupos.

Supomos também ter contribuído com uma leitura semiótica da prática interativa *on-line*, com o apoio da semiótica das práticas sociais de Fontanille, teoria que muito nos ajudou a elucidar a natureza dessa prática, devido ao seu forte teor heurístico. Ela de fato dá abertura para compreender o homem em sociedade e, no caso específico de nosso *corpus*, o sujeito que, disposto na interação *on-line*, é agente e paciente de uma prática que se tem popularizado na contemporaneidade.

Salientamos que este estudo não possui a pretensão de apresentar-se como corpo fechado em si mesmo, mas, em virtude da própria complexidade do objeto, tem anseio de firmar-se como um corpo imperfectivo, que está aberto a contribuições.

## REFERÊNCIAS

- ALONSO ALDAMA, Juan Alonso. As transparências enganam. **Estudos Semióticos** [on-line]. Dossiê temático “Discursos políticos na contemporaneidade: desafios teóricos e analíticos”. Volume 15, n. 1. Editores convidados: Oriana N. Fulaneti e Alexandre Marcelo Bueno. São Paulo, agosto de 2019, p. 152–161. Disponível em: [www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse). Acesso em: 25 abr. 2021.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidades enunciativas. **Cadernos de estudos linguísticos**, 19. Campinas, IEL. 1990.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-80.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2009 [1929].
- BARRETO, Diogo. O Facebook vai ser a rede social dos mais velhos?. **Sábado**, 12 de fev. de 2018. Disponível em: <https://www.sabado.pt/ciencia---saude/detalhe/o-facebook-vai-ser-a-rede-social-dos-mais-velhos>. Acesso em: 11 jan. 2019.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso**: fundamentos semióticos. 3. ed. São Paulo: Humanitas/FFCH/USP, 2002.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Estudos do discurso. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à Linguística**: II. Princípios de análise. 4. Ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. A complexidade discursiva na internet. **CASA**: Cadernos de Semiótica Aplicada, v.13, n.2, 2015, p. 13-31. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/8028/5756>. Acesso em: 15 jul. 2020.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Cadernos de estudos linguísticos**, Campinas, pp. 7-24 jan./abr./2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8646151/13239>. Acesso em: 9 mar. 2022.
- BASTOS NETO, Adalberto. **O modo de presença da rede social**: interação e visibilidade no Facebook. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018, 185 f.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Tradução de Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Éditions Galilée, 1981.

BAZZA, Adelli Bortolon. Enunciado, enunciado reitor e as práticas de subjetivação do novo idoso. In: MELO, Sílvia Mara de; FERNANDES, Cleudemar Alves (orgs.). **Violência e seus paradoxos**: práticas discursivas pelas lentes de Michel Foucault. São Carlos, SP: EDUFSCAr, 2016, p. 139-154.

BENVENISTE, E. **Problemas de Lingüística Geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães et al. Campinas-SP: Pontes, 1989.

BENVENISTE, E. **Problemas de Lingüística Geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. Campinas: Pontes, 1991, 1995, 2005.

BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

BERTRAND, Denis. Énonciation: cheville ouvrière ou point aveugle d'une théorie du sens? in M. Colas-Blaise et G. M. Tore. **Le sens de l'énonciation**. Limoges: Lambert-Lucas, 2016.

BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente: **Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990**, Lei n. 8.242, de 12 de outubro de 1991. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/28003230/artigo-241a-da-lei-n-8069-de-13-de-julho-de-1990>. Acesso em: 14 jan. 2023.

BRASIL. **Lei n. 13.709, de 14 de agosto de 2018**. Dispõe sobre proteção de dados pessoais. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2018/lei/l13709.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13709.htm). Acesso em: 20 ago. 2022.

CALAME, Claude. O sujeito da enunciação: breve introdução. In: **Le récit en Grèce ancienne**: énonciations et représentations de poètes. Tradução Angela Marques. Paris: Méridiens Klincksieck, 1986.

CALIXTO, Douglas. Cultura de participação. In: ARAÚJO, Mônica Daisy Vieira; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; MORAIS, Ludymilla Moreira (orgs.). **Termos e ações didáticas sobre cultura escrita digital** [recurso eletrônico]: NEPCED na escola. Belo Horizonte: UFMG /FaE / Ceale / NEPCED, 2022. 326 p. Disponível em: [https://nepced.fae.ufmg.br/wp-content/uploads/2022/09/Ebook-Termos-e-aco-es-didaticas-sobre-cultura-escrita-digital-%E2%80%93-NEPCED-na-escola-1\\_compressed-1](https://nepced.fae.ufmg.br/wp-content/uploads/2022/09/Ebook-Termos-e-aco-es-didaticas-sobre-cultura-escrita-digital-%E2%80%93-NEPCED-na-escola-1_compressed-1). Acesso em: 2 jul. 2023.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CNDL Brasil. Número de idosos que acessam a internet cresce de 68% para 97%, aponta pesquisa CNDL/SPC Brasil. Brasília, 17 de mar. de 2021. **CNDL**. Disponível em: <https://cndl.org.br/varejosa/numero-de-idosos-que-acessam-a-internet-cresce-de-68-para-97-aponta-pesquisa-cndl-spc-brasil/>. Acesso em: 6 ago. 2021. A matéria jornalística foi disponibilizada na internet em 17 de março de 2021.

COQUET, Jean-Claude. L'implicite de renonciation. In: **Langages**, 18<sup>o</sup> année, n<sup>o</sup> 70, 1983. La mise en discours. pp. 9-14. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/lgge\\_0458-726x\\_1983\\_num\\_18\\_70\\_1149](https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1983_num_18_70_1149). Acesso em: 10 abr. 2020.

COQUET, Jean-Claude. **Le discours et son sujet 1**. Paris: Klincksieck, 1984.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DISCINI, Norma. **Estilo nos textos**. 2. ed. São Paulo: 2004.

DISCINI, Norma. **O estilo nos textos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

DISCINI, Norma. **Corpo e estilo**. São Paulo: Contexto, 2015, 383 p.

DISCINI, Norma. **Comunicação nos textos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

DISCINI, Norma. Claude Zilberberg: a semiótica estetizada. **Estudos Semióticos**. [on-line] Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Editores Responsáveis: Ivã Carlos Lopes, José Américo Bezerra Saraiva e Eliane Soares de Lima. Volume 15, Edição Especial, São Paulo, abril de 2019, p. 88–103. Acesso em: 20 jan. 2021.

DISCINI, Norma. Práticas semióticas e campos do conhecimento: o corpo que (f)cala. In: DISCINI, Norma; DUARTE, Renata Cristina; CORREA, Thiago Moreira (2021). **Entre práticas e formas de vida: a semiótica em pauta**. (Vídeo de apoio à aula 1 do Curso de Extensão “Entre práticas e formas de vida: a semiótica em pauta”, ministrada em 3 de julho de 2021. Universidade de São Paulo – USP. Disponível em: [https://drive.google.com/drive/folders/1YFqKyigAth7iV75dYq2Zo6\\_uEjc6SrtJ](https://drive.google.com/drive/folders/1YFqKyigAth7iV75dYq2Zo6_uEjc6SrtJ). Acesso em: 20 jan. 2023.

DISCINI, Norma; FIORIN, José Luiz. O uso linguístico: a pragmática e o discurso. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Linguística? Que é isso?**. Contexto, São Paulo, 2013.

DONDERO, Maria Giulia; REYES-GARCIA, Everardo. Os suportes das imagens: da fotografia à imagem digital. **Revista do GEL**, v. 16, n. 2, p. 163-190, 2019. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/2788/1646>. Acesso em: 5 out. 2022.

DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. **Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1988.

FACEBOOK revela que 2 em cada 3 pessoas acima dos 60 acessam a plataforma via celular. 3 de mar. de 2017. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/business/news/senior-fb-insights>. Acesso em: 6 ago. 2021.

FACEBOOK. **Grupo onde fingimos ser idosos e confuso com as tecnologias modernas**. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/2356246961301923/>. Acesso em: 5 mar. 2019.

FACEBOOK. **Página do grupo onde fingimos ser idosos confuso com a tecnologia**. Disponível em: <https://www.facebook.com/idososconfusos/>. Acesso em: 5 mar. 2019.

FAPESP. Biblioteca virtual. Tássia Monique Chiarelli. Disponível em: <https://bv.fapesp.br/pt/pesquisador/697681/tassia-monique-chiarelli/>. Acesso em: 6 ago. 2021.

FECHINE, Yvana. Pour une sémiotique de la propagation: invention et imitation sur les réseaux sociaux, **Actes Sémiotiques** [En ligne]. 2018, n° 121. Disponível em: <http://epublications.unilim.fr/revues/as/5953>. Acesso em: 30 set. 2022.

FECHINE, Yvana; MACEDO, Marcos Carvalho. Narrativas Transmídia em Jornalismo: a expansão de aspectos temáticos. **Revista GEMInIS**, São Carlos, UFSCar, v. 10, n. 2, pp.77-100, mai./ago. 2019.

FERREIRA, António Gomes. **Dicionário de Latim-Português**. Porto-PRT: Porto editora, 1988.

FIORIN, José L. **A ilusão da liberdade discursiva**: uma análise das prédicas de Antônio Conselheiro. São Paulo, 1980. 301 f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral). Universidade de São Paulo.

FIORIN, José Luiz. Algumas considerações sobre o medo e a vergonha. In: **Caminhos e desvios da semiótica no Brasil**. Cruzeiro Semiótico, Porto, Associação Portuguesa de Semiótica, n. 16, p. 55-63, 1992.

FIORIN, José Luiz. A noção de texto na semiótica. **Organon**. Porto Alegre, v. 9, n. 23, 1995a.

FIORIN, José Luiz. A pessoa desdobrada. In: **Alfa**, São Paulo, 39: 23-44, 1995b.

FIORIN, José Luiz. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**: em torno de Bakhtin. São Paulo: Edusp, 1999.

FIORIN, José Luiz. Modalização: da língua ao discurso. In: **Alfa**, São Paulo, n. 44, 2000, p. 171-192.

FIORIN, José Luiz. O pathos do enunciatário. **Revista de Linguística Alfa**. São Paulo, v. 48, n. 2, p. 69-78, 2004a.

FIORIN, José Luiz. Semiótica e comunicação. In: **Galáxia**, n. 8, outubro 2004b, p. 13-30.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.

FIORIN, José Luiz. O sujeito na Semiótica Narrativa e Discursiva. (Dossiê) **Todas as Letras**. São Paulo, vol. 9, n. 1, p. 24-31, 2007. Disponível em <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/649/579>. Acesso em: 10 set. 2020.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

FIORIN, José Luiz. **Figuras da Retórica**. São Paulo: Contexto, 2014.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1996, 2002, 2016.

FIORIN, José Luiz. Uma teoria da enunciação: Benveniste e Greimas. In: **Gragoatá**, Niterói, v.22, n. 44, p. 970-985, set.-dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br>. Acesso em: 18 out. 2020.

FIORIN, José Luiz. A respeito dos conceitos de debreagem e de embreagem: as relações entre semiótica e linguística. **CASA**: Cadernos de Semiótica Aplicada, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 12-38, jun. 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21709/casa.v15i1.8970>. Acesso em: 29 abr. 2022.

FLOCH, Jean-Marie. **Petites mythologies de l'œil et de l'esprit**: pour une sémiotique plastique. Paris/Amsterdam: Hadès/Benjamins, 1985, 1986.

FLOCH, Jean-Marie. **Sémiotique, marketing et communication**. Sous les signes, les stratégies. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

FONTANILLE, Jacques. L'intertextualité: René Char et les présocratiques Feuilles d'Hypnos et Partage formel. Dans: **Sémiotique et littérature**: Essais de méthode, sous la direction de FONTANILLE, Jacques. Paris cedex 14, Presses Universitaires de France, «Formes sémiotiques», 1999, p. 129-158. Disponível em: <https://www.cairn.info/semiotique-et-litterature--9782130497356-page-129.htm>. Acesso em: 15 abr. 2021.

FONTANILLE, Jacques. Du support matériel au support formel. In: KLOCK-FONTANILLE, Isabelle; ARABYAN, Marc (orgs.). L'écriture entre support et surface. Paris: L'Harmattan, 2005a, p. 183-200. Disponível em: [http://www.unilim.fr/pages\\_perso/jacques.Fontanille/articles\\_pdf/visuel/Ecritssupportsconclusion.pdf](http://www.unilim.fr/pages_perso/jacques.Fontanille/articles_pdf/visuel/Ecritssupportsconclusion.pdf). Acesso em: 10 out. 2022.

FONTANILLE, J. **Significação e visualidade**: exercícios práticos. Tradução de Elizabeth B. Duarte e Maria Lilia D. de Castro. Porto Alegre: Sulina, 2005b.

FONTANILLE, Jacques. Práticas semióticas: imanência, pertinência e otimização. In: Pratiques sémiotiques: immanence et pertinence, efficience et optimisation. Traduzido por Traduzido por Maria Lúcia Vissoto Paiva Diniz, Adriane Ribeiro Andaló Tenuta, Mariza Bianconcini Teixeira Mendes, Jean Cristtus Portella e Matheus Nogueira Schwartzmann. **Revista Nouveaux Actes Sémiotiques**, no 104, 105 e 106, Limoges: Pulim, 2006.

FONTANILLE, J. Niveaux de pertinence et plans d'immanence: signes, textes, objets, pratiques, stratégies et formes de vie. In: **Pratiques sémiotiques**. Paris: Presses Universitaires de France, 2008a.

FONTANILLE, J. Práticas semióticas: Imanência e pertinência, eficiência e otimização. In: DINIZ, Maria Lúcia Vissotto Paiva e PORTELA, Jean Cristtus (orgs.). **Semiótica e mídia**: textos, práticas, estratégias. Bauru-SP: UNESP/FAAC, 2008b.

FONTANILLE, Jacques. “L’analyse des pratiques: le cours du sens”. **Protée**, v. 38, n. 2, 2010, p. 9–19. Disponível em: <https://doi.org/10.7202/044947ar>. Acesso em: 30 mar. 2021.

FONTANILLE, Jacques. **Semiótica do discurso**. Tradução de Jean Cristtus Portela. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007, 2015.

FONTANILLE, Jacques. **Corpo e sentido**. Traduzido por Fernanda Massi e Adail Sobral. Londrina: Eduel; Paris: Presses Universitaires de France, 2016 [2011], 240p.

FONTANILLE, Jacques. Práxis e enunciação: Greimas herdeiro de Saussure. **Gragoatá**, Niterói, v. 22, n. 44, p. 986-1004, set.-dez. 2017a. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22409/gragoata.2017n44a968>. Acesso em: 20 out. 2020.

FONTANILLE, Jacques. Práticas e formas de vida: a semiótica de Greimas posta à prova pela antropologia contemporânea. **Estudos Semióticos**. [on-line], volume 13, n. 2 (edição especial). Editores convidados: Waldir Bevidas e Eliane Soares de Lima. São Paulo, dezembro de 2017b, p. 66–76. Disponível em: [www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse). Acesso em: 9 mar. 2020.

FONTANILLE, Jacques. Discursos, mídias, práticas e regimes de crença. **Revista do GEL**, v. 16, n. 3, p. 246-261, 2019a. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/2608/1664>. Acesso em: 5 out. 2022.

FONTANILLE, Jacques. A semiosfera colocada à prova pela enunciação antroposemiótica/ La sémiosphère mise à l’épreuve de l’énonciation anthroposémiotique/Sémiosphère Challenged by Anthro-Semiotic Enunciation. Tradução de Jaqueline Esther Schiavoni e Maria Helena Cruz Pistori. **Revista Bakhtiniana**, São Paulo, 14 (4): 62-84, out./dez. 2019b. Disponível em <https://www.scielo.br/j/bak/a/x9Pzft5RrTL8rVcS93zFMhJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 out. 2022.

FONTANILLE, Jacques. Semiótica discursiva e ensino: educação como desafio político e social, entrevista com Jacques Fontanille. Tradução de Gustavo Henrique Rodrigues Castro e Matheus Nogueira Schwartzmann. **Acta Semiotica et Linguística**, vol. 26, ano 45, n. 2, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/actas/article/view/60299/33934>. Acesso em: 15 out. 2022.

FONTANILLE, Jacques; GREIMAS, Algirdas Julien. **Semiótica das paixões**. Tradução de Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.

FONTANILLE; Jacques; ZILBERBERG, Claude. **Tensão e significação**. Tradução de Ivan Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

GOMES, Bruno Emerson Gurgel. **Curso técnico nível médio subsequente informática para internet: fundamentos de lógica e algoritmos - Aula 05: Conceitos fundamentais de algoritmos e introdução à programação em Python / Bruno Emerson Gurgel Gomes**. – Natal: IFRN Editora, 2015.



GOMES, Regina Souza. Um olhar semiótico sobre a atualidade: a aspectualização a partir de Greimas. **Estudos Semióticos**. [on-line], volume 14, n. 1 (edição especial). Editores convidados: Waldir Bevidas e Eliane Soares de Lima. São Paulo, março de 2018, p. 108–116. Disponível em: [www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse). Acesso em: 15 out. 2021.

GOMES, Regina Souza. Aspectualização e interação em comentários de notícias digitais. **Revista do GEL**, v. 17, n. 3, p. 119-142, 2020. Disponível em: <https://revista.dogel.gel.org.br/>. Acesso em: 20 mai. 2021.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Sémantique structurale**. Recherche de méthode. Paris: Larousse, 1966.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semântica Estrutural**. Tradução de Haqira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1973.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o sentido**: ensaios semióticos. Tradução de Ana Cristina Cruz Cezar et al. Petrópolis: Vozes, 1975.

GREIMAS, Algirdas Julien. O contrato de veridicção. In: **Acta Semiotica et Linguistica**. vol. 2, n. 1, 1978.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semiótica e ciências sociais**. Trad. Álvaro Lorencini e Sandra Nitri. São Paulo: Cultrix, 1981 [1976].

GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o sentido II**. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz. 1. ed. São Paulo: Nankin: Edusp, 2014.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Da imperfeição**. 2. Ed. Tradução de Ana Claudia de Oliveira. São Paulo: Estação das Letras e Cores: CPS, 2017.

GREIMAS, A. J., COURTÉS, J. **Sémiotique**: dictionnaire raisonné de la théorie du langage. Paris: Hachette, 1986 [1979].

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. Tradução de Alceu Dias Lima. São Paulo: Contexto, 2016.

HEINEKEN leva idosos à balada em sua nova campanha. **Acontecendo aqui**. 7 de jul. de 2021. Disponível em: <https://acontecendoaqui.com.br/propaganda/heineken-leva-idosos-balada-em-sua-nova-campanha>. Acesso em: 6 ago. 2021.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. Tradução de J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101629>. Acesso em: 6 ago. 2021.

LANDOWSKI, Eric. Simulacres en construction. In: **Langages**, 18<sup>e</sup> année, n° 70, 1983. La mise en discours. pp. 73-81. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/lgge\\_0458-726x\\_1983\\_num\\_18\\_70\\_1153](https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1983_num_18_70_1153). Acesso em: 4 mar. 2020.

LANDOWSKI, Eric. **A sociedade refletida**: ensaios de sociosemiótica. São Paulo: Educ Pontes, [1989]1992.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LANDOWSKI, Eric. Avoir prise, donner prise. In: **Actes Sémiotiques**. 2009. Disponível em: <http://epublications.unilim.fr/revues/as/2852>. Acesso em: 25 nov. 2022.

LANDOWSKI, Eric. **Interações arriscadas**. Tradução de Luíza Helena Oliveira da Silva. São Paulo: Estação das Letras e Cores: Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2014.

LEVY, Pierre. **A ideografia dinâmica**. São Paulo: Loyola, 1998. 228 p.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 2011. 160 p.

MANCINI, Renata. A semiótica tensiva e o nouveau roman de Nathalie Sarraute. **Gragoatá**, Niterói, n. 23, p. 79-93, 2. sem. 2007.

MANCINI, Renata. Os modos de engajamento do leitor de Grande Sertão: veredas em quadrinhos. **Todas as letras**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 100-113, jan./abr. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/1980-6914/letras.v21n1p100-113>. Acesso em: 3 dez. 2022.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. Tradução de Sírio Possenti e Cecília P. de Souza Curitiba: Criar edições, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e Análise do Discurso**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015.

MCCARTHY, Niall. O Facebook está se tornando uma rede para o público mais velho?. **Forbes**, 2019. Disponível em: <https://forbes.com.br/colunas/2019/03/o-facebook-esta-se-tornando-uma-rede-para-o-publico-mais-velho/>. Acesso em: 10 jan. 2021.

MERLEAU-PONTY. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MIRANDA, Ruy. Links: instrumento de comunicação na internet. **Otimização de sites.com**. 2006. Disponível em: <http://www.otimizacao-sites-busca.com/links/>. Acesso em: 31 out. 2022.

MIRANDA, Ruy. **Hiperlink/link**: visão geral. 2011. Disponível em: <http://www.otimizacao-sites-busca.com/links/hlink.htm>. Acesso em: 18 nov. 2022.

MIRANDA, Ruy. Links: instrumento de comunicação na internet. **Otimização de sites.com**. 2014. Disponível em <http://www.otimizacao-sites-busca.com/links/>. Acesso em: 31 out. 2022.

MONTEIRO, Maria E. R. **Governabilidade, biopolítica e biopoder**: a produção identitária para o “corpo velho” nos discursos da mídia brasileira contemporânea. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa-PB, p. 240, 2014.

MORAES, Daniel. **O que é URL e como ela é decisiva para o sucesso de sua estratégia digital**. 20 de dez. de 2018. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/url>. Acesso em: 8 nov. 2022.

NASCIMENTO, Edna Maria Fernandes dos Santos. Imaginário cultural e persuasão em textos publicitários. **Revista do GELNE**. v. 3, n. 1, 2001, p. 1-5. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9172/6526>. Acesso em: 30 mai. 2021.

NASCIMENTO, Edna Maria Fernandes dos Santos. **Razões e sensibilidades**: a semiótica em foco: 191-202. Laboratório Editorial/FCL-UNESP, Araraquara, 2004.

NOVAES, Marcela. História do crochê: origem à atualidade. **Escola de artes manuais**, São Paulo. Disponível em: <https://www.escoladeartesmanuais.com.br/blog/a-historia-do-croche>. Acesso em: 9 maio. 2021.

PAIVA, Rafael. Idosos lidam de maneira peculiar com as redes sociais. **Jornal da USP**, São Paulo, 14 de ago. de 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/idosos-lidam-de-maneira-peculiar-com-as-redes-sociais/>. Acesso em: 6 ago. 2021.

PORTELA, J. C. Semiótica midiática e níveis de pertinência. In: DINIZ, Maria Lúcia Vissotto Paiva; PORTELA, Jean Cristtus (org.). **Semiótica e mídia**: textos, práticas, estratégias. Bauru: Unesp/FAAC, 2008a. p. 93-113.

PORTELA, Jean Cristtus. **Práticas didáticas**: um estudo sobre os manuais brasileiros de semiótica greimasiana. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara-SP, 2008b. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/103599?show=full>. Acesso em: 30 ago. 2022.

QUINTANA, Mario. Dos hóspedes. In: **Espelho mágico**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2006.

RHEINGOLD, Howard. **La Comunidad Virtual**: Una Sociedad sin Fronteras. Gedisa Editorial. Colección Limites de La Ciencia. Barcelona, 1994. Disponível em: <https://www.casadellibro.com/libro-la-comunidad-virtual-una-sociedad-sin-fronteras/9788474325621/542034>. Acesso em: 30 ago. 2022.

SARAIVA, José Américo Bezerra. **Pessoal do Ceará**: a identidade de um percurso e o percurso de uma identidade. Tese de Doutorado em Linguística. Fortaleza:

Universidade Federal do Ceará, 2008, 358 f. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8881>. Acesso em: 14 ago. 2020.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, [1916] 2006.

SILVA, Bento Carlos Dias da. O estudo linguístico-computacional da linguagem. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 41, n° 2, p. 103-138, junho, 2006.

STRUNCK, Gilberto. **Como criar identidades visuais para marcas de sucesso**: um guia sobre o marketing das marcas e como representar seus valores. 2. ed. Rio de Janeiro: Rio Books, 2003.

TATIT, Luiz. **Análise semiótica através das letras**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

TATIT, Luiz. **Passos da Semiótica Tensiva**. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2019a.

TATIT, Luiz. Bases do pensamento tensivo. **Estudos Semióticos**. [on-line] Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse>. Editores Responsáveis: Ivã Carlos Lopes, José Américo Bezerra Saraiva e Eliane Soares de Lima. Volume 15, Edição Especial, São Paulo, Abril de 2019b, p. 11–26. Acesso em: 25 fev. 2021.

TATIT, Luzi. Claude Zilberberg e a prosodização da semiótica, **Actes Sémiotiques** [En ligne]. 2020, n° 123. Disponível em: <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/> 6466. Acesso em: 25 fev. 2020.

TEIXEIRA, L. Entre dispersão e acúmulo: para uma metodologia de análise de textos sincréticos. Niterói, EdUFF, **Gragoatá**: Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da UFF, v. 9. n.16, p.229- 242, 7 jul, 2004.

TEIXEIRA, Lucia. Leitura de textos visuais: princípios metodológicos. In: BASTOS, Neusa Barbosa (org.). **Língua portuguesa**: lusofonia – memória e diversidade cultural. São Paulo: EDUC, 2008. Disponível em: <https://toaz.info/doc-view-2>. Acesso em: 14 out. 2022.

TEIXEIRA, Lucia; FARIA, Karla; AZEVEDO, Sandro Torres de. Enunciação em meios digitais. **Estudos Semióticos**. [on-line], volume 13, n. 2 (edição especial). Editores convidados: Waldir Beividas e Eliane Soares de Lima. São Paulo, dezembro de 2017, p. 122–135. Disponível em: [www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse). Acesso em: 15 ago. 2021.

THURLEMANN, Félix. Semi-symbolique. In: GREIMAS; COURTÉS, Sémiotique 2: dictionnaire raisonné de la théorie du langage. Paris: Hachette, 1986, p.203-205

VAN GENNEP, A. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 2011 [1909].

WIDRICH, Leo. Por que o Facebook é azul? **Administradores.com**. 3 de junho de 2013. Disponível em: <https://administradores.com.br/noticias/por-que-o-facebook-e-azul>. Acesso em: 31 out. 2022.

WOLF, S. M. R. **O significado psicológico da perda dos dentes em sujeito adultos**. Rev. APCD, 1998, 52 (4), 307 – 316.

ZILBERBERG, Claude. Dissentiments, consentements..., in «L'actant collectif», **Actes sémiotiques**. Bulletin, EHESS-CNRS, VIII, 34, 1985, p. 28.

ZILBERBERG, Claude. As condições semióticas da mestiçagem. Tradução de Ivã Carlos Lopes e Luiz Tatit. In: CAÑIZAL, Eduardo Peñuela; CAETANO, Kati Eliana (Org.). **O olhar à deriva**: mídia, significação e cultura. São Paulo: Annablume, 2004. p. 69-101.

ZILBERBERG, C. **Síntese da gramática tensiva**. Significação, São Paulo, n. 25, 2006b.

ZILBERBERG, Claude. **Elementos de semiótica tensiva**. Tradução de Ivan Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.